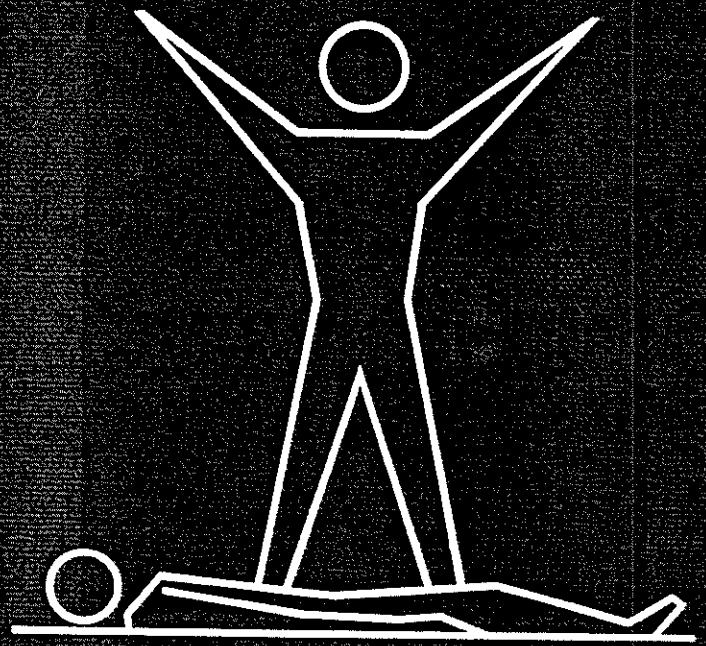
Livros
por uma melhor
qualidade de vida

ARTES MÉDICAS

J. LAPLANCHE VIDA E MORTE EM PSICANÁLISE

J. LAPLANCHE

VIDA E MORTE EM PSICANÁLISE



ARTES MÉDICAS

BIBLIOTECA ARTES MÉDICAS

PSIQUIATRIA/PSICOLOGIA/PSICANÁLISE

TÍTULOS EDITADOS

. Aberastury, A.: *Adolescência* — 2ª ed. revista
. Aberastury, A.: *Psicanálise da Criança — Teoria e Técnica*
. Aberastury & Knobel: *Adolescência Normal*
. Aberastury & Salas: *A Paternidade*
. Aberastury, A.: *A Percepção da Morte na Criança e outros Escritos*
. Ackerman, N.: *Diagnóstico e Tratamento das Relações Familiares*
. Aimard, Paule: *A Linguagem da Criança*
. Ajuriaguerra & Marcelli: *Psicopatologia Infantil*
. Ajuriaguerra: *A Dislexia em Questão*
. Albuquerque, T. Lins: *Psicologia & Educação*
. Alencar, Eunice: *Psicologia da Criatividade*
. Andolfi, Maurizio: *Por trás da Máscara Familiar*
. Aucouturier & Lapierre: *Bruno*
. Aucouturier e cols.: *A Prática Psicomotora*
. Baranger, W.: *Posição e Objeto na Obra de Melanie Klein*
. Barbizet & Duizabo: *Manual de Neuropsicologia*
. Bellak & Small: *Psicoterapia de Emergência & Psicoterapia Breve*
. Bettelheim, B. & Zelan, K.: *Psicanálise de Alfabetização*
. Blanck,G. & R.: *Psicologia do Ego—Teoria e Prática*
. Bleger,José: *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*
. Bleger, José: *Psicologia da Conduta*
. Bleichmar, Hugo: *Depressão: Um Estudo Psicanalítico*
. Bleichmar, Hugo: *Introdução ao Estudo das Perversões*
. Bleichmar, Hugo: *O Narcisismo*
. Blum, H.: *Psicologia Feminina — Uma Visão Psicanalítica*
. Bossuet, Gerard: *O Computador na Escola*
. Brunet & Lezine: *Desenvolvimento Psicológico da Primeira Infância*
. Celia, Salvador *et alii (ABENEPI): A Criança e o Adolescente da Década de 80*
. Chess & Hassibi: *Princípios e Prática da Psiquiatria Infantil*
. Clawson, A.: *Bender Infantil*
. Cunha e outros: *Psicodiagnóstico*
. Decherf, Gerard: *Édipo em Grupo*
. Dewald, P.: *Psicoterapia — Uma Abordagem Dinâmica*
. Di Leo: *A Interpretação do Desenho Infantil*
. Eiguer, Alberto: *Um Divã para a Família*
. Enderle, Carmen: *Psicologia do Desenvolvimento*
. Kamil & DeVries: *O Conhecimento Físico na Educação Pré-Escolar*
. Garma, Angel: *A Psicanálise — Teoria, Clínica e Técnica*
. Giovacchini, P.: *Roteiro à Leitura de Freud*
. Goodwin & Guze: *Diagnóstico da Doença Mental*
. Groisman & Kusnetzoff: *Adolescência e Saúde Mental*
. Guilliarmé, J.-J.: *Educação e Reeducação Psicomotoras*
. Jerusalinsky, N.: *Psicanálise do Autismo*
. Jorm, A. F.: *A Psicologia das Dificuldades em Leitura e Ortografia*
. Ferreiro & Teberosky: *Psicogênese da Língua Escrita*
. Kaplan & Sadock: *Compêndio de Psiquiatria Dinâmica*
. Kephart, N.: *O Aluno de Aprendizagem Lenta*
. Klepsch & Logie: *Crianças Desenham e Comunicam*
. Langs, Robert: *As Bases da Psicoterapia*
. Lapierre: *A Simbologia do Movimento*
. Laplanche, Jean: *Vida e Morte em Psicanálise*
. Le Boulch, J.: *O Desenvolvimento Psicomotor (de 0 a 6 anos)*
. Le Boulch, J.: *A Educação pelo Movimento*
. Lebovici & Diatkine: *Significado e Função do Brinquedo na Criança*
. Lebovici & Kestemberg: *A Evolução da Psicose Infantil*
. Le Camus, Jean: *O Corpo em Discussão*
. Lemgruber, V.: *Psicoterapia Breve — A Técnica Focal*
. Lidz, Theodore: *A Pessoa — Seu Desenvolvimento Durante o Ciclo Vital*
. Luria & Yudovitch: *Língua*

dinalivro
Trav. do Convento de Jesus, 15-r/c.
Tel. 395 23 48 - 60 95 59 Fax: 60 84 89 1200 LISBOA

VIDA E MORTE EM PSICANÁLISE

L314v Laplanche, Jean
Vida e morte em psicanálise. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
143p. il. 23cm.

1. Psicanálise. 2. Freud, Sigmund — Teoria. I. Mourão, Cleonice Paes Barreto trad. II. Santiago, Consuelo Fortes trad. III. t.

C.D.D. 616.8917
150.1952
C.D.U. 159.964.2
159.964.26 (Freud)

Índices para o Catálogo Sistemático

Psicanálise 159.964.2
Sistemas Psicanalíticos: Freud, Sigmund 159.964.26 (Freud)

(Bibliotecária responsável: Sonia H. Vieira CRB-10/526)

J. LAPLANCHE

VIDA E MORTE EM PSICANÁLISE

Acrescido do anexo
DERIVAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS

Tradução:
CLEONICE PAES BARRETO MOURÃO e
CONSUELO FORTES SANTIAGO
Professoras da Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Minas Gerais

Laboratório de Tradução do Centro de Extensão
da Faculdade de Letras da UFMG

Revisão e supervisão técnica da tradução:
DORIS VASCONCELLOS
Do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia da
Universidade de Paris VII (Direção de Jean Laplanche)

PORTO ALEGRE / 1985

Obra originalmente publicada em francês sob o título
Vie et Mort en Psychanalyse

© de Flammarion, Paris

Capa:
Mário Röhnelt

Supervisão editorial:
Paulo Flávio Ledur

Composição em poliéster-filme:
AGE — Assessoria Gráfica e Editorial Ltda.

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à
EDITORA ARTES MÉDICAS SUL LTDA.
Rua General Vitorino, 277 — Fones 25-8143 e 25-2728
Porto Alegre, RS — Brasil

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Notas das tradutoras 7
Introdução 9
1 — A ordem vital e a gênese da sexualidade humana 16
2 — A sexualidade e a ordem vital no conflito psíquico 32
3 — O ego e a ordem vital 54
4 — O ego e o narcisismo 71
5 — Agressividade e sadomasoquismo 89
6 — Por que a pulsão de morte 106
Conclusão 128
Anexo: Derivação das entidades psicanalíticas 131

Notas das tradutoras

1 — Para facilitar o acesso do leitor brasileiro às obras de Freud citadas em francês, adotamos os títulos da edição brasileira, que apresentamos a seguir, em ordem alfabética:

1920: *Além do princípio de prazer,* Vol. XVIII. (Au-delà du principe de plaisir)
1937: *Análise terminável e interminável,* Vol. XX. (Analyse finie et infinie).
1915: *Artigos sobre metapsicologia,* Vol. XIV. (Métapsychologie)
1897: *Carta nº 46, Extratos dos documentos dirigidos a Fliess,* vol. I. (Lettre à Fliess sur la naissance de la psychanalyse)
1910: *Concepção (A) psicanalítica da perturbação psicogênica da visão,* Vol. XI, (Conception psychanalytique des troubles psychogènes de la vision)
1919: *Criança (Uma) é espancada,* Vol. XVII. (On bat un enfant)
1923: *Ego (O) e o id,* vol. XIX. (Le Moi et le ça)
1938: *Esboço de psicanálise,* vol. XXIII. (Abrégé (esquisse) de psychanalyse)
1895: *Estudos sobre a histeria,* Vol. II (Etudes sur l'hystérie)
1911: *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental,* Vol. XII. (Formulations sur les deux principes du fonctionnement psychique)
1915: *Instintos (Os) e suas vicissitudes,* vol. XIV. (Pulsions et destins des pulsions)
1913: *Interesse científico da psicanálise,* vol. XIII. (L'intérêt de la psychanalyse)
1900: *Interpretação (A) de sonhos,* vol. IV. (L'interprétation des rêves)
1925: *Inibições, sintomas e ansiedade,* vol. XX. (Innibition, symptôme et angoisse)
1915: *Luto e Melancolia,* vol. XIV. (Deuil et Mélancolie)
1929: *Mal-estar (O) da Civilização,* vol. XXI. (Le malaise dans la civilisation).
1925: *Negativa (A),* vol. XIX. (La Dénégation).
1932-33: *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise,* vol. XXII. (Nouvelles conférences introductives à la psychanalyse).

1924: *Problema (O) econômico do masoquismo*, vol. XIX. (Les problèmes économiques du masochisme)
1895: *Projeto para uma psicologia científica*, vol. I (Projet de psychologie scientifique)
1906: *Psicanálise (A) e a determinação dos fatos nos processos jurídicos*, vol. IX. (La psychanalyse et l'établissement des faits en matière judiciaire par une méthode diagnostique)
1915: *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, vol. XIV. (Considérations actuelles sur la guerre et la mort)
1914: *Sobre o narcisismo: uma introdução*, vol. XIV. (Pour introduire le narcisisme)
1905: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, vol. VII. (Trois essais sur la théorie de la sexualité)
1913: *Totem e tabu*, vol. XIII. (Totem et Tabou)

2 — O termo francês "moi" foi, a maior parte das vezes, vertido para o português como "ego"; solução adotada quando a referência ao "eu" como "instância" ou a referência a noções comumente traduzidas por esse termo em obras de psicanálise não deixavam dúvidas (cf., por exemplo, o próprio *Vocabulário da Psicanálise*, de J. Laplanche e J.B. Pontalis).

No entanto, em pequenos trechos de caráter metalingüístico, ou naqueles onde o autor procura reinterpretar certos conceitos do "eu", pareceu-nos razoável traduzir literalmente o "moi" por "eu".

3 — Agradecemos ao Dr. Antônio Franco Ribeiro Silva, psicanalista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, os esclarecimentos gentilmente prestados relativos à compreensão de certos conceitos, em particular o de "ego", permitindo-nos uniformizar a terminologia nesse aspecto da tradução.

C.P.B.M.
C.F.S.

Introdução

Os seis estudos aqui apresentados são elementos ou etapas de uma reflexão sobre o pensamento freudiano e de uma tentativa de determinar, através de uma abordagem histórico-estrutural da obra de Freud, uma problemática do objeto da psicanálise.

Se invocamos, em relação à descoberta psicanalítica, a necessidade de uma certa abordagem histórica, não é porque nos dispomos a pesquisar fontes ou influências que possam parcialmente explicar um pensamento, ou porque atribuamos à cronologia outra dignidade além de um ponto de referência. A história ou o "histórico" do pensamento psicanalítico tal como nós a entendemos, só pode ter como ponto de referência coordenadas que pertençam à própria psicanálise. Isso significa que, além de uma história manifesta ou oficial (a que o próprio Freud quer às vezes escrever), a psicanálise contém uma história latente, em parte inconsciente, subtendida por temas repetitivos... Significa também que ela é inseparável de uma certa abordagem dialética, implicando numa evolução feita de revisões e rupturas, através de contradições cujo quadro não pode ser determinado de imediato por quem se proponha identificá-las. Mesmo se, na fase da interpretação, nem todas as *contradições* do pensamento freudiano mereçam o mesmo tratamento ou devam ser atribuídas "ao mesmo mecanismo" ou à mesma "instância", elas são, de início, dignas da mesma atenção "livremente flutuante". Não há dúvida de que, colocadas à prova, certas contradições podem revelar-se relativamente "extrínsecas", adventícias, frutos da polêmica ou de uma expressão apressada; mas, mesmo nesse caso, não se poderia de maneira alguma ignorá-las sem prejuízo, pois o absurdo no conteúdo manifesto ou na elaboração secundária — já o sabemos desde a *Interpretação de So-*

nhos — pode ser o índice de uma crítica ou de uma dificuldade em nível mais profundo. Mas, são sobretudo certas grandes contradições presentes na obra, de ponta a ponta, que devem ser interpretadas dialeticamente, seja como contradições do pensamento — remetendo, pois, a um certo "não-dito", seja como contradições do próprio objeto: é o caso, por exemplo, da contradição maior inerente à noção do "eu", ao mesmo tempo totalidade e instância particular, objeto de amor e de investimento, mas se arrogando a posição de sujeito... etc.

Contradições do pensamento e contradições do objeto são, em última análise, inseparáveis umas das outras. Mas, além disso, o mecanismo de tais contradições só pode funcionar se os problemas ou os conceitos, em virtude dos quais elas surgem, estiverem relacionados com o equilíbrio estrutural no qual esses conceitos se inserem, com as proposições e com os sistemas de oposições nos quais estão inscritos. A história de uma noção que negligenciasse a perspectiva da estrutura conduziria ao absurdo simplesmente infecundo, ou a uma redução dos aspectos sucessivos do pensamento ao seu mínimo denominador comum: banalidade da qual é vítima a maioria dos "tratados" de psicanálise. Para citar apenas um exemplo, que teremos a oportunidade de desenvolver, é impossível achar, através de formulações às vezes inábeis de Freud, a significação do "princípio de prazer", sem levar em conta desordens estruturais nas quais elas se situam. (1)

Mais ainda que a história deste ou daquele problema particular, o que se pretende esboçar aqui é, pois, uma história dos remanejamentos de *conjunto* da obra, da passagem de um certo equilíbrio ou de um certo desequilíbrio estrutural a um outro estado do pensamento. Um aspecto particularmente decisivo desse estudo consistiria em mostrar como os remanejamentos maiores da obra (as famosas "viradas") são correlativos do deslocamento de certos segmentos da doutrina, conjuntos que convém então procurar em outro lugar e com uma nova função. Daí uma questão final, a de saber qual é a mola propulsora última nesses remanejamentos: exigências da estrutura e de seu equilíbrio? Jogo dos "investimentos", significando a carga investida pelo autor em *tal elemento* doutrinal que, oculto num lugar, deverá ressurgir em outro? Existência, em última análise, de um certo número de invariantes fundamentais, quer os reagrupemos sob o termo de intuição, de "descoberta freudiana", ou de um certo desejo fundamental?

Mas a idéia de uma exigência fundamental, de uma "invariância", sempre presente apesar das mudanças, no entanto notáveis, não correria o risco de justificar uma crítica radical ao pensamento freudiano, uma vez que todo o essencial já estaria presente desde o início (desde o famoso *Projeto para uma psicologia científica* de 1895); os pseudo-remanejamentos da obra se reduziriam a jogos caleidoscópicos, permutações que evocariam não tanto a evolução e o enriquecimento de um pensamento científico, mas os avatares daquilo que Lévi-Strauss designa como "pensamento selvagem"?

Uma resposta, que aqui será apenas esboçada, se desenvolveria em dois planos:

1. Cf. nosso Capítulo VI.

I — Em relação aos fatos, é fácil mostrar os enriquecimentos positivos de que se beneficia a doutrina ao longo de sua evolução, em função das contribuições da *experiência psicanalítica.* Mas tal evidência, por sua vez, dá margem a uma nova reflexão: convém estabelecer o modelo de desenvolvimento de um pensamento que, sob certos aspectos, se apresenta como um pensamento *filosófico,* evoluindo segundo sua própria necessidade, ao passo que, por outro lado, esse pensamento incorpora, como um pensamento *científico,* os fatos novos oriundos de um campo de observação particularmente rico. Trata-se de um modo extremamente original de imbricação do pensamento teórico e da experiência, diferente de qualquer outro, em virtude deste dado insuperável: a exigência "interna" da doutrina e o impulso "interno" daquilo que se revela à observação, no campo da cura, estão inseridos numa mesma raiz, coincidindo em profundidade num mesmo "umbigo".

II — A nível do conteúdo, a única resposta consiste em estabelecer as linhas mestras e constantes da problemática freudiana, para, em seguida, tomando distância em relação às formulações do autor, tentar uma *interpretação* dessa problemática que a reconduza a seus elementos mais radicais. Dessa maneira postula-se a tese de que se pode, em termos que, às vezes, retomam os de Freud e, às vezes, os subvertem, reconstruir uma estrutura da teoria freudiana independente das figuras sucessivas segundo as quais ela se expressa.

É evidente que nossa abordagem do pensamento freudiano tende a negar que existam nele momentos de verdadeira "ruptura". Sem querer discutir esse termo — do qual a moda se apoderou —, temos a intenção de mostrar que em Freud, através das mutações da teoria, é a permanência de uma exigência, e a repetição do diário de uma descoberta que se exprimem, numa conceituação que nem sempre conseguiu encontrar de imediato sua forma científica adequada.

Interpretar Freud, encontrar nele as linhas de força inconscientes, constitui uma abordagem exigida pelo seu próprio objeto. Mas, se qualificamos de "psicanalítico" e de "interpretativo" nosso tipo de estudo, não é no sentido em que um Ernest Jones o concebe na sua biografia de Freud, induzido, é verdade, no seu método, por orientações já propostas por Freud. Um texto freudiano de 1913 (o *Interesse científico da psicanálise*) dá algumas indicações sobre a maneira pela qual se poderia conceber a abordagem psicanalítica da obra filosófica. Dividido entre a crítica simplesmente racional e a redução do pensamento a condições puramente "subjetivas", Freud propõe uma hábil conciliação: a psicanálise assinala os pontos fracos da teoria, mas compete à crítica interna demonstrar essas fraquezas apontadas por uma outra disciplina.

Não acreditamos que essa seja a última palavra daquilo que poderia ser um estudo psicanalítico do pensamento, caso seja verdade que o que a psicanálise descobre vai bem além do individual e que ela encontre no inconsciente individual as configurações, senão as soluções, de uma combinatória mais geral. Em todo caso, não é pela via psicobiográfica que nosso trabalho pretende ser psicanalítico. Nosso estudo é primeiro e essencialmente um estudo do texto freudiano, ao mesmo tempo *literal, crítico* e *interpretativo.*

Enquanto estudo literal e interpretativo, nosso tipo de abordagem de Freud é uma tentativa, obrigatoriamente tateante e imperfeita, para transpor *mutatis mutandi* o que pode ser captado da escuta e da interpretação na cura psicanalítica (1). Assim, a dupla regra complementar da livre associação e da atenção livremente flutuante deve tentar encontrar seu equivalente numa leitura "analítica" sempre pronta a tratar no mesmo plano o "palavra por palavra" — ainda que tolo — o "frase a frase" e o "texto a texto". Desse modo, a nossa interpretação deve apoiar-se no conhecimento dos procedimentos do inconsciente descobertos pela psicanálise: deslocamento, condensação, simbolização, parcialmente reformulados, segundo outras coordenadas, sob as denominações da metáfora e da metonímia (2).

Leitura *crítica*, no entanto, na medida em que o estilo de cada obra, sua situação, seu objetivo impõem que não se faça dela, tal qual, uma simples pedra do edifício a ser justaposta a outras. Se se pode observar que o pensamento psicanalítico sofre constantemente a atração de uma espécie de entropia, aplainando suas asperezas no nível mais baixo, esse destino do pensamento psicanalítico já está presente em Freud, sobretudo nas exposições de conjunto que ele pode dar de sua teoria, de maneira que é fazer injustiça à originalidade de seu pensamento o fato de, para expô-lo, basear-se, essencial ou unicamente, nos grandes textos de síntese.

Não dissimulamos a posição que pode existir entre uma intenção crítica e a regra analítica, invocada anteriormente, que impõe a quem a pratica — analista ou analisado — uma suspensão do julgamento comparável, em certo sentido, à "redução fenomenológica": a eliminação de toda seleção do "material". Mas não acreditamos, quando tentamos reunir ou fazer alternar essas duas atitudes opostas, ser infiéis à teoria do aparelho psíquico, nem mesmo infiéis a certos aspectos inevitáveis da prática psicanalítica: nos casos em que a "elaboração secundária", fenômeno do ego, torna-se invasora, talvez seja um bom método afastar provisoriamente, admitindo a possibilidade de voltar a ela melhor armado quando a análise progredir, certas reflexões em que a sistematização tenta bloquear qualquer infiltração inconsciente... Aliás, deve-se convir que com o objeto-Freud, nunca é necessário chegar a tal ponto: o mais sistemático de seus textos é facilmente permeável à vida inconsciente, em contato com os ensaios, esboços e experiências de pensamento nos quais ele se ramifica.

Esforçamo-nos por apresentar nossa interpretação como tal e por delimitar seus contornos, ao mesmo tempo em que a justificamos como uma tendência virtual da obra o fato de ela própria interpretar-se a si mesma. Desse modo, pretendemos nos definir em relação a duas atitudes "interpretativas" opostas. Uma dessas posições consiste em estudar a obra de Freud utilizando suas próprias armas, através de deslizamentos que nunca se apresentam como tais. A outra posição, seguramente mais leal, nem por isso faz plenamente justiça à originalidade do pensamento freu-

1. Cf. Laplanche, J. — "Interpréter (avec) Freud" (Interpretar (com) Freud), in *L'Arc.* nº 34 (Freud), 1968, pp 37-46.
2. Cf. Laplanche, J. — *Dérivation des entités psychanalytiques* (Derivação das entidades psicalíticas) In "Hommage à Jean Hyppolite" (Homenagem a Jean Hyppolite), Paris. P.U.F., 1970.

diano, na unidade de seu aparecimento originário: ela pretende separar o joio do trigo para integrá-lo no seu próprio pão, mas, para que isso aconteça, corre o risco de referir-se ao nível mais clássico, mais oficial e o menos inspirado da doutrina.

II

VIDA E MORTE EM PSICANÁLISE

Pareceu-nos que a seqüência de nossos estudos, reagrupados em torno da noção clássica de conflito, estruturavam a rede de uma problemática mais complexa: a intervenção da ordem vital e da morte nos limites do campo psicanalítico e também — segundo quais modalidades? — no próprio interior deste.

Vida e morte: dois termos presentes na teoria de maneira evidente, às vezes, mas na prática muito mais escondidos. Desde a "urgência da vida" do *Projeto* de 1895 e a adoção incondicional — durante o período da "transferência" com Fliess — da doutrina dos "períodos" e da bissexualidade, até esta pulsão de vida que, no final da obra, vem subsumir a sexualidade, a biologia e o biologismo estão presentes de maneira maciça nos escritos freudianos. Seria em virtude da proximidade com uma área extremamente conexa, na qual, retroativamente, as descobertas relativas à vida pulsional e a sexualidade permitiriam introduzir novos pontos de vista? Esta é a perspectiva "interdisciplinar" que Freud explicitamente (1) e Jones depois dele (2) propõem para definir a contribuição da psicanálise à biologia: uma contribuição que, para dizer a verdade, ainda esperaria ser explorada. Quanto à recíproca, a intervenção das ciências da vida na psicanálise, ela é muitas vezes aludida por Freud como decisiva, sobretudo no que se refere à teoria das pulsões, mas o fato de essa alusão se dirigir mais freqüentemente aos demônios especulativos ou poéticos do biologismo deveria ser suficiente para obrigar-nos a refletir.

Se a vida, apesar dessas ressalvas, está presente, materialmente, nas fronteiras da psiquê, a entrada em cena da morte no freudismo é muito mais enigmática. De início, como todas as modalidades do negativo, ela é radicalmente excluída do campo do inconsciente. Mais tarde, em 1920, eis que ela aparece no centro do sistema, como uma das duas forças fundamentais e talvez mesmo como a única força primordial no centro do psiquismo, do ser vivo e até mesmo da matéria. Alma do conflito, discórdia elementar, de agora em diante ocupando o primeiro plano das formulações mais teóricas de Freud, no entanto, ela não deixa de ser um personagem mudo quase o tempo todo, na clínica, onde Freud mantém até o fim a mais estrita reserva

1. Cf. sobretudo Freud, S., 1913, *Das interesse an der Psychoanalyse* (O Interesse científico da psicanálise), cap. C, "O interesse biológico", G. W., VIII, pp 407-411.
2. Jones, E. — *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud* (A vida e a obra de Sigmund Freud), tomo III, Paris, P.U.F., 1969, pp 347-357.

em relação às reflexões que, quase naturalmente, sua conceituação nova parecia dever introduzir: as incidências da angústia de morte ou de um desejo originário de morrer, na psicopatologia analítica, nunca ocuparão essa posição de "rochedo" irredutível que é atribuída, por excelência, ao complexo de castração.

Seria porque a morte — a morte humana enquanto fim e não simplesmente enquanto redução a zero das tensões vitais — encontraria seu lugar, em psicanálise, numa dimensão mais ética do que explicativa? Um texto (1) — um único texto —, publicado somente cinco anos antes de *Além do princípio de prazer*, poderia fazê-lo supor, pelo menos através de suas últimas linhas. Parecendo coincidir com a corrente heróica e clássica que, dos estóicos até Montaigne e Heidegger, nos leva a explicar nossa vida — nossa existência — a partir de um enfoque mortal, as *Considerações atuais* pretendem finalmente concluir que "suportar a vida é o primeiro dever de todo vivente" e nos convidam a transformar o velho adágio "se queres a paz, prepara a guerra" em "si vis vitam para mortem". Sentença que Freud, cedendo talvez à tentação de seu assunto, traduz por "se queres suportar a vida, dirige-te para a morte", o que significa: para *tua* morte.

No entanto, é uma conclusão que vem coroar, sem qualquer outra justificativa, um estudo que fora orientado num outro sentido:

"Nosso inconsciente é tão inacessível à representação de nossa morte, tão ávido do assassinato do outro, tão dividido (ambivalente) em relação à pessoa amada quanto o era o homem dos tempos originários" (2).

No inconsciente, a morte seria sempre a morte do outro, destruição ou perda provocada, e nós não teríamos acesso a um pressentimento de nossa própria mortalidade senão na identificação ambivalente com a pessoa querida cuja morte desejamos e tememos ao mesmo tempo, o que acontece essencialmente no luto. De maneira que, mais modestamente talvez, em relação às tentações da formulação heróica, a sentença "se queres a vida, prepara a morte", poderia ser traduzida por "se queres a vida, prepara-te para a morte do outro". Se uma certa ética em relação à morte deveria resultar da atitude freudiana, seria no sentido de uma desconfiança em relação a todo entusiasmo, seja ele o do *l'amor fati* ou o de uma lucidez que não dissimula a imbricação irredutível de minha morte com a morte do outro. A marca de autenticidade contida nas "notas necrológicas" ou nas cartas de "condolências" de Freud só faz refletir essa procura de uma auto-análise sem trégua.

Isso quer dizer que, enfim, na cura — embora ela só possa se definir como desvendamento da verdade —, uma referência à morte como verdade da vida ou prova de verdade não poderia ser considerada senão como um elemento-limite, ininterpretável, axiomático. A suspensão de qualquer "representação-finalidade" diz respeito também, e em primeiro lugar, ao que é designado em *Além do princípio de prazer* como "o objetivo final da vida". E, se, talvez, se pode achar na cura outros modos pelos quais a morte se faz representar, eles não deverão obrigatoriamente ser procurados no plano da "representação", mas sim numa certa imanência do próprio discurso.

1. Freud, S., 1915, *Zeitgemässe über Krieg und Tod* (Considerações atuais sobre a guerra e a morte), G.W., X, pp 324-355.
2. Ibid., G.W., X, p. 354.

Refletidas ou representadas segundo modalidades sem dúvida diferentes, nem a vida nem a morte são, pois, referências diretas para a prática psicanalítica. Essa constatação valerá para nós como um alerta: interrogar sem precaução o ato psicanalítico em relação a uma concepção da existência que, pessimista ou otimista, relacione a vida humana com sua finitude, seria de início recusar-se a levar em conta o questionamento que exige a descoberta do inconsciente e dos impulsos que aí ocorrem. Não que rejeitemos definitivamente a importância da dimensão do *Projeto* nas suas relações com a psicanálise. Mas as bases de uma tal discussão parecem-nos dever ser preliminarmente asseguradas por um estudo que siga o *parti pris* deliberadamente teórico de Freud quando introduz em psicanálise a polaridade biológica da vida e da morte e que, desenvolvendo as indicações freudianas ao interpretá-las, tente retraçar o destino da ordem vital (vida e morte), quando este se transpõe para o plano do aparelho psíquico.

O tornar-se-outro da vida, quando ela se simboliza no nível humano, nós o seguiremos em três movimentos que nos levarão a examinar sucessivamente a problemática da sexualidade, a problemática do ego e a problemática da pulsão de morte.

1

A ordem vital e a gênese da sexualidade humana

Para falar da sexualidade em psicanálise, nosso ponto de referência será o texto fundamental de Freud: os *Três ensaios sobre a sexualidade,* texto decididamente inovador.

A importância que lhe atribui o autor se manifesta nos remanejamentos sucessivos que faz: edições em 1905, 1910, 1915, 1920, 1924-25, revistas, cada uma delas, nos mínimos detalhes da redação e da terminologia, com acréscimos que conservam o plano inicial, ao mesmo tempo em que deixam amplo espaço às descobertas sucessivas. Há também numerosas anotações, sobretudo em relação ao último remanejamento, o de 1924, contemporâneo à "última teoria das pulsões". É nessas alterações e revisões que se pode melhor avaliar a evolução e o enriquecimento da teoria da sexualidade. Mas, já que fizemos alusão a uma última mudança, à última versão — no sentido em que se pode dizer que uma "versão" constitui igualmente uma maneira de subverter uma obra, uma mudança — essa última versão, iniciada em 1920, pouco se inscreve no próprio texto, com exceção feita às notas. De maneira que, se se quisesse ter uma idéia aproximativa do que hoje poderiam ter sido os *Três ensaios* numa reelaboração, segundo a edição de 1920, seria de preferência a um texto como o *Esboço de psicanálise,* de 1938, sobretudo a seu terceiro capítulo, que deveríamos nos referir. E, no entanto, mesmo num texto tardio como esse *Esboço de psicanálise,* percebe-se toda a dificuldade que sentiu Freud em propor uma síntese, como se seu último acréscimo, o de Eros e o de pulsão de morte, dificilmente, pudesse se integrar na primeira noção de sexualidade.

É que, na realidade, os *Três ensaios* não apresentam uma teoria abstrata da pulsão em geral, mas descrevem a pulsão *por excelência* que é a pulsão sexual. Assim, sem pretender permanecer fiel (numa espécie de falsa síntese eclética), a *tudo* o que Freud pode escrever sobre as pulsões, acreditamos, porém, manter a linha dominante de sua inspiração, enunciando uma tese que será repetida em todo o decorrer de nossos estudos: *é a sexualidade que representa o modelo de toda pulsão e é, provavelmente, a única pulsão propriamente dita.* E se é verdade que, depois de 1920, Freud propõe e defende uma teoria que engloba *dois tipos* de pulsão e vincula a sexualidade a um deles, a essa força biológica, ou mesmo cosmológica, que ele chama, então, de Eros, é aí que nossa tese parecerá estar francamente em contradição com o pensamento freudiano, mas é aí também, justamente, que surgirão as dificuldades, na própria obra de Freud.

Em nossa primeira etapa, limitar-nos-emos à sexualidade enquanto ela constitui o objeto dos *Três Ensaios.* A fim de captar o que está verdadeiramente em causa, nada mais instrutivo do que nos atermos ao próprio plano da obra: plano aparentemente simples, em três partes: as aberrações sexuais — a sexualidade infantil — as alterações da puberdade. No entanto, se se tenta reconstituir um índice detalhado da obra, defronta-se, na verdade, com algo extremamente complexo. Naturalmente que essa complexidade é devida, em parte, às interpolações que datam de edições sucessivas, mas, além disso, existe uma espécie de superposição de diferentes tipos de organização: um plano que se pode chamar de heurístico (seguir a gênese da própria descoberta psicanalítica), um plano polêmico (destruir a concepção comum da sexualidade), um plano genético (acompanhar o aparecimento da sexualidade no ser humano). Tentaremos verificar como esses diferentes planos poderiam articular-se, em particular, como o movimento do pensamento, o plano heurístico, segue, como em todo pensamento verdadeiramente profundo, o movimento da "própria coisa": verdade que coube a Hegel ter explicitado.

O fio condutor de nosso estudo será a noção de *pulsão,* de *Trieb,* e o par que ela forma com um outro termo que é o de *instinto.* Se é verdade que a terminologia e sobretudo sua transposição de uma língua para outra podem guiar-nos, mas também nos perder, os problemas de tradução introduziram, neste caso, uma confusão que está longe de ser esclarecida. Por isso, desejaríamos que as observações que se seguem não fossem atribuídas unicamente à meticulosidade do tradutor. *Trieb* foi muitas vezes traduzido em francês por "instinct", e transposto igualmente pelos psicanalistas de língua inglesa como "instinct" (1). Ora, encontramos em Freud, e em geral na língua alemã, não um, mas dois termos, dois "significantes", para empregar uma terminologia mais moderna. Dois significantes, pois, e pode-se dizer que na língua corrente eles têm mais ou menos o mesmo sentido e suas etimologias são igualmente paralelas: *Trieb* vem de *treiben,* empurrar; *Instinct* tem sua origem na língua latina, *instinguere,* que significa igualmente incitar, empurrar. Mas — processo muito mais freqüente numa língua e em especial no alemão — quando um autor, acostumado a tratar com toda a seriedade que elas merecem as inflexões latentes do vocabulário, acha-se em presença de dois significantes, como nesse caso, ele procurará utilizar essa duplicidade objetiva para introduzir nela alguma diferença de sentido, às vezes pouco perceptível, mas às vezes acentuada até constituir-se numa verdadei-

1. Pelo menos uma parte dos autores, já que alguns, entre os mais esclarecidos, atribuíram ao termo freudiano *Trieb* o equivalente mais adequado *"drive".*

ra oposição. É justamente o caso de *Frieb* (pulsão) e *Instinct* (instinto): dois termos, ambos empregados por Freud embora, infelizmente, não se tenha observado atentamente que seu vocabulário comportava justamente este termo *Instinkt*, mas para designar coisa muito diferente do que a descrita em outras passagens como sexualidade. O "Instinkt", na língua de Freud, é um comportamento preformado, cujo esquema está hereditariamente fixado e que se repete segundo as modalidades relativamente adaptadas a um certo tipo de objeto. Mais importante, pois, que a etimologia, mais importante mesmo que as ressonâncias semânticas na cultura alemã, descobrimos uma certa relação das significações adquiridas pelos dois termos no pensamento científico de Freud, relação complexa, feita de uma *analogia*, de uma *diferença*, e também de uma *derivação* dos termos entre si. Derivação que não é somente conceitual, mas que se pode, com Freud, remeter a uma derivação real: a derivação da pulsão no homem a partir do instinto (1).

Vejamos primeiramente a analogia dos termos: ela se apóia numa base comum na análise do conceito. A análise da pulsão, tal como nos é apresentada em seus elementos, é válida igualmente, em sua generalidade, para o instinto. Essa análise é esboçada, por aproximações sucessivas, nas diferentes edições dos *Três ensaios*, mas uma exposição mais sistemática da mesma encontra-se num texto ulterior, *Os instintos e suas vicissitudes* (2). Aí a pulsão é decomposta segundo quatro dimensões, ou, como diz Freud, segundo os quatro "termos em relação com o conceito de pulsão": o "impulso" (*Drang*), o "alvo" (*Ziel*), o "objeto" (*Objekt*) e a "fonte" (*Quelle.*).

O "impulso", diz-nos ele primeiramente, é o elemento motor da pulsão, "a soma de força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. O caráter de força é uma propriedade geral das pulsões, até mesmo a essência destas". Nessas poucas linhas encontra-se, de maneira exemplar, a referência à mecânica, e mais precisamente à dinâmica, que será doravante uma referência central para Freud. O ponto de vista chamado, em psicanálise, de econômico, é justamente o de uma "exigência de trabalho": se há trabalho, modificação no organismo, é que há na base uma exigência, uma força, e, como nas ciências físicas, a força só pode ser definida medindo-se uma quantidade de trabalho. Definir a pulsão por seu impulso, o *Trieb* pelo seu *Drang*, é, do ponto de vista epistemológico, quase uma tautologia: um não é, enfim, senão o elemento abstrato, hipostasiado do outro. Assim, para antecipar o que virá em seguida desejaríamos propor a hipótese seguinte: é somente esse elemento abstrato, o fator econômico, que vai permanecer invariante na derivação que nos fará passar do instinto para a pulsão.

Tratemos, agora, do *alvo*. Freud o define, nos *Três ensaios*, como "o ato para o qual impele a pulsão". Logo, no caso de um instinto preformado, é a montagem motora, a série de atos que leva a uma certa realização. Qual é essa realização? Se agora nos referimos ao texto de *Os instintos e suas vicissitudes*, verificamos que essa

1. Laplanche, J. — *Dérivation des entités psychanalytiques* (Derivação das entidades psicanal(ticas). In "Hommage à Jean Hyppolite". (Homenagem a Jean Hyppolite). Paris, P.U.F., 1970.
2. Freud, S. — *Pulsions et destins des pulsions*. G.W., X, pp. 210-232. Trad. fr. in *Métapsychologie*. Paris, Gallimard, 1968, pp. 11-14.

realização é sempre a mesma e afinal de contas bastante monótona, sendo sempre o único alvo "final" a satisfação, definida da maneira mais geral: é o apaziguamento de uma certa tensão causada precisamente pelo *Drang*, por esse "impulso" de que falávamos há pouco. O problema, então, é o de se saber qual é a relação entre, por um lado, um alvo totalmente geral e, tal como o impulso, muito abstrato: o apaziguamento da tensão, e por outro lado, tal ação, dessa vez muito específica e determinada, que é o alvo de tal ou tal instinto: comer, ver (já que Freud trata da "pulsão de ver"), fazer amor, etc. O problema é o da especificação do alvo: o que faz com que ele seja isso ou aquilo e não somente o apaziguamento que representa o *alvo final?*

Se se prossegue essa análise, apoiando-se nos diferentes textos de Freud, percebe-se que o alvo da pulsão remete sempre aos dois fatores seguintes: ora ao elemento objeto, ora ao elemento fonte. O objeto, na medida em que Freud e, depois dele, o conjunto dos psicanalistas se orientaram, pouco a pouco, para a noção da "relação de objeto" que representa um tipo de ponto de vista sintético entre, por um lado, o tipo de atividade, o modo específico de tal ou tal ação pulsional, e, por outro lado, seu objeto privilegiado. Assim, a oralidade, tomando o primeiro exemplo pulsional, implica ao mesmo tempo um certo modo de relação, isto é, a incorporação, e um certo tipo de objeto, aquele que é justamente suscetível de ser engolido, incorporado. Encontramos aí a primeira explicitação possível da noção de alvo, sua especificação pelo objeto, sua relação com o objeto: o que abre uma perspectiva essencialmente intersubjetiva. A outra especificação do alvo da pulsão é a especificação pela *fonte:* e aí, tudo indica (veremos em breve que a teoria é, na realidade, mais complexa), que é uma orientação mais marcadamente biológica e mais vitalista que parece prevalecer.

Examinemos, pois, mais detalhadamente esses dois conceitos, o de *objeto* e o de *fonte*. Objeto da pulsão? Para afastar rapidamente certos malentendidos, lembremos em primeiro lugar que esse objeto não é necessariamente um objeto inanimado ou uma coisa: o *Objekt* freudiano não se opõe, em sua essência, ao ser subjetivo. Não é uma "objetivação" da relação amorosa que é aí visada. Se, na linguagem clássica do século XVII, esse termo já era empregado para designar o que é visado pela paixão — "flamme" (chama), "ressentiment" (ressentimento)... — é nesse sentido bem amplo que é preciso entender nosso "objeto". No entanto, nosso cuidado em relação a uma concepção vulgarizada do objeto de amor ("você me trata como um objeto", diz-se em linguagem corrente), não deve se dar sem nuanças. Para que percebamos isso, basta seguir o movimento de sua "definição" nos *Três ensaios*. Provisoriamente, na introdução, o "objeto sexual" é definido como "a pessoa que exerce uma atração sexual" (1). Mas a análise das aberrações sexuais tem como conseqüência inverter esse ponto de vista:

"Estamos agora prevenidos contra o erro que cometemos ao estabelecer elos estreitos demais entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência nos ensina, nos casos que consideramos anormais, que existe entre a pulsão sexual e o objeto se-

1. Freud, S. — *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. G.W., V, p. 34. Trad. fr. Paris, Gallimard, 1968.

xual uma sutura que corremos o risco de não perceber na vida sexual normal, onde a pulsão parece já conter nela própria seu objeto. Isso nos obriga a dissociar até certo ponto a pulsão e o objeto. O que leva a crer que a pulsão sexual existe primeiramente independente de seu objeto, e que seu aparecimento não é determinado por excitações vindas do dele" (1).

Assim, apesar de nossas ressalvas, o termo objeto faz com que este surja primeiramente como um meio: "Aquilo no qual e pelo qual o alvo é atingido" (2). Há prioridade da satisfação e da ação gratificante em relação àquilo "no qual" essa ação encontra seu término. O que nos leva a um problema bem conhecido da reflexão psicanalítica e que se resume no termo de "contingência" do objeto. Na medida em que o objeto é aquilo "no qual" o alvo encontra sua realização, pouco importa, finalmente, a especificidade, a individualidade do objeto; basta que ele contenha certos *traços* que permitam à ação gratificante desencadear-se: quanto ao objeto em si mesmo, ele permanece relativamente indiferente, contingente.

Uma outra dimensão do objeto em psicanálise é a de que ele não é necessariamente um objeto no sentido da teoria do conhecimento, ou seja, um objeto "objetivo". Aqui, ter-se-ia que distinguir claramente duas significações que, infelizmente, na teoria psicanalítica moderna, permanecem muitas vezes em estado de coalescência: a noção de objetividade no sentido do conhecimento e a noção de objetalidade em que o objeto, dessa vez, é objeto da pulsão e não objeto perceptivo ou científico. Tudo isso para acentuar que o objeto da pulsão pode ser, com toda razão, um objeto *fantasmático* e que este talvez seja seu caráter prioritário.

Enfim, para encerrar essa série de esclarecimentos, devemos acentuar que o objeto não é necessariamente uma pessoa "total"; pode ser um objeto *parcial* como hoje denominamos, termo introduzido sobretudo por Melanie Klein, mas que já se encontra no centro do pensamento freudiano desde o início. Objetos parciais: o seio, o pênis e muitas outras partes do corpo, muitos outros elementos em relação à vivência corporal (excremento, criança...) que têm em comum a característica fundamental de serem, realmente ou fantasmaticamente, *separados* ou *separáveis.*

Para finalizar essa decomposição da noção de pulsão, deter-nos-emos mais longamente no termo *fonte.* Se nos *Três Ensaios* a definição de fonte — como veremos mais adiante — é relativamente rica e ambígua, no texto *Os instintos e suas vicissitudes,* ao qual nos vimos referindo paralelamente, é, ao contrário, unívoca: a *Quelle* é um processo somático desconhecido mas, de direito, cognoscível, uma espécie de X biológico cuja tradução psíquica seria exatamente a pulsão. Por fonte da pulsão compreende-se "o processo somático localizado num órgão ou numa parte do corpo e cuja excitação é representada na vida psíquica pela pulsão" (3). Destacamos aqui o termo "representado", articulação fundamental da metapsicologia freudiana que os limites deste trabalho não nos permitem comentar: observamos apenas que o

1. Ibid., G.W., V, pp. 46-47. Trad. fr., p. 31.
2. Freud, S. — *Pulsions et destins des pulsions.* G.W., X, p. 215. Trad. fr. in *Métapsychologie,* Paris, Gallimard, 1968, p. 19.
3. Freud, S. — *Pulsions et destins des pulsions.* G.W., X, p. 215. Trad. fr., Paris, Gallimard, 1968, pp. 19-20.

modelo mais utilizado por Freud, para expressar a relação entre o somático e o psíquico, usa da metáfora que consiste numa espécie de "delegação" provida de um mandato que não seria, de maneira alguma, imperativo. Logo, uma excitação local, biológica, encontra sua delegação, sua representatividade ("représentance") na vida psíquica como pulsão. Não sabemos se o processo somático em questão é estritamente de natureza química ou se pode corresponder também a uma liberação de outras forças, por exemplo, mecânicas; o estudo das fontes pulsionais, conclui Freud, "ultrapassa o campo da psicologia e o problema deveria ser, finalmente, resolvido pela biologia" (1). Defrontamo-nos novamente, assim, com o problema central de nossa presente reflexão: o da relação com a ciência da vida.

Mais adiante voltaremos ao problema da fonte, que nos parece ser particularmente interessante como ponto de articulação entre instinto e pulsão.

No momento, antes de nos interrogarmos sobre essa *articulação,* insistiremos primeiramente na *analogia* que pode existir, do ponto de vista de nossos quatro "elementos", entre o instinto e a pulsão; ou, então, o que é igualmente válido, acentuaremos a generalidade das definições de impulso, objeto, alvo e fonte, generalidade que permite aplicá-los *tanto* ao instinto *quanto* à pulsão. Aí está, a nosso ver, a jogada audaciosa do texto *Os instintos e suas vicissitudes,* aí está também a armadilha para o leitor não prevenido: esse ensaio pretende tratar da *pulsão em geral,* não somente da pulsão sexual, mas de todos os "grupos de pulsões", englobando, pois, igualmente, as "pulsões do ego" ou "pulsões de autoconservação"; aliás, deveremos examinar, em breve, se a denominação de "pulsões" é-lhe legitimamente aplicada. Chamar tudo de *Trieb* em geral é proceder de maneira necessariamente abstrata. Tratar da pulsão em geral é "biologizá-la", é apresentar uma análise que seria válida *também* para os comportamentos ditos instintuais. E, exatamente, não queremos como testemunho senão a validade desses conceitos para as análises modernas, no campo da psicologia animal e da etologia. Finalmente, as pesquisas modernas da psicologia do animal, sobretudo a escola de Lorenz, utilizam de maneira bastante extensiva, mesmo se nem sempre fazem referência a Freud, conceitos análogos aos seus; utilizam sobretudo a noção de "impulso", já que o *modelo hidráulico,* que é o mais geralmente usado por Freud para definir o fator econômico, é retomado explicitamente por eles. A noção de um objeto que fosse ao mesmo tempo contingente e, de certo ponto de vista, específico, é contida na noção de desencadeador do ato específico, esse desencadeador sendo concebido como uma constelação perceptiva capaz de acionar (*release*) tal mecanismo porque ela comporta certas características muito bem determinadas. Sabe-se que é pelo emprego de engodos perceptivos dos quais faz-se variar as diferentes características, que foi possível definir-se, de maneira precisa, alguns desses desencadeadores. Enfim, a noção de *alvo* está também presente na análise dos etologistas na forma de um comportamento fixo, seqüência de reações em cadeia terminando finalmente numa descarga durável da tensão, ciclo suscetível de ser interrompido nesta ou naquela etapa, se o mecanismo seguinte não aparecer, porque o desencadeador seguinte não foi apresentado.

1. Ibidem, G.W., X, pp. 215-216. Trad. fr., p. 20.

Após haver insistido no valor *geral* dessas definições freudianas, generalidade que comporta ao mesmo tempo um aspecto negativo, já que essas definições podem parecer abstratas, mas ao mesmo tempo um aspecto positivo, já que essas noções puderam coincidir com as de uma ciência extremamente concreta, a etologia, voltaremos aos *Três ensaios,* e à sua primeira página que apresenta uma descrição-lapidar da concepção "popular" da sexualidade. Os *Três ensaios* começam desta maneira:

"A constatação das necessidades sexuais do homem e do animal se traduz, em biologia, pela hipótese de uma "pulsão sexual". Aqui, deixamo-nos guiar pela analogia com a pulsão de nutrição, a fome. À língua corrente falta um termo correspondente à palavra "fome"; a ciência utiliza nesse caso a palavra "libido".

"A opinião popular tem idéias bem definidas sobre a natureza e as características da pulsão sexual. Convencionou-se dizer que essa pulsão falta à infância, que ela se instala na época da puberdade e em estreita relação com o processo de maturação, que ela se manifesta sob a forma de uma atração irresistível exercida por um dos sexos sobre o outro e que seu alvo seria a união sexual ou pelo menos as ações que levam a esta" (1).

Essa concepção "popular" é, ao mesmo tempo, uma concepção biologizante em que a sexualidade, a *pulsão* sexual, é concebida a partir do modelo do *instinto,* da resposta a uma necessidade natural, cujo paradigma é a fome (caso seja permitido utilizar aqui, de maneira mais sistemática do que em Freud, o par de termos: pulsão-instinto). Essa necessidade, no caso da sexualidade, teria como base um processo de maturação, um processo de origem essencialmente interna, em que o momento fisiológico da puberdade aparece como determinante; seria, pois, um comportamento estritamente determinado por sua "fonte", com um "objeto" fixo e bem preciso, já que a sexualidade visaria única e exclusivamente de maneira predeterminada e eterna, ao outro sexo; enfim, seu "alvo" estaria igualmente fixado: "a união sexual ou pelo menos as ações que a ela conduzem". É-nos, pois, necessário insistir no fato de que a "concepção popular", que Freud resume para em seguida combatê-la, coincide com uma imagem que pode parecer científica no sentido de ciência da vida, uma imagem que, finalmente, seja talvez inteiramente válida, pelo menos em outros domínios que não o da sexualidade humana. Se voltarmos agora ao plano dos *Três ensaios,* compreenderemos melhor, doravante, de que maneira esse plano se constrói, em seu movimento, partindo do próprio objeto da obra: todo esse plano pode ser compreendido em função de uma certa "destruição" (talvez no sentido de uma "Aufhebung" hegeliana) dessa imagem "popular" — mas também "biologizante" — da sexualidade. Trata-se de três capítulos como lembrávamos há pouco: "as aberrações sexuais", e poder-se-ia dar como substítulo desse primeiro capítulo, o *instinto perdido.* Segundo capítulo: "a sexualidade", e poderíamos chamá-lo de *gênese da sexualidade humana.* Enfim, o terceiro capítulo: "as transformações da puberdade"; quem sabe poder-se-ia chamá-lo, num certo sentido, de instinto reencontrado? Provavelmente; mas reencontrado em um outro nível. Melhor que reencontrado, preferimos propor, provisoriamente, uma fórmula como: *o instinto imitado.*

Passaremos rapidamente sobre o primeiro *Ensino,* somente para situar o segundo que constitui o objeto essencial de nosso presente estudo. Ele nos apresenta uma enumeração polêmica, quase apologética, das aberrações sexuais. Trata-se de destruir, através de uma descrição das perversões, as noções comuns de *alvo* e de *objeto específicos.* Apresentação que, aliás, não se caracteriza necessariamente pelo rigor científico nem pelo caráter exaustivo da explicação. Não se trata de procurar nos *Três ensaios* o alfa — e muito menos o ômega — da teoria psicanalítica das perversões. O essencial para Freud é mostrar a que ponto o campo é amplo, quase universal e como a existência delas destrói toda idéia de um alvo ou de um objeto determinados para a sexualidade humana. A sexualidade, pode-se dizê-lo depois desse primeiro capítulo, aparenta ser no adulto, no adulto dito normal, um instinto, mas isso apenas é o resultado precário de uma evolução histórica que, em cada uma de suas curvas, pode bifurcar-se diferentemente, para dar origem às mais estranhas aberrações.

Nossa reflexão sobre o segundo *Ensaio* centrar-se-á na passagem que nos parece conter o essencial, na medida em que redefine a sexualidade em função de suas origens infantis. Trata-se da conclusão de um capítulo que se intitula "as manifestações da sexualidade na criança".

"A sucção [tomada como modelo da sexualidade oral] demonstrou-nos a existência das três características da sexualidade infantil. Esta se desenvolve *apoiando-se numa função corporal essencial à vida.* Ela não conhece ainda nenhum objeto sexual, é auto-erótica, e seu objetivo é determinado pela atividade de uma *zona erógena".* (1)

Observemos desde agora que esses três caracteres serão encontrados na maior parte das manifestações eróticas da infância e que ultrapassarão mesmo, largamente, a sexualidade da *idade* infantil, marcando definitivamente toda sexualidade humana. A definição se utiliza de três noções originais e complexas: a noção de *apoio* ("étayage"), a noção de *auto-erotismo,* enfim, a noção de *zona erógena.*

Examinaremos, antes, as duas primeiras que estão em estreito relacionamento; é, com efeito, pelo jogo combinado das duas que Freud pretende explicar a própria gênese da sexualidade.

Apoio ("étayage"): o leitor francês se surpreenderá talvez ao saber que se trata de um termo fundamental do sistema conceptual freudiano. Nas traduções atuais de Freud, tanto em francês quanto na excelente *Standard Edition* inglesa, o único vestígio do conceito freudiano é o emprego esporádico e mal justificado de um adjetivo tirado do grego: "anaclitique" (anaclítico). Uma reflexão sobre a terminologia freudiana (2), um trabalho de retradução da obra de Freud, nos levaram a escolher, posteriormente à tradutora que já o havia empregado sem sistematizar seu uso (3),

1. Freud, S. — *Trois essais sur la théorie de la sexualité.* G.W., V, p. 33. Trad. fr., Paris. Gallimard, 1968, p. 1 (Aqui, e "passim", a tradução francesa foi modificada pelo autor. N.D.E.)

1. Ibidem. G.W., V, p. 83. Trad. fr., p. 76. Entre colchetes: observações de J. Laplanche.
2. Laplanche, J. et Pontalis, J.B. — *Vocabulaire de la psychanalyse.* Paris, P.U.F., 1967. Trad. port. *Vocabulário da Psicanálise.* Moraes Editores. Santos. S. Paulo
3. Mme Reverchon — Jouve, desde sua primeira tradução dos *Três Ensaios* (1923).

o termo de apoio ("étayage") e seus derivados. Se adotamos esse termo é justamente porque era necessário destacar — o que ninguém tinha feito de maneira completa — o valor conceptual rigoroso que reveste em Freud a palavra alemã *Anlehnung*, que significa justamente apoiar-se, sustentar-se sobre alguma coisa. Com isso, tentamos dar a devida importância e ressaltar os efeitos de uma noção durante muito tempo ignorada, seja por traduções mais preocupadas com elegância que com rigor, seja pelo emprego de um termo pseudocientífico, excessivamente erudito e muito pouco usual: o anaclítico. Além do mais, o adjetivo "anaclítico" foi por sua vez deturpado por toda uma tradição psicanalítica que tem origem num ponto, em realidade, já derivado. Com efeito, esse termo "anaclítico" foi introduzido pelos tradutores a propósito de um texto bem mais tardio que os *Três ensaios*, o texto *Sobre o Narcisismo* (1914) em que Freud opõe dois tipos de "escolha de objeto", duas maneiras pelas quais o homem elege seus objetos de amor: um tipo "narcísico" de escolha de objeto, em que o homem escolhe o objeto amado a partir de sua própria imagem, e uma escolha de objeto "anaclítico" (*Anlehnungstypus*, diz o texto alemão), em que, dessa vez (é pelo menos assim que se interpretaram um pouco apressadamente as coisas) a sexualidade se apóia no objeto da função de autoconservação. Assim, o termo apoio ("étayage") foi entendido, nessa tradição, como um apoio no *objeto*, e finalmente um *apoio na mãe*. Percebe-se aí como toda uma teoria da relação com a mãe deu nova direção a uma noção destinada a explicar a sexualidade na sua emergência. Na verdade, se se examina mais de perto essa noção, observa-se que ela não designa em absoluto, originariamente, o apoio do sujeito no objeto (da criança na mãe) mesmo se em outras passagens tal apoio possa ser constatável. O que é descrito por Freud é um fenômeno de apoio *da pulsão*, o fato de a sexualidade nascente apoiar-se num outro processo, ao mesmo tempo similar e profundamente divergente: a pulsão sexual apóia-se numa função não sexual, vital ou — como Freud formula em termos que desafiam qualquer comentário — numa "função corporal essencial à vida". Não nos afastamos muito do pensamento freudiano, apenas o tornamos mais preciso, ao dizer que o que é descrito como "apoio" é, *na origem, um apoio* da sexualidade infantil no instinto, se se compreende por instinto o que orienta esta "função corporal essencial à vida"; no caso particular, primeiramente analisado por Freud, trata-se da fome e da função alimentar. Sem que a coerência terminológica seja absolutamente sistemática nos escritos freudianos, encontraremos, entretanto, de maneira suficientemente motivada para que possamos, por nossa vez, aí nos "apoiar", os termos função, necessidade e instinto para determinar geralmente o registro vital ou registro de autoconservação por oposição ao registro sexual.

O *apoio da pulsão na função* não é uma gênese abstrata, uma dedução quase metafísica, mas um processo descrito com a maior exatidão, segundo o exemplo que tornou-se seu arquétipo — o da oralidade. Foi-nos demonstrado que na oralidade pode-se distinguir dois tempos: o da sucção do seio, depois, o que se caracteriza pelo chupar ("suçotement"), atividade bem diferente da sucção. Num primeiro tempo, o da sucção do seio durante a alimentação, estamos em presença de uma função, ou, retomando as distinções citadas acima, de um comportamento instintual completo, tão completo, como vimos, que é justamente a fome, o comportamento alimentar que a "concepção popular" se dá como o *modelo de todo instinto*. Teríamos então, um comportamento instintual com sua pressão: assim estaríamos mais habilitados para determinar com precisão o que se esconde atrás desse "X" energético e somos capazes, seguindo aos psicofisiologistas, de atribuir a um desequilíbrio humoral ou tecidual, esse estado de tensão que corresponde subjetivamente à impressão de fome. Tem-se, pois, um "impulso", um acúmulo de tensão; tem-se também uma "fonte", nesse caso o sistema digestivo com pontos nos quais a apetência é particularmente experimentada de maneira localizada e especializada. Tem-se a presença de um "objeto" específico... Diremos que é o seio? Pois bem, não é o seio que proporciona a satisfação, mas o alimento, o leite. Enfim, um processo bem montado, ou "alvo", o processo da sucção que observadores aplicaram-se em descrever com muita precisão: a procura do mamilo, mamada, alívio da tensão, saciedade.

Ora, o ponto crucial da questão é que, ao mesmo tempo que esse funcionamento alimentar se satisfaz com o alimento, começa a aparecer um processo sexual. Paralelamente à alimentação, há excitação dos lábios e da língua pelo mamilo e pelo fluxo de leite morno. Essa excitação é calcada na função, a tal ponto que, entre os dois, mal se percebe, de início, uma diferença. O objeto? parece ser fornecido a nível da função. Pode-se ainda dizer que é o leite? pode-se dizer que já é o seio? E a fonte? ela também é determinada pela alimentação, já que os lábios fazem igualmente parte do sistema digestivo. O alvo, também ele, está muito próximo do alvo alimentar. Em suma, objeto, alvo e fonte estão estreitamente contidos numa proposição bem simples que permite descrever o que se passa: "isso entra pela boca". "Isso", é o objeto; "entra" é o alvo e quer se trate de alvo sexual ou de alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um "entrar"; "pela boca": quanto ao nível da fonte, encontra-se a mesma duplicidade, na medida em que a boca é ao mesmo tempo órgão sexual e órgão da função alimentar.

Assim, o apoio ("étayage") consiste primeiramente no apoio que a sexualidade incipiente encontra num funcionamento ligado à conservação da vida. Nada melhor, para concluir, do que citar uma outra passagem de Freud dedicada à atividade oral erótica da criança:

"É fácil verificar em que circunstância a criança experimenta esse prazer que tenta agora renovar. Foi a atividade inicial e essencial à vida da criança que a familiarizou com esse prazer, a sucção do seio materno (ou daquilo que o substitui). Diremos então que os lábios da criança tiveram o papel de *zona erógena* e que a excitação provocada pelo afluxo do leite morno foi a causa do prazer. No início, a satisfação da zona erógena esteve intimamente ligada à satisfação da necessidade alimentar. A atividade sexual apoiou-se primeiramente numa função destinada a conservar a vida, da qual ela só se tornou independente mais tarde. Quando se vê uma criança saciada, abandonar o seio, deitar-se nos braços da mãe, e, as faces rosadas, com um sorriso feliz, adormecer, não se pode deixar de dizer que essa imagem persiste como modelo e expressão da satisfação sexual que ela experimentará mais tarde. Mas, em breve, a necessidade de repetir a satisfação sexual separar-se-á da necessidade de nutrição". (1)

1. Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, Paris, Gallimard, 1962, pp. 74-75; G.W., vol. V, p. 82.

No próprio decorrer do ato de aleitamento nota-se o apoio numa satisfação final que já tem toda a aparência do orgasmo; mas, sobretudo, imediatamente após, assiste-se à separação uma da outra, já que a sexualidade, de início inteiramente apoiada na função, está presente, totalmente, no *movimento que a dissocia* da função vital. Efetivamente, o protótipo da sexualidade oral não é a sucção do seio, não é, geralmente, a sucção, mas o que é denominado por Freud, segundo os trabalhos de Lindner, *das Ludeln oder Lutschen* (em francês: "suçotement", chupar). Doravante, o objeto é abandonado, o alvo e também a fonte tornam-se autônomos em relação à alimentação e ao sistema digestivo. Com o chupar, chegamos ao segundo "caráter" anunciado acima que é também um "momento" intimamente ligado ao apoio que o precede: o auto-erotismo.

Auto-erotismo: Freud toma esse termo dos sexólogos de sua época, sobretudo a Havelock Ellis, conferindo-lhe, contudo, uma nova dimensão. Define-o essencialmente pela ausência de objeto (*Objektlosigkeit*): "é uma atividade sexual não dirigida a uma outra pessoa". Ora, uma tal definição nos leva logo a acentuar que, se a noção de auto-erotismo cumpre uma função extremamente importante no pensamento de Freud, ela conduz, ao mesmo tempo, a uma grande aberração do pensamento psicanalítico e, talvez, a uma certa aberração do próprio pensamento freudiano relativo ao "objeto" e à ausência primitiva de objeto. Nessa perspectiva, tratar-se-á de fazer surgir o objeto como que *ex-nihilo,* num toque mágico, de um estado inicial considerado como absolutamente "anobjetal". Seria preciso, pois, "abrir" o indivíduo humano para seu mundo — tanto coisas quanto indivíduos — a partir daquilo que bem poderíamos chamar de uma espécie de estado de idealismo biológico, ainda mais impensável que o solipsismo filosófico. Fazer surgir o objeto de um estado sem objeto, parece a certos psicanalistas tão pouco provável que eles não hesitam em afirmar — reação talvez louvável em suas intenções, mas que não faz senão conduzi-los a um outro erro — que a *sexualidade,* como tal, tem, de imediato, um objeto. Essa é a posição de um autor psicanalítico como Balint, que se empenha, com numerosos argumentos muitas vezes sedutores, em demonstrar que existe um "amor primário do objeto" na criança (1). Assim, doravante, toda discussão psicanalítica relativa ao objeto vê-se presa a esta alternativa: ou a ausência total do objeto no indivíduo humano, ou então presença desde o início de um objeto *sexual.* Que caminho tomar que nos liberte dessa falsa aporia? A saída nos é indicada, várias vezes, em passagens que correspondem a momentos de particular lucidez do pensamento freudiano. Quando dizemos "particular lucidez" é para lembrar que certas descobertas podem ser esquecidas, eclipsadas, recalcadas pelo autor: temos exemplos claros no próprio Freud, sobretudo referentes ao ponto que nos ocupa.

Eis uma passagem essencial que aparece mais adiante, no terceiro *Ensaio,* mas que resume as teses do segundo *Ensaio:*

1. Balint, M. — *Primary love and psycho-analytic technique.* E sobretudo: "Early Developmental States of the Ego. Primary Object Love", The Hogarth Press, London, 1952.

"Na época em que a satisfação sexual em seus primórdios estava ligada à absorção dos alimentos [trata-se aqui do tempo de apoio], a pulsão sexual tinha seu objeto sexual fora do próprio corpo, no seio da mãe. Esse objeto, só ulteriormente foi perdido, talvez exatamente no momento em que a criança tornou-se capaz de formar uma representação de conjunto da pessoa à qual pertencia o órgão que lhe trazia satisfação. Regra geral, a pulsão sexual torna-se, desde então, auto-erótica [*o auto-erotismo não é, pois, o tempo primário*] e, é somente ultrapassando o período de latência que a relação original é restabelecida. Não é sem razão que a criança sugando o seio da mãe tornou-se o protótipo de toda relação amorosa. Encontrar o objeto sexual é na realidade reencontrá-lo". (1)

Um texto como esse soa bem diferente de toda esta grande fábula do auto-erotismo, considerado como estado de ausência primária e total de objeto, estado a partir do qual seria preciso *encontrar* um objeto; o auto-erotismo é, ao contrário, um segundo tempo, um tempo de perda do objeto. Perda do objeto "parcial", acrescentamos, já que se trata de perda do seio, e Freud introduz aí a observação preciosa, segundo a qual o objeto parcial talvez se perca no momento em que começa a perfilar-se o objeto total: a mãe enquanto pessoa. Mas, sobretudo, se tal texto deve ser tomado a sério, significa que *por um lado há, desde o início, um objeto, mas que, por outro lado, a sexualidade não tem, desde o início, um objeto real.* Que fique bem claro que o objeto real, o leite, era o objeto da função, sendo essa como que preordenada em relação ao mundo da satisfação. Foi esse objeto real que foi perdido, mas o objeto que está ligado ao retorno auto-erótico, o seio, — transformado em seio fantasmático — é, ele próprio, o objeto da pulsão sexual. Assim, o objeto sexual não é idêntico ao objeto da função, está deslocado em relação a ele, numa relação de *contigüidade* absolutamente essencial, que nos faz deslizar insensivelmente de um para outro, do leite ao seio como seu símbolo. "Encontrar o objeto" — assim conclui Freud numa fórmula que se tornou célebre — "encontrar o objeto sexual é, na realidade, reencontrá-lo"; o que interpretamos assim: o objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas seu substituto por deslocamento, o objeto perdido é o objeto de autoconservação, é o objeto da fome, e o objeto que se tenta reencontrar, na sexualidade, é um objeto deslocado em relação a esse primeiro objeto. Daí, evidentemente, a impossibilidade de, em suma, nunca reencontrar o objeto, já que o objeto perdido *não é o mesmo* que aquele que se deseja reencontrar. Aí está a força do "engodo" essencial que se situa no início da procura sexual.

O *alvo* sexual, também ele, ocupa uma posição bem especial em relação ao alvo da função alimentar; é, ao mesmo tempo, o mesmo e diferente. O alvo da alimentação era a ingestão; ora, em psicanálise, falamos de incorporação. Esses termos podem parecer muito próximos, e no entanto, estão defasados um do outro. Com a incorporação, o alvo tornou-se palco de uma fantasia. Palco que toma à função seu registro, sua linguagem, mas acrescentando à ingestão todas as implicações que consistem naquilo que se agrupa sob o termo de "canibalismo", com significações tais co-

1. Freud, S. — *Trois essais sur la théorie de la sexualité.* G.W., V, p. 123. Trad. fr., p. 132. As observações entre colchetes são de J. Laplanche.

mo: guardar para si, destruir, assimilar. Por outro lado, a incorporação generaliza a ingestão em toda uma série de relações possíveis; não se trata mais somente de ingestão alimentar, já que se pode conceber uma incorporação produzindo-se em outros sistemas corporais que não o aparelho digestivo: conseqüentemente, falamos em psicanálise de incorporação no nível dos outros orifícios corporais, no nível da pele, ou ainda, por exemplo, no nível dos olhos. Falar de uma incorporação pelo olhar, permite interpretar certos sintomas. Assim, do alvo da função ao alvo sexual, existe uma passagem que pode ainda ser definida como um certo deslocamento. Um deslocamento que, dessa vez, segue uma linha analógica, metafórica, e não mais uma cadeia associativa por contigüidade.

Enfim, antes de abandonar esse destino do alvo no apoio, é preciso notar que encontramos, ao lado dessa ação, ou dessa cena fantasmática (a incorporação, no caso da oralidade), um outro tipo de alvo, ligado certamente a essa cena, mas muito mais localizado, muito menos "dialético", o do "prazer *in situ*", o do gozo de chupar. Entre o alvo fantasmático da incorporação e esse alvo muito mais local e muito menos desligado que é a excitação dos lábios, existe necessariamente toda uma relação que deveremos reexaminar.

Resta-nos o problema da *fonte*. Observamos anteriormente que talvez fosse esse o problema central, se é verdade que o que estudamos atualmente é a *origem*, exatamente pois, a *fonte da sexualidade*. Acentuemos que isso não é somente um jogo de palavras, nem para nós, nem em Freud, pois encontramos nos *Três ensaios* dois sentidos da palavra fonte, convindo acompanhar a passagem de um ao outro. Num primeiro tempo, o termo fonte é tomado na acepção mais concreta e mais local do termo como *zona erógena:* sempre considerando a oralidade, a zona labial sendo excitada no momento da passagem do leite. Como se existisse, pois, uma montagem biológica que fizesse "brotar" a sexualidade de certas zonas predestinadas, da mesma maneira que certas montagens fisiológicas fazem nascer a necessidade alimentar de certas tensões locais; temos pois, aí, a idéia de uma fonte, no sentido de um processo puramente fisiológico. Mas, encontramos um outro sentido do termo, tão interessante quanto o primeiro, embora, ao mesmo tempo, muito mais geral. Passamos progressivamente da zona erógena, como *lugar* privilegiado da excitação, a toda uma série, muito mais extensa, de processos. Já no texto dos *Três ensaios*, e ainda mais à medida que a reflexão freudiana se amplia, em virtude da experiência clínica, percebe-se que essa capacidade de ser o ponto de partida de uma excitação sexual não é, de maneira alguma, o privilégio dessas zonas sucessivamente descritas como lugares da sexualidade oral, anal, uretral ou genital. Na verdade, não são unicamente essas zonas bem localizadas do revestimento cutâneo-mucoso, mas toda região cutânea que é suscetível de ser o ponto de partida de uma excitação sexual. Numa etapa ulterior de reflexão, Freud afirmará que não é apenas erógena (produtora de excitação sexual) toda região cutânea, mas sim todo órgão, fosse ele interno; para isso Freud se apóia sobretudo na interpretação do sintoma hipocondríaco (1). Em seguida, indo mais além, chega-se a dizer que é toda função, e, em suma, toda atividade humana, que pode ser erógena. Baseamo-nos aqui num capítulo dos *Três ensaios* que trata das "fontes indiretas" da sexualidade, para constatar, dessa vez, que, longe de ser somente um processo bioquímico *localizável* num órgão ou em algumas células diferenciadas, a "fonte" da sexualidade pode ser um processo tão geral quanto a excitação mecânica do corpo no seu conjunto; pensemos, por exemplo, no embalo da criança ou na excitação sexual que pode nascer das trepidações ritmadas, como no decorrer de uma viagem de trem; pensemos na excitação sexual ligada à atividade muscular, sobretudo a esportiva. Em seguida, de uma maneira ainda mais ampla, Freud chega a afirmar que o próprio trabalho intelectual intenso pode ser o ponto de partida de uma excitação sexual — fato verificado na mais simples observação clínica. Acontece a mesma coisa com processos tão gerais quanto os afetos, sobretudo os afetos "dolorosos"; assim, um estado de angústia que aparece bruscamente desencadeará, muitas vezes, uma excitação sexual. Aliás, num próximo estudo dedicado ao masoquismo, teremos ocasião de voltar ao afeto doloroso como "fonte indireta" da sexualidade.

Eis a conclusão de Freud a esse respeito:

"... A excitação sexual se produz como efeito marginal [guardemos bem esse termo: efeito marginal: *Nebenwirkung;* é ele, na realidade, que define o "apoio" em seu duplo movimento de apoio e depois de separação, de desvio] — de toda uma série de processos internos, [excitações mecânicas, atividade muscular, trabalho intelectual, etc.] tão logo a intensidade desses processos ultrapasse certos limites quantitativos. Aquilo que denominamos pulsões parciais da sexualidade ou deriva diretamente dessas fontes internas da excitação sexual, ou, então, representa um efeito combinado dessas mesmas fontes e da ação das zonas erógenas." (2)

Percebe-se aqui a prioridade atribuída por Freud, não à fonte no sentido estritamente fisiológico, mas à fonte no sentido dito "indireto", significando "fonte interna", que, em suma, apenas traduz a ressonância sexual de tudo o que se passa no organismo ultrapassando um certo limite quantitativo. O interesse dessa redefinição da fonte reside no fato de que toda função, todo processo vital podem "secretar" sexualidade, que toda perturbação intervém nela. A sexualidade está integralmente no leve desvio, no *clinamen*, a partir da função... Ela está nesse clinamen, mas na medida em que este atinge a interiorização auto-erótica.

Qual é, enfim, a fonte da pulsão? Nessa perspectiva, pode-se dizer que é o *instinto* todo. O instinto todo e com ele sua "fonte", seu "impulso", seu "alvo" e seu "objeto", tais como os definimos, armado de seus quatro fatores, é, por sua vez, fonte do processo que o imita, o desloca e o descaracteriza: a pulsão. Desse modo, a zona erógena, essa zona somática privilegiada, não é exatamente uma fonte, no mesmo sentido que se fala de uma fonte somática do instinto, ela antes se define como

1. Freud, S. — *Pour introduire le narcisisme.* G.W., pp. 149-150. Trad. fr., in *La Vie sexuelle.* (A vida sexual). Paris, P.U.F., 1969, pp. 89, 90.
2. Freud, S. — *Trois essais sur la théorie de la sexualité.* G.W., V, p. 106. Trad. fr. pp. 104-105. As observações entre colchetes são de J. Laplanche.

um ponto especialmente exposto a este efeito marginal, a este *Nebenwirkung*, que acabamos de evocar.

Eis-nos ao término de tão breve percurso. Reservemos o terceiro capítulo dos *Três ensaios* para outros estudos, contentando-nos agora em mencioná-lo como momento do instinto reencontrado; reencontrado sim, como em todo reencontro — mostramo-lo anteriormente a respeito do reencontro do objeto —, diferente de como era no início, pois o encontro é sempre reencontro de *outra coisa*. Evidentemente, é o tempo de Édipo. Abandonemos, pois, nesse momento, essa terceira etapa para insistir naquilo que faz o sentido, a orientação e a unidade dos dois primeiros capítulos. Reflitamos ainda uma vez sobre o que eles nos trazem como contribuição e para isso utilizemos a noção da *perversão*, já que é dela que se trata tanto no primeiro capítulo — com as observações sexuais do adulto — quanto no segundo, com a noção de uma criança "perversa polimorfa". Consideremos, pois, o termo perversão e o tipo de movimento que se opera no interior mesmo de seu conceito. Perversão? essa noção é habitualmente definida como *desvio do instinto*, o que supõe um caminho e um alvo específicos e implica em que dele se afaste, que se tome um caminho "desviante" (fala-se em biologia e agora em "ciências humanas", de "desviantes"). Tanto que, consultando qualquer obra de psiquiatria, percebe-se que os autores admitem as mais diversas perversões no domínio de todos os "instintos" e segundo a quantidade e a classificação destes que eles adotam; não somente perversões sexuais, mas também, e talvez sobretudo, perversões do sentido moral, perversões dos instintos sociais, perversões do instinto de nutrição, etc. Nos *Três ensaios* ao contrário, Freud fundamenta sua noção de perversão unicamente nas perversões sexuais. Isso significaria, uma vez que se trata de definir desvios em relação a uma norma, que o próprio Freud aderiria à noção de um instinto sexual? E, finalmente, a definição de um "instinto sexual", não poderia senão propor uma versão, revista e melhorada da "concepção popular"... Não se traata disso e a dialética de Freud é mais fundamental. O movimento que indicávamos anteriormente, esse movimento da exposição que é, ao mesmo tempo, o movimento de um pensamento e, em última análise, o movimento da própria coisa, consiste em que a *exceção* — ou seja, a perversão — acaba *por levar de roldão a regra*. A exceção que deveria supor a existência de um instinto definido, de uma função sexual preexistente, com suas normas de funcionamento bem definidas, pois bem, essa exceção acaba por minar e destruir a noção de norma biológica. Toda sexualidade acaba por tornar-se perversão, pelo menos toda a sexualidade infantil.

O que é, então, pervertido, já que não se trata mais de referir-se a um "instinto sexual", pelo menos na criança? O que é pervertido é sempre o instinto, mas é, enquanto função vital que ele é pervertido *pela* sexualidade. Assim, novamente, vêm convergir e divergir as duas noções que discutimos no início deste estudo: a noção de pulsão e de instinto. A pulsão, em seu sentido próprio, no único sentido fiel à descoberta freudiana é a sexualidade. Ora, a sexualidade está integralmente presente no pequeno ser humano, num *movimento que desvia o instinto, que metaforiza seu alvo, que desloca e interioriza seu objeto, que concentra, enfim, sua fonte numa zona eventualmente mínima, a zona erógena*. Essa zona erógena, sobre a qual quase não tivemos tempo de discutir, apresenta grande interesse. É uma espécie de ponto de

ruptura ou de retorno do invólucro corporal, já que se trata, antes de tudo, dos orifícios esfincterianos: boca, ânus, etc. É ao mesmo tempo uma zona de intercâmbio, uma vez que os principais intercâmbios biológicos transitam por ela (pensamos novamente na alimentação, mas também nos outros intercâmbios). Zona de circulação, igualmente zona de cuidados, isto é, os cuidados particulares e especiais da mãe. Essas zonas, pois, atraem as primeiras manipulações erógenas por parte do adulto. Fato ainda mais importante, se introduzirmos no jogo a subjetividade do primeiro parceiro, essas zonas *focalizam as fantasias parentais*, e sobretudo, as *fantasias maternas*, de tal forma que se poderia dizer, quase como imagem real, que elas são os pontos pelos quais se *introduz na criança este corpo estranho interno* que é, propriamente, a *excitação sexual*. É esse corpo estranho interno e seu devir no ser humano que serão objeto de nosso próximo estudo.

2

A sexualidade e a ordem vital no conflito psíquico

Para começar este segundo estudo, também dedicado à sexualidade, proporemos de início um certo número de reflexões sobre a tentativa de nossa conferência precedente, tentativa sem dúvida rápida demais para retraçar uma gênese freudiana da sexualidade a partir da ordem vital. Observaremos primeiro que não pode se tratar senão de uma aproximação totalmente imperfeita. Apenas desenvolvemos *um aspecto* do problema da sexualidade. O próprio termo gênese evoca a noção de emergência, a possibilidade de uma compreensão linear, uma compreensão do depois pelo antes; perspectiva que deveria ser corrigida por uma inversão: de um lado a gênese proposta implica, em realidade, que o que está antes — digamos a ordem vital — comporta o que se pode chamar de imperfeição fundamental no ser humano, uma verdadeira deiscência. O que é "pervertido" pela sexualidade é, naturalmente, a função, mas uma função débil, prematura. Aí está todo o problema da "ordem vital" no homem e da possibilidade, ou melhor, da impossibilidade de apreendê-la "aquém" daquilo que veio "recobri-la" (supondo-se que esses termos conservem ainda um sentido que não seja puramente didático). Ademais, e por isso mesmo, o *depois* é talvez o mais significativo, talvez seja ele que permita compreender e interpretar *aquilo que denominamos* o antes. Aludimos aqui a uma noção que prevalece igualmente no pensamento freudiano, e que estará presente agora, em filigrana, no que tentaremos expor — a noção de "posterioridade" (*Nachträglichkeit*). (1).

1. Deve-se a Lacan o fato de ter sido o primeiro a destacar esse termo, que faz parte daquilo que se poderia chamar de aparelho conceptual "oficioso" de Freud. Cf. Laplanche, J. Ch. Pontalis, S.B., *Vocabulaire de la Psychanalyse* (Vocabulário da Psicanálise — Moraes Editores), Paris. P.U.F., 1967. Verbete: "Après-coup" (trad. port. "Posterioridade").

Nossa segunda reflexão preliminar, seguindo igualmente Freud, tratará da imensa amplitude que a psicanálise operou na noção de sexualidade, amplitude tanto na extensão do conceito quanto na sua compreensão. *Em extensão,* já que a sexualidade recobre doravante não somente o pequeno setor da atividade genital, não somente as perversões, não somente as neuroses, mas toda atividade humana, como o prova, por exemplo, a introdução do conceito de sublimação. Nesse ponto, convém lembrar o termo "pansexualismo" que foi muitas vezes usado contra Freud como um verdadeiro cavalo de batalha, uma arma polêmica que ele muitas vezes teve dificuldade em contestar. Ele se defende, naturalmente, com energia, como de um ataque malévolo, mas o faz sempre de maneira indireta. Pansexualismo: Freud, a maioria das vezes, finge entender esse termo no sentido mais pejorativo e menos defensável, tomando ao pé da letra essa crítica dos adversários, sejamos justos, pouco sutis: o senhor explica tudo unicamente pela sexualidade. Por mais que ele responda, então, que não se trata disso, lembrando que sua teoria é fundamentada no conflito e que o conflito implica dualidade; é natural que alguma coisa se oponha à sexualidade, ainda que esse termo oposto seja definido diferentemente nos diversos momentos do pensamento freudiano: pode ser um outro tipo de pulsão — o que Freud denominou de pulsões de autoconservação ou de pulsões do ego —, pode ser o próprio ego, enquanto organização, e finalmente, será, em última análise, a pulsão de morte. Freud responde, pois, a uma objeção que ele próprio formula da maneira mais absurda: o senhor explica tudo unicamente pela sexualidade; mas, na realidade, Freud não responde, e com razão, à objeção: o senhor introduz sexualidade em tudo. Pois "pansexualismo" não quer necessariamente dizer que a sexualidade seja "tudo", mas que, em *"tudo"* haja, talvez, sexualidade. "E com razão", se é verdade que, como tentamos mostrar há pouco, *tudo* pode engendrar sexualidade, o que implica que *tudo* pode também conduzir a ela em nossa experiência clínica.

Em última análise, a verdadeira resposta de Freud a essas "calúnias" se manifesta antes por um contra-ataque: a objeção dos senhores, responde ele, não é, em suma, senão a marca de seus próprios recalques. Vamos citar aqui um texto surpreendente pela sua atualidade, sobretudo se o relacionamos com estudos recentes que têm como objeto a difusão dos conceitos psicanalíticos na sociedade moderna. Em sua obra sobre *A Psicanálise, sua imagem e seu público* (1), Moscovici se propôs exatamente determinar, utilizando-se do método da enquete, tal como se pratica em psicologia social, o que o público entende, em nossos dias, por esse termo: Moscovici se deu conta de que, simplesmente, não para os especialistas, claro, mas para o homem da rua, "psicanálise" quer dizer "recalque" e "sexualidade". Ora, eis o que Freud declara em seu prefácio de 1920, na 4ª edição dos *Três ensaios:*

"A onda da guerra refluiu e pode-se constatar agora, com satisfação, que o interesse pela pesquisa psicanalítica não diminuiu no mundo. Entretanto, nem todas as partes de nossa doutrina tiveram o mesmo destino. [Foi justamente o que Moscovici mostrou através de um método mais científico.] As teses e descobertas puramente psicológicas da psicanálise, relativas ao inconsciente, ao recalque, ao conflito

1. Moscovici, S., *La Psychanalyse, son image et son public.* Paris, P.U.F., 1961.

patogênico, ao benefício da doença, aos mecanismos da formação dos sintomas, etc., são cada vez mais aceitas e tomadas em consideração mesmo por nossos adversários [no que se refere à "psicologia" psicanalítica, começava a haver um consenso, e todos estão cada vez mais de acordo em admiti-la e aclimatá-la]. Mas a parte da doutrina que faz limite com a biologia [estamos nos referindo à sexualidade] e cujos fundamentos estão expostos neste pequeno trabalho, esbarra sempre com uma oposição que não diminuiu; e mesmo entre as pessoas que, durante algum tempo, trabalharam intensamente com a psicanálise, várias a abandonaram e propuseram novas concepções que acabariam novamente por restringir o papel do fator sexual na vida psíquica normal e patológica". (1)

Há pouco lembrávamos o que a enquete de Moscovici havia revelado: para o "não especialista" é com efeito a sexualidade que resume o essencial da contribuição psicanalítica ao pensamento contemporâneo. Freud acentua, em contrapartida, que, nos "homens de ciência", é a sexualidade que é relegada, ao passo que o que se aceita mais facilmente, o que se integra, são alguns dos *mecanismos* descritos em psicanálise, como por exemplo, o recalque, o benefício da doença, etc. Digamos, de maneira abreviada e polêmica, que *se aceita o recalque, mas se recalca o recalcado: e o recalcado é o sexual.*

Citemos uma outra passagem do mesmo prefácio. Freud responde aqui à objeção do "pansexualismo" e veremos que, de fato, ele não nega ser pansexualista, num certo sentido:

"É preciso lembrar-se de que uma parte do conteúdo desse estudo — onde se acentua a importância da vida sexual para todas as atividades humanas, nossa tentativa de ampliar o conceito de sexualidade — forneceu sempre os motivos mais fortes para a resistência contra a psicanálise. Utilizando-se de slogans grandiloqüentes, chegou-se até a falar do "pansexualismo" da psicanálise e a imputar-lhe a crítica absurda de "tudo" explicar pela sexualidade. Esses fatos poderiam causar espanto, se se pudesse esquecer o efeito das paixões que perturbam os espíritos e lhes fazem perder a lembrança de muitas coisas. Há tempos o filósofo A. Schopenhauer já mostrava aos homens como sua atividade é determinada pelas tendências sexuais, no sentido habitual desse termo." (2)

Abordemos agora o outro problema, não mais o da extensão (no sentido lógico do termo) da sexualidade a todo o campo da atividade humana, mas o que se refere à ampliação do ponto de vista da *compreensão,* e finalmente a verdadeira mutação de sentido que sofre o termo sexualidade. Aqui estão algumas palavras que Freud dedica ao problema no mesmo prefácio:

"Finalmente, no que se refere à "ampliação" do conceito de sexualidade, ampliação que nos impunha a psicanálise das crianças e dos chamados perversos, responderemos àqueles que, do alto de sua sabedoria, lançam um olhar de desprezo pa-

1. Freud, S., *Trois essais sur la théorie de la sexualité.* G.W., V, p. 31. Trad. fr., Paris, Gallimard, 1968. Préface p. 11. As observações entre colchetes são de J. Laplanche.
2. Ibidem, G.W., V, p. 32. Trad. fr., prefácio, p. 12.

ra a psicanálise, que deveriam lembrar-se quanto a idéia de uma sexualidade mais ampla se aproxima do *Eros* do divino Platão". (1)

"Uma sexualidade mais ampla", é disso que se trata realmente, já que passamos do sexual como instinto vital ao sexual como verdadeira perversão universal do instinto (ou, para utilizar um termo que consideramos senão como sinônimo, pelo menos como pertencendo ao mesmo registro, uma perversão da função). No decorrer de sua obra, vemos Freud debater-se com esse problema e defender-se contra as objeções que eventualmente lhe foram feitas a esse respeito; é-lhe necessário, para isso, tentar uma nova definição da sexualidade, já que, efetivamente, descobriu que a antiga definição — a que se referia à idéia de uma sexualidade genital, tendo seu alvo fixado e um objeto preciso — tornara-se caduca. Um termo reteve, por um momento, sua atenção e provavelmente circulou de maneira privilegiada entre os sexólogos que gravitavam então na órbita psicanalítica: trata-se da expressão "prazer de órgão", designando justamente essa perversão do instinto e opondo-se — a hipótese nos parece bastante verossímil — à idéia de um "prazer de função". A sexualidade é justamente prazer localizado, prazer auto-erótico, prazer no próprio órgão, e não prazer da função com tudo o que esse termo implica em abertura para o objeto. Freud utiliza, às vezes, o termo "prazer de órgão", na medida em que ele facilita a compreensão, mas, ao mesmo tempo, desconfia dele, pois a introdução de um "sinônimo" corre o risco de obliterar a afirmação de que todo processo descrito é, pura e simplesmente, sexual; suprimir a própria palavra sexual já é para ele abandonar a idéia do sexual: sabemos quanto Freud é meticuloso no que se refere às palavras e vemo-lo, mais de uma vez, afirmar que ceder em relação à palavra, já é ceder três quartos do próprio conteúdo do pensamento. Parece-nos, em todo caso, que, se essa dificuldade com a qual Freud se debate, denota uma certa oscilação de seu pensamento, trata-se de uma oscilação necessária, a que aparece temporariamente, quando, na evolução dialética de uma ciência, uma teoria se vê renegada, substituída por uma teoria nova, cuja axiomática generalizada permite englobar a teoria antiga como um caso particular. Do ponto de vista do sujeito, do sábio, a revolução científica que amplia bruscamente a acepção de um conceito, destrói, poder-se-ia dizer, suas bases. Assim acontece com o próprio Freud: vêmo-lo, então, refugiar-se na esperança de uma definição biológica, química, hormonal da sexualidade, esperança projetada num futuro mais ou menos longínquo da ciência; ou repetir simplesmente, como se ele não pudesse ir mais longe, as razões que o levaram a *aproximar* o sexual no sentido popular do termo "genital", do campo por ele descoberto. Recordemos os principais argumentos: a *semelhança,* por exemplo, que pode existir entre o gozo pré-genital e o gozo genital; a *contigüidade:* transições insensíveis que ligam entre si toda uma série de gozos, o último gozo da série sendo freqüentemente um gozo genital ou, em todo caso, um prazer com significação genital. Que se pense, por exemplo, quanto à criança, em todas as transições que não são propriamente genitais, mas que resultam na masturbação; que se pense, quanto ao adulto, naquilo que se denomina prazer preliminar no ato sexual; que se pense nos comportamentos per-

1. Ibidem, G. W., V, p. 32. Trad. fr. pp. 12-13.

versos que podem ser práticas inteiramente extragenitais, que somos obrigados, entretanto, a constatar que terminam igualmente numa excitação sexual no sentido restrito do termo; que se pense, finalmente, em todos os elos que encontramos no sintoma neurótico entre o prazer não sexual e o gozo com significação sexual. Enfim, encontramos o argumento do "recalque", argumento *ad hominem* que desafia e irrita uma certa lógica, mas que é inevitável na lógica da psicanálise; eis a forma que ele toma nesse caso: se o chupar ("suçotement"), manifestação auto-erótica, é condenado pelas mães, é porque elas reconhecem nele, implicitamente, seu caráter de "mau hábito", e todos sabem que "mau hábito" não é senão uma litote para dizer: hábito de excitação e de gozo sexuais. Quanto às mães, percebe-se sempre uma dupla oposição: ao mesmo tempo em relação à *noção* de sexualidade infantil e contra suas *manifestações.* Isso significa que elas enunciam ao mesmo tempo estas duas proposições contraditórias: a criança é inocente sexualmente e não o sendo, ela é condenável. Reconhecemos aí um dos avatares do famoso argumento do caldeirão, que utiliza todos os maus argumentos para finalmente negar um determinado fato: você nunca me emprestou este caldeirão, e aliás ele estava furado e, de qualquer modo, eu o devolvi a você. A sexualidade, no sentido freudiano, de todos os pontos de vista, leva ao recalque e à denegação. Constitui algo obscuro e talvez irremediavelmente condenável, mesmo se, em nossos dias, na era pós-freudiana, a expressão "sexualidade infantil" causa menos espanto. A esse respeito, citamos a observação maliciosa de uma psicanalista de crianças a quem perguntamos, um dia: afinal, o que significa, na sua experiência, a sexualidade infantil de que tanto falamos? A resposta foi mais ou menos a seguinte: uma denominação cômoda que os adultos utilizam para dissimular a si mesmos muitas coisas abomináveis que eles não querem encarar.

A sexualidade é, pois, o recalcado por excelência, e essa afirmação se renova ao longo de toda a obra de Freud. O que empana essa tese e que provoca as ilusões de toda uma corrente" psicologizante" de nossa disciplina, é o fato de Freud, às vezes, apresentar a descrição do *mecanismo* do conflito, ou do *mecanismo* do recalque, fazendo abstração de seu conteúdo. Aludimos aqui, sobretudo, a um texto tardio, o *Esboço de Psicanálise* (1938), que, embora muito rico em ensinamentos, nalgumas passagens, descreve, num primeiro momento — por um artifício de apresentação que não deixa de trazer graves inconvenientes — o conflito psíquico como um conflito abstrato entre "instâncias" ainda não especificadas, de um lado o ego, de outro, o que é denominado "id", o lugar das pulsões, sem nada colocar de preciso sob essa denominação, sem aí inscrever uma pulsão determinada, precisamente, a sexualidade. Diante de tais descrições, e com mais razão nos autores que reexpõem a metapsicologia freudiana, tem-se a impressão de que existem, por um lado, processos psicológicos descritíveis adequadamente em termos de mecânica, e que, por outro lado, pode-se preencher esse esquema abstrato do conflito com qualquer tipo de "pulsão": ora a sexualidade, ora a agressividade, ora qualquer outra. Entretanto, um pouco mais adiante no seu *Esboço de Psicanálise* (1), Freud volta ao assunto e pergunta explicitamente: embora as grandes linhas do conflito e o mecanismo do recalque pareçam poder ser descritos, em toda sua generalidade, como explicar, na *prática,* que a vida sexual constitua o único ponto fraco, aquele sobre o qual atua, de preferência, o recalque? Por que apenas nossa sexualidade é recalcada? Encontramos nessas páginas algumas indicações preciosas quanto a certos caracteres específicos da pulsão sexual no homem, especialmente sua "instauração bifásica", isto é, o fato de ela aparecer em dois tempos: primeiramente, uma fase infantil, a seguir, uma fase pubertária e adulta, ambas separadas por um longo período dito período de latência. Há aí um caráter cujo alcance é mais importante que o simples fato de "maturação" que constitui seu fundamento. Trata-se de um processo comportando um ritmo temporal: primeiro aparecimento — que se pode chamar prematuro — da sexualidade; eclipse do recalque; retomada das antigas significações, apoiando-se nas possibilidades fisiológicas, agora adequadas aos seus objetivos. Veremos mais adiante como Freud fará funcionar o fator ritmo no fenômeno do recalque. Não menos interessante uma outra observação, na mesma passagem, chama a atenção sobre o que se pode denominar de desnaturalização da sexualidade no homem em relação ao animal: a perda, por exemplo, do caráter periódico da excitabilidade sexual, caráter que sabemos específico da sexualidade animal. Nesta, há um ritmo natural, funcional (o do cio) que desaparece, ao passo que na outra se estabelece um outro tipo de seqüência, incompreensível se não levarmos em conta categorias como as do recalque, da reminiscência, do trabalho de elaboração, da posterioridade...

Todas essas observações do *Esboço* são sugestivas, mas relativamente pouco desenvolvidas e pouco articuladas entre si. A sexualidade é, certamente, designada como o "ponto fraco" da organização psíquica, mas a explicação dada para a relação entre essa "fraqueza" e o processo de recalque não fica bem clara. Como se esse texto tardio não fosse mais que o eco amortecido de um problema que Freud se colocara de imediato, de maneira muito mais aguda e que formulara assim desde o início de suas pesquisas metapsicológicas, em 1895: *"Deve existir um caráter da representação sexual que explique por que apenas representações sexuais são submetidas ao recalque."* Acabamos de citar o *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, texto essencial para essa pesquisa, se é verdade que foi nessa época que se realizou a tentativa mais elaborada para ligar organicamente, do interior, recalque e sexualidade numa mesma teoria. Refirimo-nos àquilo que se pode etiquetar como *"teoria da sedução"*, ou teoria do *"proton pseudos histérico"*, teoria que constitui o embasamento não apenas de toda a segunda parte do *Projeto para uma psicologia científica,* mas também, da grande maioria dos escritos teóricos no período que vai até 1900. Teoria da sedução, teoria do *proton pseudos?* Evidentemente, não é fácil extrair noções a partir de uma certa reserva terminológica, de um certo aparelho conceptual em parte obsoleto que torna difícil o acesso ao *Projeto para uma psicologia científica.* É compreensível a dificuldade do leitor contemporâneo na leitura desse texto. Duas atitudes são possíveis: ou ele toma ao pé da letra a conceitualização utilizada por Freud, até o momento em que, mais lúcido, ele se pergunta se não foi arrastado por uma monstruosa engrenagem pseudocientífica muito distante das "realidades psicológicas"; ou então, ele tenta, de imediato, distinguir o que aí é veicula-

1. Freud, S., Abrégé de Psychanalyse, G.W., XVII, pp. 112 e seguintes. Trad. fr., Paris, P.U.F., 1967, pp. 56 e seguintes.

do pela experiência psicanalítica nascente e o que é saldo de um pensamento científico banalmente pretensioso; mas, se se adota esta segunda atitude, é preciso reconhecer que a maior parte do *Entwurf* deve ser abandonada. Não obstante, apesar da opinião de numerosos historiadores do freudismo (1), apesar do julgamento do próprio Freud (2), adotamos como atitude, sistematicamente, de nos engajarmos, antes, no labirinto complexo desse texto, submetendo-nos ao seu mais desencorajador "tecnicismo", guiados pela certeza de que uma grande obra — alimentada por uma grande experiência — não pode se deixar dividir tão facilmente em bons e maus pedaços.

Sem, hoje, refazer, nem mesmo esboçar esse longo percurso, tentaremos, entretanto, abordar o essencial dessa noção de *sedução*. A sedução, no pensamento freudiano, remete a dois registros: por um lado, é uma *constatação clínica* sucessivamente afirmada, diminuída, questionada, reafirmada ainda, e assim até os últimos escritos; e, por outro lado, é uma *teoria* elaborada a partir da observação dos fatos de sedução.

A constatação é, no início, muito simples. Deparamo-nos pelo método psicanalítico, com aquilo que, de imediato, se manifesta como recordações — ou, em outras palavras, com cenas, qualquer que seja o valor de realidade que lhe atribuamos — cenas em que o adulto faz insinuações sexuais à criança, quer sejam simples palavras, quer gestos mais ou menos explícitos, às vezes até atos sexuais esboçados ou mesmo realizados. Nos *Estudos sobre a histeria* (publicados em 1895) que relatam a maior parte das primeiras terapias de Freud e Breuer, encontra-se, a cada passo, uma referência à sedução nas recordações histéricas. Em alguns casos, essas recordações são relatadas na forma em que foram verdadeiramente redescobertas; às vezes, elas são parcialmente deformadas ou censuradas pelo autor (como ele próprio explicará posteriormente), quando ainda não ousava enfrentar sua descoberta em toda sua amplitude — estamos falando da descoberta de Édipo — e quando atribui a um certo "tio" o que, na realidade (isso é esclarecido em nota), era devido ao *pai*. Assim, nas histéricas tratadas, nessa época, pelo "método catártico", a sedução era um cenário comum, localizado muitas vezes numa sucessão de cenas cuja série Freud remontava com entusiasmo para procurar, incansavelmente, bem anterior a uma cena tardia, um acontecimento análogo, porém mais precoce e mais "traumatizante". Essa procura apaixonada das "cenas", *da* cena e, em última instância, da cena "originária" ou primitiva, deveria finalmente terminar numa desilusão dramática, expressa numa carta a Fliess, de 21.9.1897, nº 69, da qual citamos alguns trechos, comentando-os:

1. "... o *Projeto* aparece como o maior esforço feito por Freud para obrigar uma quantidade de fatos psíquicos a entrar no quadro de uma teoria quantitativa, e como a demonstração por absurdo de que o conteúdo excede o quadro." Ricoeur, P.: *De l'Interprétation* (Da Interpretação). Paris, Seuil, 1965, pp. 82-83.
2. "Não consigo mais compreender o estado de espírito em que me encontrava quando concebi a "psicologia"; é-me impossível explicar-me como pude infligi-la a você. Acho que você é educado demais; isso me parece uma espécie de aberração. "Freud, S.: Carta a Fliess, de 29.11.1895; nº 46, in *Aus den Ansfängen der Psychoanalyse*, Londres, Imago, 1950, trad. fr. in: *la Naissance de la Psychanalyse* (Nascimento da Psicanálise). Paris. P.U.F., 1956, p. 119.

"Eis-me aqui, caro Wilhelm, — voltamos ontem de manhã — bem disposto, de bom humor, empobrecido, sem trabalho no momento, e lhe escrevo uma vez que já nos instalamos. Devo confiar-lhe depressa o grande segredo que, no decorrer desses últimos meses, se revelou lentamente. Não creio mais em minha "neurótica" [ou mais exatamente, na teoria da neurose fundada na sedução e no "proton pseudos"], o que não poderia ser compreendido sem uma explicação: você mesmo achara plausível o que eu lhe dissera. Vou pois começar pelo início e expor-lhe como se apresentaram os motivos para não mais acreditar nela. Houve, em primeiro lugar, repetidas decepções sofridas por ocasião das tentativas em prosseguir minhas análises até atingir seu verdadeiro término, a desistência das pessoas cujos casos pareciam se prestar melhor a esse tratamento, a falta do êxito total que eu esperava, e a possibilidade de me explicar de outro modo, mais simplesmente, esses êxitos parciais, tudo isso constituindo um primeiro grupo de razões [Freud aqui se contenta em resumir, de modo muito geral, seus fracassos terapêuticos]. Depois, também, a surpresa de constatar que, em cada caso, era preciso acusar o pai de perversão [com efeito, se era necessário descobrir cenas de sedução, devia-se fazer um diagnóstico clínico do pai dessas histéricas e admitir que ele devia ser um pervertido sexual para investir assim contra seus filhos], e a noção da inesperada freqüência da histeria onde se constata, sempre, a mesma causa determinante, enquanto que uma tal generalização dos atos perversos cometidos contra as crianças parecia pouco provável. (A perversão, nesse caso, deveria ser infinitamente mais freqüente que a histeria, uma vez que essa doença só aparece quando os incidentes se multiplicaram, quando interveio um fator que enfraqueceu a defesa.) [Freud apresenta aí uma espécie de objeção estatística: a perversão sexual dos pais deveria ser infinitamente mais freqüente que a histeria dos filhos, uma vez que se deve supor que há muito mais casos de sedução do que os que resultaram, por circunstâncias particularmente determinadas, na histeria como neurose] (1). Em terceiro lugar, a convicção de que não existe no inconsciente nenhum índice de realidade, de tal modo que é impossível distinguir uma da outra a verdade e a ficção investida de afetos [isto é, a verdade e a fantasia. Estamos diante de uma idéia mestra da teoria freudiana: não encontramos, no inconsciente, nenhum "índice de realidade" que permita distinguir a recordação "real" da pura e simples imaginação]. Em quarto lugar, fui levado a constatar que nas psicoses mais profundas, a recordação inconsciente não surge, de modo que o segredo do incidente da juventude, mesmo nos estados mais delirantes, não se revela [logo, mesmo nos casos aparentemente mais favoráveis à investigação do inconsciente, os casos de psicose, a reconstituição analítica não chega nunca ao acontecimento primeiro]" (2).

1. Se se admite com W. Granof e F. Perrier ("Le problème de la perversion chez la femme et les idéaux féminins" — O problema da perversão na mulher e os ideais femininos) — in *La Psychanalyse* 7, Paris, P.U.F., 1964), que é na *"maternalidade"* ("maternage") que se manifesta, de maneira predominante, senão exclusiva, o que se pode chamar de "relação perversa" na mulher (relação do tipo análogo à perversão fetichista), introduz-se um argumento que permite reexaminar e talvez eliminar a objeção "estatística" que Freud opunha à sua própria teoria da sedução.
2. Freud, S. Carta a Fliess, em 21.9.1897, in *La Naissance de la Psychanalyse*. Trad. fr., P.U.F., 1956, Paris, pp. 190-191. Ed. al. pp. 229 e seguintes. As observações entre colchetes são de J. Laplanche.

Em resumo, Freud apresenta, contra sua própria teoria, objeções de fato — a impossibilidade de remontar à "cena" — como também argumentos de direito: a impossibilidade de admitir uma tal freqüência da perversão nos pais e, sobretudo, a incapacidade de decidir se uma cena reencontrada remete ao real ou à fantasia.

Essa carta foi recebida como o momento negativo, anunciando uma grande descoberta e abrindo, através de seus obstáculos, o caminho para a fantasia, caminho verdadeiramente "real" da psicanálise, pode-se afirmar, parafraseando o que foi dito em relação ao sonho. É da aquisição dessa descoberta que ainda vivemos atualmente, se aceitarmos que a parte central do trabalho psicanalítico consiste na explicitação e na análise da fantasia inconsciente. Caminho fecundo para nós, a exploração da fantasia, mas penoso para Freud, na medida em que, apesar da introdução da categoria de "realidade psíquica" na qual ele insistirá cada vez mais, ele se vê preso numa alternativa que, em nossos dias, tentamos ultrapassar, a alternativa entre, de um lado, o real, a realidade da recordação efetivamente vivida e cujas pegadas poderiam ser reconstituídas de maneira quase policial (1); e, de outro lado, o imaginário, tradicionalmente concebido como uma "realidade" menor. Digamos que falta-lhe explicitar o que, entretanto, está presente na noção de "realidade psíquica", alguma coisa que tivesse toda a consistência do real, sem contudo ser verificável pela experiência externa, uma categoria que pudesse ser designada, numa primeira aproximação, como "estrutural".

A partir desse momento histórico de 1897, constatar-se-ão, ao longo da obra freudiana, numerosas oscilações relativas à sedução e, mais geralmente, à realidade das cenas sexuais primárias. Não faremos o histórico dessas variações (2) que pelo simples fato de existirem mostram que Freud não domina de maneira definitiva a categoria da "realidade psíquica"; assim, embora afirme que afinal pouco importa se o que é encontrado é realidade ou fantasia, pois que a fantasia também possui uma realidade, ele não desiste de seguir a pista das provas reais do que se passou na infância. Lembremos apenas que a maior referência, a esse respeito, é a análise do "homem dos lobos" e a discussão, que ocupa tantas páginas nessa observação, para saber se a "cena originária" — o espetáculo do coito parental — foi realmente observada pelo paciente, ou simplesmente refabricada a partir de acontecimentos posteriores ou de índices absolutamente mínimos.

Entretanto, apesar da constante oscilação entre termos tais como: realidade, imaginação pura, reconstrução retrospectiva, etc., Freud afirmará sempre e cada vez mais, a sedução como um fato, a ponto de apresentá-la, ao final de sua obra, (nas *Novas Conferências*) como um dado quase universal: há, na realidade, uma sedução à qual não escapa praticamente nenhum ser humano — a sedução dos cuidados maternos. Os primeiros gestos da mãe na sua relação com a criança são necessariamente impregnados de sexualidade, constatação que coincide com o que formulamos a respeito da polarização da sexualidade infantil nas "zonas erógenas" (1).

1. Ver o artigo cujo título, por si só, é significativo: "La Psychanalyse et l'établissement des faits en matière judiciaire par une méthode diagnostique." Trad. fr., in: *Essais de psychanalyse appliquée*, Paris, Gallimard, 1933, pp. 45-58.
2. Cf. sobre esse assunto, Laplanche, J. et Pontalis, J. B., "Fantasme originaire, fantasmes des origines, origine du fantasme" (Fantasia originária, fantasias das origens, origem da fantasia), in *Les Temps Modernes*, abril 1964, nº 215, pp. 1833-68.

Deixemos agora de lado a sedução como *cena*, para voltarmos à *teoria* da sedução. "*Proton-pseudos*": primeira mentira, primeira mentira histérica. As histéricas mentem — nós o sabemos mesmo antes de Freud. Acabamos de constatá-lo, e concordamos com ele, uma vez que elas propõem como uma cena, supostamente pertencente à sua infância, algo que muitas vezes nos leva a pensar que se trata de pura e simples imaginação. Elas tomaram sua imaginação por uma realidade, e, mais profundamente, traduziram — de acordo com certas regras de transposição — seu desejo numa realidade: aqui, naquilo que chamamos de "fantasia originária" de sedução, é seu próprio desejo de seduzir o pai que elas traduziram, de modo invertido, numa cena real de sedução *pelo* pai. Pelo termo "proton pseudos", entretanto, não é uma mentira subjetiva que nos é apresentada, mas uma espécie de passagem do subjetivo à "realidade" fundadora, ou mesmo, poder-se-ia dizer, ao transcendental; de qualquer modo, uma mentira objetiva inscrita nos fatos. A psicanálise, de imediato e definitivamente, ultrapassa a pobreza da "clínica" oficial que nunca deixou de referir-se à má fé e à simulação para explicar o que chama de "pitiatismo". Se as histéricas mentem, são elas, especialmente, as primeiras vítimas de uma espécie de mentira ou engano. Não é que alguém minta para elas, mas é como se existisse, nos próprios fatos uma espécie de engano fundamental, para o qual propomos o termo "falácia". "Primeira falácia", talvez assim se pudesse traduzir, em sua especificidade, o "proton pseudos".

A teoria da sedução ou da "primeira falácia" é uma teoria do recalque, logo, de uma modalidade maior da defesa, e, no *Projeto para uma psicologia científica*, que tem como proposta a construção de uma *psicologia*, o problema é colocado no âmbito mais geral de uma psicologia da defesa. É por comparação com as modalidades normais da defesa que a especificidade do recalque será definida por Freud. A observação psicológica nos permite, com efeito, descrever numerosos casos — defesa contra percepções ou recordações penosas, por exemplo — onde são utilizados mecanismos psicológicos normais, limitados e bem situáveis. Esses mecanismos põem em jogo diferentes fatores: função de atenção do ego; atenuação progressiva pela repetição e pela descarga fracionada; estabelecimento de conexões associativas que permitem ligar a recordação demasiadamente "carregada" a outras recordações e a outras idéias, o que leva a englobá-la num fluxo mental onde sua carga é progressivamente repartida e diluída. Esse último fator constitui o que Freud já denominava de "elaboração", processo que permanece ainda, com a denominação de elaboração ou de "perlaboração", um dos elementos acionadores da cura psicanalítica: fazer entrar na corrente da vida mental alguma coisa que estava até então isolada e enquistada. Ora, se esse mecanismo da elaboração é utilizado de maneira normal, acontece, que em certos casos, o sujeito não pode recorrer a ele... Mas, citemos primeiramente uma passagem, entre muitas outras, onde Freud descreve o mecanismo de defesa dita normal:

1. Cf. anteriormente pp. 30-31 e nota (1), p. 39.

"Certas recordações podem, em outras circunstâncias, desencadear desprazer. O fato é inteiramente normal quando se trata de recordações recentes. Quando o traumatismo (experiência de dor) se produz pela primeira vez numa época em que o ego já está formado [e este é o ponto importante: quando o ego está presente *desde o início do processo,* a defesa se realiza geralmente de maneira "normal"] — pois os primeiros traumatismos escapam inteiramente ao ego — há liberação de desprazer, mas o ego já trabalha e faz então investimentos laterais [trata-se aí de um processo de inibição destinado a impedir que as descargas se produzam de maneira não controlada (1)]. Quando, posteriormente, se repete o investimento do traço mnésico [ou seja, quando a recordação penosa é reativada], o desprazer também se repete, mas as facilitações do ego já existem [o ego, para usar uma expressão corrente, já está habituado]; a experiência mostra que, numa segunda vez, a liberação de desprazer diminui, até o momento em que, depois de muitas repetições, ela se reduz a um sinal cuja intensidade o ego é capaz de suportar [o essencial é, pois, que desde o primeiro desencadeamento do desprazer, tenha início um processo que conduza posteriormente a uma atenuação progressiva]. É necessário, pois, que na ocasião da primeira *liberação de desprazer,* haja inibição do ego, a fim de que o processo não se efetue ao modo de uma experiência afetiva primária "póstuma" [veremos mais adiante o que significa o termo "póstuma"] (2).

Poder-se-ia citar muitas outras passagens que correspondem cada vez a uma nova tentativa — pois Freud, no *Entwurf,* procede por aproximações sucessivas sem pretender elaborar um tratado acabado — para explicar como se desenvolve essa "defesa normal" pelo "ego".

Mas a problemática do segundo capítulo, capítulo consagrado à psicopatologia, não é a defesa normal, mas a *defesa histérica.* Acontece no histérico, que a recordação é impedida da possibilidade de uma defesa normal por atenuação; impedida de toda elaboração, nenhuma rede associativa a liga (se tomamos ao pé da letra as afirmações de Freud) ao resto da vida psíquica. Para compreender-se melhor esse raciocínio, é necessária a intervenção de dois termos: de um lado a cena recalcada, a recordação desagradável; de outro, uma recordação concomitante, aparentemente acessória, uma circunstância contingente do acontecimento traumático que, esta sim, permaneceu na memória como sintoma ou "símbolo" da cena primeira, ao passo que esta última não pode ser trazida à consciência. A ligação entre as duas cenas não pode ser conscientemente mantida, como se, utilizando termos de hidráulica ou de "economia psíquica", toda a "carga" passasse constantemente de uma para outra, como se a recordação inconsciente não pudesse guardar uma carga suficiente, mas transmitisse diretamente e como que a "todo vapor" sem nenhuma restrição e de modo imediato, todo seu afeto à recordação consciente. Assim, nos *Estudos sobre a histeria,* uma doente, Katarina, vê durante suas crises de angústia um rosto ao qual ela é absolutamente incapaz de associar o que quer que seja, um rosto inteiramente sem significação, mas que se torna na verdade o ponto crucial da angústia. Correlativamente, a cena que provocou primeiro a angústia, e durante a qual esse rosto tinha sido percebido de maneira extrínseca, essa cena permanece inacessível. Qualquer nova percepção que venha irritar a recordação inconsciente do acontecimento traumático, qualquer novo traumatismo em eco, faz surgir no espírito não a cena em si mesma, mas o símbolo da cena e unicamente ele. Freud propõe para tudo isso um esquema, designando por A e B os dois elementos: de um lado, a circunstância exterior, de outro, a cena que de fato motivou o recalque:

"A é uma representação de intensidade excessiva que surge muitas vezes no consciente provocando, sempre, lágrimas [no caso dos *Estudos sobre a histeria,* que citamos há pouco, o sintoma consistia numa crise de angústia. Nesse exemplo, A seria o rosto que aparece a Katarina, como uma verdadeira alucinação, e que está ligado à angústia]. O sujeito ignora por que A o leva a chorar e considera essa reação como absurda, sem contudo conseguir impedi-la". (1)

O que acaba de ser descrito é o estado de antes da análise, enquanto existe o sintoma. Examinemos agora a situação depois da análise:

"Descobriu-se a existência de uma certa representação B [digamos, uma cena], que, com razão, provoca lágrimas, e que, com razão, se repete freqüentemente até o momento em que o sujeito pode realizar, contra ela, um trabalho psíquico complicado. [Esse trabalho psíquico, que indicávamos acima, é um trabalho de conexão. É essencialmente desta maneira que é concebido na época o trabalho de análise. Logo, a cena B, que justificava efetivamente as lágrimas, é reencontrada pela análise e trabalhada até o momento em que não causa mais danos]. O efeito de B não é absurdo, o sujeito o compreende e pode combatê-lo."

"B [digamos, a cena principal] tem certos pontos de contato com A [o símbolo mnésico]. Produziu-se um determinado acontecimento consistindo em A + B. A representava uma circunstância acessória, enquanto B possuía tudo o que era necessário para produzir um efeito durável. Quando surge a recordação desse acontecimento, tudo se passa como se A tivesse tomado o lugar de B. A tornou-se o substituto, o *símbolo* de B. Daí a impressão de absurdo, pois que A vem acompanhado de conseqüências que não merece e que não se adaptam a ele". (2)

Resumindo, assistimos ao recalque de uma determinada recordação e, em seu lugar, surge um sintoma concebido efetivamente como o símbolo da recordação recalcada, um símbolo absolutamente extrínseco e, de modo eventual, inteiramente acessório em relação à recordação. Mas agora Freud vai mais longe e coloca novamente o problema em relação ao funcionamento normal:

"Os símbolos se formam também de maneira normal. Um soldado pode sacrificar-se por um pedaço de pano multicor amarrado a uma haste [alguma coisa, pois, inteiramente extrínseca: uma bandeira], porque este pano é o símbolo de sua pátria, e ninguém considera esse fato como neurótico... O cavaleiro que luta por sua

1. Cf. mais adiante pp. 67-69.
2. Freud, S., *Esquisse d'une psychologie scientifique.* In *Naissance de la Psychanalyse.* Trad. fr. P.U.F., 1956, Paris, p. 369. Ed. al. p. 438. As observações entre colchetes são de J. Laplanche.

1. Ibidem, trad. fr., p. 360, al., p. 428
2. Ibidem, trad. fr. pp. 360-361. al., pp. 428-429.

dama, bem sabe que a luva deve seu valor à sua dona, e por outro lado, o valor que ele dá à luva, não o impede, em absoluto, de pensar na dama e de servi-la de outra maneira." (1)

Assim, nesses dois exemplos de símbolo "normal", o que nos distancia da histeria, é que a recordação do simbolizado continua presente, o simbolizado permanece investido; não fosse assim, estaríamos diante deste absurdo (que aliás não é inimaginável!): um soldado capaz de morrer pela bandeira, um cavaleiro sacrificando-se por uma luva, esquecendo-se completamente da pátria e da dama que se acham atrás desses símbolos.

"O histérico, que chora por causa de A, ignora que se trata de uma associação entre A e B; B parece não ter nenhum papel em sua vida psíquica. O símbolo, nesse caso, substitui completamente o objeto". (2)

É claro que podemos dizer que todo esse raciocínio permanece num quadro "associacionista", mas é preciso saber que o modo como funcionam essas "associações" é muito especial: no caso acima, o simbolizado esvaziou completamente toda a sua carga, todo o afeto que ele provoca naquilo que o simboliza. Quando utilizamos o termo "esvaziou", estamos retomando uma expressão de conotação econômica empregada por Freud na passagem que se segue imediatamente. Apreende-se aí um dos momentos em que os conceitos econômicos surgem da experiência clínica; tais conceitos, para Freud, não fazem senão traduzir, de modo imediato, o que ele constata do jogo do afeto e da representação. Eis a explicação do fenômeno do ponto de vista econômico:

"O termo "intensidade excessiva" designa um caráter quantitativo. Tudo leva a supor que o recalque tem, do ponto de vista quantitativo, o sentido de uma subtração de quantidade e que a soma dos dois [isto é: investimento do símbolo + investimento do recalcado] é igual ao normal. [Isso significa que há sempre a mesma quantidade de afeto, a mesma quantidade de angústia, ou, poder-se-ia dizer, a mesma "quantidade de lágrimas" em cada caso, e que a soma A + B deve produzir sempre o mesmo afeto. Mas, o que se constata e merece explicação, é que é ora um, ora outro, ou às vezes uma repartição entre os dois, que provoca o afeto]. Apenas a repartição da quantidade foi modificada. Alguma coisa acrescentada a A foi retirada de B [B viu-se completamente esvaziado de toda energia psíquica ou, para utilizar um termo mais técnico, desinvestido]. O processo patológico é um processo de *deslocamento,* semelhante ao que conhecemos nos sonhos; é, pois, um processo primário." (3)

Até agora seguimos Freud utilizando como exemplo a histeria, mas poderíamos igualmente, apoiarmo-nos no exemplo de símbolo no *sonho*. Exatamente como o histérico, o sujeito que sonha é capaz de experimentar angústia, desejo ou dor diante de uma representação que não parece suscetível de motivá-los. Descobrimos, pela análise dos sonhos, que atrás dessas representações existem outras, completamente ausentes do sonho, "latentes", inteiramente "esvaziadas", tanto que a representação presente, o conteúdo manifesto, o símbolo do sonho, somente eles parecem ser a causa de um afeto totalmente absurdo, irracional. É esse o modelo do que Freud chama de "processo primário", isto é, um *deslocamento completo do afeto,* um deslocamento — como formulávamos há pouco — "pleno" ou "a todo vapor", uma comunicação completa, resultando no fato de que uma representação ligada a uma outra não conserva nada do interesse psíquico que lhe pertencia, mas transmita completamente esse interesse psíquico à segunda representação.

1. Ibidem, trad. fr., p. 361, al., p. 429.
2. Ibidem, trad. fr., p. 361, al., p. 429.
3. Ibidem, trad. fr., p. 361, al., p. 429.

O processo primário foi descoberto em primeiro lugar nos fenômenos de desejo. É no nível do sonho, como realização de desejo, que suas "leis" se manifestam mais claramente. Ora, com o recalque, estamos diante de *um processo primário que rege não tanto o desejo, mas o mecanismo de defesa.* A defesa é um mecanismo posto em ação pelo "ego", instância cuja função é exatamente a de moderar a circulação desenfreada do afeto que é própria do processo primário, de fazer, por exemplo, que quando digo A é igual a B, retenho ao mesmo tempo alguma coisa de A sem passar inteiramente a B. Como explicar, pois, que um mecanismo, que depende diretamente do ego possa ser ao mesmo tempo regido pelo processo primário? Como é possível essa defesa patológica que, em suma, funciona segundo as leis do desejo? Com essa pergunta chegamos ao cerne do problema; o passo seguinte, para resolvê-lo, consiste em mostrar que *tal defesa patológica só se produz quando apoiada numa recordação de ordem sexual.*

É preciso que a "cena" pertença de algum modo ao domínio da sexualidade e veremos como; e muito mais, veremos que serão necessárias duas cenas, e não apenas uma. É na defasagem entre elas, e numa espécie de impressionante jogo de prestidigitação que provocam, que se produz a mentira objetiva que traduzimos por "falácia". Para essa demonstração, Freud relata brevemente o caso de uma paciente da qual ele não fala em outro lugar, e que designa com o nome de Emma. Emma sofre de fobia, cujo único sintoma, na sua grande simplicidade, é o medo de entrar sozinha nas lojas. Nessa histérica, Freud revela duas cenas (uma vez que se trata sempre de "cenas": quadros ou cenários). Ele as descreve na ordem de sua descoberta, que é a ordem retroativa da análise: de um lado uma cena consciente, acontecida entre os 12 a 13 anos, de outro uma cena que só será revelada pela análise, cena anterior, que poderia estar situada por volta dos 8 anos de idade. Ao contrário de Freud, vamos considerá-las em sua ordem cronológica.

Quando falamos de *"primeira cena",* sabemos, é claro, que Freud, e os psicanalistas depois dele, não se satisfazem com recordações que consideramos muito tardias. Mas, o que nos interessa aqui, é muito mais o *esquema seqüencial* que a idade à qual essas cenas são atribuídas. Assim, a cena "mais antiga", a que estava recalcada e que a análise conseguiu revelar, tem como protagonista um comerciante, proprietário de uma mercearia, e que comete contra a pequena Emma o que Freud chama de "atentado sexual".

"Com a idade de 8 anos, ela entrara sozinha duas vezes numa mercearia para comprar gulodices e o comerciante tocara-lhe os órgãos genitais com a mão, por cima do pano de seu vestido. Apesar desse primeiro incidente, ela voltou à mercearia

uma segunda vez, e depois deixou de ir lá. Atualmente ela se reprova de haver voltado à mercearia, como se tivesse querido provocar novamente o atentado. De fato, a "má consciência que a oprime" deve ser relacionada a esse incidente." (1)

Consideremos, no momento, apenas dois pontos: o caráter *repetitivo* da cena e a interpretação *invertida* que se pode propor e que, posteriormente, não deixaremos de dar. É claro que houve atentado sexual da parte do adulto, mas, pode-se dizer, igualmente, que houve, em sentido contrário, sedução por parte da garota, já que ela voltou à mercearia, evidentemente, para submeter-se de novo ao mesmo tipo de gesto. Na medida em que a recordação e a fantasia tanto podem condensar numa só cena vários acontecimentos sucessivos, quanto *distribuir* numa seqüência temporal algo vivido simultaneamente, nada impede de se perguntar se, *desde a primeira vez*, a garota não foi à mercearia, movida por algum obscuro pressentimento sexual. A separação, o isolamento, a clivagem servem, na recordação, para eliminar o sentimento de culpa.

A *segunda cena*, por sua vez, não comporta, aparentemente, nenhuma incidência sexual, e a doente relatou-a de imediato, apontando-a como a origem de sua fobia:

"Segundo ela, a responsável por esta era uma recordação de seus treze anos, pouco depois da puberdade (2). Tendo entrado numa loja para comprar alguma coisa, percebeu os dois balconistas (ela se lembra de um deles) às risadas. Tomada de uma espécie de *afeto de terror*, ela saiu precipitadamente." (3)

Dois vendedores, pois que talvez tenham zombado dela numa loja, por causa de sua maneira de vestir-se. Indiquemos, sem mais tardar, o resultado da dialética que vai se estabelecer entre as duas cenas: a primeira, a que comporta uma significação sexual, será recalcada e, conforme o esquema que nos mostrava o termo B substituído por um termo A, encontrar-se-á em seu lugar o sintoma ou símbolo mnésico: uma certa fobia das lojas. Entre essas duas cenas, Freud estabelece uma rede de conexões, resumida num esquema gráfico do tipo dos que se pode estabelecer, por exemplo, a respeito de um sonho. Indica quais são os elos associativos entre os elementos da cena consciente e os da cena que estava inconsciente, elos associativos que têm, também eles, aparência inteiramente extrínseca, anódina e, de qualquer modo, não sexuais: por um lado, as roupas, por outro, o riso, o riso dos dois vendedores, que encontra seu equivalente, ou seu correspondente, numa espécie de careta que fazia a dona da mercearia, na primeira cena. Duas cenas, pois, ligadas por cadeias associativas, mas, também, nitidamente separadas uma da outra por uma *barreira temporal que faz com que elas apareçam em duas esferas diferentes de significação: o momento da puberdade*. Este é, na teoria do *proton pseudos*, o fator capital: entre as duas cenas um elemento inteiramente novo apareceu — a possibilidade de reação sexual. E quando falamos de "reação sexual", não evocamos apenas a possibilidade de reações fisiológicas novas, mas, paralelamente, a existência de representações sexuais. Em outras palavras, na ocasião da primeira cena, a jovem Emma é incapaz de relacionar o que se passou com qualquer coisa que tenha nela um correspondente. Na segunda cena, ao contrário, ela tem as representações que lhe permitem compreender o que é um atentado sexual.

A intervenção da puberdade introduz uma curiosa inversão das duas cenas. Pode-se dizer, e esses são quase os mesmos termos de Freud, que na primeira cena temos um conteúdo sexual, pelo comportamento explícito do protagonista adulto, mas que é um conteúdo sexual como que *em si*, e não *para o sujeito*. A cena é sexual para um espectador de fora, ou na intenção do dono da mercearia. Para a criança, ela não pode ter plenamente essa significação. Uma cena, pois, que não tem um efeito sexual imediato, que não produz excitação, que não provoca defesa; o termo que Freud utiliza para caracterizá-la bem traduz essa natureza ambígua ou mesmo contraditória: é uma cena *"sexual-pré-sexual."* Por sua vez, à segunda cena, poder-se-ia também dizer, falta a sexualidade, pois que se trata, justamente, de circunstâncias aparentemente banais, o fato de dois vendedores se rirem da roupa de uma adolescente. Talvez fosse possível discorrer sobre a atmosfera sexual subjacente a essa cena (gargalhada — fuga, etc.). O que é certo é que não há atentado sexual. Ora, essa cena, qualquer que seja o modo como ela tenha se passado, vai reativar a recordação da primeira cena e, através dessa recordação, "liberar" ou "desencadear" (*entbinden*) uma reação sexual em sua dupla forma: de um lado, uma excitação fisiológica, de outro, um conjunto de representações que a jovem Emma, já na puberdade, tem doravante à sua disposição.

Eis agora como Freud sintetiza a relação entre as duas cenas, e como chega à conclusão de que a *recordação* da primeira cena, no momento em que ocorre a segunda, não pode ser objeto de uma defesa "normal" (uma defesa por conexão e atenuação), mas que deve sofrer uma defesa atípica ou patológica:

"Digamos que não é nada surpreendente ver uma associação passar por um certo número de elos intermediários inconscientes, para terminar num elo consciente na forma em que se produziu aqui. O elemento que se tornou consciente é talvez o que tenha suscitado o maior interesse. Mas, justamente, o que é mais notável no nosso exemplo, é o fato de que o que penetrou no consciente não foi o elo que despertou interesse (o atentado), mas um outro elemento, enquanto símbolo (as roupas). [A cena primeira, pois, não penetrou no consciente com toda sua significação de atentado, mas por um elemento completamente exterior — as roupas]. Onde procurar a causa do processo patológico que se intercala aqui? Uma única resposta é possível: a causa está na *libertação* [*da excitação*] *sexual* que se constata igualmente no consciente. Essa liberação de sexualidade está ligada à recordação do atentado, mas é preciso considerar um fato capital, ou seja, essa descarga não esteve ligada ao atentado no momento em que ele aconteceu [a primeira cena nada provocou]. Encontramos aí o exemplo de uma recordação suscitando um afeto que o próprio incidente não havia suscitado; acontece que no intervalo de tempo, mudanças provocadas pela puberdade tornaram possível uma nova compreensão dos fatos rememorados. Esse caso nos apresenta um quadro típico do recalque histérico. Sem-

1. Ibidem, trad. fr., pp. 364-5, al. p. 433.
2. A tradução francesa diz: "pouco antes da puberdade", o que torna o raciocínio inteiramente incompreensível.
3. Ibidem, trad. fr., p. 364, al., p. 433.

pre descobrimos o seguinte: uma recordação é recalcada e não se transforma em traumatismo senão posteriormente [isto é o essencial do raciocínio: procuramos a pista do traumatismo, ora, a recordação traumatizante só o foi secundariamente: não chegamos a detectar historicamente o acontecimento traumatizante. Poder-se-ia ilustrar esse fato com a imagem de uma "relação de indeterminação", tipo Heisenberg: se quisermos localizar o trauma, não poderemos mais apreciar seu impacto traumatizante e vice-versa]. A razão desse estado de coisas está na época tardia da puberdade, em comparação com o resto da evolução do indivíduo." (1)

"Traumatismo" é uma noção em torno da qual gravita o pensamento de Freud nessa época, desde sua colaboração com Breuer e já desde os anos em que sofre a influência de Charcot. Reportar a histeria a um traumatismo — este é o problema. Mas o modelo do traumatismo físico, como efracção de origem externa, é muito insuficiente quando se trata do traumatismo psíquico. A explicação só pode ser satisfatória utilizando-se um esquema em dois tempos: pode-se dizer, num sentido, que o traumatismo acha-se inteiramente no jogo da "falácia" que produz uma espécie de báscula entre os dois acontecimentos. Nenhum dos dois acontecimentos é, em si mesmo, traumático, nenhum deles produz afluxo de excitação. O primeiro? Ele não provoca nada, nem excitação, nem reação, nem simbolização ou elaboração psíquica. Já apontamos as razões disto: a criança, na época em que foi objeto do atentado por parte do adulto, não possuiria ainda as representações necessárias à sua compreensão. Poder-se-ia, então, legitimamente perguntar qual o estatuto psicológico da recordação da primeira cena, no intervalo de tempo que a separa da segunda. Parece que, para Freud, ela não persiste nem no estado consciente, nem propriamente no estado recalcado; ela permanece à espera, como que no limbo, num canto do "pré-consciente"; o essencial é que ela não está ligada ao resto da vida psíquica. Assistimos à formação do que é designado, nos *Estudos sobre a histeria,* pelo termo de "grupo psíquico separado".

Se o primeiro acontecimento não é traumático, o segundo menos ainda, se é que se pode dizer assim. Trata-se, desta vez, de um acontecimento não sexual, uma cena banal da vida quotidiana: ir a uma loja onde estão dois vendedores que talvez tenham disparado a rir, sem razão. E, entretanto, é esta segunda cena que provoca a excitação, despertando a recordação da primeira: essa recordação age doravante como um verdadeiro "corpo estranho interno", atacando agora o sujeito do interior, provocando nele a excitação sexual.

Para provar que tal explicação não está ligada a um momento passageiro da teoria freudiana, poderíamos apresentar uma série de passagens e mesmo o conjunto de textos desse período. Citemos apenas um fragmento dos *Estudos sobre a histeria* que retoma a mesma idéia, mas que só se esclarece à luz das explicitações das cartas a Fliess e do *Projeto para uma psicologia científica:*

"A relação causal do traumatismo psíquico determinante com o fenômeno histérico não é suficiente para que o trauma produza o sintoma como um agente *provocador,* sintoma que subsistiria em seguida de maneira independente. [O acontecimento não desencadearia, pois, um sintoma que persistiria por si mesmo. Veremos que o que persiste não é o sintoma, ou melhor, o sintoma só persiste porque há outra coisa que persiste.] Deveríamos antes afirmar que o trauma psíquico, ou melhor, sua recordação [o que é traumatizante, no sentido próprio, não é o acontecimento que chamamos de modo impróprio trauma psíquico, mas a recordação] age como um corpo estranho que permanece ativo muito tempo depois de sua penetração". (1)

1. Ibidem, trad. fr., p. 366, al., p. 435. As observações entre colchetes são de J. Laplanche.

De modelo traumático físico, passamos ao traumatismo psíquico, não por uma analogia qualquer, vaga e impensada, de um domínio a outro, mas por um movimento preciso: a passagem do externo ao interno. O que define o traumatismo psíquico não é uma qualidade geral do psiquismo, mas o fato de que o traumatismo psíquico vem do interior. Formou-se uma espécie de *externo-interno,* um "espinho na carne" ou, um verdadeiro espinho na *crosta do ego.* A antiga formulação de Breuer e Freud significa exatamente a mesma coisa, na sua aparente banalidade: "as histéricas sofrem de reminiscência"; pois as reminiscências estão aí, como um objeto interior que ataca constantemente o ego. A reminiscência, ou fantasia, no exemplo de Emma, é a interiorização da primeira "cena". Assim, preservada de todo desgaste pela ação do processo de recalque, a fantasia torna-se fonte permanente de excitação livre. Através do desvio da cena fantasmática introjetada, reencontramos a noção de *fonte* da pulsão, comentada na conferência precedente a partir de uma base muito diferente, apoiando-nos no desenvolvimento "biológico" que nos é apresentado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* Tudo vem do exterior, pode-se afirmar, na teoria freudiana, mas, ao mesmo tempo, toda a força vem do interior, de um interior isolado e enquistado.

Citaremos, para terminar a conclusão do capítulo sobre o *proton pseudos,* onde novamente a defesa normal se opõe a esta quase impossibilidade de defesa, ou a esta defesa cataclísmica que é o recalque histérico:

"Cabe, pois, ao ego impedir qualquer liberação de afeto que permita o desenvolvimento de um processo primário. O melhor instrumento de que ele dispõe para isso é o mecanismo da atenção. Quando um investimento liberador de desprazer é capaz de escapar à atenção, a intervenção do ego torna-se tardia demais. É justamente o que acontece no caso do *proton pseudos* histérico. [A chave da explicação será a incapacidade do ego para pôr em ação os mecanismos normais da atenção e isso na medida em que o ego é "atacado", poder-se-ia dizer, pelo lado onde "não esperava". Suas defesas estão orientadas em direção da percepção. Aqui elas se vêem atacadas como que pelas costas. Voltaremos a explicar esta terminologia "antropomórfica" e aparentemente muito ingênua.] A atenção é um dispositivo voltado para as percepções, pois que, geralmente, elas é que são suscetíveis de provocar uma liberação de desprazer. Mas, nesse caso, é um traço mnésico e não uma percepção que, inesperadamente, libera desprazer, e o ego só descobre isso tarde demais, porque não o esperava; ele deixou desenvolver-se um processo primário. Ter-se-ia assim confirmada a

1. Freud, S. e Breuer, J., *Etudes sur l'hystérie,* G.W., I, p. 85. Trad. fr., Paris, P.U.F., 1956, pp. 3-4. As observações entre colchetes são de J. Laplanche.

importância de uma das condições necessárias que a experiência clínica nos fez conhecer: *o atraso da puberdade torna possíveis processos primários póstumos.*" (1)

Todo esse desenvolvimento pode, num sentido, parecer bastante "histórico" e por isso anacrônico, em relação ao que sabemos hoje — ou ao que acreditamos saber — em psicanálise, sobre a psicologia das pulsões e sobretudo da psicologia do ego. Eis por que levantamos, para concluir, uma série de questões com o objetivo de tornar mais perceptível o caráter ainda atual dessa teoria freudiana.

Primeira questão: *por que a sexualidade?* A resposta de Freud é que somente a sexualidade é susceptível de se prestar a essa ação em dois tempos, que é também uma ação "a posteriori". É aí, e somente aí, que encontramos este jogo complexo e sempre repetido, no interior de uma sucessão temporal feita de oportunidades perdidas, de "cedo demais" e de "tarde demais". Fundamentalmente, trata-se da relação, no ser humano, entre sua "aculturação" e sua sexualidade "biológica", desde que se compreenda bem que esta já é, por sua vez, parcialmente "desnaturada". Tarde demais? É a sexualidade biológica, com suas etapas de maturação e essencialmente, o momento da puberdade; essa sexualidade orgânica vem tarde demais, não oferecendo à criança (que constitui o assunto principal dos *Três ensaios*) correspondentes "afetivos" e "representativos" suficientes para integrar a cena sexual e "compreendê-la". Mas, ao mesmo tempo, a sexualidade vem cedo demais como relação inter-humana; ela vem como que do exterior, trazida pelo mundo do adulto.

Uma segunda questão liga-se a essa: se o essencial do esquema freudiano remete a essa dialética do cedo demais e do tarde demais da puberdade e, finalmente, do ritmo de instauração da sexualidade no homem, o valor da explicação não poderia subsistir independente do problema de fato, colocado pela *realidade efetiva da sedução?* Lembrávamos anteriormente, quando nos referíamos à sedução como cena e não como teoria, que Freud, até o fim de sua obra, continuou defendendo a realidade das cenas da sedução. Freqüentemente ele volta a isso, não sem modificar suas afirmações: finalmente, independente das cenas da sedução pelo pai e da sedução de natureza claramente genital, é à sedução dos cuidados maternos que ele se refere como a um *primeiro modelo.* Tais cuidados, polarizando-se em certas regiões corporais contribuem para *defini-las* como zonas erógenas, zonas de troca que pedem e provocam a excitação, para em seguida reproduzi-la, de maneira autônoma, pelo estímulo *interno.*

É, pois, a partir da excitação provocada pelos cuidados maternos que podemos imaginar o que é originariamente a sedução. Aqui, porém, é necessário ir mais longe e não nos atermos à pura materialidade dos gestos excitantes, se é que podemos conceber isoladamente essa "materialidade". Deve-se considerar, com efeito, que, independente de tal vivência contingente e fugitiva, é a intromissão, no universo da criança, de certas significações do mundo adulto que é veiculada pelos gestos aparentemente mais quotidianos e mais inocentes. Toda relação intersubjetiva primitiva, a relação mãe-criança, é portadora dessas significações. É esse, cremos, o sen-

1. Freud, S. in *Naissance de la psychanalyse.* Trad. fr., Paris, P.U.F. 1956, pp. 368-369. Al., p. 438. As observações entre colchetes são de Laplanche.

tido mais profundo da teoria da sedução e, sobretudo, é o sentido que Freud finalmente atribuiu à própria noção de sedução:

"As relações da criança com as pessoas que cuidam dela são uma fonte contínua de excitação e de satisfação partindo das zonas erógenas. E isso é tanto mais verdadeiro se considerarmos que a pessoa encarregada da criança — geralmente a mãe — trata-a com sentimentos que derivam de sua própria vida sexual, acaricia-a, beija-a, embala-a e carrega-a, tomando-a como um substituto, é evidente, de um objeto sexual de pleno direito." (1)

Ressaltemos, além disso, que o interesse pela sedução não se limitará unicamente a Freud: a noção será retomada por alguns discípulos e sucessores, sobretudo por um deles, de espírito mais penetrante: Ferenczi. Em seu artigo sobre a "Confusão das línguas entre a criança e o adulto" (2), apresenta a mesma idéia sob a forma de uma grande oposição entre o universo da criança — caracterizado pelo que o autor chama de "ternura" — e o universo do adulto onde reinaria a "paixão". Por paixão Ferenczi quer dizer sexualidade, não apenas no que ela comporta de elementos agressivos explícitos, mas também em virtude do "negativo" que está como que intrinsecamente misturado com ela: negativo do gozo levado até a eliminação do orgasmo, negativo do interdito, daquilo que não se deve fazer e sobretudo do que não se deve dizer. Segundo ele, a linguagem da ternura e a linguagem da paixão vêm se encontrar na criança, e é esse choque que está na origem do traumatismo, do primeiro conflito psíquico.

Habituemo-nos à idéia de que as significações implícitas no menor gesto dos pais são portadoras das fantasias dos mesmos; na verdade, esquece-se, muitas vezes, quando se fala da relação mãe-filho ou da relação pais-filhos, que os pais, por sua vez, tiveram seus próprios pais; eles têm também seus "complexos", seus desejos marcados de historicidade, de modo que, reconstruir o complexo de Édipo da criança como uma situação triangular, esquecendo-se que em dois ângulos do triângulo cada protagonista adulto é, ele próprio, poder-se-ia dizer, portador de seu pequeno triângulo e mesmo de toda uma série de triângulos encaixados uns nos outros, é negligenciar um aspecto essencial da situação. Finalmente, a estrutura edipiana completa é de *imediato presente,* ao mesmo tempo "em si" (na objetividade da configuração familiar), mas sobretudo "no outro", fora da criança. A via de apropriação desse "em si" passa primeiro por uma apreensão — confusa e de certa maneira monstruosa — do complexo no outro primordial (em princípio a mãe).

Entre os sucessores de Freud mais originais e mais abertos à descoberta do inconsciente, faremos referência depois de Firenczi, a Melanie Klein. Conhecemos as "inverossimelhanças" que profere, e a obstinação com a qual a reprovam. Ela pretende introduzir, na cronologia das fases libidinais que Freud estabeleceu, uma alteração singular. Freud ensina, resumidamente, que a criança tem primeiro uma ativi-

1. Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité,* G.W., V., p. 124. Trad. fr., Paris, Gallimard, 1962, p. 133.
2. Ferenczi, "Confusion des langues entre l'enfant et l'adulte"; in Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis. Londres, Hogarth Press, 1955, pp. 156-157.

dade sexual oral, depois uma sexualidade anal, depois uma sexualidade fálica e que é em relação com a sexualidade fálica, entre 4 ou 5 anos de idade, que começa a aparecer o que se chama complexo de Édipo, a problemática da castração e, finalmente a genitalidade. A tal ponto, que para certos psicanalistas, que consideram os fatos de modo talvez um pouco apressado, "edipiano" e "genital" são, às vezes, dados como sinônimos. Assim também, exprimem-se, freqüentemente, como se o "pré-edipiano" — isto é, as relações que precedem a estrutura triangular: criança — mãe — pai — pertencesse igualmente ao domínio do "pré-genital", atuando, pois, unicamente, no registro das atividades sexuais elementares e não genitais que são a oralidade e a analidade. Ora, Melanie Klein introduz aí a mais completa desordem conceitual e cronológica: fala, por exemplo, da incorporação oral do pênis, situa no primeiro ano um complexo de Édipo "precoce", pensa que o pai, ou pelo menos seu pênis, exerce uma função para a criança de alguns meses. Cada proposição, cada interpretação de Melanie Klein vem alterar nossas idéias já adquiridas: não apenas nosso dogmatismo freudiano, mas também nosso "bom senso" (Freud, entretanto, já mostrara o quanto ele podia ser enganador); como uma criança de 6 meses ou de um ano pode temer, por exemplo, uma intrusão, no seu corpo, do pênis do pai, intrusão suscetível de acarretar os maiores desastres: queimadura, dilaceração, devoração do interior, despedaçamento, etc.? A que podem corresponder tais processos ou tais fantasias, que muito poucos elementos, na observação *direta* da criança, vêm corroborar? E, certamente, esta espécie de crueza ou de ingenuidade no enunciado dos cenários mais absurdos pode parecer chocante, sobretudo se não a colocamos em relação com uma *prática da interpretação* na análise da criança. Contudo, mesmo independente de uma tal reconsideração da perspectiva no que concerne ao impacto de uma prática, estamos persuadidos de que existe uma verdade teórica do pensamento kleiniano, um modo de reinterpretá-la buscando o que pode, na "realidade psíquica", constituir seu fundamento. É justamente o fato de que, desde as primeiras relações — sejam elas relações "duais", apenas com a mãe —, o pai estando ausente — e, na realidade, ele o é quase totalmente, como personagem real, para o bebê —, uma certa presença de um terceiro elemento começa a representar um papel. Nesse sentido, o pai está, de imediato, presente, mesmo que a mãe seja viúva: está presente porque a própria mãe teve um pai, porque ela mesma visa a um pênis; e, também sabemos, porque a mãe visa no seu próprio filho e *para além* dele, ao pênis que ela deseja. Essas verdades, que se verificam diariamente na psicanálise da mulher, mas das quais nos esquecemos tão facilmente quando se trata do filho dessa mesma mulher, o kleinismo vem, através de seu desvio fantasmático, relembrarnos.

O que é descrito, de maneira esquemática e quase caricatural, como um *acontecimento* na teoria freudiana do *proton pseudos*, compreendamos que se trata de uma espécie de implantação da sexualidade adulta na criança. Cremos que se pode reinterpretá-lo, não mais como acontecimento, como traumatismo vivido e datável, mas como um fato ao mesmo tempo mais difuso e mais estrutural, um fato também mais originário, no sentido de que ele está tão ligado ao processo de humanização, que é somente por abstração que podemos supor a existência de um pequeno homem "antes" dessa sedução. Porque, evidentemente, falar de uma criança no início

"inocente", é forjar um mito exatamente simétrico ao da sedução. E isso nos leva a uma *terceira observação:*

Propusemo-nos, no início desta segunda conferência, um tema que receamos não haver tratado senão parcialmente: a sexualidade e a ordem vital no conflito. Mantivemos nossa promessa no sentido de que efetivamente nos perguntamos, com Freud e depois dele, como se explica que a sexualidade se encontre no centro do conflito psíquico. Mas, qual é o fator — ou a "força" — que entra em conflito com a sexualidade? Encontramos aí uma série de respostas possíveis, das quais citaremos, primeiro, apenas duas. Primeira solução: se é verdade que estamos efetivamente em presença dessa espécie de efracção da sexualidade humana na ordem vital, se é a "vida" que a sexualidade vem perturbar, não seria o conjunto das forças que protegem essa vida — reunidas no termo de "pulsão de autoconservação" — que se tornariam o motor do recalque? Entretanto — indicamos há pouco — é duvidoso que tenhamos o direito de hipostasiar essa ordem vital, no ser humano, como um "antes", um "*a priori*", ou uma infra-estrutura. Tudo o que sabemos dos mecanismos vitais elementares no bebê, se os compararmos com o que se passa no animal e mesmo no pequeno animal, mostra-nos, ao contrário, o caráter profundamente imaturo dessas funções vitais no ser humano; e é justamente por aí que se introduz a sexualidade.

A segunda resposta, Freud no-la apresenta de imediato em sua obra: o que se opõe à sexualidade, o que é atacado por ela "do interior", é o "ego". Vimos que o sentido de *pseudos,* mentira ou falácia, é *também* que o ego é desviado, tomado de surpresa como por uma astúcia de guerra. O *proton pseudos* é também essa astúcia: o ego é atacado por onde "não esperava", e é vencido, desarmado, entregue ao processo pulsional, a esse processo primário contra o qual ele estava, contudo, inteiramente *constituído.*

Assim, nossa reflexão sobre o conflito e nossa interrogação sobre as forças que se opõem à sexualidade nos conduzem ao tema de nossos próximos dois estudos: a problemática do ego.

3

O ego e a ordem vital

Primeiramente recapitulemos os pontos essenciais de nossa análise, lembrando o resultado dos dois primeiros estudos: a sexualidade surge, no pequeno ser humano, por *desvio e retorno auto-erótico* dos processos vitais. Por outro lado, a sexualidade — tomando-se sempre esse termo na sua acepção "generalizada" — aparece como que *implantada* na criança a partir do universo parental, de suas estruturas, de suas significações e de suas fantasias.

Evidentemente, temos aqui as duas faces de um mesmo processo: interiorização auto-erótica e constituição deste "corpo estranho interno" — a fantasia — fonte contínua da pulsão sexual. Mas, por outro lado, a segunda perspectiva vem corrigir profundamente a primeira. A gênese, no primeiro caso, significaria ainda emergência, processo linear, ou, por assim dizer, uma espécie de produção da sexualidade por todos os processos vitais, o que implicaria, num tempo *anterior* ao auto-erotismo, na existência coerente de uma ordem vital no homem. A segunda perspectiva, ao contrário, só nos permite conceber os fenômenos como destinados à posterioridade e à retroação. A efracção da sexualidade a partir do outro implica, é verdade, numa referência biológica, mas muito especial. Ao contrário do que se pensa, não é através da florescência que a ordem vital resulta na sexualidade, mas é pela sua insuficiência que ela solicita a intrusão do universo adulto. Debilidade, prematuração da ordem vital na criança são termos aos quais estamos habituados já em Freud; eles permitem compreender que, em toda sua extensão, essa "ordem" vital esteja infestada pela "ordem" sexual. *Infestada,* mas também *apoiada.* Por que é necessário que se force freqüentemente as crianças a comer; por que é necessário propor-lhes "uma colher para o papai, uma colher para a mamãe", isto é, uma colher pelo amor do papai, uma colher pelo amor da mamãe, se não é pelo fato de que o apetite é sustentado e substituído, na criança, pelo amor? A prova *em contrário* reside na anorexia

mental, em que a perturbação de ordem sexual induz diretamente a uma perturbação de autoconservação, isto é, da função alimentar.

Voltemos novamente ao problema do conflito. Perguntamo-nos: o que é que a sexualidade ataca: e o que é que, por sua vez, se defende dela? Primeira tentativa de resposta em Freud: temos à nossa disposição um dualismo de forças vitais, de um lado "o amor", de outro, "a fome", de um lado a sexualidade, do outro, a autoconservação. O que se defende nessa perspectiva freudiana é o indivíduo em luta pela sua sobrevivência, sobrevivência que estaria ameaçada pela sexualidade. É preciso admitir que a existência de um tal conflito, entre pulsões sexuais e pulsões ditas de autoconservação, foi constantemente afirmada por Freud, em toda uma parte de sua obra, num determinado período: trata-se, afirma ele, de "uma hipótese que me foi imposta pela análise das puras neuroses de transferência". Talvez ele próprio tenha acabado por convencer-se do valor significativo desse esquema. Mas se se examina mais de perto os escritos clínicos de Freud, e também os de seus discípulos, pode-se dizer que *nunca* essa teoria foi verdadeiramente aplicada à análise concreta do conflito. Um texto apenas, um pequeno texto bem curto sobre *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910), isto é, sobre perturbações aparentadas com a cegueira histérica, desenvolve a idéia de que os órgãos da visão são a sede e o lugar de um conflito entre duas funções: uma função de autoconservação e uma função de excitação sexual. É preciso, contudo, acentuar que nem nesse texto, nem em outros, o conflito *entre* os dois foi verdadeiramente expresso. De preferência diríamos que a função, a autoconservação, a visão, pois, em sua função pura e simples, aparecem aí como o *terreno* do conflito e do sintoma e não como um dos *termos* da oposição. *De um modo geral, pode-se afirmar que há uma grande temeridade, ou uma grande fraqueza na idéia de que a sexualidade possa ameaçar* realmente a vida da criança e sua autoconservação. O que ela ameaça, naturalmente, é uma certa integridade, mas uma integridade que não é *diretamente* a integridade vital. Que se pense, por exemplo, no papel central, na teoria freudiana, não da angústia de morte, mas precisamente, da angústia de castração como ameaça em relação à integridade corporal: isso significa que o que é ameaçado, muito mais que a vida, é *um certo representante da vida,* um certo representante da ordem vital, o que nos conduz doravante à questão do *ego.*

O *conflito do eu e da sexualidade* foi colocado logo de início pela psicanálise e isso desde os primeiros escritos, tanto nos estudos teóricos, quanto nos textos clínicos: nos *Estudos sobre a histeria,* trata-se de uma noção constantemente presente. Resta perguntar-se o que é designado pelo termo "eu", implicado em *Ich.* Inegavelmente, há aí *uma certa* relação com a vida, uma certa articulação com a conservação do indivíduo, ou tornando já mais preciso nosso pensamento, uma certa relação com o *indivíduo vivo,* enquanto totalidade. O eu, diz-se constantemente — e nós nos referimos ainda hoje a esses termos em nossa prática — o eu é uma unidade englobante: atribuímos-lhe uma tendência unitária, uma "função sintética"; concebemo-lo como o representante (delegado de direito ou usurpador?) dos interesses do todo.

É preciso lembrar — e aí está um ponto da história das idéias, não sem importância — que na obra de Freud se pretende separar duas acepções inteiramente dife-

rentes do "eu". Ora, pretendem os "historiadores", Freud fala do "eu" como se fala na vida cotidiana, para designar simplesmente o indivíduo. O eu é, então, o indivíduo tal como se distingue do outro, especialmente o indivíduo biológico, mas também o indivíduo psicológico como lugar do conflito, o que se disputa ("l'enjeu") no conflito mas não parte ativa deste. E, além disso, seria preciso separar desse sentido bastante banal, não "técnico", um sentido propriamente psicanalítico onde o eu, dessa vez, seria tomado como uma parte da totalidade e não mais como a própria totalidade, como uma instância e, por isso mesmo, como um dos protagonistas do conflito que cinde a individualidade.

É verdade que se pode chegar, às vezes, não sem uma certa arbitrariedade, a distinguir essas duas acepções nos escritos freudianos; entretanto, se queremos atribuir aos fatos de linguagem um valor que não seja "puramente verbal", se pensamos que não é nunca sem razão que uma *mesma* palavra é utilizada para designar duas coisas aparentemente diferentes, o problema não estaria na relação das duas "acepções" de uma mesma palavra, e não seria necessário levar em conta o fato de que as utilizamos em certos contextos diferentes? Para passar diretamente dessa questão terminológica geral ao problema essencial, perguntar-nos-emos: como uma "instância", um "sistema", uma "agence" (como é traduzida em inglês) da personalidade pode encontrar-se numa situação na qual tem a delegação das funções do indivíduo, função sendo tomada aqui num sentido mais amplo, para designar tanto as funções elementares (mencionamos anteriormente a alimentação) quanto funções mais elevadas, tais como a "percepção", a "consciência" ou o "pensamento"?

Deparamo-nos aqui com o que chamaremos, posteriormente a M. Foucault, um problema de "derivação" (1). Estamos nos referindo ao deslizamento de sentido de um conceito, quando ele passa sobretudo de um certo uso "não técnico" a uma nova acepção no campo de uma ciência e, tratando-se de psicanálise, no campo da ciência psicanalítica. E o que gostaríamos de fazer sentir é que esse deslizamento de sentido — se ele deve verdadeiramente atingir uma certa profundidade, e se o pensador é um pensador original — deve realizar-se paralelamente a um determinado deslizamento na *própria realidade.* Isso significa que, no caso particular de que estamos tratando, a derivação não é apenas aquela que leva de um sentido da palavra "eu" a um outro (tendo Freud tomado um termo da linguagem do pensamento comum, ou filosófico, utilizando-o de uma maneira muito pessoal), mas também (e sem dúvida originariamente) uma derivação no interior da própria realidade: a derivação nos conceitos talvez tenha seguido caminhos paralelos aos da derivação no próprio ser ou, mais exatamente, no domínio das *entidades* já que são, sem dúvida alguma, entidades que Freud designa pelo termo de "instâncias": o ego mas também o superego ou o id.

Constatamos, nessa derivação, ao mesmo tempo do conceito e do ser, duas dimensões, retomando aqui as distinções feitas, há muito, por aqueles que estudaram a evolução do sentido dos conceitos: uma derivação por contigüidade, denominada,

1. Cf. nosso artigo: "Dérivations des entités psychanalytiques" (Derivação das entidades psicanalíticas) in *Hommage à Jean Hippolyte.* Paris, P.U.F., 1970.

há muito tempo, na linguagem técnica da lingüística ou da retórica, derivação metonímica, e, por outro lado, uma derivação por semelhança, ou derivação metafórica.

O que se quer dizer realmente, quando se fala de derivação metonímica do "eu"? É que entre o eu como indivíduo (no sentido "não técnico") e o eu "instância", como elemento da estrutura psíquica, haveria uma relação que seria justamente uma relação de contigüidade ou, para ser mais exato, uma relação de diferenciação. O ego aparece aqui como um órgão especializado, verdadeiro prolongamento do indivíduo, encarregado, provavelmente, de certas funções particulares, mas o que ele realmente faz é *localizar* alguma coisa que já estava presente desde o início no conjunto do ser vivo. O que designamos como "concepção metonímica do ego" representa a tendência teórica dominante em psicanálise, relativa ao problema do ego. O que se denomina hoje "psicologia do ego"* é, na realidade, uma concepção que faz do eu uma "agência" da pessoa total, diferenciada, essencialmente, sabe-se, em função dos problemas da adaptação. "Psicologia do ego e problema da adaptação", esse é o título de um dos artigos que inaugura essa "psicologia do ego"*, a psicologia do ego é aí inteiramente concebida à luz do problema de adaptação. A "psicologia do ego"* tem o mérito — ou pelo menos a ambição — de querer restabelecer a ponte entre a psicanálise e as descobertas ou as pesquisas da psicologia não psicanalítica, quer seja a psicofisiologia, a psicologia da aprendizagem ou, ainda, a psicologia da criança ou a psicologia social. Em suma, todo o imenso campo do conhecimento e da pesquisa psicológicos deve estar ligado a *alguma coisa* no indivíduo e, já que nós, psicanalistas, soubemos dissecar o indivíduo em diferentes partes, é natural que a psicologia deva inserir-se numa dessas partes; e, certamente, a parte em que ela mais facilmente encontra onde se alojar é o ego. Como definir essa situação do ego enquanto prolongamento especializado do indivíduo? Poder-se-ia fazê-lo, segundo três perspectivas: perspectiva da gênese, perspectiva da situação no conflito neurótico e psicótico, perspectiva, pois, que habitualmente chamamos de "dinâmica", enfim problema, do estatuto econômico do ego, o que leva a perguntar-se de que energia uma instância dispõe no interior do conflito.

Gênese: no interior dessa "psicologia do ego"*, a gênese é uma diferenciação progressiva, "superficial", de um determinado aparelho a partir de um contato com a realidade, contato cujo ponto de partida é concebido como a percepção e a consciência, ponto de junção privilegiado entre o indivíduo orgânico e o mundo exterior.

Tal gênese implica em muitas dificuldades, das quais a menor não é a de saber: *o que se diferencia* assim na superfície? Seria o indivíduo biológico, o ser vivente? Mas então, qual seria a relação dessa "superfície" diferenciada com a superfície do indivíduo que é, na realidade, sua pele? Freud tentou, não sem dificuldade, estabelecer aí uma relação bastante precisa lembrando que em anatomia e em embriologia, o sistema nervoso central é um derivado da superfície cutânea ou, mais exatamente, do ectoderma. Que a pele e o sistema nervoso central tenham uma origem comum, essa constatação tinha, talvez, para Freud, um valor que vai além da *imagem,* mas querendo levar esse raciocínio até suas últimas trincheiras científicas, cair-se-ia logo

* Em inglês no original: *ego psychology.* (Nota da tradução.)

em contradições (1). Ou é o indivíduo "psíquico" que se diferencia, e, nesse caso, o que quer dizer isso? Ou, então, trata-se, talvez, de algo para além da psiquê, o que é designado como "id"? Conhecem-se as hipóteses de um texto inspirado, mas carregado de dificuldades, *Além do princípio de prazer:* retoma-se aí o *modelo* de uma vesícula viva cuja superfície, sob o impacto dos choques provenientes da realidade do mundo exterior, se diferencia, formando uma espécie de invólucro, ao mesmo tempo, perceptivo e protetor. A questão básica que colocávamos há pouco — o que se diferencia na superfície? — coincide exatamente com esta outra interrogação: o que é um *modelo?* Qual é o sentido do modelo *biológico* utilizado por Freud, vesícula protoplásmica ou protozoária? Trata-se de uma "simples" comparação? Ou se trata, ao contrário, de alguma coisa que vai mais longe, que está fundamentada no próprio ser do sujeito?

Lembremos, a respeito de *Além do princípio de prazer* essa curiosa série de formas encaixadas umas nas outras, tendo, cada uma, sua própria superfície protetora-receptora: o corpo e a pele, o aparelho psíquico e o ego, o próprio ego e seu invólucro. E, já que aludimos às dificuldades de uma concepção genética que apresenta o ego como metonímia do organismo, isto é, como prolongamento diferenciado deste, um outro problema, não menos difícil, seria saber — já que entre esses diferentes níveis, é o nível "psíquico" que ocupa o centro de nosso interesse — *através do que é mediatizado, no nível psíquico, esse impacto da realidade* ao qual Freud atribui, às vezes, um papel tão importante. Seria necessário reconhecer, no que se refere à realidade, uma espécie de força própria ao nível do psiquismo e o que isso quer dizer se a realidade é concebida, antes de tudo, como realidade física, como "mundo exterior"? Como essa realidade se transformaria em força "psíquica", suscetível de agir e de *diferenciar* assim nosso psiquismo?

Segundo ponto de vista sobre o ego, o ponto de vista *dinâmico,* o do conflito: pois bem, na *"psicologia do ego"* — queremos dizer com isso a do próprio Freud e não somente a de seus sucessores —, é ainda sobre a realidade que recai a tônica, a propósito do conflito. Nessa perspectiva, atribui-se à realidade a dignidade de uma verdadeira instância, uma instância da qual o ego só faria, por assim dizer, concentrar os efeitos, assegurando um controle progressivo das pulsões. Citaremos em seguida uma passagem de *O Ego e o id,* o texto mais significativo dessa "virada" em direção à psicologia do ego:

"O ego tenta fazer valer a influência do mundo exterior sobre o id e suas tendências, ele procura colocar o princípio de realidade no lugar do princípio de prazer que reina sem restrições no id. *A percepção desempenha, para o ego o papel que cabe à pulsão no id*" (2).

1. O córtex, a substância cinzenta, "sede" da percepção e da consciência, está na *superfície* do cérebro. Mas, do ponto de vista embriológico, ele não é derivado de camadas mais "superficiais" que a substância branca. E, do ponto de vista das vias anatomofisiológicas é ele que se encontra à maior distância dos receptores periféricos. Mas o gênio de Freud é tal que, para descrever estruturas imaginárias, ele se utiliza (com uma desenvoltura exemplar) de uma anatomia imaginária.

2. Freud, S., *Le mai et le ça,* in *Essais de psychanalyse,* Paris, Payot, 1948, p. 179; G.W. vol. XII, p. 252-53. A frase grifada é de autoria de Jean Laplanche.

Isto significa que uma *força própria* é atribuída, no conflito psíquico, à realidade. Não é propriamente o ego que age por suas próprias energias, respeitando as exigências do real, mas é o próprio real que parece desempenhar o papel de uma verdadeira instância; pelo menos no início, antes que a diferenciação do aparelho psíquico se complete. O ego, segundo essa concepção, acha-se atrelado diretamente à realidade, por intermédio do "sistema percepção — consciência" e pelos primeiros aparelhos perceptivos diferenciados, os órgãos dos sentidos. Uma noção como a de *Realitä*tsprüfung — noção que, a nosso ver, é muito mais ambígua caso decidamos aplicá-la a toda a extensão do pensamento freudiano e de nossa experiência — é tomada aqui no seu sentido mais banal, o de uma prova *da* realidade. Nesse aspecto, ela coincide com uma função explorada por outros meios de investigação psicológica: a aprendizagem. E prova *da* realidade, consiste simplesmente em corrigir a distorção imposta à realidade por nossos desejos. Os fracassos dessa prova da realidade fornecem o quadro das diversas afecções psíquicas, tanto em um grau menor, a neurose, quanto em grau maior e demonstrativo, a alucinação psicótica. Costuma-se dizer que, se o ego é bastante forte para fazer prevalecer seu acesso à realidade, a alucinação vê-se *corrigida,* eliminada. Assim, a psicoterapia da alucinação psicótica deveria propor-se como tarefa *reduzir* a ilusão, fazendo apelo ao pouco de energia que resta no ego, tentando desenvolver a "função de realidade" do ego.

Enfim, terceiro ponto desse rápido panorama da "psicologia do ego": qual é, do ponto de vista *econômico,* a força de que ele dispõe? Aqui também o termo chave é o de continuidade: continuidade com as pulsões do id e sobretudo com uma parte dessas pulsões que vão ser denominadas, na "última teoria", pulsões de vida. Essas pulsões de vida encontram-se dessexualizadas no ego; o ego é um transmissor da energia "vital" do id, que ele depura, domina e dirige da melhor maneira possível.

Em oposição à orientação que designamos como metonímica, situemos uma segunda concepção do ego, a que denominamos de "metafórica". Dessa vez, o ego não é concebido como um prolongamento do indivíduo vivo, mas como um *deslocamento* deste, ou de sua imagem, em um *outro lugar,* logo, como uma espécie de realidade intrapsíquica, uma concreção intrapsíquica à imagem do indivíduo. Tratar-se-ia da imagem de "si mesmo"? Assinalemos que alguns autores desejariam introduzir ao lado do ego, a noção de um "si mesmo", "selbst" ou "self" movidos provavelmente pelo sentimento de que haveria no aparelho psíquico um lugar tornado vazio pela concepção puramente *funcional* do ego. Porém, o ponto essencial que já nos é indicado por Freud e que torna inútil, até mesmo falaciosa a distinção entre um "eu" e um "si mesmo", é a constatação de que a gênese do próprio ego é marcada pela imagem, indissoluvelmente ligada, de si mesmo e de outro.

É aqui que se abre todo o campo da identificação. No entanto, não é por essa *gênese* identificatória do ego que começaremos, na medida em que nossa proposta consiste em seguir o pensamento freudiano em sua evolução. Na realidade, a noção de identificação, única suscetível de expressar plenamente a formação da instância metafórica do ego só será desenvolvida de maneira relativamente tardia e incompleta. Mas, antes que Freud pudesse se perguntar, numa perspectiva identificatória,

como aparecia o ego, teve uma espécie de intuição dessa *posição* do ego como realidade intrapsíquica, conseqüentemente, da posição ao mesmo tempo estrutural e econômica do ego. Nesta conferência e na próxima, tentaremos retraçar rapidamente essa *problemática metafórica do ego* em três momentos do pensamento freudiano. Por um lado, numa primeira etapa, com esse modelo aparentemente tão abstrato que é o *Projeto para uma psicologia científica* de 1895; em seguida, através de um texto bem mais elaborado o *Ensaio sobre o narcisismo* de 1914; enfim, mais sucintamente, fazendo alusão aos desenvolvimentos ulteriores do conceito de identificação.

O *Projeto* de 1895 é, acentuemo-lo novamente, *o* grande texto freudiano sobre o ego, reflexão muito mais centrada nesse problema que qualquer outro texto posterior de Freud, inclusive o *Ego e o id.* Para situar aqui, de um ponto de vista estrutural e também econômico, a posição e a função do *ego* neste texto é-nos necessário, antes de tudo, esboçar rapidamente o modelo do aparelho psíquico, ou "aparelho da alma" (1) no qual ele se insere. Modelo, como se sabe, de aparência neurológica, já que se trata de reconstruir tudo, tanto o psiquismo humano e seu funcionamento "normal", quanto a teoria das neuroses, a partir de duas hipóteses de base: a hipótese do neurônio — fundamento do ponto de vista tópico ou estrutural — e a hipótese da quantidade — fundamento do ponto de vista econômico. Evidentemente, impõe-se a referência a toda a corrente de pensamento racionalista e materialista que, há séculos, senão há milênios, tenta compreender fenômenos a partir de dois ingredientes deste tipo: neurônio e quantidade, novo avatar daquilo que, em Descartes, por exemplo, denomina-se figura e movimento, ou ainda, na escola "fisicalista" de Helmholtz que tanto influenciou Freud, massa e energia. Nesse fim do século XIX, Freud não aspira aliás, *nisso,* à originalidade: "tentativas desse gênero — acentua — são hoje correntes"; e, na realidade, pode-se mostrar que o projeto de Freud não era o único a tentar utilizar, numa síntese ambiciosa, as muito recentes descobertas da ciência anatômica e da fisiologia incipiente do sistema nervoso. Analisemos, no entanto, mais de perto, antes de repetir, como se diz muito comumente entre os "freudistas", que essa é a primeira e talvez a última tentativa de Freud, para adaptar sua tão nova descoberta psicológica a um velho recipiente ou a um molde inadequado, isto é, a uma teoria neurológica. Leito de Procusto? Crisálida da qual em breve libertar-se-á a resplandecente falena? O modelo do *Entwurf* é, em nossa opinião, digno de uma consideração mais atenta, e logo compreenderemos como essas hipóteses têm ressonância verdadeiramente moderna.

Comecemos pelos *neurônios.* São concebidos como unidades discretas, todas distintas umas das outras, e no entanto, todas idênticas (*gleichgebaut:* construídas a partir do mesmo modelo). Isso permite, de imediato, dar um passo a mais na estrutura: já que essas unidades são todas semelhantes entre si, como diferenciá-las senão pela sua posição no conjunto do "sistema neurônico"?. Como se especifica essa posição? Pelo fato de existir entre as extremidades dos neurônios conexões e, por outro lado, pelo fato de cada neurônio corresponder a uma bifurcação com uma via de chegada e duas vias de saída, esquema cuja forma mais simples de representação seria a de um Y. As bifurcações ligam-se uma às outras em ramificações, numa série de dicotomias sucessivas, formando uma rede de extrema complexidade.

1. *Seelischer Apparat.* A aliança insólita dessas palavras vem acentuar toda a originalidade do "realismo" freudiano.

Do ponto de vista de seu funcionamento, o caráter essencial desses neurônios é a sua capacidade de veicular energia. Mas, insistamos no fato de que essa transmissão é absolutamente mecânica, ela é unicamente função daquilo que se poderia designar como uma espécie de inclinação natural de cada neurônio, inclinação que obriga a energia a percorrê-la. Além dessa capacidade de veicular a energia, os elementos neurônicos são igualmente capazes, em certas condições, de retê-la, de armazená-la, isto porque, na fronteira com o neurônio seguinte, estabelece-se uma espécie de dique, "barreira de contato" mais ou menos impermeável ou permeável.

Tratemos agora da *quantidade.* Pois bem, nenhuma especificação nem nenhuma descrição podem ser dadas a este respeito: é uma pura quantidade sem nenhum elemento que venha "qualificá-la". Essa pura quantidade, da qual a doutrina freudiana não tratará mais, e que é sempre designada como uma espécie de "X" hipotético, tudo o que sabemos é que temos necessidade dela como de uma variável *independente:* ao longo dessas vias que se combinam numa rede complexa de condução, deve existir alguma coisa que circule e que seja — pelo menos de direito — quantificável, suscetível de mais e de menos, de adição, de supressão e de descarga.

Temos assim, sem dúvida alguma, um modelo bem abstrato e filosófico. Mas desejaríamos acentuar que, em Freud, trata-se *também* de modelo *clínico.* O que dá vida a esse modelo e que faz dele outra coisa que não uma montagem puramente especulativa, é a experiência clínica da recém-nascida psicanálise e os fatos bastante estranhos que ela traz à tona. Esse elo com a experiência é marcado com clareza, desde o início do *Projeto para uma psicologia científica:* "A concepção quantitativa é diretamente tirada das observações patológico-clínicas, em particular daquelas onde se manifestavam representações hiperintensas como na histeria ou na neurose obsessiva, em que o caráter quantitativo destaca-se mais claramente que em condições normais." (1) Dessas "representações hiperintensas" já encontramos exemplos anteriormente; assim, nos *Estudos sobre a histeria,* esse rosto que bruscamente podia aparecer acompanhado daquilo que se denomina afeto de angústia. E a angústia seria exatamente aquilo que mais se aproxima de uma espécie de manifestação quantitativa pura; é, pode-se dizer, um afeto desqualificado, um afeto onde resta apenas o aspecto quantitativo. A passagem citada prossegue desta maneira: "processos como a excitação, a substituição, a conversão, a descarga, descritos pela psicopatologia, levaram-nos diretamente à concepção da excitação neurônica como de uma quantidade que se esvai." *Substituição,* por exemplo, significa que uma representação é suscetível de apoderar-se do afeto de uma outra. *Conversão* significa que uma parte do corpo pode bruscamente aparecer como *carregada* de uma certa energia que produz movimentos ou, ao contrário, uma paralisia, ao passo que, inversamente,

1. Freud, S. *Projet de psychologie scientifique,* in: *Naissance de la psychanalyse.* Paris, P.U.F., 1956, Ed. al. Londres, Imago, p. 380.

certas representações encontram-se neutralizadas, quase que inteiramente desprovidas de ressonância afetiva. Enfim, o melhor exemplo de *descarga* pode ser dado por certas crises de angústia nas quais o afeto pode, em caso extremo, manifestar-se em estado isolado, fora de qualquer representação consciente.

Representação e afeto são, pois, os elementos observados na clínica, ou pelo menos os conceitos que permitem uma melhor orientação na tão estranha experiência das neuroses. Ora, essas duas noções clínicas correspondem exatamente, ponto por ponto, às duas noções básicas no modelo do aparelho psíquico: o neurônio corresponde à representação, a quantidade equivale ao elemento último do afeto. O fenômeno surpreendente que se revela na pesquisa clínica das neuroses, é a *independência entre a representação e o afeto,* a possibilidade do deslocamento de um em relação ao outro. Tal deslocamento — já tratamos dele a propósito do *proton pseudos* — pode, em certos casos, ser total entre o símbolo e o que é simbolizado: o símbolo é suscetível de receber todo o "quantum de afeto", ao passo que inversamente, o simbolizado é tão completamente desinvestido que, finalmente, torna-se recalcado, inacessível.

Agora que lembramos de que experiência viva e *nova* se alimenta o esquema "fisicalista" do aparelho neurônico, teremos menos escrúpulo em entrar, seguindo Freud, nos detalhes de seu funcionamento. Relacionemos agora nossos dois termos: neurônio e quantidade. Estamos diante de sistemas neurônicos, encadeamentos de bifurcações neurônicas sucessivas que Freud denomina igualmente, sem outra precaução, sistemas "mnésicos", devido à equivalência: neurônio = representação, que constitui a base de sua hipótese. Um sistema mnésico é um sistema de memória ou de recordações, mas com uma característica marcante: *nada de qualitativo nele se inscreve diretamente.* Trata-se, evidentemente, de uma montagem suscetível de registrar "engramas", mas o engrama freudiano não é, em absoluto, assimilável a uma "imagem", a um "analogon" do objeto percebido. Toda a orginalidade de uma determinada inscrição engramática reside unicamente na especificidade das vias seguidas pela quantidade circulante. E essa especificidade se resume, tão-somente, na diferença entre duas vias, ou na sucessão de diferenças que faz com que, numa primeira bifurcação, se escolha a via *a* e não a via *b,* sendo a primeira "facilitada" e a outra, ao contrário, comportando uma "barreira"; na bifurcação seguinte será a via da direita que será escolhida e não a da esquerda, na terceira será o inverso e assim por diante. (1) É pois *a estrutura do conjunto, a seqüência dessas "escolhas" numa série de bifurcações,* que forma por si só para cada recordação, uma constelação única. Percebem-se aí facilmente as ressonâncias de um tal modelo para um ouvido moderno. Modifiquemo-lo um pouco, interpretemo-lo um pouco e teremos aí uma espécie de máquina eletrônica, um computador funcionando segundo o princípio da numeração binária.

Neurônio e quantidade. A articulação desses dois termos leva a enunciar o princípio que rege a circulação da quantidade ao longo dos neurônios: esse é o prin-

1. "A memória é representada pelas diferenças de facilitações ("frayages"), existentes entre os neurônios". Ibidem, trad. fr., p. 320. Ed. al., p. 384.

cípio "de inércia neurônica", ao qual já aludimos anteriormente ao falar de uma espécie de "inclinação" natural dos neurônios. "Os neurônios tendem a liberar-se da energia" é a primeira formulação desse princípio. Essa tendência a uma descarga *completa,* tendência à *inércia,* tendência ao *nível zero* será constantemente afirmada na teoria freudiana; primeiramente, na etapa inicial, sob o nome de princípio de inércia neurônica; logo em seguida, sob o termo de princípio de prazer; enfim, como princípio de Nirvana, ou princípio da pulsão de morte. Não insistiremos hoje nos entrecruzamentos, nem mesmo nos qüiproquós que uma tal evolução suscitará no conjunto do sistema do pensamento freudiano.

Em suas origens, esse princípio fundamental é formulado com um rigor absoluto: os neurônios devem se esvaziar, a energia deve evacuar-se completamente passando de um elemento a outro, tal como o exemplo do símbolo e do recalcado que ele simboliza ilustra muito bem (1). O afeto quer evacuar-se completamente, ele tende a abandonar completamente as representações cuja cadeia ele percorre: esse é o funcionamento ou processo primário, modo de funcionamento que é definido como o do inconsciente, aquele do qual, especificamente, a psicanálise trata, por exemplo, na análise dos sonhos.

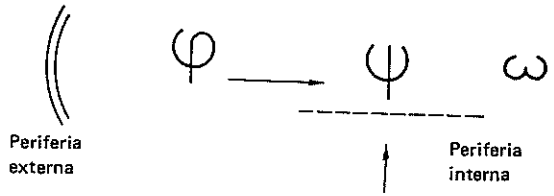
Paremos novamente um instante para perguntar-nos em que ordem de realidade esse princípio atua. Tratar-se-ia do princípio de um organismo vivo? Não seria um princípio completamente diferente, situando-se, apesar das aparências, num outro nível que não o da biologia? É bem verdade que Freud nos apresenta o axioma da inércia como princípio de base de todo organismo. E, no entanto, um organismo que funcionasse, de início, segundo esse primeiro princípio, seria simples e estritamente não viável. Trata-se de uma afirmação que o próprio Freud talvez não desmentisse, já que, para explicar a sobrevivência, recorre logo a uma modificação — elaboração ou aperfeiçoamento — da função primária numa "função secundária imposta pelas exigências da vida". A contradição, porém, consiste no fato de que a razão dessa modificação adaptada é procurada no próprio princípio primário, ao passo que este, em sua essência, tende ao nivelamento de toda diferença vital.

Afirmamos, pois, que esse princípio de inércia neurônica, que vai tornar-se, na evolução do pensamento freudiano, o princípio de prazer, não é um princípio de vida e que ele não tem nem mesmo nada a ver com o funcionamento vital. E isso apesar da introdução do termo "prazer" que, evidentemente, evoca uma significação adaptativa, definida num contexto de referências psicofisiológicas que conviria aqui esclarecer. *Esse modelo de uma evacuação completa da energia psíquica é descoberto somente no nível das representações, e não no funcionamento de um organismo vivo.* Ele é elaborado para explicar o sonho e a psicopatologia. Voltaremos mais tarde ao paradoxo que há, entretanto, em Freud, em postulá-lo no nível da vida, ainda que abstratamente, ainda que como um primeiro tempo lógico. Trata-se de um modelo de *morte* e não de vida. Ora, esse é também o modelo do funcionamento inconsciente...

Desenhemos agora a estrutura de conjunto, as principais características do aparelho psíquico tal como este é descrito no famoso *Projeto para uma psicologia*

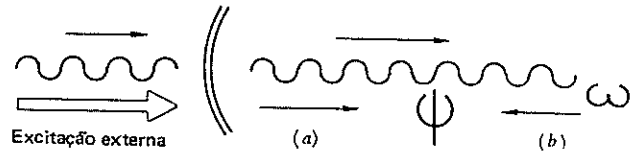
1. Cf. anteriormente.

científica. Esse aparelho é dividido num certo número de sistemas, designados pelas letras gregas: ψ, φ, ω. O centro do aparelho é constituído pelo sistema ψ, regido pelo processo primário, e que, quanto ao essencial, corresponde ao "inconsciente". Esse sistema inconsciente onde se registram, em forma de constelações de facilitações ("frayages"), os "traços mnésicos", acha-se de um lado ligado à percepção externa por intermédio de vias denominadas vias φ. O limite externo do organismo é representado no nosso esquema por um traço duplo: é a barreira cutânea, mas também os dispositivos protetores que, a nível do conjunto dos órgãos sensoriais, filtram e atenuam a excitação. De um outro lado, o sistema ψ se acha ligado à consciência, designada como sistema ω. *Insistiremos logo e constantemente no fato de que esse sistema nada tem a ver com o ego.* Enfim, o sistema ψ (segundo modalidades muito mais complexas que o esquema desenhado aqui) encontra-se conectado num terceiro lado, por toda uma série de dispositivos comportando passagens sucessivas para desencadeamento, com as excitações provindas do interior do corpo: é por aí que chega a energia pulsional que o sistema tem por função descarregar.



O sistema ψ, conjunto dos sistemas mnésicos e, mais especialmente dos sistemas inconscientes, está, pois, situado no cruzamento de três vias: a que o liga a φ e às excitações externas; a que lhe traz certas informações da consciência; e enfim, mediante uma espécie de *periferia interna* que desenhamos em linha pontilhada, as vias que trazem as excitações fisiológicas internas.

Se desenhamos o esquema desse aparelho não é, evidentemente, para aceitá-lo tal qual e pretender utilizá-lo em psicanálise. É unicamente para tentar situar aí uma problemática que tem as mais estreitas relações com a função do ego: a problemática da realidade e de sua reprodução na "experiência de satisfação". A realidade externa não é outra coisa, nesse esquema, senão o conjunto das excitações veiculadas pelos aparelhos perceptivos. O que esse esquema nos indica, em sua simplicidade, é que há uma ligação direta do aparelho com a realidade externa. Nas origens do pensamento freudiano não se encontra, de maneira alguma, uma problemática que quisesse fazer do acesso à realidade um processo sempre incerto, hipotético e titubeante, a partir de uma espécie de estado monádico do aparelho. ω, o sistema consciência — apesar de situado no outro extremo, do outro lado do φ —, emite, de uma maneira que se poderia dizer automática, o que Freud designa pelo nome de "signo de realidade"; seria uma espécie de "clique" comparável ao que se produz, num aparelho mecânico de bolas, cada vez que um certo alvo é atingido. Quando o real é percebido, produz-se automática e repetidamente uma descarga, uma série de descargas que informam o sistema ψ do "valor realidade" das excitações às quais ele é submetido. É preciso entender que o aparelho central, quando em contato com a excitação externa, recebe dois tipos de mensagens ao mesmo tempo: uma (a) que lhe vem diretamente da periferia, outra (b) sofre a repercussão de ω, mensagem sobre a mensagem que afeta a primeira com o índice "realidade".



Assim, deparamo-nos, em Freud, com um *realismo de base;* realismo ingênuo? realismo suscetível de uma interpretação "fenomenológica"? Qualquer que seja nossa apreciação, o que é importante afirmar é que o indivíduo psíquico e biológico percebe diretamente a realidade, que ele possui um signo para reconhecê-la, e que não tem necessidade de um "ego" para isso.

É somente quando esse modelo está firmemente estabelecido e ligado à realidade, que o ego vai ser "introduzido", num capítulo especial (1). Na realidade, a função do ego não se faz necessária para aceder à realidade no mundo exterior, mas para discriminar o que é realidade *daquilo que quer se dar como realidade vindo do interior.* Em outros termos, trata-se do problema da *excitação interna* e de sua repercussão nos sistemas mnésicos, nos sistemas das "representações", já inscritas em ψ. Toda excitação interna, toda elevação fisiológica do nível da necessidade se traduzem, com efeito, por uma revivescência, nos sistemas da recordação, dos traços das experiências passadas. Esse é o processo designado no *Entwurf,* e depois, ao longo de toda a obra de Freud, pelo termo *experiência de satisfação.*

A *experiência de satisfação* é incompreensível se não a vinculamos ao fato biológico da prematuração. Com efeito é em razão daquilo que Freud denomina *Hilflosigkeit* — isto é, seu desamparo, sua impotência originária em ajudar-se a si mesma — que a criança não pode fazer funcionar os mecanismos necessários à satisfação de suas necessidades, mecanismos reunidos sob o título de "ação específica" e que não são outra coisa senão montagens instintuais. As montagens instintuais são insuficientes e, pelo menos, aparecem tarde demais, com uma defasagem: elas não estão presentes no momento em que se esperava por elas, isto é, desde o nascimento. Desde o nascimento, e enquanto permanece essa defasagem, assiste-se, pois a uma espécie de *desqualificação do instinto:* a satisfação das necessidades não pode passar por montagens preestabelecidas, que só se instaurarão progressivamente, e segundo o ritmo da maturação do sistema nervoso central, mas a satisfação deve, de imediato, passar pela intersubjetividade, isto é, pelo outro humano, a mãe. Percebe-se a analogia desse esquema com o que descrevemos a respeito do apoio ("étayage"). Os signos que acompanham a satisfação (o seio que acompanha o dom do leite nutritivo) vão assumir doravante valor de montagem, e é essa montagem, fantasia ainda reduzida a elementos pouco elaborados, que se encontrará repetida quando de um aparecimento posterior da necessidade. Freud evidentemente exprime tudo isso

1. Ibidem, cap. *Introduction du moi.* Ed. al., pp. 406-408. Trad. fr. pp. 340-342.

em termos de facilitações ("frayages") neurônicas, uma vez que a reprodução das experiências passadas não é uma ressurgência de elementos qualitativos, mas se reduz ao fato de que a energia circulará, de novo, por certas vias do sistema.

O problema que se coloca então é o seguinte: quando do aparecimento de uma excitação interna, a montagem fantasmática — o conjunto de alguns elementos representativos ligados numa curta cena, numa cena extremamente rudimentar, feita eventualmente de objetos parciais e não de objetos totais, digamos, um seio, uma boca, o movimento de uma boca que pega um seio, por exemplo — encontrar-se-á revivificada, e essa revivescência, pondo em funcionamento a consciência (sistema ω), é logo revivida como real. Podemos nos perguntar a que corresponde, na realidade, essa noção de *satisfação alucinatória do desejo:* tratar-se-ia de uma realidade verdadeiramente vivida pela criança, ou apenas de um modelo parcial, correspondendo, é verdade, a uma necessidade estrutural, mas que, de imediato, na realidade, se chocaria com um elemento inibidor que a impediria de funcionar plenamente? É certo que para Freud essa alucinação primária, revivescência de algum traço fantasmático, no momento do aparecimento de uma nova necessidade, deve se produzir realmente nos primeiros dias da existência: "Não há dúvida de que essa revivescência de desejo produza primeiramente a mesma coisa que a percepção, isto é, uma *alucinação*". (1) O que o atesta é evidentemente a existência do sonho, modelo do processo primário, onde a revivescência de representações se acompanha de um pleno sentimento de realidade.

É justamente para enfrentar esse problema de sentimento alucinatório da realidade que é construído o esquema: φ , ψ, ω . E é um ω , no sistema "consciência, que o impacto do processo de reinvestimento da fantasia desencadeia, novamente, a mensagem ou "signo de realidade". Existe aí, além de um mecanismo simplificador, uma concepção totalmente original de "consciência da realidade": a impressão de realidade não é atingida por aproximações, a realidade não é apreendida ou verificada por tentativas ou erros, mas é o que se dá ou não se dá, por tudo ou nada, na medida em que o índice que a afeta (e que é ele próprio uma descarga) esteja presente ou ausente. E se o elemento de realidade na percepção externa não é fruto da aprendizagem, tampouco a alucinação é suscetível de ser corrigida por qualquer retificação que seja, mediante um processo de experiência ou de prova. A *alucinação é ou não é* e, quando ela é, torna-se absolutamente ineficaz imaginar um protocolo permitindo mostrar ao alucinado que ele se engana. A propósito disto, em Freud, encontramos a firmeza da constatação clínica, recusando de uma vez por todas uma concepção da famosa *"realitätsprüfung"* como prova *da* realidade, como se se pudesse para o alucinado, ir à procura de uma outra realidade suscetível de desenganá-lo.

É exatamente aqui que o ego é introduzido, e seu papel no problema da realidade não vai consistir no fato de que ele proóprio esteja como que ligado ao real por uma espécie de "linha direta". O que define, do ponto de vista metapsicológico, o problema da alucinação é que já há um *excesso* de realidade no sistema e não que

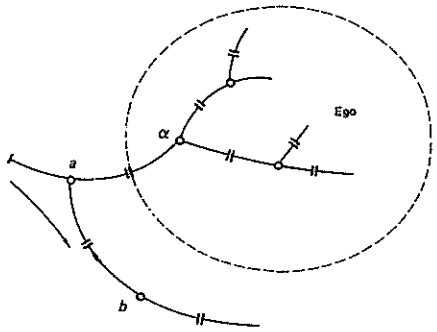
1. Ibidem, ed. al., p. 404. Trad. fr., p. 338.

haja necessidade *ainda* de recorrer à ajuda de uma outra realidade: excesso de realidade, uma vez que existe, ao mesmo tempo, a realidade perceptiva, a que vem da barreira externa, e a realidade alucinatória, provinda de um desencadeamento interno do "signo de realidade", uma espécie de aparecimento intermitente do sistema "consciência". Ir à procura de um outro signo de realidade, que viesse ainda substituir-se à "verdadeira" realidade e àquilo que se toma erroneamente como seu signo — e isso infinitamente —, seria apenas renovar aporias bem conhecidas do pensamento filosófico. Em conseqüência, se o ego é instrumento de realidade, nem por isso leva a um acesso privilegiado ao real, mas, por sua simples presença, vai permitir à realidade externa atuar sozinha, colocando fora de jogo a pseudo-realidade de origem interna. Isto significa que sua função é essencialmente inibidora: impedir a alucinação, suprimir esse "excesso de realidade" proveniente da excitação interna, para permitir ao signo de realidade, vindo da percepção externa (e que sempre existiu independentemente do ego), doravante atuar sozinho, sem a concorrência da revivescência alucinatória, funcionando, a partir de então, como *critério* válido.

O que é então o ego, encarregado dessa função de inibição? O ego é uma parte de ψ e, como o ψ é, ele próprio, formado de sistemas mnésicos, devemos concluir que o ego é fundamentado em processos que têm alguma coisa a ver com a memória: tem, pois, uma origem histórica. No entanto, essa parte de ψ parece ser organizada diferentemente dos outros sistemas mnésicos. O que predomina no ego, não é tanto o fato de ser ele formado, como todo conjunto de neurônios, por ramificações sucessivas, mas o fato de constituir uma organização, noção evocada pelo termo "Gefüge", "conjunto organizado", ou ainda pelo termo "Zusammengesetztes Ich", ou seja, um ego composto, formado ao mesmo tempo de *partes extra partes,* e no entanto unitário. Sua definição mais explícita é a que o considera como *uma rede de neurônios investidos e com fácil circulação entre si* (*Ein Netz besetzter, gegeneinander gut gebahnter Neuronen*). Primeiramente, a noção de *rede* apresenta alguma coisa de mais estático, de mais fechado, do que a imagem dos sistemas mnésicos, cujas bifurcações tinham como função a evacuação da energia e não a sua retenção. Estamos em presença daquilo que se poderia designar, anacronicamente, como uma espécie de *Gestalt,* de forma, para a qual a noção de investimento energético é capital. Daí a expressão *"fácil circulação entre si"*, que indica que, no interior do sistema do ego, as comunicações são boas, ao passo que, ao contrário, na sua periferia, existem barreiras restringindo os intercâmbios; assim, o ego aparece como uma espécie de reservatório, no interior do qual atua o princípio dos vasos comunicantes, permitindo à energia distribuir-se em nível igual, ao passo que, em relação ao exterior, uma diferença de nível é mantida. Certamente, não é por acaso que a referência à teoria e à psicologia da forma impõe-se quando se trata do ego, com essas noções de formas carregadas energeticamente, com essas imagens e esses modelos remetendo a analogias hidráulicas ou elétricas: reservatório, condensador, etc. Ao mesmo tempo, o modelo de uma forma recortando-se sobre um fundo evoca a relação de um organismo com seu meio, organismo que se *define* por um limite que circunscreve uma região na qual circula uma certa energia cujo nível médio permanece

constante, nível energético mais elevado que o do mundo exterior sobre o qual ele se destaca e contra o qual se mantém.

A interpretação do ego como *Gestalt* está em perfeita concordância com o mecanismo que nos é descrito como *sua ação inibidora:* tratar-se-ia aí de uma espécie de indução no campo circundante, similar à que exerce uma massa eletricamente ou magneticamente carregada, o efeito de indução sendo função da diferença energética entre a carga do elemento indutor e a do campo circundante. É isso que é descrito exatamente por Freud sob o termo "investimento lateral" (*Nebenbesetzung*). Para ilustrar essa ação num esquema que o próprio Freud desenha, basta imaginar, de um lado, uma via ou uma série de vias neurônicas, ao longo das quais a circulação se produz livremente, segundo o processo primário, logo, uma circulação, que é a dos sistemas inconscientes. De outro lado, nas proximidades dessa via, a existência de uma rede circunscrita onde está estagnada uma certa energia. O efeito de inibição é exatamente produzido, no primeiro tipo de via, pela vizinhança da *Gestalt* do ego, que estabiliza no seu campo o movimento da energia e tende mesmo a integrá-lo em seu próprio sistema.



"Um *investimento lateral* é pois uma *inibição da circulação da quantidade.* Se figurarmos o ego como uma rede de neurônios investidos e de fácil circulação entre si, talvez aconteça o seguinte: uma quantidade que, vindo do exterior, penetra num neurônio *a* e que passaria em *b,* se nenhuma influência fosse exercida sobre ela, sofre em *a* o investimento lateral α , de tal maneira que ela não circula senão em parte, em *b* ou até mesmo não chega a *b.* Se existe pois um ego, ele deve *inibir* os processos psíquicos primários" (1).

Se não se perde de vista que se trata aí de cadeias de representações, o ego é exatamente o que introduz, na circulação da fantasia um certo contrapeso, um processo de *ligação* que retém e faz estagnar a energia no sistema fantasmático, impedindo-o de circular de maneira absolutamente livre e louca. É o aparecimento do *processo secundário,* processo que é tão-somente o resultado induzido pela existência de uma primeira massa ela própria *ligada,* o ego, este estando ligado no sentido próprio por um limite, um invólucro:

1. Ibidem, ed. al. pp. 407-408. Trad. fr., pp. 341-342.

"O investimento do desejo atingindo a alucinação, o total desenvolvimento de desprazer levando a um dispêndio defensivo total, é isso que designamos pelo termo de *processo psíquico primário;* ao contrário, denominamos *processo psíquico secundário,* os processos que só se tornam possíveis por um bom investimento do ego e pela moderação dos precedentes" (1).

Entre o processo secundário e o ego propriamente dito, não há pois identidade, o que leva a distinguir, naquilo que concerne ao ego, "uma parte permanente e uma parte mutável" (2). A parte fixa é também denominada "núcleo do ego"; no interior desse núcleo não se pode falar, verdadeiramente, de processo secundário: o conjunto funciona como um todo, a energia distribuindo-se de maneira homogênea num determinado momento. O núcleo do ego não é senão um grande reservatório agindo através de sua carga energética. Próxima a esta forma, a parte móvel do ego é constituída por processos nos quais se exerce a influência inibidora: são os processos secundários (o futuro sistema "pré-consciente — consciente") e, em particular, "o processo de pensamento (que) consiste no investimento de neurônios ψ com uma modificação, pelo investimento lateral provindo do ego da compulsão de facilitação ("frayage")" (3). Se se inclui no ego seu campo de influência móvel e flutuante, pode-se conceber o conjunto dessa "organização" como suscetível de ampliar ou recuar suas fronteiras:

"Quando o nível de investimento no núcleo do ego se eleva, a extensão do ego poderá ampliar seu círculo, quando o investimento abaixa, o ego retrair-se-á concentricamente. Para um nível determinado e para uma extensão determinada do ego nada há contra a idéia de uma mobilidade de deslocamento no interior do campo de investimento." (4).

Enfim, a energia da qual o ego é carregado é de origem endógena: é uma parte da energia pulsional que vem armazenar-se num investimento constante:

"A esta organização denominamos o "ego". Pode-se facilmente fazer dela uma representação figurada, considerando que a recepção regularmente repetida, de quantidades endógenas em certos neurônios (do núcleo) e o efeito de facilitação ("frayage") que deles resulta produzirão um grupo de neurônios investidos de maneira constante, correspondente, pois, à reserva exigida pela função secundária". (5).

Investimento constante pela energia pulsional ou libidinal, mobilidade, na periferia de um núcleo fixo, fronteiras ou zonas de influência que podem, conforme os casos, experimentar uma expansão considerável ou uma retração... Esses caracteres prefiguram as descrições do ego que Freud fará vinte anos mais tarde.

1. Ibidem, ed. al. p. 411. Trad. fr. p. 344.
2. Ibidem, ed. al. p. 407. Trad. fr., p. 451.
3. Ibidem, ed. al. p. 418. Trad. fr., p. 351. O termo compulsão de facilitação ("frayage") — Bahnunhszwang — designa com muita exatidão o processo primário ou a energia livre, isto é, o aspecto compulsivo do desejo inconsciente.
4. Ibidem, ed. al. p. 449. Trad. fr., pp. 380-381.
5. Ibidem, ed. al. p. 407. Trad. fr. p. 341.

Mas, além disso, a distinção no ego de uma parte fixa e de uma parte móvel permite a Freud acrescentar uma anotação marginal preciosa no que se refere à relação do ego com a percepção e com o objeto: no processo designado como "conhecimento e pensamento reprodutor" a estrutura perceptiva do objeto é decomposta numa parte fixa — a "coisa" — e numa parte variável — o "predicado". Ora, Freud descobre uma analogia profunda entre esta estrutura do "complexo perceptivo" e a do ego:

"A linguagem dará mais tarde o nome de *julgamento* a essa divisão (do complexo perceptivo) e descobrirá por um lado, a semelhança que existe efetivamente entre o núcleo do ego e o elemento constante da percepção, e por outro lado, entre os investimentos mutáveis no "pallium" e o elemento inconstante [do complexo perceptivo] (1).

Ora, essa decomposição do objeto perceptivo, julgamento verdadeiramente "primário", no sentido de que ele é pré-reflexivo e pré-verbal é válida em primeiro lugar para a percepção do outro humano, do "Nebenmensch", protótipo de todo conhecimento:

"É um objeto *desse tipo* que é o primeiro objeto de satisfação, e em seguida o primeiro objeto hostil, ao mesmo tempo em que ele é a única força que o apóia. É assim que o homem aprende a conhecer a partir do outro humano". (2)

Assim, o julgamento primário seria o ato pelo qual, fundamentado em "experiências próprias, sensações e imagens de movimento", estabelece-se uma primeira permanência do objeto, através da distinção entre seu "núcleo" e seus "predicados". Dizer que esse julgamento se efetua de acordo com o processo primário e que, por assim dizer, ele prescinde do ego (3), enquanto que ele justamente vem *colocar* na percepção uma estrutura análoga à do ego, não seria designar o lugar de experiências perceptivas que fossem fundadoras *num mesmo movimento*, da forma do ego e da do "objeto total"?

1. Ibid., ed. al. pp. 412-413. Trad. fr. p. 346.
2. Ibid., ed. al. p. 415. Trad. fr. p. 348.
3. Ibid. ed. al. p. 417. Trad. fr. p. 350.

4

O ego e o narcisismo

Na problemática do ego, dois caminhos parecem ligar o eu como totalidade individual viva e o eu no sentido em que o entende a psicanálise. Desses dois caminhos, metonímico e metafórico, é o segundo que atualmente seguimos por nos parecer o mais fecundo, e sobretudo o mais negligenciado por toda uma corrente da psicanálise contemporânea.

O *Projeto para uma psicologia científica* de 1895 coloca de imediato o ego como não sendo essencialmente um *sujeito:* não é nem o sujeito no sentido da filosofia clássica, um sujeito da percepção e da consciência (não é ω), nem tampouco o sujeito do desejo, este que interessa a nós, psicanalistas: não é o conjunto de ψ , nem mesmo o essencial em ψ , mas uma formação particular no interior dos sistemas mnésicos, um objeto interno, investido pela energia do aparelho. Esse *objeto,* entretanto, é suscetível de ação e participa como elemento ativo do conflito por sua dupla função: função inibidora, que é função de ligação, na qual nos detivemos em nosso estudo precedente, e função defensiva, que abordamos, a propósito da teoria da histeria, nas duas modalidades de defesa patológica e de defesa normal. Logo depois de haver enunciado a tese segundo a qual o ego não é sujeito, faz-se necessário, pois, um maior esclarecimento de nossa parte: o ego é, em verdade, um objeto, mas uma espécie de objeto-relé ("objet-relais") suscetível de manifestar-se diante de nós de maneira mais ou menos usurpada e enganadora como um sujeito que quer e deseja.

Cerca de vinte anos depois do *Projeto,* uns dez anos antes de *O Ego e o Id,* uma fase capital do pensamento freudiano sobre o ego é marcada com *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914). Trata-se de um texto cuja situação histórica e cuja significação no que poderia ser uma história estrutural do pensamento freudiano, merece análise. Se quiséssemos comparar a evolução do pensamento freudiano com a imagem de um movimento ondulatório estacionário, comportando uma sucessão

de "nós" e de "ventres", o "narcisismo" marcaria, com toda evidência, um nó, e isto sob vários pontos de vista.

Concebido apressadamente, fabrilmente e sem dúvida com entusiasmo (1), assim como *Além do princípio de prazer*, ele é, ao contrário deste ensaio inspirado — rapidamente considerado imperfeito, senão monstruoso (2), abandonado antes de ser parcialmente desdenhado. Em relação ao conjunto da obra escrita de Freud, sua situação é muito complexa: esse texto vem confirmar uma série de anotações de vários anos de trabalho clínico sobre o tema do narcisismo e suas relações com a perversão, a homossexualidade e a psicose. Ao mesmo tempo, contudo, reunindo esses elementos de observação, apresenta um verdadeiro questionamento da teoria em seu conjunto. Por outro lado, deve ser situado em relação ao grupo de artigos produzidos em 1915, e que constituem o projeto de uma espécie de monumento teórico, de uma "metapsicologia". Jones, biógrafo de Freud, tem razão em considerar que esses escritos metapsicológicos são textos de conclusão, apresentando como que uma síntese e sem deixar prever, por algum desequilíbrio maior, a "guinada" teórica considerável que teria lugar alguns anos mais tarde, em 1920. Ora, desses escritos metapsicológicos, um certo número trata o narcisismo por preterição, outros não conseguem integrá-lo... Assim, os textos de *conclusão* de todo um período vêm *depois* do questionamento, e deixam este último como que à espera, adormecido. Mais tarde, não se tratará apenas de um esquecimento ou de um desconhecimento parcial, mas, da parte de Freud, de uma verdadeira reinterpretação tendenciosa de suas próprias teses, quando reescreve, resumidamente a história de sua *Teoria da Libido* (3).

O "Narcisismo" é ainda um ponto de encontro pelo fato de nele se cruzarem fios há muito separados e relativamente independentes: o da "tópica" e o da "teoria das pulsões". Daí essa situação de "ponto nodal" na encruzilhada de diversas linhas de pensamento e de associação. Evidencia-se, assim, para o leitor, que, como Jones, gostaria de imaginar por um momento que o próprio Freud não dera continuidade à obra, a impressão oposta à que produzem os textos "metapsicológicos" de 1915: o sentimento de que, a partir desse instante de reagrupamento, um novo desenvolvimento seria possível, o qual não passaria necessariamente pelo desvio e pela ruptura de *Além do princípio de prazer*.

Se quiséssemos condensar a tese de Freud e radicalizá-la, ela se sustentaria em três proposições: o narcisismo é um investimento libidinal de si, *um amor de si mesmo* — tese que parece não ter nada de surpreendente —; mas esse investimento libidinal de si mesmo passa necessariamente no homem pelo *investimento libidinal do ego;* e, terceira tese, o investimento libidinal do ego é inseparável da própria *constituição* do *ego* humano.

1. "Dezessete dias deliciosos", passados em Roma, em companhia de Minna Bernays. Cf. Jones, E., *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud*, ed. fr., Paris, P.U.F., 1961, t. II, pp. 109 e 324.
2. "Foi com dificuldade que dei à luz o narcisismo. Ele tem marcas da deformação que sofreu com isto." Freud, S. Carta a Abraham em 18 de março de 1914 in *Sigmund Freud — Karl Abraham, Correspondência* 1907-1926 — Paris, Gallimard, 1969, p. 171.
3. Freud, S., 1923. *Libido Theorie:* Capítulo sobre a *aproximação aparente das idéias de Jung*, G.W., XIII, pp. 231-2: Freud apresenta aí o momento do narcisismo como tentação pelo monismo energético de Jung, logo, como um momento de fechamento.

O primeiro movimento de Freud consiste em "reunir o que até então já se dissera", para justificar uma introdução ao "narcisismo" como noção psicanalítica e como teoria generalizada, independente da observação clínica de certos fenômenos particularmente convincentes. Quanto à *história* do narcisismo mal fora ela esboçada, não acompanhando *pari passu* as contribuições psicanalíticas, e quanto à referência ao mito antigo, completamente omitida, assim como a contribuição mais recente e entretanto inteiramente explícita de Havelock Ellis. Sem querer retomar essa história, que, aliás, é muito bem delineada no tomo XIII dos *Studies in the psychology of sex*, (1), ressaltemos somente que a noção de amor de si está, há muito tempo, delimitada com precisão. Assim, em Ovídio (2), já se destaca um certo número de elementos: situação do narcisismo independentemente da diferença de sexos, e independentemente também da linguagem; Eco, esta "personificação do reflexo acústico de si" (Rank) é ela própria desqualificada, na medida em que contém um primeiro elemento de simbolização ou de diferença. Por outro lado, o "erro de Narciso" é apresentado em toda sua generalidade como erro do amante, qualquer que ele seja, deixando prever a descoberta do elemento narcísico em toda relação amorosa (3). Aliás, é essa mesma direção que nos indica a utilização do mito de Narciso por certos platônicos, simbolizando a auto-suficiência do amor perfeito: percebe-se aí uma conjunção que se exprimirá até mesmo na retomada do Eros platônico por Freud para definir a "pulsão de vida".

Vários aspectos essenciais do narcisismo já tinham sido mencionados por Havelock Ellis (4), desde 1898, sobretudo o seu caráter totalitário, o fato de situar-se para além do gozo sexual localizado, auto-erótico: o narcisismo se caracterizaria pela "tendência... das emoções sexuais a serem absorvidas e às vezes inteiramente perdidas na admiração de si mesmo."

Ao contrário dos sexólogos, entretanto, quando Freud introduz seu texto com uma referência à perversão, não tem em vista uma delimitação nosográfica bem precisa. O que importa nesse primeiro esboço, nesses casos raros, mesmo que sejam exemplares, de "narcisismo-perversão" é a semelhança afirmada entre o próprio corpo e o "corpo de um objeto sexual" tratado como um todo, afagado, contemplado e acariciado: contemplação, cuidados e carícias são constituição e confirmação da forma total, do limite, do invólucro fechado que constitui o revestimento cutâneo.

Fora da "perversão narcísica", supondo-se que ela possa ser isolada como entidade clínica, o que é muito duvidoso, o narcisismo é logo interpretado pelos sexólogos e pelos analistas como elemento constitutivo das perversões, e antes de tudo, da perversão homossexual. Essa referência à homossexualidade, onde Freud vê "o

1. Ellis, H., trad. fr., Paris, Mercure de France, 1932.
2. Ovídio, *Métamorphoses*, III, 339-510.
3. Ibid., 446-454.
4. ... muito mais que por P. Näcke ao qual Freud se refere, mas que quase tudo que fez foi forjar o substantivo "narcisismo". Aqui se reflete a relação ambígua de Freud com Havelock Ellis, por mais favorável que tenha sido este último em acolher as contribuições clínicas do freudismo.

mais poderoso motivo que nos leva obrigatoriamente à hipótese do narcisismo" (1), se esclarecerá melhor ao longo da explanação, quando for introduzida a distinção dos dois tipos de "escolha de objeto".

Outra grande descoberta encontra-se mencionada e constantemente reelaborada nessas poucas páginas: a contribuição essencial do narcisismo para a compreensão das psicoses. Um duplo aspecto, desde então bem clássico, distingue-se aí: a retração da libido e, de um modo geral, do "interesse" pelo mundo exterior — esse desprendimento em relação ao objeto externo, aspecto "negativo" do processo, traduzindo-se muitas vezes no início da evolução de uma psicose por uma impressão, ou até, um delírio de fim de mundo — e, por outro lado, correlativa a essa retração, a necessidade que tem a libido de se fixar num outro tipo de objeto, os objetos interiorizados. Freud, ao contrário de Jung, distingue dois graus nessa retração da libido: uma retração para a vida fantasmática — o que Jung denomina de "introversão" — e uma retração para este objeto privilegiado que é o ego. Se a introversão pode explicar certos tipos ou certas fases da existência neurótica, ela é incapaz de, por si mesma, esclarecer a reinversão operada pela psicose, essa espécie de mundo que ela cria para além do espelho: mesmo se há, em seguida, a recriação de um novo mundo fantasmático, é a partir de uma retração radical que a nova elaboração vai se realizar. Num primeiro tempo, é, antes de tudo, na esfera do ego e unicamente nessa esfera que se produz a tentativa de "ligação" da energia libidinal liberada pelo fim de mundo e isto sob duas formas aparentemente bem diferentes: o delírio de grandeza e a hipocondria. Mas, quer o limite do ego se estenda até os espaços cósmicos, ou, ao contrário, se recolha às dimensões do órgão doente, quer a libido seja mais ou menos bem controlada, ou, ao contrário, flutuante, colocando o sujeito na iminência de transbordamento pela angústia, o combate psicótico, em seu início, se apresenta sempre como uma tentativa desesperada para demarcar novamente um certo território. Uma última referência vem, enfim, "patrocinar" essa introdução ao narcisismo: a evocação da "psicologia da criança e dos povos primitivos": referência que se pretende clínica, seguindo as análises desenvolvidas em *Totem e Tabu:*

"Encontramos nas crianças e nos povos primitivos traços que poderiam ser atribuídos, se tomados isoladamente, ao delírio de grandeza: supervalorização do poder de seus desejos e atos psíquicos, "onipotência do pensamento", crença na força mágica das palavras e uma técnica em relação ao mundo exterior — a "magia" — que surgem como uma aplicação conseqüente de tais pressuposições megalomaníacas." (2)

... Mas aqui, sob as aparências da história da espécie e do indivíduo, na verdade é a dimensão do mito e do "originário" que é introduzida, originário que, para expressar-se, utiliza termos da biologia: "Formamos assim a representação de um investimento libidinal originário do ego; mais tarde, uma parte dele é cedida aos objetos, mas, fundamentalmente, o investimento do ego persiste e comporta-se para com

1. Freud, S. *Pour introduire le narcisisme,* G.W., X, p. 154. Trad. fr. in: *La vie sexuelle* (A vida sexual), Paris, P.U.F., 1969, p. 93.
2. G.W., X, p. 140. Trad. fr., p. 83.

os investimentos de objeto como o corpo de um animalículo protoplásmico para com os pseudópodes que emitiu." (1) Trata-se de uma biologia que se pretende quantitativa, acessível a medidas energéticas, a medidas de diferenças de potencial, tanto que, em certos momentos, é um modelo de economia bancária que, como que naturalmente, poderá se introduzir: o animalículo protoplásmico é, então, fundo monetário, banco central emitindo ou retirando seus "investimentos".

Narcisismo originário, narcisismo primário — eis uma das noções mais enganosas que, na sua aparente evidência, exige, obrigatoriamente, uma *interpretação.* Para simplificar, digamos, antes de tudo, que existem no pensamento freudiano duas correntes manifestas a respeito dessa noção. Ora, a corrente representada em *Sobre o narcisismo: uma introdução,* se ela é praticamente perceptível ao longo de toda a obra, não é senão provisoriamente dominante. Uma outra linha do pensamento, presente também, logo de início, antes mesmo da introdução do termo narcisismo, explicitada sobretudo num texto de 1911, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental,* é que vai se tornar predominante. Expressa no seu *conteúdo manifesto,* essa tese pretende reconstruir a evolução do psiquismo humano a partir de uma espécie de *primeiro estado hipotético, no qual o organismo formaria uma unidade fechada* em relação àquilo que o circunda. Esse estado não se definiria por um investimento do ego, uma vez que seria anterior à própria diferenciação de um ego, mas por uma espécie de estagnação local da energia libidinal numa unidade biológica concebida como "anobjetal". Referência, pois, ao protótipo da vida intra-uterina, ou ao recém-nascido. Nessa reconstrução, Freud persiste em querer produzir, em termos genéticos, o aparecimento de certas funções do real, primeiramente a percepção, depois o julgamento, a comunicação, etc., a partir dessa mônada biológica. Isto não sem hesitações e arrependimentos que vêm à tona mesmo num texto tão claramente *psicologizante* como as *Formulações* de 1911, onde nos é apresentada a imagem de um estado primeiro, fechado sobre si mesmo, protótipo do estado de sono e de sonho. As necessidades internas, que, produzem um aumento do nível energético no sistema, ameaçando seu equilíbrio, encontram diretamente sua saída na "satisfação alucinatória". Apenas a "ausência persistente da satisfação" levaria a mônada, não se sabe como, a abandonar uma posição tão cômoda e aparentemente inexpugnável. Numa nota desse mesmo texto, entretanto, Freud logo se pergunta como tal organização poderia "sobreviver mesmo por um instante", reconhece que se trata aí de uma "ficção" e remete a um modelo próximo desse estado, "constituído pelo lactente, se levarmos em conta os cuidados maternos..." (2) Parece, entretanto, que é sobretudo a imperfeição do sistema, o hiato, por mais breve que seja, introduzindo-se entre as necessidades e o cuidado materno, que provocaria a alucinação. Não se trata, para Freud, nessa reflexão, de apresentar uma descrição concreta do estado pré ou neonatal, como não se trata, tampouco, para nós, de negar ou afirmar a existência efetiva de estados biológicos monádicos (o embrião do pás-

1. Ibid., G.W., X, p. 141. Trad. fr., p. 83.
2. Freud, S. *Formulations sur les deux principes du fonctionnement psychique.* G.W., VIII, p. 231-232, e nota p. 232.

saro no ovo, contanto que este receba calor), de estados diádicos funcionando como uma quase mônada (a mãe e seu feto) ou de estados diádicos muito mais imperfeitos: a mãe e o lactente. A questão é saber se podemos afirmar a existência de uma *gênese real* da relação objetal unicamente pela pressão interna da necessidade e unicamente por meio da "alucinação primitiva". Qualquer que seja o sistema considerado (e não nos esqueçamos que Freud foi quem introduziu essa problemática em toda sua abstração), a própria noção de "alucinação primitiva" levanta o enigma da junção e mesmo da compatibilidade dos dois termos que a definem. Isto porque, de qualquer modo, a alucinação supõe um conteúdo representativo mínimo e, por conseguinte, *uma primeira* clivagem, ainda que imperfeita: clivagem não tanto entre o ego e o objeto, ou entre as excitações internas e as excitações externas, mas entre a satisfação imediata e os signos que acompanham toda satisfação retardada, imperfeita, contingente, mediatizada: a que é trazida pelo "outro humano".

O lugar da alucinação com referência à satisfação é que permite melhor resolver a questão: a alucinação nasce da insatisfação ou, ao contrário, cessa por causa dela? A resposta de Freud é ambígua: ora é a energia pulsional acumulada pela não satisfação da necessidade que alimenta a produção alucinatória, ora, ao contrário, é essa acumulação que força a mônada a sair de seu sonho. A resposta mais aceitável seria, talvez, a de que uma certa insatisfação encontra sua saída na alucinação, mas que para além de um determinado limite energético, a "via alucinatória é abandonada." A questão, entretanto, é precisamente a de saber que sentido dar à noção de satisfação alucinatória. Distinguimos ao menos dois: *a alucinação da satisfação,* isto é, a reprodução da pura sensação da descarga, mesmo na ausência desta, ou a *satisfação pela alucinação,* isto é, pelo *próprio fato* do fenômeno alucinatório. Mas a *alucinação da satisfação,* supondo que se possa conceber um tal fenômeno, não pode comportar em seu interior nenhuma contradição que permita sair-se dela de tal maneira que a objeção que o próprio Freud levanta é inteiramente válida: tal organismo estaria destinado de imediato, e sem escapatória possível, à destruição. A *satisfação pela alucinação,* ao contrário, é inteiramente concebível segundo o próprio modelo do sonho: este, com efeito, não *traz* uma satisfação do desejo, ele *é* realização de desejo por sua própria existência. Mas, a referência ao sonho, assim como o próprio termo desejo, supõe que o correlato objetivo da necessidade (o alimento) já tenha sido metabolizado em "objeto", em signo capaz de ser introjetado em seu lugar. A partir daí, os elementos em jogo na alucinação apresentam-se numa outra complexidade e numa outra dialética diferente daquela que deveria permitir a suposta mônada narcisista.

Ressaltemos que todas essas objeções não pretendem negar a existência possível de sistemas biologicamente fechados, mas atentam apenas para a contradição que existe no fato de procurar conceitualizar o "para si", e, mais ainda, de querer traçar a gênese desse "para si". O narcisismo primário, como realidade psíquica, só pode ser o mito primário do retorno ao seio materno, cenário que Freud situa às vezes explicitamente entre as grandes fantasias originárias.

Nossa intenção foi resumir rapidamente essa versão do narcisismo primário que se tornará predominante, senão exclusiva, a partir de 1920; versão que pertence

ao grande mito biológico de Freud e que, como tal, uma vez interpretada, deve ser utilizada a fundo. Entretanto, com os trabalhos que preparam durante alguns anos a introdução ao narcisismo, depois com a própria *Introdução,* a significação dada ao narcisismo primário escapa parcialmente às contradições da tese precedente. O que é proposto nesse termo, não é o investimento originário do indivíduo biológico, mas o investimento de uma formação psíquica, o ego; donde a conclusão, insolúvel em sua simplicidade: se o ego não está presente desde o início, o narcisismo, apesar de sua qualificação de "primário", tampouco o está. Resta evidentemente saber em razão de que necessidade o narcisismo tanto quanto o ego devem se dar a nós, miticamente, como "originários".

A noção de auto-erotismo, nos anos 1910-1915, era ainda uma descoberta bastante recente, não ainda recalcada, para permitir situar corretamente o narcisismo na evolução da sexualidade. O auto-erotismo, lembramo-nos ainda, era considerado, desde 1905, não como estado anobjetal primário do ser humano, mas como resultante de um duplo movimento conjunto: *desvio* de atividades funcionais que de início eram orientadas para uma determinada "objetalidade", um "valor-objeto", e *retorno* da atividade sobre si, segundo a linha da fantasia. Sendo essa posição firmemente estabelecida, a pergunta se faz legitimamente desde os primeiros enunciados referentes ao narcisismo: "Qual a relação do narcisismo de que tratamos aqui com o auto-erotismo que descrevemos como um estado da libido em seu início?" (1) A resposta se enuncia em duas curtas frases que contêm talvez a visão mais aguda e mais condensada de Freud sobre essa questão: "... É necessário admitir que não existe *no indivíduo,* desde o início, uma *unidade* comparável ao ego; o ego deve passar por um *desenvolvimento.* Mas as *pulsões auto-eróticas* existem desde a origem; alguma coisa, uma *nova ação psíquica* deve vir, pois, juntar-se ao auto-erotismo para dar forma ao narcisismo". (2)

Assim, o que é designado como *originário* na sexualidade são as pulsões auto-eróticas, pulsões entre as quais não existe unidade, e vimos como elas funcionam *localizadamente,* a partir deste ou daquele aparelho, desta ou daquela zona erógena. O ego, ao contrário, é uma unidade *no indivíduo;* ele aparece nesse texto, antes da "segunda tópica", como instância. Dois termos um pouco divergentes, mas talvez complementares vêm caracterizar a maneira como ele aparece: "desenvolvimento" — que leva a pensar num crescimento progressivo — e "nova ação psíquica" — que evoca um momento de instauração, uma *mutação* que vem precipitar o auto-erotismo na forma narcísica. O narcisismo se situa assim, cronológica ou dialeticamente, depois do auto-erotismo, mas observemos que este, nos *Três Ensaios sobre a sexualidade,* não era ele próprio "primeiro": se era, na verdade, o estado primeiro *da sexualidade,* isto não significava que fosse necessariamente o estado *biológico primeiro.* O auto-erotismo era descrito como o momento em que surgia a sexualidade humana como tal, constitutivo, nesse sentido, do campo que a psicanálise explora. Isto significa que, por sua vez, o narcisismo que vem unificar o funcionamento auto-

1. Freud, S., *Pour introduire le narcisisme,* G.W., X, p. 141. Trad. fr., p. 84.
2. Ibidem, G.W., X, p. 142. Trad. fr. p. 84 (As palavras foram sublinhadas por Laplanche).

arótico e lhe "dar forma", embora tido como "primário", apareça como que preparado por um processo já complexo.

Do mesmo modo que um objeto exterior, o ego é objeto de amor, carregado de libido, "investido". Que interesse há para a teoria transpor em termos "econômicos" a descrição de sentimentos e de paixões? É que o modelo econômico, quantitativo, mesmo que não ofereça instrumentos para uma medida efetiva, permite apreender melhor certos fatos constatados na clínica: equivalências, trocas, antagonismos, etc. Assim, na teoria do narcisismo, esse modelo permite descrever, entre o ego e os objetos exteriores, ou mesmo entre ele e os objetos fantasmáticos interiorizados, um verdadeiro balanço energético, no sentido em que usualmente se fala de balanço de contas: quando um se enriquece, o outro deve necessariamente empobrecer-se, pois que o indivíduo dispõe apenas de uma *quantidade libidinal relativamente constante.* O capital libidinal não é inesgotável, cada um o emprega da melhor maneira possível, mas não pode investir além de suas reservas. Mas por outro lado, apesar da semelhança entre o investimento nos objetos exteriores e o investimento no ego, não existe entre eles uma simetria completa: o balanço não é inteiramente reversível, o ego deve sempre guardar uma certa energia, e mesmo "no estado de paixão amorosa que aparece como abandono da personalidade própria em proveito do investimento de objeto (1) o ego permanece como lugar de uma reserva permanente de energia, mantendo sempre em si um certo nível mínimo". É o que se compreende pela comparação como o animalículo protoplásmico que, na verdade, emite pseudópodes, mas a partir de uma massa central que permanece presente, mesmo que ela deva se distender ao máximo.

Uma outra imagem será logo empregada na teoria econômica do ego, a de "reservatório": "O ego é um grande reservatório da libido, de onde a libido é enviada aos objetos e que está sempre pronto a absorver libido que reflui dos objetos." (2) Essa imagem passará, aliás, por vicissitudes diversas, pois que ela será aplicada primeiro ao ego, depois ao id, depois novamente ao ego. (3) Tais variações ou variantes merecem mais que uma escolha que privilegie esta ou aquela: necessitam uma interpretação e esta implica, por sua vez, que, como no que se refere ao sonho, todos os elementos sejam justapostos, que nada seja eliminado, que a alternativa "ou bem" seja traduzida por "e". Aqui, na verdade, é a posição *realmente* ambígua do ego que é questionada nessas hesitações de Freud: o ego, mesmo sendo reservatório da libido que o investe, pode, num sentido, aparecer como *fonte;* ele não é o sujeito do desejo, nem mesmo o lugar de origem da pulsão (lugar de origem figurado pelo id), mas ele pode *dar-se como tal.* Objeto de amor, o ego "emite" libido, faz às vezes do amor, colocando-se na posição de sujeito amante. Já era essa a tese implícita no *Projeto para uma psicologia científica,* mas ela se encontra agora consolidada pela clínica, concretizada por uma análise aprofundada dos modos de "escolha" do objeto de amor, aberta enfim ao caminho que leva a uma teoria da identificação.

1. Ibidem, G.W., X, p. 141. Trad. fr., p. 84.
2. Freud, S. 1923. *Libido Theorie,* G.W., XIII, p. 231.
3. Uma nota bem completa dos editores da *Standard Edition* resume essas flutuações, S. E. XIX, pp. 63-66.

A teoria da escolha de objeto é sem dúvida uma das contribuições mais fecundas dessa introdução ao narcisismo. Trata-se aí de descrever os caminhos, ou se quisermos, as facilitações ("frayages") ao longo das quais o sujeito humano chega a se fixar neste ou naquele tipo de parceiro, ou mesmo nesta ou naquela determinada pessoa. Esses caminhos se reduzem esquematicamente a dois: o tipo de "escolha anaclítica* de objeto" e o tipo de escolha *narcísica* de objeto. A escolha de objeto por apoio ("étayage"), durante muito tempo designada, num neologismo erudito, pela expressão "escolha de objeto anaclítica" (1), já fora descoberta há muito e descrita pelo menos desde os *Três ensaios.* A descoberta da "escolha" narcísica de objeto vem somente repor em perspectiva, relativizar o primeiro tipo. Na verdade, a noção de escolha de objeto por apoio não era senão o prolongamento da teoria fundamental do apoio como tempo sempre renovado da emergência da sexualidade. Nessa escolha, a autoconservação, a função vital, longe de estar em conflito com a sexualidade, mostra a esta o caminho do objeto: "... Estudando a escolha de objeto das crianças (e dos adolescentes), observamos primeiro que eles tiram seus objetos sexuais de suas primeiras experiências de satisfação" (2). Juntamente com a escolha de objeto, entretanto, é um tipo de repetição longínqua das primeiras experiências que é descrita: "As pulsões sexuais se apóiam de início na satisfação das pulsões do ego das quais só posteriormente se fazem independentes; mas esse apoio continua a revelar-se pelo fato de que as pessoas que se ocupam da alimentação, dos cuidados, da proteção da criança, tornam-se os primeiros objetos sexuais; trata-se, em primeiro lugar, da mãe ou de seu substituto" (3).

A escolha narcisista de objeto se diferencia nitidamente da escolha por apoio de objeto, na medida em que o objeto é agora escolhido a partir do modelo de si mesmo, ou seja, do *modelo do ego* e na medida em que a energia libidinal se encontra verdadeiramente *transportada* muito mais que deslocada imperceptivelmente. Se quisermos, podemos opô-las grosseiramente como o amor do complementar, daquele que pode garantir a vida, e o amor do mesmo ou do semelhante; uma semelhança, entretanto, que comporta diversos aspectos, de modo que o jogo de espelhos se complica. Freud nos apresenta toda uma série de escolhas narcísicas possíveis: escolha feita não somente à imagem daquele que se é atualmente, mas também daquilo que se foi um dia — aquilo que se gostaria de ser — da pessoa que foi uma parte de si própria (4).

* Expressão consagrada na literatura psicanalítica. Laplanche propõe "escolha por apoio". (Nota da tradução.)

1. Cf. sobre este assunto: Laplanche, J. et Pontalis, J.B., *Vocabulaire de la Psychanalyse* (Vocabulário da Psicanálise); verbete: *anaclitique* (anaclítico), Paris, P.U.F., 1967.
2. Freud, S., *Pour introduire le narcisisme,* G.W., X, p. 153, Tr. fr. p. 93. Essa referência explícita à antiga noção de experiência de satisfação do *Projeto* e da *Interpretação de Sonhos* vem justamente confirmar que essa noção e a de apoio das pulsões sexuais nas pulsões de autoconservação atuam exatamente no mesmo domínio.
3. Ibidem, G.W., X, pp. 143 — 154. Trad. fr. p. 93.
4. Ibidem, G.W., X, 156. Trad. fr. p. 95.

A escolha daquilo "que se foi" é uma das mais reveladoras, pois que foi ela, descoberta na base da homossexualidade, que permitiu afirmar o narcisismo não somente como posição "intra-subjetiva" — amor de si mesmo —, mas, como modo de relação de objeto — amor por alguém que seja semelhante a uma certa imagem de si mesmo.

"Descobrimos, com particular evidência, que pessoas cujo desenvolvimento da libido sofreu alguma perturbação, como os perversos e os homossexuais, não escolhem seu objeto ulterior de amor a partir do modelo da mãe, mas sim a partir do modelo de sua própria pessoa. Tudo indica que procuram buscar-se a si mesmos como objeto de amor, realizando a escolha de objeto segundo um tipo que podemos chamar de *narcisista.* É nesta observação que deve se encontrar o motivo mais forte que nos obriga a admitir a hipótese do narcisismo (1).

Mencionamos um jogo de espelhos onde se opera um duplo deslocamento: o homossexual se coloca no lugar da mãe, e seu "objeto" no lugar da criança que ele foi um dia. Se acrescentarmos que não há aí posições estáveis, mas, ao contrário, um movimento oscilatório que, à menor vibração do espelho, provoca intercâmbio das posições, concluímos que os modelos aplicáveis ao narcisismo com a complexidade das trocas que eles devem permitir, não têm nada da forma fechada e auto-suficiente do "ovo".

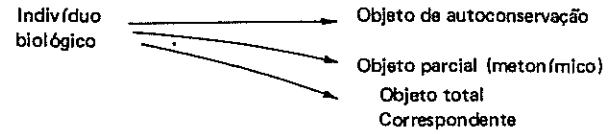
Antes de analisar certas incidências da teoria da escolha de objeto, proponhamos rapidamente alguns pontos de apoio para a compreensão do pensamento freudiano neste momento preciso: torna-se indispensável introduzir uma distinção, sem a qual o texto sobre "o narcisismo" estaria destinado a uma total confusão: trata-se de dois termos que podem aparecer como sinônimos numa leitura superficial, mas pertencem, em realidade, a dois registros bem diferentes: as *pulsões do ego* e a *libido do ego.* As pulsões do ego, nesse texto como em toda obra freudiana até 1920, designam as grandes funções vitais cuja finalidade é a autoconservação do indivíduo biológico. São sempre colocadas, num grande dualismo, como pulsões de autoconservação *não sexuais,* em oposição à pulsão sexual. Se temos em mente que a libido, ao contrário, designa a pulsão *sexual* no seu aspecto energético, verificamos que a libido do ego situa-se do outro lado do dualismo, designando um investimento sexual do objeto — ego em oposição à "libido de objeto", na qual a sexualidade é investida no exterior. No primeiro caso, conseqüentemente, trata-se de uma denominação da pulsão em função de seu *alvo* ou de sua *essência:* pulsões de autoconservação ou do ego de um lado, e pulsão sexual de outro, enquanto que no segundo caso, toda distinção recai sobre o *objeto* no interior do mesmo grupo de pulsões: as pulsões sexuais ou libido.

Uma vez colocadas essas duas dualidades, e observamos que elas se situam em dois níveis muito diferentes, é necessário levantar mais uma vez um problema de interpretação: se a distinção deve ser mantida, como explicar, apesar de tudo, essa ambigüidade resultante de uma designação comum e como que em eco: pulsões *do ego,* libido *do ego*? Interpretação que nos leva ainda à problemática de conjunto que tentamos esboçar aqui, a da passagem do ego como indivíduo biológico — tal como justamente aparece na "origem" das "pulsões do ego" — ao ego como instância

1. Ibidem, p. 154. Trad. fr., p. 93.

que pode ser objeto da "libido do ego" e relé ("relais") no trajeto desta, aí está toda a problemática da *derivação do ego psicanalítico.*

A título de apoio provisório, para melhor compreensão dessa "introdução ao narcisismo", propomos ainda dois esquemas. O primeiro tenta representar o movimento



da escolha por apoio de objeto, movimento, pois, de defasagem, de afastamento progressivo, que podemos chamar de *metonímico,* entre os diferentes objetos, tanto pela contigüidade do leite e do seio, quanto pela relação da parte ao todo, que é a relação do objeto parcial (o seio) ao objeto total (a mãe).

O esquema de escolha narcisista de objeto é completamente diferente: não se trata aí de um desvio ou de um deslizamento, mas da rotação de um determinado ângulo em torno de um eixo.

O movimento é reversível, a libido podendo voltar-se ora para um, ora para outro desses objetos que mantêm entre si uma relação recíproca especular. A escolha narcisista de objeto se opera, pois, por transporte global, para um outro lugar (da "intersubjetividade" à "intra-subjetividade" e vice-versa) da energia e da forma objetal que essa energia mantém.

Essas duas escolhas de objeto nos são dadas apenas como dois tipos ideais e, nesse sentido, abstratas. Mesmo supondo-se que uma seja mais característica da vida amorosa do homem e a outra da mulher, elas representam de fato duas possibilidades abertas a todo ser humano, mesmo se num caso particular, ou num dado momento, um caminho seja preferido — caminho narcísico ou caminho anaclítico — ou se os dois tipos de escolha se encontrem, segundo modalidades variadas, misturados um ao outro. Em toda *escolha real de objeto,* uma tal imbricação dos processos metafórico e metonímico não é de surpreender: em mais de um domínio, a investigação psicanalítica mostra que o aparecimento de uma "realidade psíquica" e sua consolidação se produz no ponto desse entecruzamento metafórico-metonímico (1).

Uma das tarefas que resta à teoria psicanalítica é pensar a articulação desses dois modos de escolha de objeto ou de "derivação" do objeto. Os dois esquemas re-

1. Cf. Laplanche, J. "Dérivation des entités psychanalytiques", in *Hommage à Jean Hyppolite* (Homenagem a Jean Hyppolite), Paris, PUF, 1970.

presentativos que propusemos aqui revelam seu caráter puramente provisório: não se trata simplesmente de justapô-los ou de combiná-los. Na escolha anaclítica de objeto, sobretudo, o movimento que leva para além do objeto parcial não poderia ser concebido *unicamente* como passagem à "totalidade": o objeto "total" é também o "correspondente" do objeto parcial. Assim os vetores orientados para o outro humano numa e noutra escolha não são passíveis de uma estrita superposição.

A descrição de Freud das diferentes modalidades da escolha amorosa, qualquer que seja sua diversidade e sua complexidade, não deixa dúvida, porém, sobre um ponto: a predominância do narcisismo, senão em toda relação libidinal, pelo menos em toda relação *amorosa* no sentido de paixão, este estado de desprendimento de si que ele chama de *"Verliebtheit"*. Isso se evidencia sobretudo na descrição da escolha de objeto pelo homem, da qual Freud afirma entretanto que, nos exemplos característicos, ele realiza "o pleno amor de objeto segundo o tipo por apoio". Mesmo nesse caso, se o *tipo de objeto* não é escolhido segundo o modelo do ego, mas segundo o modelo da "mulher que dispensa cuidados", a energia libidinal parte sempre do ego e está sempre pronta a voltar a ele. Essa origem se manifesta na *forma da relação*, na qual o entusiasmo e a supervaloração aparecem como traços narcisistas: "A supervaloração sexual, surpreendente neste amor de objeto por apoio, tem sua origem no narcisismo originário da criança e corresponde, pois, a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual" (1). Assim, a cegueira amorosa de Eros — tomando esse termo no sentido que ele terá na última teoria das pulsões, e não no sentido de erótico dos *Três ensaios sobre a sexualidade* — é o estigma inegável e definitivo do elemento narcísico, segundo Freud, existente em todo amor. Mais ainda: convém mesmo retificar a afirmação segundo a qual, no estado amoroso do homem, a forma do objeto, pelo menos, não seria calcada no ego. Pois justamente o altruísmo do amoroso, o "desprendimento" de seu próprio narcisismo naquele que está à procura do amor de objeto têm, como contrapartida, o ser capturado por uma outra "bela totalidade": a mulher auto-suficiente, belo animal narcisista que só ama a si mesmo... Assim, é no exato momento em que o homem — e Freud — vão sacrificar-se à "objetalidade" que eles retombam, dialeticamente, numa outra forma de narcisismo... (2)

Essa descrição da escolha narcísica de objeto na vida amorosa do ser humano permite finalmente a Freud voltar ao problema do *narcisismo infantil*, volta que é uma verdadeira *mudança de perspectiva*. Se, num primeiro momento, o "narcisismo infantil" pode ser apresentado como argumento em favor da hipótese de um narcisismo originário, com todas as ambigüidades que este comportava, agora está claramente reconhecido que o narcisismo infantil deve, ele próprio, ser inferido: "O narcisismo primário da criança, cuja existência presumimos, e que constitui uma das

1. Freud, S., *Pour introduire le narcisisme*. G.W., X, p. 154. Trad. fr., p. 94.
2. Esboçamos uma descrição desses movimentos de oscilação na escolha de objeto, quando tratamos da paixão amorosa do Hypérion de Hölderlin: Laplanche, J., *Hölderlin et la question du père* (Hölderlin e o problema do pai). Paris, P.U.F., 1961, cap. II: "Les dialectiques de l'Hypérion" (As dialéticas do Hypérion).

pressuposições de nossas teorias sobre a libido, é menos fácil de ser apreendido pela observação direta do que confirmado por um raciocínio recorrente a partir de um outro ponto" (1). Ora, a perspectiva é agora inversa: é na atitude dos pais com relação à criança, "Sua Majestade o Bebê", que se manifestam a supervaloração, a idealização e o sentimento megalomaníaco de onipotência, características da escolha narcisista. Freud vê aí a prova do narcisismo infantil que teria sido um dia o dos pais e ao qual eles voltam por ocasião do nascimento da criança: "O amor dos pais, tão comovente e no fundo tão infantil, não é nada mais que um renascimento de seu próprio narcisismo e que, apesar de sua metamorfose em amor de objeto, manifesta, sem dúvida alguma, sua antiga natureza" (2). Raciocínio que entretanto não nos convence, porque ele nos leva indefinidamente de narcisismo infantil a narcisismo infantil, esses estados narcisistas que se pretenderia fechados sobre si mesmos, sendo inferidos unicamente a partir da única situação constatável: a escolha de objeto ou a *relação* narcisista pais-criança. Basta ir um pouco mais além na direção indicada por Freud, para interpretar as coisas da seguinte maneira: fala-se geralmente da onipotência narcisista e da ilusão megalomaníaca da criança; mas, na realidade, isso não é nada mais que a onipotência dos pais invertida. É a partir da onipotência dos pais, vivida como tal pela criança, e de sua introjeção, que os estados narcísicos megalomaníacos da criança podem ser compreendidos... (3). Assim, na estrutura tão pouco formalista, mas ao mesmo tempo tão rigorosa de *Sobre o narcisismo: uma introdução*, a rápida descrição da relação narcisista originária apresenta-se como um apelo à ordem, leve guinada que vem corrigir uma constante tendência em assimilar o "narcisismo primário" a um estado psicobiológico anobjetal que teria efetiva e subjetivamente existido numa primeira fase.

Se opusemos esquematicamente *Sobre o narcisismo: uma introdução* aos textos metapsicológicos de 1915, existe, entretanto, entre estes, um escrito para o qual essa oposição não vale: *Luto e Melancolia*. A respeito tanto da retração melancólica, quanto do que diz respeito à expansão maníaca, a descoberta do narcisismo como tipo de escolha de objeto e como modo de identificação trouxe uma das chaves indispensáveis. Ora, esse texto confirma plenamente nossa interpretação, se é verdade que o *narcisismo primário* é aí considerado como *idêntico às formas primárias da identificação narcísica*. Essa observação nos leva a uma outra maneira de situar a origem e a evolução do ego: a teoria da *identificação*.

Lembremos que o lugar da identificação no conjunto do pensamento psicanalítico nunca foi verdadeiramente preenchido, apesar das inúmeras notações clínicas que se acumularam. Malgrado as tentativas renovadas do próprio Freud para definir e delimitar diferentes tipos de identificação, a noção permanece ou simplista demais, ou muito vaga, como se dissimulasse sob uma mesma rubrica fenômenos muito diferentes. Com vistas a uma primeira repartição, talvez um pouco escolástica

1. Freud, S., *Pour introduire le narcisisme*, G.W., X, p. 157. Trad. fr. p. 96.
2. Ibid., G.W., X — p. 158. Trad. fr. p. 96.
3. É como um mecanismo de defesa aparecendo em certos *momentos*, e não como o estágio de partida do desenvolvimento psíquico, que Melanie Klein descreve a megalomania infantil.

(1), mas suscetível de fazer aparecer novos agrupamentos, poderíamos simplesmente distinguir os tipos de identificação em função *daquilo com o que há identificação, do processo em causa* e enfim do *resultado*.

Identificação com o quê? Naturalmente com o "objeto", pelo menos se tomamos esse termo em seu sentido mais amplo. É preciso ainda indagar-se se se trata, por exemplo, do objeto total ou do objeto parcial, sabendo-se que nenhum desses termos é simples. Na identificação com o objeto total, que sentido devemos dar a essa "totalidade"? Trata-se, por exemplo, de uma totalidade perceptiva? Podemos admiti-lo em certas identificações como as que estruturam o ego no seu início, mas não nos esqueçamos de que o termo objeto total designa, às vezes, sobretudo em Melanie Klein, algo diferente desse agrupamento: especialmente o fato de que uma outra pessoa humana possa dar uma resposta que seja válida de maneira total, ou melhor, absoluta, resposta da qual depende a criança em *tudo ou nada*. Assim também, quando falamos de identificação parcial, não queremos dizer, obrigatoriamente, que visamos a uma parte localizada espacialmente, um objeto parcial (seio, falo, etc.). Podem existir também identificações com traços parciais (2) não localizáveis. Referimo-nos a todas as identificações com traços de caráter, por exemplo, ou mesmo à identificação com algum acontecimento bem localizado no tempo e no espaço e, muitas vezes, captado de passagem, justamente por seu caráter insólito e artificial. Pode ser ainda uma identificação parcial com uma palavra, especialmente aquela que proíbe: esse o lugar das identificações ditas do superego, sobre cujo valor fundador das palavras pronunciadas, "restos acústicos", os psicanalistas insistem.

Uma interrogação sobre o processo em questão nos leva a perguntar se existe um denominador comum entre esses fenômenos habitualmente colocados numa mesma rubrica: a marca perceptiva precoce da qual a etologia nos mostra os exemplos mais admiráveis na psicologia animal; a introjeção de um objeto, calcado no modelo de um processo corporal; ou ainda, um tipo de identificação que se refere explicitamente à estrutura: identificação com a *posição* do outro, supondo, pois, um jogo interpessoal e, sistematicamente, ao menos duas outras posições desenhando os ápices de um triângulo: trata-se, evidentemente, da identificação edipiana.

Os efeitos ou resultados das identificações permitiriam, enfim, distinguir, de um lado, aquelas que são estruturantes, definitivas, acarretando uma mudança fundamental no ser psíquico, e, de outro lado, as identificações transitórias: identificação histérica, a primeira reconhecida na clínica psicanalítica e mesmo pré-psicanalítica — ou ainda o que Freud mais tarde descreveu como identificação no interior

1. ... mas semelhante, em sua inspiração, a certas distinções freudianas, como as de fonte, pressão, alvo e objeto da pulsão...
2. Traço único, segundo Freud, do qual Lacan, insistindo não sem razão no seu aspecto de "significante", fez o "traço unário" ("unaire").

das massas, quando um conjunto de indivíduos coloca a fascinante personagem do "líder" no lugar dessa instância da personalidade que é o ideal do ego. No quadro da identificação que leva a mudanças estruturais, devemos distinguir claramente também as que são fundadoras, "primárias", localizadas na origem do aparecimento de uma nova instância, e as que pouco a pouco, mediante uma verdadeira sedimentação, têm como conseqüência modelar e enriquecer essa instância.

Com efeito, numa dada identificação, objeto, processo e resultado atuam reciprocamente de maneira muito estreita. É o caso na gênese do ego, cujo esboço tentamos traçar seguindo Freud. A identificação "egóica" deve ser muito precoce, se é verdade que deve permitir a instauração de um limite — esboçado senão definitivamente traçado — que torne compreensível mecanismos tão antigos quanto os da introjeção e da projeção: pois tudo o que Melanie Klein descreveu como dialética do bom e do mau, do parcial e do total, do introjetado e do projetado, não é concebível sem a primeira fronteira de um ego, ainda que muito rudimentar, delimitando um dentro e um fora. Somente essa primeira noção de um ego fornece às primeiras fantasias orais o mínimo de termos necessários à sua articulação na "linguagem da pulsão oral": "Quero colocar isto dentro de mim, quero expulsar isto para fora de mim." (1)

Somos, pois, levados a admitir a existência de uma identificação muito precoce e provavelmente também muito sumária na sua primeira fase, identificação com uma forma concebida como limite, como um invólucro: o invólucro da pele. A tentativa mais elaborada de preencher o lugar deixado pela noção freudiana do ego, para descrever esta "nova ação psíquica", capaz de fazer a passagem do auto-erotismo ao narcisismo, foi proposta por J. Lacan, na sua teoria do "estádio do espelho". Ele retoma aí, especialmente, as observações feitas por Wallon, dando-lhes, contudo, um alcance mais amplo. O estádio do espelho (2) foi muitas vezes mal compreendido, na medida em que se pretendeu torná-lo indissociável da experiência particular que aí está descrita: o reconhecimento pela criança de sua forma no aparelho concreto, técnico, do espelho. Ora, a intenção de Lacan não é certamente a de ligar de maneira necessária o aparecimento do eu humano à criação do *instrumento* do espelho, nem tampouco, por exemplo, ao fato de que Narciso possa mirar-se nas águas. Na observação da criança diante do espelho, este último não é para nós senão a revelação de alguma coisa que, de qualquer maneira, se passa sem esse instrumento: o reconhecimento da forma do outro humano e a precipitação correlativa no indivíduo de um primeiro esboço dessa forma.

Não seria exato, contudo, dizer que Freud não tenha delimitado o lugar da identificação especular. Ela está presente não somente em *Luto e Melancolia*, mas sobretudo numa passagem extremamente densa de *O Ego e o id*, onde se afirma que "o ego é antes de tudo um ego corporal, não apenas um ser de superfície, mas é ele

1. Cf. Freud, S., 1925, *Die Verneinung* (*La dé-négation*), G.W., XIV, p. 13.
2. Lacan, J. "O estádio do espelho como formador da função do Eu ("Je") tal como nos é revelada na experiência psicanalítica". In: *Revue Française de Psychanalyse*, 1949, XIII, 4.

próprio a projeção de uma superfície" (1). Indicação aparentemente enigmática, mas comentada na edição inglesa das Obras Completas numa nota que teve a aprovação de Freud: "O ego deriva, em última análise, de sensações corporais, principalmente das que nascem na superfície do corpo. Pode assim ser considerado como uma projeção mental da superfície do corpo ao mesmo tempo que representa a superfície do aparelho mental" (2). As percepções que "participam do aparecimento do ego e de sua separação do id" são aliás definidas ali: trata-se, por um lado, da percepção visual que permite apreender o corpo "como um outro objeto", e, por outro lado, das percepções táteis, tendo a superfície cutânea uma posição bem particular pelo fato de que o sujeito pode explorar seu próprio corpo com uma outra parte do corpo, a pele sendo percebida ao mesmo tempo do interior e do exterior e podendo ser como que contornada. A percepção da dor, enfim, é mencionada como um último fator e será para nós ocasião de lembrar a presença constante, desde o início do pensamento freudiano, de uma teoria da *dor* bem definida e inteiramente diferente da concepção de desprazer. Desde o *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, a dor encontra um lugar à parte sobretudo no quadro de uma "experiência da dor", considerada, por um momento, como simétrica da "experiência de satisfação" (3). A dor, no que se refere à sua qualidade, é apresentada como "indubitavelmente" diferente do desprazer. Do ponto de vista dos processos em causa, ela se caracteriza antes de tudo por um fenômeno de ruptura das barreiras, "quando quantidades (de energia) excessivas rompem os dispositivos protetores em φ" (4). Assim, a dor é *efracção* e supõe a existência do limite e sua função na constituição do ego só pode ser concebida se este, por sua vez, se definir como um ser limitado (5).

Freud nos indica assim, nitidamente, as duas derivações conjuntas do ego a partir da "superfície": ele é, de um lado, a superfície do aparelho psíquico, diferenciada a partir deste, órgão especializado em continuidade com o aparelho, e, de outro lado, a projeção ou metáfora da superfície corporal, metáfora pela qual os diferentes sistemas perceptivos têm um papel a desempenhar. Dessas duas concepções da relação do ego – instância-psíquica ao ego – indivíduo-vivo colocamos, entretanto, uma em primeiro plano: a concepção metafórica segundo a qual o ego se constitui *fora* das funções vitais, como objeto libidinal. Uma das razões dessa preferência provém da experiência psicanalítica do *conflito,* para o qual um dos modelos mais satisfatórios é o de uma oposição entre libido de objeto e libido narcisista ou libido do ego (6). Essa oposição está próxima da que se encontra no plano econômico-dinâmico, entre o processo primário e o processo secundário: o processo primário representando a sexualidade na sua forma não ligada, enquanto que, o processo secundário, ao contrário, referindo-se à "estase" da libido no ego, e à estabilidade relativa dos objetos de amor, a qual reflete por si mesma a estabilidade relativa da forma do ego.

Seria necessário, entretanto, não abandonar, ao lado dessa concepção do ego à imagem da forma do ser vivo, outra concepção: a do ego como órgão; dar-lhe seu lugar, mesmo se for preciso conceber esse lugar como, por sua vez, imaginário, *um imaginário que não é somente o dos partidários da "psicologia do ego", mas o do próprio ego.* Constatamos, com efeito, uma espécie de retomada das funções vitais, débeis e imaturas pelo ego e seu suporte libidinal. Lembrávamos, anteriormente, a fórmula bem banal dos pais ansiosos quanto à alimentação dos filhos: uma colher para o papai (quer dizer: pelo amor de papai), uma colher para mamãe (pelo amor de mamãe). Mas também: uma colher para "mim" (quer dizer: uma colher pelo amor de mim, do ego), o que manifesta o caráter fundamental do investimento narcisista para o próprio funcionamento vital, para a autoconservação de todo ser humano. Lembrávamos também que uma perturbação do amor, uma neurose, pode manifestar-se por uma perturbação da alimentação, por uma anorexia. Mas, ao lado da anorexia neurótica edipiana, a que encontra seu "pivot" na "colher para papai" e "colher para mamãe", encontramos a anorexia psicótica na qual o problema é a "colher para mim", problema pois de uma perturbação fundamental do amor do ego.

Mas, se é verdade que a fome e a função de alimentação podem ser inteiramente assumidas e endossadas pelo amor e pelo narcisismo, por que não admiti-lo também em relação a outra função vital, e talvez à própria "percepção"? A relação do ego com a percepção, tal como a concebe uma certa "psicologia do ego", cairia por terra se permanecesse tão limitada. O ego não desabrocha a partir do "sistema percepção", mas se forma, por um lado, a partir das percepções e antes de tudo da percepção do semelhante, e por outro lado, assume, libidinalmente, a percepção. Eu percebo, do mesmo modo que eu como, "pelo amor de mim"... Percebemos que na psicanálise há lugar para uma teoria do ego que não seria, entretanto, em nada semelhante à psicologia acadêmica e clássica que se quis introduzir no pensamento psicanalítico. O que um autor como Federn descobriu a respeito do ego, suas fronteiras, seu investimento, sua expansão ou sua perda, indica aqui um certo caminho.

Essas quatro primeiras conferências tentaram mostrar como a sexualidade e o ego, esses dois pólos do conflito dos quais a psicanálise se ocupa, encontram-se ambos em conexão, mas de maneira bem diferente, com o que podemos chamar de "ordem vital". A sexualidade, com efeito, exclui a vida de seu campo, tomando dela apenas protótipos para suas fantasias. O ego, ao contrário, parece reassumir por sua própria conta a ordem vital: ele a reassume na sua essência, constituído como é segundo o modelo de um ser vivo, com seu nível, sua homeostase, seu princípio de constância. E, por outro lado, se encarrega dela, uma vez que ele faz as vezes das funções vitais, de tal modo que podemos resumir as diferentes proposições apresentadas acima em um "eu vivo pelo amor de mim, pelo amor do ego."

Dos dois lados do conflito, é pois, a sexualidade que estaria presente, sexualidade livre de um lado, sexualidade "ligada" de outro, isto é, do lado do ego. Como

1. Freud, S., 1923. *Das Ich und das Es (Le Moi et le Ça).* G.W., XIII, p. 253.
2. Freud, S., S.E., XIX, p. 26.
3. Freud, S., 1895, *Projet de Psychologie scientifique.* In: *La Naissance de la psychanalyse.* Ed. al., pp. 404-405. Trad. fr., Paris, P.U.F., 1956, pp. 338-339.
4. Ibidem, p. 404. Trad. fr. p. 338.
5. A angústia, em relação ao limite do ego, é a metáfora perfeita da dor em relação ao limite corporal.
6. E não entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego ou de autoconservação, como pensou Freud em certos momentos.

pano de fundo, os fenômenos vitais, mas refratados e em si mesmos ausentes do campo que nos interessa. Eles aparecem apenas no horizonte do domínio propriamente psicanalítico, talvez mesmo no horizonte de tudo o que somos capazes de dizer sobre o ser humano.

Entretanto, aparentemente, não é nessa metapsicologia, em germe no momento nodal do "narcisismo" que vai se desenvolver. Ela deverá passar, pelo menos, por uma mutação aparentemente imprevisível: a que lhe é trazida pela "pulsão de morte".

5

Agressividade e sadomasoquismo

Pulsão de morte? Uma interrogação sobre esse termo fundamentalmente novo, alterando em 1920 toda a teoria das pulsões, será o objeto de nossas duas últimas conferências. Nossa intenção não é tanto a de colocar abstratamente a questão da validade desse conceito, mas tentar determinar seu lugar na economia geral do pensamento freudiano, e, se possível, ao mesmo tempo na dimensão diacrônica e na dimensão sincrônica. E se, de início, estamos certos de que tal conceito, a essa altura da obra não pode certamente ser fundamentalmente heterogêneo em relação à inspiração precedente, nem por outro lado, simples repetição, ser-nos-á necessário conseguir determinar, na história da obra, o ponto do qual ele é o retorno e por qual via esse retorno encontrou sua derivação; e, por outro lado, na simultaneidade da "doutrina" de 1920, determinar aquilo com que ele se equipara, ou até mesmo aquilo ao qual se contrapõe.

Não sendo nossa intenção esgotar uma tarefa tão complexa, propomos pelo menos para início de abordagem, uma hipótese provisória permitindo subdividir a questão: duas intenções, ao menos, se encontram na afirmação da pulsão de morte tal como ela aparece em *Além do princípio de prazer:* reafirmar o princípio econômico fundamental da psicanálise e isto na sua forma absoluta: a tendência ao zero; dar um estatuto metapsicológico, na teoria das pulsões, às descobertas cada vez mais numerosas e surpreendentes da pesquisa psicanalítica no que diz respeito ao registro da "agressividade" ou da "destrutibilidade". Começaremos por este segundo tema.

Seria fácil fazer um levantamento, no pensamento freudiano e mais geralmente na experiência psicanalítica, tal como ela se desenvolve antes de 1920, ou mesmo antes de 1915, dos numerosos momentos e lugares onde se observam as manifestações ditas agressivas: complexo de Édipo, sempre descrito com suas duas componentes negativa e positiva, ambivalência amor-ódio (sobretudo na neurose obsessiva),

manifestação negativa da cura (transferência negativa, resistência...), perversão sadomasoquista, aspectos sádicos das fases pré-genitais, etc. Quando Freud, Freud historiador, minimiza retrospectivamente sua apreciação da importância desses fenômenos antes de 1920, pode invocar dois argumentos principais: de um lado, a ausência de reconhecimento *teórico* de uma *pulsão* agressiva e, de outro, o desconhecimento do primado da auto-agressão sobre a hetero-agressão. Essa visão retrospectiva, parcialmente falseada, como sempre acontece quando Freud se debruça sobre a história de seu próprio pensamento, pode servir de ponto de partida para nossa reflexão.

O primeiro argumento, de qualquer modo, não deve ser superestimado. É certo que antes de 1920, não somente a pulsão de agressão não aparece (1), mas o próprio termo agressividade está praticamente ausente. Não reconhecer a existência de uma pulsão de agressão não significa, contudo, necessariamente, negligenciar a teoria da agressividade, do sadomasoquismo e do ódio: teoria que está explicitamente desenvolvida, sobretudo em *Os instintos e suas vicissitudes* (1915). Assim também, admiramo-nos quando vemos Freud classificar, na mesma categoria da resistência "afetiva" ao reconhecimento da agressividade, seu próprio pensamento anterior a 1920 e a teoria dos partidários de uma "natureza humana boa" (2). Parece que há aí, senão uma ignorância, pelo menos uma minimização de toda uma corrente pessimista vigente, não apenas no pensamento filosófico e político ocidental, como na própria inspiração freudiana desde seus primórdios.

O essencial, contudo, na afirmação da pulsão de morte, não reside nem na descoberta da agressividade, nem na teorização, nem mesmo no fato de hipostasiá-la numa tendência biológica ou metafísica universal. O essencial consiste na idéia de que a agressividade está voltada primeiro para o sujeito e como que estagnada nele, antes de ser dirigida para o exterior — o termo "sujeito" compreendido aqui em todos os níveis, tanto o ser biológico mais elementar, protista ou célula, quanto o indivíduo biológico multicelular e, evidentemente, tanto o indivíduo humano considerado como individualidade biológica, quanto como "vida psíquica". Essa é a tese do "masoquismo primário" ou "originário", e as aparências confirmam de modo indubitável que ela é inteiramente nova, só aparecendo em 1920 com a postulação do ser mítico que é a pulsão de morte. Sem querer, entretanto, minimizar a novidade da última teoria freudiana das pulsões, gostaríamos de mostrar qual o elo, tênue, mas sólido, que a liga à tese que, em 1915, se apreende de uma reflexão ao mesmo tempo clínica e dialética sobre a gênese do sadomasoquismo. Essa teoria, implícita, talvez imperfeitamente deduzida pelo próprio Freud, e sobretudo logo encoberta, comporta, segundo pensamos uma dupla base: o uso da noção de apoio ("étayage") na teoria do sadomasoquismo e a prioridade do tempo masoquista na gênese da pulsão sadomasoquista, na medida em que esta é pulsão sexual — pulsão, pois, no verdadeiro sentido do "Trieb" freudiano.

1. Exceto para ser criticada, quando Adler emite a hipótese de sua existência.
2. Freud, S., 1932. *Nouvelles conférences introductives à la psychanalyse*, G.W. XV, p. 310. Trad. fr. Paris, Gallimard, 1936, p. 141.

Se é exato que essas duas proposições podem se achar entrelaçadas na trama da argumentação freudiana, mas também que elas aí se encontram freqüentemente eclipsadas ou camufladas, convém, a fim de colocá-las em evidência, usar uma espécie de revelador capaz de dar-lhes relevo: a distinção entre o "sexual" e o "não sexual". Essa distinção encontra-se explicitamente afirmada por Freud em todos os textos em que estuda o sadomasoquismo: *Três ensaios sobre a sexualidade*, desde a primeira edição e em todas as revisões, *Os instintos e suas vicissitudes*, *Problemas econômicos do masoquismo* (1924), *Novas Conferências* (1936), etc. Essa oposição, contudo, não está regularmente fixada numa distinção terminológica absoluta: "sadismo" e "masoquismo" são, às vezes, utilizados, no intervalo de algumas linhas, ora para designar a violência não sexual, ora para designar uma atividade ligada, ou mais ou menos estreitamente, a um prazer sexual. Tal "confusão" tende a reaparecer mesmo quando Freud parece querer reservar os termos de sadismo e de masoquismo ao aspecto da violência que é sexualizada. Em tais casos, às vezes, é obrigado a atribuir a esses termos uma espécie de complemento explicativo ou de determinativo que os distinga: fala de "sadismo propriamente dito" ou de "masoquismo propriamente dito". Encontramo-nos aqui diante de um problema "terminológico" que implica na própria coisa: nossa opinião é de que os deslizamentos que Freud permite que se estabeleçam no interior de oposições conceituais que ele percebe perfeitamente e que servem mesmo de linha diretriz a seu raciocínio, *não são outra coisa senão o deslizamento que se opera, na gênese da pulsão sexual, pelo movimento do apoio* ("étayage"). Entretanto, uma vez nitidamente afirmada a coaptation do texto freudiano e dos significantes que utiliza com a dialética daquilo que ele descreve, nós leitores de Freud somos obrigados, para melhor controlar e detectar os deslizamentos em jogo, a forçar na criação de uma terminologia mais rígida: reservaremos, pois, os termos sádico (sadismo), masoquista (masoquismo) para tendências, atividades, fantasias, etc., que comportam necessariamente, de modo consciente ou inconsciente, um elemento de excitação ou de gozo *sexuais*. Assim nós os distinguiremos da noção de agressividade (auto ou hétero-agressividade) que, então, será considerada como de essência não sexual. Essa distinção prévia não supõe em absoluto a existência efetiva de uma agressividade não sexual e, inversamente, não desmente *a priori* que comportamentos comumente chamados "sádicos" possam em realidade depender de elementos instintivos não sexuais. (1)

Se, como pensamos, a teoria freudiana de "apoio" ("étayage") deve ser utilizada como esquema diretor para compreender o problema do sadomasoquismo, lembremos rapidamente dois aspectos importantes dessa teoria: gênese marginal da sexualidade — gênese da sexualidade no tempo do retorno sobre si mesmo. De um lado, com efeito, o apoio ("étayage") implica que a sexualidade, a pulsão, apareça a

1. Nossa acepção opõe-se aqui à de Melanie Klein, para quem, "sadismo" é pura e simplesmente sinônimo de agressividade ou de destrutibilidade. Houve aí também um deslizamento. Mas este operou-se do sentido sexual ao sentido não sexual e, por outro lado, não conservou a memória do primeiro sentido, nem tampouco a lembrança da própria passagem: o que há é simples mudança de sentido, dessexualização do sadismo.

partir de atividades não sexuais, instintivas — o prazer de órgão a partir do prazer de função. Toda atividade, toda modificação do organismo, toda perturbação é suscetível de ser a fonte de um efeito marginal que é precisamente a excitação sexual no ponto em que se produz essa perturbação. O "étayage" é, pois, esse apoio da sexualidade nascente sobre atividades não sexuais, contudo, o aparecimento *efetivo* da sexualidade ainda não está aí. Esta só aparece, como pulsão isolável e observável, no momento em que a atividade não sexual, a função vital, destacase de seu objeto natural ou o perde. Para a sexualidade, o momento reflexivo (selbst ou auto-) é que é constitutivo, momento do retorno sobre si mesmo, "auto-erotismo", quando o objeto foi substituído por uma fantasia, por um objeto refletido no sujeito.

Se a teoria do apoio ("étayage") foi cada vez mais relegada a um segundo plano e mesmo recalcada, assim também acontece, e com muito mais razão, quanto à sua aplicação ao problema do masoquismo. Entretanto, dois textos freudianos importantes — *Os instintos e suas vicissitudes* e *O problema econômico do masoquismo* — trazem nitidamente a marca dessa teoria; dois textos separados pela "virada" de 1920, mas onde se encontra, apesar dessa separação, uma convergência surpreendente que talvez não tenha sido percebida pelo próprio Freud.

Os instintos e suas vicissitudes estuda as modificações profundas da pulsão quanto ao seu alvo e seu objeto, modificações que podem ser estudadas como uma dialética própria, interna à própria pulsão, independentemente do fato de que esses "destinos" (1) possam dar apoio a mecanismos propriamente defensivos. Quanto ao sadismo e ao masoquismo trata-se de dois "destinos" vizinhos que entram em jogo: "a transposição ao contrário" e "o retorno sobre a própria pessoa". A transposição ao contrário é, por exemplo, a passagem de uma pulsão da atividade à passividade ou vice-versa, o que leva a pensar numa espécie de complementariedade entre as duas posições, assim como, do ponto de vista gramatical, passamos de uma a outra proposição, ativa e passiva, por uma simples "transformação" reversível. O "retorno sobre a própria pessoa" refere-se ao "objeto" da pulsão, objeto que pode ser trocado, e de objeto externo tornar-se objeto interno: o próprio ego. Freud observa, contudo, desde o início, na passagem relativa ao sadismo-masoquismo: esses dois destinos estão estreitamente imbricados e só podem ser distinguidos por abstração.

Este texto de Freud, bastante denso, progride como que em espiral, apresentando uma série de aproximações e de esquemas que não se anulam uns aos outros, mas vêm, pouco a pouco, completar a imagem de uma estrutura "genética" comum. Além disso, o esquema apresentado para o "par de opostos" "voyeurismo" — exibicionismo deve ser igualmente levado em consideração, como Freud deixa entender. Mas, antes de abordar alguns detalhes relativos aos esquemas freudianos, indiquemos o cerne da questão: os historiadores do pensamento freudiano e o próprio Freud admitem que depois de 1920, o que é considerado como primeiro tempo é o tempo reflexivo, masoquista: fazer-se sofrer ou destruir-se a si mesmo. É desse "masoquismo primário" que derivaria, por retorno, tanto o sadismo quanto o masoquismo perverso: encontrar um outro suscetível de me fazer sofrer. Ao contrário, antes de 1920, e sobretudo em *Os instintos e suas vicissitudes*, a atividade voltada para um objeto externo é que seria primeira (destruir o outro, fazê-lo sofrer, agredir...) o sadismo, pois, enquanto que o masoquismo não seria senão o retorno dessa primeira atitude, retorno aliás facilmente compreensível em função dos obstáculos encontrados no exterior e sobretudo da culpabilidade a que conduz a agressão.

1. Segundo informamos em nota introdutória, adotamos como tradução de *Pulsions et destins des pulsions* o título da Imago, *Os instintos e suas vicissitudes*. Aqui, entretanto, temos necessidade de utilizar o termo "destino" tal como aparece no título da tradução francesa (N. do T.).

Ora, o retorno sobre si mesmo não nos é desconhecido no destino da *sexualidade em geral*, uma vez que é ele que constitui a passagem ao auto-erotismo. Sabemos, contudo, que nesse retorno auto-erótico, existe uma espécie de defasagem, engano ou deslizamento que faz com que *a atividade que se volta sobre o sujeito não seja a mesma que a que era dirigida para o exterior*, mas uma atividade "derivada" desta última (segundo um complexo movimento de derivação metafórico-metonímico). Assim, da atividade não sexual voltada para um objeto vital destaca-se, por um movimento de retorno, a atividade sexual. Se pretendemos, pois, mostrar que a teoria freudiana do sadomasoquismo concorda com esse esquema de apoio ("étayage"), devemos fazê-lo ressaltando que: 1º o primeiro tempo ativo, dirigido para o objeto exterior, só é designado por Freud como sádico de maneira imprópria ou por extensão, pois que se trata de um tempo não sexual, portanto propriamente dito agressivo, destruidor; 2º a sexualidade só aparece com o retorno sobre si, logo, com o masoquismo, de modo que no *campo da sexualidade*, o masoquismo já é considerado como primário.

Apresentaremos sucessivamente três esquemas de derivação ou, conforme a expressão de Freud, de *destinos:* o duplo retorno; forma ativa-forma reflexiva-forma ativa; o retorno com transposição ao contrário: forma ativa-forma reflexiva-forma passiva; finalmente, a dupla derivação simétrica que, a partir da forma reflexiva, pode fazer aparecer tanto a forma ativa quanto a forma passiva.

1º A passagem central de todo esse texto é a que nos mostra a atividade destruidora transformar-se em masoquismo, e este, novamente, ser o ponto de partida de uma atividade sádica (1). Mas, só podemos utilizar esse texto com a condição de introduzir nele nosso comentário e com ele a distinção, a cada passo, entre o que é atividade não sexual e o que está ligado ao prazer sexual. Graças a essa distinção, que, aliás, não faz mais que seguir as indicações muito claras de Freud, seu estudo encontra sua única interpretação possível à luz da noção de apoio ("étayage"):

"Para conceber-se o sadismo, depara-se com esta circunstância: essa pulsão parece, ao lado de seu alvo geral (ou talvez, dizendo melhor: no interior deste) perseguir uma ação comandada por um alvo inteiramente especial... "[Assim é colocado, de início, o problema da dupla natureza e do duplo alvo da atividade sádica].

"É preciso humilhar, dominar..."

[alvos que são os da agressividade]

"mas também infligir a dor..."

1. G.W., X, p. 221. Trad. fr. in *Métapsychologie*. Paris, Gallimard, 1968, pp. 28-29. As passagens entre colchetes são comentários de J. Laplanche.

[alvo propriamente sexual, logo, sádico "propriamente dito"]

"Ora, a psicanálise parece mostrar que infligir a dor não desempenha nenhum papel nos alvos originariamente perseguidos pela pulsão..."

[Assim, o que existe primeiro é uma agressividade voltada para o exterior, mas não sexual. Essa pulsão é a que em outros momentos Freud chama de "pulsões de dominação", ou seja, a tendência a se tornar senhor do outro para chegar a seus fins, mas sem que essa ação, que poderíamos considerar como puramente instrumental, implique, por si mesma, em algum gozo sexual].

"Para a criança sádica, infligir dor não é o que conta, não é ao que ela visa..."

[Somos obrigados aqui a substituir "criança sádica" por "criança agressiva". Com efeito, supõe-se que essa criança destrua tudo em seu caminho, sem que a destruição seja visada em si mesma, nem tampouco a subjetividade do outro, isto é, a sua dor, e menos ainda o gozo encontrado na dor do outro. Além disso, pouco importa que essa descrição de uma criança, simples força da natureza, procurando realizar seus fins e quebrando tudo em sua passagem, seja a descrição de um tempo real, por mais fugitivo que seja, ou a posição de um tempo ideal: de qualquer modo é uma gênese ideal que nos é apresentada].

"Mas, uma vez que a transformação em masoquismo foi cumprida..."

[Retorno, pois, da agressividade sobre si mesmo, mas aqui o masoquismo é tomado no seu sentido próprio, ao mesmo tempo sexual e não sexual].

"... as dores se prestam perfeitamente a fornecer um alvo passivo masoquista: temos, com efeito, todos os motivos para admitir que as sensações de dor, como outras sensações de desprazer..."

[Vemos que Freud distingue nitidamente, no interior do domínio geral do desprazer, o fenômeno muito particular da dor, e que é *este último que está ligado à essência do masoquismo*].

"... transbordam no domínio da excitação sexual e provocam um estado de prazer; eis por que podemos também consentir no desprazer da dor.."

[Assim a dor é uma perturbação como qualquer outra; como todas aquelas cuja lista já havia sido esboçada nos *Três Ensaios*, ela pode ser "fonte indireta da sexualidade", do mesmo modo que o exercício físico ou o trabalho intelectual, por exemplo. A idéia de "transbordar" no domínio da excitação sexual evoca bem o caráter "marginal" dessa produção de prazer].

"... uma vez que experimentar a dor tornou-se um fim masoquista, o fim sádico, infligir dores, pode também aparecer retroativamente..."

[Desta vez, deve-se ler: "sádico propriamento dito", no sentido sexual, pois que se trata do aparecimento de um alvo novo que não existia no primeiro tempo ativo da pura destrutibilidade].

"Então, provocando essas dores em outros, goza-se de maneira masoquista pela identificação com o objeto que sofre..."

[Assim, quando falamos de fantasia tanto quanto de sexualidade, é o tempo masoquista que é o primeiro. A fantasia masoquista é fundamental, enquanto que a fantasia sádica implica na identificação com o objeto que sofre; é na posição de ser que sofre que reside o gozo sexual].

"Naturalmente, goza-se nos dois casos, não da dor em si, mas da excitação sexual que a acompanha, o que é particularmente cômodo na posição de sádico."

[Freud tenta aqui sair-se da dificuldade "gozar da dor", deslocando o problema; mas a fórmula "gozar da excitação" suscita a mesma aporia, pelo menos se quisermos aternos ao ponto de vista "econômico". Voltaremos mais adiante a essa questão.]

"Gozar da dor..."

"Nos dois casos", ou seja, tanto de sua própria dor como da dor de outro.

"... seria pois um alvo originariamente masoquista..."

[Temos aí todo o masoquismo "originário"].

"... mas que não pode se tornar um alvo pulsional..."

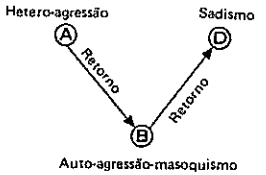
[Tornar-se uma pulsão no sentido próprio do termo é tornar-se sexualidade].

"... senão naquele que é originariamente sádico..."

[A menos que se elimine toda interpretação possível dessa passagem, é preciso decidir-se a substituir novamente "sádico" por "agressivo": a pulsão sexual sadomasoquista, gozar da dor, encontra sua origem no tempo masoquista, mas na base do retorno de uma hetero-agressividade originária].

Com o mesmo espírito do próprio Freud nesse texto, esquematizamos, em seguida, este primeiro "destino" com seu duplo retorno:

Esquema 1



2º Um outro esquema nos é proposto, o qual, através de diferentes retoques, tem a vantagem de definir melhor a passagem do sadismo ao masoquismo. Este último, agora, nos é apresentado sob dois aspectos: "o que chamamos comumente masoquismo e que implica em passividade diante de uma pessoa estranha, e um estádio intermediário em que "encontramos o retorno para a própria pessoa sem que haja passividade diante de uma nova pessoa" (1). As três etapas são pois:

a) "Uma atividade da violência, uma manifestação de poder em relação a uma outra pessoa tomada como objeto", atividade que Freud denomina sadismo, mas onde fica bem claro, para nós, que a sexualidade não está em jogo;

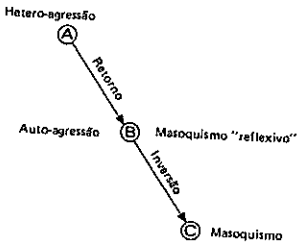
b) Retorno para a própria pessoa: "Da voz ativa, o verbo passa não à voz passiva, mas à voz média reflexiva" (2). Trata-se do tormento infligido a si mesmo, que não é ainda o masoquismo verdadeiro;

c) O masoquismo passivo, onde se operou uma transformação do alvo ativo em alvo passivo, o que implica na procura de uma outra pessoa como "objeto" (objeto da pulsão, mas sujeito da ação).

1. Freud, S., *Pulsions et destins des pulsions.* G.W., X, p. 221. Trad. fr. in *Métapsychologie.* Paris, Gallimard, 1968, p. 27.
2. Ibidem, G.W., X, p. 221. Trad. fr. p. 28.

É ao retorno da agressividade em auto-agressão que está ligado o aparecimento do componente sexual, por apoio ("étayage"), de modo que é sempre ao tempo "auto-" que corresponde a emergência da sexualidade. Notemos também que nesse tempo "auto-" o objeto está perdido e só é reencontrado no desdobramento fantasmático (no estágio "b") depois na procura do estágio "c" onde intervém a inversão dos papéis ativo e passivo (1).

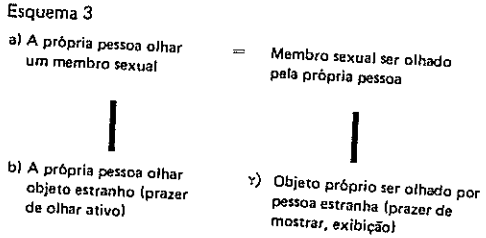
Esquema 2



3º Enfim, um terceiro modelo bastante diferente nos é apresentado quanto ao "destino" da "pulsão de ver". Trata-se da gênese, a partir da forma média ou reflexiva, das duas posições ativa e passiva. Não há aí inversão, mas uma espécie de posição originária, constituída pelo tempo "auto-erótico". A posição ativa surgiria da procura, no exterior, de um objeto externo suscetível de ser substituído pelo objeto próprio, enquanto que a posição passiva veria uma pessoa estranha substituir-se ao próprio sujeito.

Reproduzimos abaixo esse esquema, primeiro na sua aplicação à pulsão de ver:

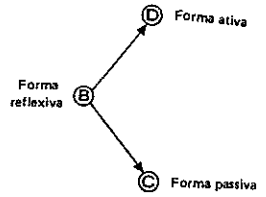
Esquema 3



1. A aproximação estabelecida por Freud entre esses "destinos" pulsionais e as transformações gramaticais é inteiramente inovadora, apaixonante, embora ela se faça numa certa confusão. Assim ficam confundidas por ele as vozes "média" e "reflexiva". Entretanto, deveria ser cuidadosamente distinguido o médio e o reflexivo na estrutura da fantasia, assim como eles são bem definidos gramaticalmente e semanticamente, mesmo se a maneira pela qual eles se *enunciam* seja, às vezes, a mesma. Assim, a expressão "ferir-se", corresponde ao mesmo tempo à forma média (feri-me com a faca) e à forma reflexiva (eu me feri no dedo com a faca). A forma reflexiva distingue mais claramente sujeito e objeto da ação, permitindo às trocas fantasmáticas de posição operar-se. Na forma "média", os termos da fantasia permanecem num estado de coalescência. *N. dos T.* — O exemplo em francês é dado mais significativamente pelo verbo pronominal "se cogner" (bater), que permite as seguintes construções: "en marchant dans l'obscurité, *je me suis cogné* à la table" (andando no escuro, esbarrei na mesa) e *"je me cogne la tête contre les murs"* (bati minha cabeça na parede).

... depois, numa transposição mais abstrata:

Esquema 4



Devemos observar que Freud pensou na possibilidade de aplicar um tal esquema ao caso do sadomasoquismo, isto é, de fazer derivar dele as formas ativa e passiva de uma posição reflexiva originária. Tudo indica que ele afasta explicitamente esta possibilidade, embora admita que ela não "seja, propriamente absurda..." (1). Esse esquema, na verdade, *parece-lhe* contraditório com a prioridade da hetero-agressão afirmada mais acima. Prioridade da relação ativa com o objeto ou prioridade do tempo "auto-", eis aí uma velha querela que já evocamos: o que existe primeiro é um estado anobjetal, fechado sobre si, reflexivo, como parece querer indicar nosso último esquema, ou, ao contrário, a relação com o objeto é que seria primária? Ora, toda nossa interpretação tende a mostrar que se trata de uma falsa querela e que essas duas afirmações são perfeitamente conciliáveis, na medida em que elas não se encontram no mesmo nível: os esquemas números 3 e 4, que fazem derivar tudo de um estádio reflexivo originário, situam-se inteiramente no plano da sexualidade: no problema da pulsão de ver, desde o tempo "α", reflexivo, a questão é "olhar *membro sexual*" ou "*membro sexual* ser olhado"... Ao contrário, nas seqüências que levavam da forma ativa à forma reflexiva, e daí, seja novamente à atividade (esquema número 1), seja à passividade (esquema número 2), partíamos de um tempo primeiro que era, estritamente falando, não sexual, a sexualidade aparecendo apenas no segundo tempo. Pode-se ainda exprimir as coisas dizendo que a passagem de A a B situa-se na *gênese* da sexualidade, enquanto que as transformações ulteriores, partindo de B, são representações dos *destinos* da sexualidade.

Permitimo-nos, pois, aproximar e mesmo superpor os diferentes esquemas que nos foram inspirados pelos estudos sucessivos de Freud, primeiro situando-os num mesmo plano:

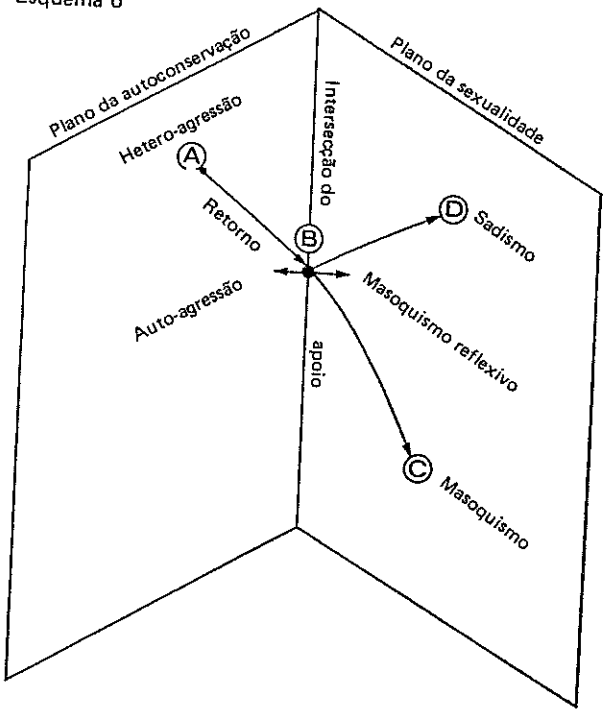
Esquema 5

1. Ibidem, Trad. fr. p. 30. G. W., X. p. 223.

depois num modelo em três dimensões destinado a destacar a existência de dois planos diferentes: o da autoconservação e o da sexualidade e a fazer intervir o processo do apoio ("étayage") como linha de intersecção desses dois planos: ver esquema nº 6.

Um tal esquema mostra com evidência como Freud vê o problema do masoquismo primário e o quanto as hesitações que ele deixa perceber — e das quais quer dar testemunho, por exemplo nas notas acrescentadas depois de 1920 ao texto de *Os instintos e suas vicissitudes* — encontram-se atrasadas em relação àquilo que, já e desde o início, deduz-se de sua reflexão sobre a sexualidade, idéia que não variou e não variará, quaisquer que sejam os avatares das noções de agressividade (não sexual):

Esquema 6



A contraprova de nossa interpretação poderia ser encontrada no texto de Freud que retoma a mesma questão: o *Problema econômico do masoquismo*.

Estamos em 1924. A grande oposição metabiológica das pulsões de morte e das pulsões de vida constitui, a partir de então, o fundo de toda reflexão freudiana referente ao problema de origem. É preciso postular, no início, a presença intransponível de duas grandes forças de imediato opostas atuando a partir de dentro. Tanto mais surpreendente é constatar que essa postulação metafísica não impede Freud de começar seu estudo sobre o *masoquismo erógeno* com uma evocação das primeiras teses referentes ao aparecimento da excitação sexual:

"Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade,* no capítulo referente às origens da sexualidade infantil, afirmei que a excitação sexual aparece como ação marginal em toda uma série de processos internos, a partir do momento em que a intensidade desses processos ultrapassa certos limites quantitativos. Talvez mesmo nada de importante se passe no organismo que não forneça um componente à excitação da pulsão sexual. A partir de então, a excitação da dor e do desprazer teria necessariamente a mesma conseqüência..." (1) É esta "co-excitação libidinal" que forneceria o fundamento fisiológico do masoquismo erógeno.

Reconhecemos, na noção de *co-excitação* (*Miterregung*) a réplica exata da "ação marginal" ou do "ganho marginal" pelo qual, muito cedo, Freud definiu o "prazer de órgão" em relação ao prazer funcional sobre o qual ele se apóia. Essa explicação é considerada, sem dúvida, como "insuficiente" e Freud logo se refere à grande luta ontológica da destruição e da libido. Entretanto, se é exato que "nunca nos deparamos com as pulsões de morte ou as pulsões de vida em estado puro, mas sempre através de diversas misturas dessas pulsões..." (2) é uma dessas misturas, o "masoquismo erógeno primário", que é para nós primário, e esse masoquismo erógeno nasce do fenômeno da "co-excitação":

"Uma outra parte [da pulsão de morte ou de destruição] não é vertida para o exterior, permanece no organismo onde ela é *ligada libidinalmente pela co-excitação sexual;* é nesta última parte que é preciso reconhecer o masoquismo originário erógeno" (3).

Sem dúvida, a noção fecunda de apoio ("étayage") encontra-se pouco a pouco substituída pela oposição mais abstrata e mais mecânica da união e da desunião (*Mischung-Entmischung*) ou pelo lugar-comum um tanto cômodo demais de "erotização". O essencial, contudo, é que seu lugar fica marcado no mesmo ponto do "destino" pulsional: no momento em que a auto-agressão se transforma, nesse lugar, em masoquismo reflexivo.

Deveremos mais adiante interrogar-nos sobre a tese segundo a qual essa auto-agressão, por sua vez, é um dado primário e não o resultado de um retorno. Mas, seguimos atualmente uma outra linha de pensamento, mais próxima das primeiras intuições freudianas relativas à sexualidade. Essas intuições situavam o auto-erotismo como um tempo segundo, sucedendo a um retorno ou a uma reversão de uma atividade de autoconservação de início voltada para o exterior. Ora, se a gênese do masoquismo reflexivo deve ser compreendida como um retorno para si, convém ainda interrogar-se sobre esse retorno, pois ele nos é proposto em dois sentidos diferentes: em primeiro lugar, a auto-agressão pode ser concebida como um processo real, ou mesmo fisiológico: dominar-se, vencer-se a si mesmo. Freud propõe uma indicação nessa direção evocando, em *Os instintos e suas vicissitudes,* a virtualidade de um tempo reflexivo de onde sairiam ao mesmo tempo, o sadismo e o masoquismo passivo: "... na ver-

1. Freud, S., 1927, *Le Problème économique du masochisme,* G.W., XIII, p. 375. Trad. fr., in: *Revue française de psychanalyse,* 1928, II, pp. 215-216.
2. Ibid., G.W., XIII, p. 376. Trad. fr., p. 217.
3. Ibid., G.W., XIII, p. 376. Trad. fr., p. 216. Palavras sublinhadas por Laplanche.

dade, não seria absurdo, construir [um tal estágio preliminar] a partir dos esforços da criança querendo tornar-se senhora de seus próprios membros." (1).

O outro sentido possível desse retorno seria aparentemente bem diferente, pois que se trataria de uma interiorização do conjunto da ação no plano psíquico, processo de uma outra ordem, inteiramente diferente do da atividade real, no nível muscular, por exemplo, já que aqui está implicada uma fantasmatização. Entretanto, na descrição geral do auto-erotismo, já se encontrariam simultaneamente estes dois tipos de interiorização: o recolhimento na zona erógena e a reversão na fantasia. Aparentemente, essas duas modalidades não parecem redutíveis uma à outra: uma seria descritível em puros termos de comportamento ou mesmo de fisiologia, a outra implica na dimensão da "interioridade". *Introjetar o objeto que sofre, fantasiar o objeto que sofre, fazer sofrer em si o objeto, fazer a si mesmo:* aí estão quatro formulações bem diferentes; no entanto, nossa prática mostra que constantemente o sujeito passa de uma a outra. Uma autora como Melanie Klein assume, com razão, o aparente absurdo dessas equivalências e dessa passagem: modo de pensar que pretende aderir mais de perto à experiência psicanalítica — sem aí introduzir uma lógica do terceiro excluído — e coloca a identidade do objeto interiorizado e da fantasia do objeto (2). Assim, somos obrigados a admitir que a fantasia, introjeção do objeto, é perturbação e, essencialmente (quer seu "conteúdo" seja agradável ou desagradável) geradora de excitação auto-erótica (3). Ao mesmo tempo, como efração, a fantasia constitui a primeira dor psíquica (4) e está ligada, pois, muito de perto, em seu ponto de origem, ao aparecimento da pulsão sexual masoquista.

Gostaríamos, para ilustrar esse movimento de "recolhimento na fantasia", de evocar a análise feita por Freud, em *Uma criança é espancada* (1919), da gênese de uma fantasia sadomasoquista. Trata-se de uma verdadeira confirmação clínica de *Os instintos e suas vicissitudes,* pois que aí seguimos o "destino" de uma pulsão através da dialética que faz encadearem-se os avatares sucessivos da representação ou da fantasia à qual essa pulsão está ligada. Destino da pulsão, ou talvez mesmo, sua gênese, se se aceita a distinção proposta acima.

Recordemos os três tempos da evolução da fantasia de flagelação, tais como Freud os descreve nas mulheres e mais precisamente nas mulheres neuróticas (obsessivas, na maior parte dos casos):

1. Meu pai espanca a criança que odeio.

1. Freud, S., 1915. *Pulsions et destins des pulsions.* G.W., X, p. 223. Trad. fr. p. 26.
2. Há um realismo absoluto do processo de pensamento: o pensamento está no corpo, na cabeça, é um objeto interno... Quer dizer que, num certo sentido, não há "psicologia científica" fundada na psicanálise.
3. "O sonho *é* realização do desejo", "a alucinação *é* satisfação": essas teses, essenciais no freudismo, desafiam aparentemente toda observação da experiência. Freud, aliás, não se defende sem dificuldade da objeção que na verdade reconhece que o sonho exprime uma intenção, um sentido, mas recusa que esse sentido seja uniformemente o de um desejo... Por que não também, a esperança, o temor, a resignação, o arrependimento, etc.? Para justificar o *a priori* freudiano — independentemente de uma verificação sempre sujeita à caução — é preciso admitir que a fantasia *é* perturbação sexual.
4. Falamos de "primeira dor" como Freud no *Entwurf* fala da "primeira falácia histérica". Os dois modelos são estreitamente conexos.

2. Meu pai me espanca.
3. Espanca-se uma criança.

O terceiro tempo corresponde a um sintoma confessado, não sem dificuldade, no curso da análise. Para comodidade da exposição, ele pode ser dividido nestes dois aspectos: de um lado, seu acompanhamento do ponto de vista do "afeto" e da "descarga", e, de outro lado, seu conteúdo representativo. Excitação sexual intensa, terminando quase sempre na satisfação masturbatória — violento sentimento de culpa, aparentemente ligado à masturbação, porém, mais profundamente, às representações em causa, essas são as duas manifestações que acompanham regularmente a evocação dessa fantasia. Quanto à própria "representação fantasmática", trata-se de uma cena imaginada segundo um cenário relativamente fixo, o que não impede que, ao mesmo tempo, cada um dos três termos (espancador — espancado — ação) seja relativamente indeterminado ou variável, pois que ele provém de uma série indefinida de paradigmas possíveis. Como para toda fantasia, insistimos, trata-se de uma representação imaginada, sobretudo na dimensão visual. A frase "espanca-se uma criança" é o modo como essa representação é transporta pelo sujeito no discurso da cura e pelo próprio Freud na sua exposição. Contudo, essa transcrição na linguagem das palavras tem o mérito de fazer surgir claramente a gramática da própria fantasia, e, em seguida, é essencialmente sobre as modificações sucessivas do enunciado da fantasia (assim como em *Os instintos e suas vicissitudes*) que a análise de Freud se apoiará.

"Uma criança é espancada": a indeterminação voluntária dessa proposição traduz a neutralidade que o paciente quer conservar quanto aos elementos da cena: "A própria pessoa não aparece nessa fantasia. Insiste-se, e ela admite: "eu assisto, talvez, à cena" (1). Notemos, aliás, que a tradução francesa "on bat un enfant" (espanca-se uma criança) já inverte a posição dos termos sujeito e objeto, em relação à fórmula alemã *"Ein Kind wird geschlagen"* "un enfant est battu" — (uma criança é espancada). Isto, não para sublinhar uma imprecisão de tradução, mas, ao contrário, para mostrar que nesse estádio da fantasia há indeterminação, ou pelo menos reversibilidade entre a formulação ativa e a formulação passiva:

On battre enfant (espancar-se criança) = *enfant être battu par on* (criança ser espancada).

Pensamos aqui, necessariamente, na equação enunciada por Freud para traduzir o que ele chama de estádio reflexivo da fantasia escoptofílica (2).

A seqüência das três formulações relembradas aqui é apresentada por Freud como uma seqüência cronológica. Os dois primeiros tempos, à diferença do terceiro, devem aparecer ao longo do trabalho analítico. Mas, uma diferença nova e fundamental aparece entre os tempos 1 e 2: o tempo 1 pode ser rememorado durante a análise; o tempo 2, ao contrário, deve ser reconstruído.

"Esta segunda fase é a mais importante e, de todas, a mais pesada em conseqüências. Mas, pode-se dizer, num certo sentido, que ela nunca teve uma existência

1. Freud, S. *On bat un enfant.* G.W. XII, p. 205. Trad. fr., in R.F.P., 1933, tomo VI, nº 3-4, p. 280.
2. Cf. acima, p. 143.

real. Em caso algum ela é rememorada, não chega nunca à consciência. É uma construção da análise, o que não significa que ela seja menos necessária" (1).

É justamente sobre a diferença de natureza entre os estádios 1 e 2, e na passagem de um a outro que insistiremos, para fazer surgir claramente o processo de retorno no auto-erotismo:

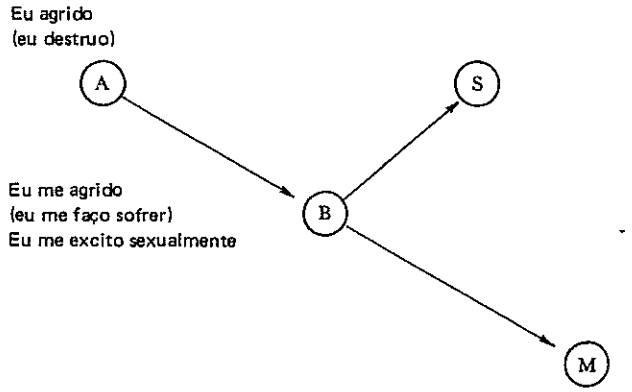
O tempo 1 corresponde a uma ou várias cenas reais, durante as quais a criança pôde ver efetivamente seu pai maltratar um irmãozinho ou irmãzinha: "Pode-se hesitar em denominar imediatamente de "fantasia" esse primeiro estado daquilo que será mais tarde a fantasia de flagelação. Nesse estádio, talvez se trate mais de recordações, recordações de espetáculos análogos aos que se assistiu e recordações de desejos surgidos em relação a acontecimentos diversos..." (2) Ao contrário, o estádio 2 é puramente fantasmático, ele é o primeiro tempo da fantasia propriamente dita, o que Freud acentua designando como "fantasia original" (*ursprüngliche Phantasie*), o cenário: meu pai me espanca. (3)

O tempo 1 é conscientemente memorizado, encontrado por um esforço de investigação realizado em comum por Freud e sua paciente. Pode-se mesmo duvidar que ele tenha sido verdadeiramente recalcado. O estádio 2, ao contrário, é profundamente mergulhado no inconsciente e geralmente inacessível.

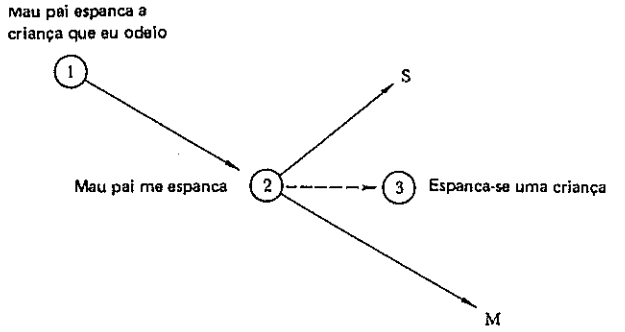
Enfim, quanto ao primeiro tempo, mal se pode falar que ele seja sexual, ou melhor, para retomar um termo já utilizado no quadro da "teoria da sedução", ele é "sexual-pré-sexual". Se aceitamos a distinção terminológica que sustentamos acima, ele tem significação agressiva, e não, propriamente sádica — "Por conseguinte, é duvidoso que possamos chamá-lo de puramente sexual: também não ousamos chamá-lo sádico... Assim, a resposta que procuramos talvez seja semelhante à predição feita pelas três feiticeiras a Banquo: a fantasia não é nem verdadeiramente sexual, nem mesmo sádica, mas feita de uma substância de onde o sexual e o sádico poderão posteriormente surgir. De qualquer modo, não há nenhuma razão para crer que essa primeira fase já sirva a uma excitação que, por meio dos órgãos genitais, aprenda a satisfazer-se num ato masturbatório" (4). Ao contrário, a fantasia inconsciente "meu pai me espanca" é masoquista no sentido próprio: ela exprime, na forma "regressiva" a fantasia de um prazer sexual obtido do pai. A presença da excitação sexual, no momento da fase 2 fica comprovada para Freud pelo fato de que certos pacientes "acreditam lembrar-se que o onanismo manifestou-se neles mais cedo que a fantasia de flagelação da terceira fase", o que "...leva a admitir que o onanismo produziu-se primeiro sob o domínio de fantasias inconscientes que foram mais tarde substituídas por fantasias conscientes" (5).

Percebemos que é na passagem para o estágio 2 que aparecem, num só movimento, a *fantasia*, o *inconsciente* e a *sexualidade*, na forma da *excitação masoquista*. Além disso, no *conteúdo* fantasmático, a passagem da fase 1 para a fase 2

1. G.W. XII, p. 204. Trad. fr. p. 280.
2. Ibidem. G.W., XII, p. 204. Trad. fr. pp. 279-280.
3. Ibidem. G.W., XII, p. 223. Trad. fr. p. 295.
4. Ibidem, G.W. XII. p. 207-208. Trad. fr. p. 282.
5. Ibidem, G.W., XII, p. 210. Trad. fr. p. 285.



comportando um "retorno contra a própria pessoa", nos encoraja a lembrar o esquema da *gênese* da pulsão sadomasoquista (ver acima); depois, a inscrever aí os enunciados freudianos:



Certamente, a aplicação do modelo geral ao caso da fantasia de flagelação não poderia ser puramente mecânica. Restam discordâncias e variáveis; mas estas, longe de serem totalmente irredutíveis, apresentam-se fecundas para a reflexão:

1º No estágio A, qualificado como hetero-agressivo, era o *ego* (o indivíduo em questão) que era o sujeito da ação. Em "Espanca-se uma criança", em 1, é "meu pai" quem espanca...

Essa diferença não nos parece essencial. *Ego* quer destruir quem o incomoda, o que causa obstáculo à sua "autoconservação", e pouco importa, nesse nível estrito, que ele o faça diretamente, ou através de uma pessoa interposta. Existe entre o pai e o *ego* uma espécie de transitividade implícita, que se deve distinguir, aliás, cuidadosamente, de uma introjeção fantasmática. O importante é que o essencial da ação se situe no plano dos interesses vitais ou "egoístas": "Essa fantasia (na sua pri-

meira fase) satisfaz claramente o ciúme da criança e depende de sua vida amorosa, mas é sustentada também, e fortemente, por seus interesses egoístas". (1)

2º Mas avançamos no paradoxo insistindo no aspecto agressivo, não sexual, do primeiro tempo; o que é considerado como pré-sexual, ligado à autoconservação e às tendências "egoístas", é... aquilo que Freud designa abertamente como o complexo parental ou complexo de Édipo! Numa interpretação puramente cronológica, chegaríamos a este absurdo: em vez de ser o Édipo que nasce da sexualidade, seria a sexualidade que nasceria do Édipo, admitindo-se que este se desenvolva primeiro num plano pré-sexual, o plano da autoconservação, ou da "ternura". A noção de regressão ao estádio sádico-anal, invocada neste texto por Freud, para explicar a sexualização, não faria senão reforçar o absurdo, se nos mantivéssemos numa cronologia puramente linear: o Édipo não sexual tomaria seu sentido sexual por regressão a um estágio anterior... da libido.

Uma discussão profunda dessa questão necessitaria uma revisão muito complexa dos diferentes modos de temporalidade, que utilizamos na psicanálise, e que ultrapassaria o quadro de nosso estudo. O que nos importa, no presente paradoxo, é acentuar que a "seqüência" dita de apoio ("étayage") funciona segundo uma temporalidade impossível de ser superposta a outras (a dos estágios da sexualidade ou a da estruturação objetal ou do Édipo); a sexualidade recém-formada parece poder tomar como ponto de partida *qualquer coisa:* naturalmente, as funções vitais, mas também, em última análise, a própria relação "edipiana", no seu conjunto, considerada como relação natural, tendo uma função de preservação e de sobrevivência.

O que, aliás, confirma essa interpretação é que o Édipo é abordado aqui por Freud de maneira oblíqua, sob um ângulo especial: do ponto de vista pulsional, o que é colocado em primeiro plano não é a relação erótica, mas a relação de "ternura"; sobretudo, porém, na estrutura, o triângulo em questão não é o triângulo edipiano: ego (menina)-pai-mãe, mas o triângulo rivalitário designado, em outras ocorrências, como "complexo fraternal": ego-pais-irmão ou irmã (2).

3º Esse exemplo clínico fornece a Freud oportunidade de examinar o problema do recalque sob diversos aspectos: relações do recalque e da regressão, relação do recalque com a posição sexual masculina ou feminina... Acrescentaremos apenas uma observação destinada a explicitar qual é o *objeto* no qual incide o recalque: é essencialmente na segunda fase, ou seja, na fantasia, em sua origem. Ordinariamente, contudo, fala-se de recordações recalcadas da infância, não sem credibilidade clínica. De fato, *o que é recalcado não é a recordação, mas a fantasia que deriva dela ou a sustém:* no caso, a fantasia de ser espancada pelo pai e não a cena real na qual o pai teria espancado uma outra criança. É evidente, entretanto, que o recalque da fantasia pode arrastar consigo no inconsciente a própria recordação, recordação que posteriormente toma sua significação sexual: "Meu pai espanca uma outra criança — ele me ama (sexualmente)." Assim como o objeto a ser encontrado não é

1. Ibidem. G.W., XII, p. 206. Trad. fr. pp. 281-282.
2. Não queremos dizer, evidentemente, que esse triângulo "rivalitário" seja "anterior", cronologicamente, ao triângulo "sexual" do Édipo.

dido, mas sua metonímia, também a "cena" a encontrar não é a da recordação, mas a da fantasia sexual que dela deriva.

4º Finalmente, situamos, no lugar daquilo que chamávamos masoquismo reflexivo ou voz média, uma fantasia que, entretanto, tem um conteúdo propriamente masoquista no sentido "passivo": meu pai me espanca. Isto porque, como já acentuamos, o processo de retorno não deve ser concebido somente no nível do conteúdo da fantasia, mas *no próprio movimento de fantasmatização.* Passar para o reflexivo não é somente, nem mesmo necessariamente, dar um conteúdo reflexivo à "frase" da fantasia, mas também e sobretudo refletir a ação, interiorizá-la, fazê-la entrar em si mesma como fantasia. Fantasiar a agressão é voltá-la para si, agredir-se: tempo do auto-erotismo, no qual se confirma a ligação indissolúvel da fantasia como tal, da sexualidade e do inconsciente.

Se levamos essa idéia até o fim, somos conduzidos a acentuar o caráter privilegiado do masoquismo na constituição da sexualidade humana. Em seu próprio conteúdo, a análise dessa fantasia essencial que é a "cena originária" ou "cena primitiva" ilustraria igualmente isto: a criança, impotente em seu berço, é Ulisses atado ao mastro, ou Tântalo a quem se impõe e se inflige o espetáculo do coito parental. A essa perturbação da dor responde a "co-excitação" que não se pode traduzir, regressivamente, senão pela defecação: a posição passiva da criança em relação ao adulto não é somente passividade na relação real com a atividade adulta, mas passividade com relação à fantasia do adulto que faz intrusão nela (1).

1. Onde situar a terceira etapa da fantasia: "Espanca-se uma criança"? Freud hesita em designá-la seja como sádica, seja como masoquista, para finalmente concluir que "somente a forma desta fantasia é sádica, a satisfação que dela se tira é masoquista". G.W., XII, p. 211, Trad. fr. p. 285.

Tal debate nos parece um pouco formal, na medida em que mantemos, juntamente com Freud, "...as relações regulares e íntimas entre o masoquismo e seu contrário na vida pulsional — o sadismo". (G.W., XIII, O *Problema econômico do masoquismo,* p. 736). Uma tal complementariedade, que autoriza manter o conceito de "sado-masoquismo", não tem, evidentemente, nada a ver com uma complementariedade real entre as *perversões* sádica e masoquista, nem com a possibilidade de uma passagem real, por retorno, por exemplo, de uma a outra. A perversão supõe sempre a fixação do *ego* num dos pontos ou pólos da estruturação fantasmática. O esquema que extraímos de *Os instintos e suas vicissitudes* mostra, na sua simplicidade, que não poderíamos passar diretamente da posição "S" à posição "M", embora todas as duas se concebam a partir de uma "fantasia originária" comum.

Assim, a fantasia consciente "espanca-se uma criança" não poderia ser chamada sádica, nem masoquista *no sentido da perversão.* Fantasia sadomasoquista, ela faz parte do "masoquismo reflexivo" que pode também ser chamado "sadismo reflexivo". O masoquismo "reflexivo" é considerado por Freud em *Os instintos e suas vicissitudes* como característica da *neurose* obsessiva, e não é por acaso que as pacientes às quais Freud se refere em *Uma criança é espancada* apresentam uma sintomatologia com predominância obsessiva. Assim *Ein Kind wird geschlagen* — "espanca-se uma criança" — é um derivado consciente, neutralizado, neurótico, da fantasia reflexiva originária.

6

Por que a pulsão de morte

Se o conteúdo do artigo *O problema econômico do masoquismo* não corre o risco de decepcionar o leitor, seu título suscita uma expectativa que só se satisfaz parcialmente. O essencial do texto é dedicado a estudos e a esclarecimentos fascinantes: a descrição e a análise das diferentes formas clínicas sob as quais o masoquismo se apresenta na experiência analítica. Mas, apenas as primeiras páginas do texto são dedicadas às dificuldades e contradições inerentes à própria noção de masoquismo. Além disso, a "solução" proposta quase que só apresenta um esclarecimento nocional, que se apóia na distinção da pulsão de vida e da pulsão de morte, às quais correspondem princípios de funcionamento diferentes: princípio de prazer e princípio de Nirvana... Assim, o "problema econômico", ou seja, o paradoxo essencial do masoquismo foi rapidamente abandonado, remetido ao nível da oposição principal entre "amor" e "discórdia", essa luta titânica cuja experiência não nos apresenta senão resultados atenuados e sempre ambíguos, já que nunca temos diante de nós senão "misturas".

Não se tem nem mesmo certeza de que a introdução da "pulsão de morte", em vez de esclarecer as dificuldades do masoquismo, não venha, ao contrário, duplicá-las. Assim é que entre os inúmeros paradoxos levantados pelo masoquismo, dois se apresentam como fundamentais: o primeiro parece inerente à própria noção; o outro surge da articulação do masoquismo com a pulsão de morte.

O paradoxo do masoquismo

Se se aceita a definição: "prazer do desprazer", o *paradoxo inerente ao masoquismo* reside na própria contradição desses termos. A partir daí, as soluções — escapatórias do raciocínio ou escapatórias do próprio sujeito? — só se concebem introduzindo uma diferença de campo entre os termos da equação, ou por um deslizamento nocional de um ou outro desses termos.

Pode-se tentar uma solução, situando cada um dos dois termos num *lugar* diferente da tópica intra-subjetiva, segundo a fórmula bem conhecida "o que é prazer para um sistema é desprazer para um outro". Pode-se levar mais longe essa formulação, supondo, por exemplo, que uma das instâncias (o superego) encontra seu prazer *no próprio fato* de infligir desprazer à outra instância (o ego). Essa teoria, muito naturalmente, inscreve-se na linha do senso comum, segundo o qual o prazer do sadismo não teria necessidade de uma explicação especial, mas seria plenamente "compreensível". Se, no cenário sádico, o prazer está no sujeito e o desprazer no objeto, a introjeção deste último e sua integração numa instância da personalidade (o ego) teria como resultado uma *interiorização do conjunto da cena*, explicando facilmente o paradoxo do masoquismo: o masoquista não gozaria senão por sua identificação fantasmática com o pólo ativo da cena. Essa "solução" que parece aceitável a partir do momento em que se admite que todo indivíduo é dividido em si mesmo e contra si mesmo, nunca foi, entretanto, proposta por Freud, que sempre considerou como mais *enigmático* e necessitando de uma explicação mais complexa o *prazer de fazer sofrer, que o prazer de sofrer:* isto significa que o "prazer do superego" invocado aqui, não poderia ser um axioma indiscutível e irredutível. Mas, é preciso lembrar, sobretudo, que a coexistência, no mesmo indivíduo, de um prazer e de um desprazer ligados um ao outro, mas atribuíveis a dois "lugares" diferentes é uma das descobertas mais gerais da psicanálise. Em qualquer indivíduo submetido a análise, "psicossomático", "neurótico", "homem sem qualidade", encontramos evidentemente um sofrimento, e o movimento da cura consiste em mostrar como esse sofrimento é provocado pelo próprio indivíduo, em nome de uma determinada procura de um prazer em outro lugar. Caracterizar tal conjunção em alguém como masoquismo ou masoquismo moral, é diluir a própria noção de masoquismo e talvez eliminar toda a sua significação. Não que não exista, em todo ser humano, uma potencialidade masoquista pronta a despertar e a reforçar um sofrimento de uma origem qualquer. Acontece, contudo, que o sujeito só é masoquista enquanto ele goza lá *onde* ele sofre, e não enquanto sofre aqui para gozar lá, em função de uma aritmética ou álgebra dos prazeres. O que pode ainda ser formulado assim: o sujeito sofre *para* gozar, e não somente *para poder* gozar *(para pagar o tributo do gozo).*

Somos levados a procurar, no interior desta igualdade sempre tão inquietante: prazer = desprazer, uma defasagem que seria introduzida ao mesmo tempo no domínio do prazeroso e no do desprazeroso. Se, por razões de comodidade, designamos esses membros da equação como pólo "+" e pólo "−", só podemos continuar a afirmar "+" = "−" se este "+" não for realmente um "+", nem este "−" um "−" realmente um "−". Ou melhor, o "−" talvez não seja realmente o negativo do positivo que ele tem diante de si.

Em primeiro lugar, do lado "−", a noção de sofrimento ou, mais interessante ainda, o fenômeno da *dor* — como efração do limite e como afluxo de energia "não ligada" — vem substituir-se à noção de desprazer.

Do mesmo modo, do lado "+" são propostas distinções que não são facilitadas pela terminologia estabelecida e em particular pelo termo alemão *Lust*, traduzido tradicionalmente por prazer, ou, às vezes, por gozo, mas que recobre igualmente a significação de desejo concupiscente. Acrescentamos ainda a noção de *satisfação* que implica em apaziguamento ligado à redução de tensão e se situa, pois, inteiramente no registro do "vital". Em conseqüência, no pólo "+" o prazer parece dividir-se em duas direções: de um lado, o gozo, no sentido ao mesmo tempo de um prazer desenfreado e no da concupiscência; de outro, a satisfação que se situa na ordem do apaziguamento das tensões vitais. Nessa oposição, o termo "prazer" pode se colocar, segundo os autores e o próprio Freud, conforme o momento, num ou noutro pólo da mesma oposição fundamental: seja que o situemos face à satisfação funcional (e nesse caso trata-se do prazer pulsional, por exemplo, o que Freud chama "prazer de órgão"), ou que o oponhamos ao "gozo" (e, nesse caso, o prazer se situaria do lado da constância e da homeostase):

Satisfação/praze ∿prazer/gozo (1)

Utilizemos agora os resultados aos quais chegamos justamente pela interpretação e pela reavaliação das teses freudianas:

1º Convém distinguir cuidadosamente dois níveis: a série ou a escala quantitativa: prazer (funcional) – desprazer (funcional); e o nível da concupiscência e/ou gozo.

2º É neste segundo nível, concupiscência e/ou gozo, que se situa a tese do masoquismo primário. Ela pode ser apresentada numa fórmula do tipo:

"Concupiscência e/ou gozo da dor"

Ela é estreitamente correlativa à noção de fantasia como corpo estranho interno e à pulsão como ataque interno, de modo que o paradoxo do masoquismo, longe de se circunscrever a uma "perversão" particular, mereceria ser generalizado, uma vez que é ligado à *natureza essencialmente traumática da sexualidade humana.*

3º Resta a questão levantada por esta fórmula: concupiscência e/ou gozo, onde os termos são colocados numa relação complexa, ao mesmo tempo conjunção e disjunção. Lembremos algumas fórmulas de Freud que, pelo seu caráter aproximativo, indicavam talvez uma direção fecunda: "O sujeito goza da excitação", escrevia Freud no *Problema econômico do masoquismo*, situando talvez aí todo o problema da pulsão sexual; e, já nos *Três Ensaios*, em 1905, a respeito das próprias "fontes" da pulsão sexual: "Utilizaremos os termos "excitação sexual" e "satisfação" sem fazer diferença entre eles, deixando para mais tarde a tarefa de procurar defini-los de maneira mais precisa" (2). "Gozar da excitação", essa expressão situa Freud numa linha que o ultrapassa: a que afirma que "o homem prefere a caçada à presa". É preciso dizer-se simplesmente que a caçada comporta *também* em si a fantasia da presa? Mas essa formulação seria banal e insuficiente se não concebêssemos que a fantasia já não é a mesma, não é simples reflexo ou imagem da presa, é *derivada* desta por uma série complexa de deslocamentos. Tal seria, em termos mais gerais, a relação da concupiscência com a "satisfação".

1. Essa anfibologia do conceito de prazer não poderia de maneira alguma ser reduzida por intermédio de uma convenção terminológica. Ela é o índice de um processo de metaforização.
2. Freud, S., 1905, *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, G.W., V, p. 102. Trad. fr., Paris, Gallimard, 1962, p. 100.

"Gozar da excitação" – "concupiscência e/ou gozo", essas fórmulas nos levam a questionar o valor que conservam, no nível dessa "mecânica" ou dessa "hidráulica" de *representações* que caracterizam a sexualidade humana, conceitos econômicos derivados metafórico-metonimicamente do registro da homeostase biológica. O duplo paradoxo introduzido pela noção de pulsão de morte, no problema do masoquismo, será aqui nosso guia.

O paradoxo econômico da pulsão de morte

Além do princípio de prazer que, em 1920, um ano depois de *Uma criança é espancada*, introduz a pulsão de morte, continua sendo o texto mais fascinante e mais desconcertante de toda a obra freudiana. Freud nunca se mostrou tão livre, tão audacioso quanto nesse grande afresco metapsicológico, metafísico e metabiológico. Termos inteiramente novos aparecem: Eros, pulsão de morte, compulsão à repetição... Idéias antigas, aparentemente esquecidas, sobretudo as do *Projeto para uma psicologia científica*, são retomadas e reformuladas. Mais que nunca, o problema do "biologismo" freudiano nos pressiona aqui de todos os lados: qual é a função deste recurso às ciências da vida que se apresenta ora sob o aspecto de uma especulação sem limite, ora como uma referência a uma experimentação precisa? *Além do princípio de prazer* só poderá ser dialeticamente "ultrapassado", com alguma credibilidade, quando for esclarecido o sentido desse biologismo. Enfim, naquilo que se refere às questões mais diretamente abordadas nos nossos dois últimos estudos, encontramos aí uma nova conjunção, original e mesmo inaudita, dos diferentes modos daquilo que se designa, de maneira geral, como o "negativo": agressão, destruição, sadomasoquismo, ódio...

Profundamente desnorteante, esse discurso não se subordina senão esporádica e superficialmente a imperativos lógicos: trata-se de um pensamento livre – no sentido de associações livres –, pensamento "para ver", que implica em retornos, arrependimentos e desmentidos. Tal contrapartida da liberdade do procedimento, igualmente sedutora, pode decepcionar aquele que não se identifica com ela: as lacunas do raciocínio são aí armadilhas, os deslizamentos dos conceitos vêm confundir as referências terminológicas, as mais profundas discussões são de repente cortadas arbitrariamente... Se buscamos criticá-lo, temos a impressão de que todas as questões nele estão mal colocadas, que todas precisam ser reelaboradas.

Sedutora, traumatizante, a introdução forçada da pulsão de morte não podia senão suscitar, nos herdeiros de Freud, todas as variações possíveis de defesa: motivada recusa em alguns; aceitação puramente escolástica da noção e do dualismo Eros-Tânatos, em outros; aceitação, de maneira modificada e cortada de suas bases filosóficas, da parte de um autor como Melanie Klein, e, mais freqüentemente ainda, a preterição ou o esquecimento completo da noção...

Além do princípio de prazer, em dois afrescos, ou dois cânticos distintos, leva-nos irresistivelmente até seu mito: num primeiro tempo, os fenômenos mais variados da *repetição,* naquilo que eles têm de irredutível, são considerados como a *essência da pulsão.* Num segundo movimento, essa tendência do indivíduo humano a reproduzir seus estados e seus objetos primeiros, é ligada a uma força universal, ultrapassando de muito o campo psicológico e mesmo o campo vital, força cósmica que tende irresistivelmente a levar, regressivamente, o mais organizado ao menos organizado, as diferenças de nível ao nivelamento, o vital ao inanimado (1). Trata-se, pois, de apreender o que há de mais "pulsional" na pulsão — exatamente, a ataraxia, o Nirvana como abolição de toda pulsão —, o que há de mais vital no biológico — a morte explicitamente designada como "fim último" da vida. Todo ser vivo aspira à morte em razão de sua tendência *interna* mais fundamental, e a diversidade da vida, tal como a observamos em suas formas múltiplas, nunca faz mais que reproduzir uma série de avatares fixos ao longo da evolução, desvios adventícios provocados por este ou aquele traumatismo, este ou aquele obstáculo suplementar: o organismo não quer apenas morrer, mas "morrer à sua maneira".

Em oposição a esse "universal" da morte, cujo limite, entretanto, é difícil de se conceber, é necessário, contudo, colocar um outro princípio, a *pulsão de vida* ou *Eros,* tendência que recolhe, apesar de certas denegações de Freud, uma parte da esperança oriunda da ideologia evolucionista ou progressista: Eros reúne, Eros tende a formar unidades cada vez mais ricas e mais complexas, primeiro no plano biológico, depois no plano psicológico e social; ao contrário, enfim, do princípio de entropia energética — que pudemos, não sem razão, aproximar da pulsão de morte — Eros tende a manter e elevar o nível energético das configurações cujo elo íntimo ele forma.

Assim como Tânatos, Eros é, contudo, uma força *interna,* inerente ao indivíduo: átomo, célula, indivíduo vivo ou psiquismo. É no interior dessa mônada que se desenvolve primeiro a dialética, ou melhor, a luta encarniçada das duas forças primordiais; é secundariamente que uma parte da destrutibilidade originária volta-se para o mundo exterior, dando origem a esta manifestação que detectamos nos fenômenos — a agressividade. Assim, voltando à questão já discutida em *Os instintos e suas vicissitudes,* afirma-se aqui o primado da auto-agressão sobre a hetero-agressão, não sendo essa auto-agressão, por sua vez, senão a conseqüência do primado absoluto, no indivíduo, da tendência ao zero, considerada como a forma mais radical do princípio de prazer.

Mas, o que é considerado como primário no interior do indivíduo reúne, sob uma mesma bandeira, tendências dificilmente conciliáveis: redução das tensões a zero (Nirvana), tendência à morte, auto-agressividade, procura do sofrimento ou do desprazer. Do ponto de vista econômico, a contradição maior consiste em remeter a

1. Na verdade, é-nos quase impossível imaginar, com as descobertas da Física, que a chamada matéria bruta represente necessariamente o estado menos organizado, e ainda menos que ela corresponda ao nivelamento energético — isto é, reduzidas ou abolidas todas as diferenças de potencial — tal como Freud nos sugere.

uma única e mesma "pulsão" a tendência à abolição radical de toda tensão, forma suprema do princípio de prazer, e a busca masoquista do desprazer que não pode, logicamente, interpretar-se senão como aumento de tensão.

Com a acuidade analítica, a originalidade das observações clínicas e o sentido dialético que o caracterizam, Daniel Lagache (1) se interroga sobre a "situação da agressividade". Trata-se de um texto curto, referência importante para situar-se no pensamento pessoal do autor, mas também para elucidar os diferentes sentidos intrincados nessa noção de agressividade. O conceito de pulsão de morte é considerado aí "como a unidade formal de várias idéias conexas mas não idênticas". No interior dessa espécie de monstro (no sentido em que se designam assim os seres criados pela fantasia humana, quimeras ou dragões compostos dos membros e partes mais heterogêneos do corpo), Lagache destaca diferentes idéias, a fim de criticá-las uma a uma, de propor uma interpretação plausível das mesmas, de tentar, finalmente, situá-las num outro lugar da teoria ou da experiência. Assim, ele examina:

1º A tendência à passagem do orgânico ao inorgânico, onde revela o que há de mais especulativo e mais capcioso na argumentação de Freud. É num nível puramente descritivo, na clínica psicanalítica, que ele encontra uma aplicação possível para essa tendência: designar uma espécie de reificação do sujeito — denominada, noutro lugar, de viscosidade ou inércia psíquica — na qual a rotina e a esclerose se substituíram, de maneira durável ou mesmo definitiva, à renovação e à criação.

2º A tendência à "redução das tensões": noção que Lagache aceita, com a condição de não levá-la ao absurdo, ou seja, de modo extremo, à redução de *toda tensão.* Assim limitada, ela constitui, na problemática própria do autor, um dos pólos da atividade humana, face à tendência à "realização das possibilidades": dois princípios da vida psíquica que se alternam, se combinam em compromissos mais ou menos harmoniosos, opondo-se um ao outro segundo o tipo de conflito e segundo o período da vida. A psicanálise não poderia optar por um desses dois princípios.

3º Enfim, o masoquismo primário, noção para a qual Lagache procura primeiro ilustrações ou equivalências psicofisiológicas, mas que interpreta, finalmente, como o estado inicial da criança, absolutamente dependente do outro para sua satisfação. O "masoquismo primário" estaria inserido na "posição narcísica masoquista", posição na qual a noção de masoquismo é assimilada, *a priori,* pelo autor, às de passividade e dependência.

Criticar, no sentido etimológico do termo, é escolher, redistribuir as cartas, "ventilar" o que estava misturado. Nesse sentido, a crítica de Lagache é uma das mais avançadas, das mais pertinentes de todas as que foram aplicadas ao campo da agressividade. Entretanto, tal concepção da crítica e da análise nocional é, a nosso ver, incompleta, se quisermos abordar, enquanto *"psico-analistas"* um conceito colocado pelo próprio fundador da análise. Em relação à pulsão de morte, evidentemente, houve um mal-entendido, os jogos foram mal feitos. Mas, em virtude disso, seria suficiente retomá-los e proceder a uma repartição mais correta? Pensamos que

1. Lagache, D. — "Situation de l'agressivité" (Situação da agressividade), in *Bulletin de Psychologie,* 1961, pp. 99-112.

não podemos nos contentar em redistribuir as cartas sem antes tentar interpretar a "distribuição" precedente. Analisar, interpretar, tentamos propor algumas linhas gerais do que poderia ser uma tarefa desse tipo, tarefa que não é a de uma "patografia" — interpretação do desejo individual de alguém (Freud, no caso), pela referência aos traços biográficos por ele deixados — mas a interpretação daquilo de inconsciente que, numa obra, se deixa perceber, mesmo já estando no nível do pensamento discursivo: uma exigência teórica, produto refratário do desejo (1). Exigência? Retomaríamos, de bom grado, um outro termo freudiano, o *Zwang:* compulsão, constrangimento, força demoníaca, dos quais um dos exemplos mais admiráveis é o "Zwang" da palavra oracular que fixa, irrevogavelmente, o destino de Édipo (2)...

Das grandes compulsões do pensamento, que ressurgem periodicamente na criação freudiana, a pulsão de morte é o produto mais claro e talvez o que reúne todas elas. Como não notar, depois de Jones, os traços manifestos deste *Zwang?* Em 1920, aparece um texto escrito sob a inspiração que se inscreve na série descontínua e sincopada de outros escritos, produtos da mesma espécie de estado de compulsão: desde o *Projeto para uma psicologia científica* até *Sobre o narcisismo: uma introdução.* Tem origem aqui um desenvolvimento absolutamente novo, situado fora de todas as trajetórias previsíveis: fora da continuidade dos escritos metapsicológicos de 1915 e de seu sistema que parecia bem próximo de uma reformulação; em divergência também com relação ao questionamento proposto para o "narcisismo", já que não se trata tanto de consolidar este último, mas de enfraquecê-lo. Uma hipótese vem questionar tudo. Hipótese? ela é apresentada sem reservas, com argumentos de toda ordem, freqüentemente alheios aos domínios da clínica psicanalítica, chamando em seu auxílio a biologia, a filosofia, a mitologia. É uma argumentação que se desenvolve por ruptura, seguindo com obstinação os detalhes de um debate científico para repentinamente abandoná-lo, como um jogador sem sorte que vira bruscamente a mesa: estamos pensando aqui na longa discussão, muito documentada, sobre o problema da imortalidade da célula viva à luz das experiências com os protistas, discussão na qual, de repente, quando se tem a impressão de que o exame das diferentes teses chegaria a invalidar a existência de uma tendência *interna* à morte, Freud rompe esse contato através de um recurso *ad hoc* à metafísica das entidades:

"Torna-se, para nós, completamente indiferente saber se podemos ou não provar que a morte nos protozoários é uma morte natural... As forças pulsionais que tendem a conduzir a vida à morte poderiam produzir-se também neles desde o início; mas seria muito difícil obter-se uma prova direta de sua presença, uma vez que seus efeitos estão disfarçados pelas forças que conservam a vida... Mesmo se os protistas se revelam imortais no sentido de *Weisman,* sua tese que faz da morte uma

1. Cf. Laplanche, J. — "Interpréter (avec) Freud" (Interpretar (com) Freud), in: *L'Arc,* nº 34, 1968, pp. 37-46.
2. Freud, S., 1938. G.W., XVII, Tr. fr., Paris, P.U.F., 1950.

aquisição tardia só é válida para os fenômenos manifestos da morte e não invalida nenhuma hipótese relativa aos processos que levam à morte" (1).

Essa hipótese é apresentada sob a aparência de uma argumentação bastante "liberal": o direito de cada um de levar seu pensamento tão longe quanto queira, a soberana liberdade de filosofar e de sonhar.

... Logo, entretanto, o *Zwang* se manifesta, o devaneio metafísico torna-se dogma, tanto para Freud quanto para seus discípulos:

"No princípio, apresentei essas concepções com a única intenção de ver até onde elas levariam, mas no correr dos anos, elas adquiriram um tal poder sobre mim, que já não posso pensar de outro modo." (2)

Outro índice, invertido, do mesmo *Zwang:* esse verdadeiro dogma, que se impõe no nível do pensamento sistemático, não tem senão uma fraca ressonância no conjunto da elaboração, quando esta se mantém mais próxima da clínica: o novo "dualismo" integra-se mal na teoria do conflito, onde subsistem as velhas oposições pulsionais, ao passo que a pulsão de morte só é invocada como último recurso e permanece geralmente em segundo plano:

"É a especulação teórica que nos faz supor a existência de duas pulsões fundamentais que se escondem atrás das pulsões manifestas: pulsão do ego e pulsão do objeto." (3)

Assim também, quando em *Inibições, sintomas e ansiedade,* Freud reexamina a teoria das neuroses, não integra a pulsão de morte no conflito edipiano senão sob a forma de ódio, sem lhe dar lugar enquanto auto-destruição. Ainda que as teses de Rank sobre o "traumatismo do nascimento", longamente discutidas nesse texto, pudessem servir de ponto de referência à idéia de uma interiorização primordial da destruição, a hipótese de uma angústia de morte primária é finalmente afastada e a ausência da morte no nível inconsciente reafirmada (4)

Se o próprio Freud, autorizando-nos, a partir daí, a aceitar o termo *Zwang,* fala do "poder" exercido sobre ele pela noção de pulsão de morte, abre assim o

1. Freud, S., 1920, *Au-delà du principe de plaisir,* G.W., XIII, pp. 52-53. A discussão das experiências dos biólogos sobre a sobrevivência dos organismos unicelulares num meio nutritivo apropriado levava à conclusão de que esses organismos pereceriam somente se o meio não fosse periodicamente depurado dos venenos produzidos pelo metabolismo celular. Freud vê aí a prova de que: "... os infusórios, abandonados à sua própria sorte, morrem de morte natural, em razão de uma eliminação imperfeita dos produtos de seu próprio metabolismo" (p. 52). Assim, a célula morre devido a uma causa "interna"... desde que a abandonemos no meio de suas próprias dejeções, isto é, desde que se expanda seu organismo segundo as dimensões de seu ambiente. Vemos, nesse tipo de raciocínio, o correspondente metafórico da idéia de interiorização, no traumatismo, da pulsão "inconciliável" e do elemento de discórdia que ela veicula.
2. Freud, S., 1930, *Malaise dans la Civilisation,* G.W., XIV, pp. 478-479.
3. Freud, S., 1926, *Psychoanalysis,* G.W., XIV, p. 302.
4. "No inconsciente, não há nada que possa dar um conteúdo ao nosso conceito de destruição da vida... É por essa razão que defendo firmemente a idéia de que a angústia de morte deve ser concebida como análoga da angústia de castração."
Freud, S., 1924, *Innibition, Symptôme et angoisse,* G.W., XIV, p. 160. Trad. fr., Paris, P.U.F., 1965, p. 53.

caminho às tentativas de interpretação. Jones, por sua vez, biógrafo de Freud, esboça uma tal análise, mas numa direção que não deixaremos de considerar redutora. Lembraremos, para desculpá-lo, que ele segue aí algumas indicações do próprio Freud, concernentes à interpretação da obra filosófica:

"A psicanálise pode mostrar a motivação subjetiva e individual de doutrinas filosóficas que surgiram falsamente de um trabalho lógico imparcial e indicar à crítica os pontos fracos do sistema. Preocupar-se com essa crítica não é tarefa da psicanálise, pois compreende-se que a determinação psicológica de uma doutrina não exclui em absoluto sua retidão científica." (1)

Assim Jones justapõe, peça por peça, as objeções concernentes ao "conteúdo" intelectual da obra e à interpretação psicanalítica, em função dos elementos biográficos que tem em mão. Dicotomia já duvidosa, mas onde a insuficiência se agrava quando se examina cada um dos dois termos: sem dúvida, a posição pessoal de Freud em relação à morte — tanto a de seus parentes quanto a sua — merece que se dê atenção aos mínimos índices... mas a neutralidade analítica, apropriada a uma tal exposição do "material" quase não se encontra na apreciação segundo a qual "pensar na morte todos os dias é certamente inabitual." (2)

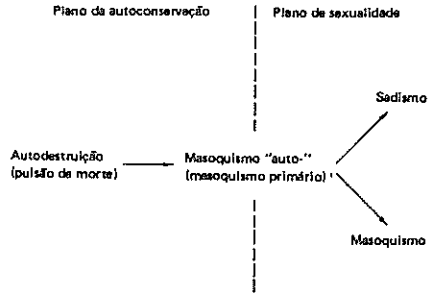
Essa ingenuidade ou esse preconceito — que, a nosso ver, não desqualifica de maneira alguma qualquer projeto de psicobiografia analítica — encontra sua complementação na insuficiência da apreciação teórica. Nesse terreno, Jones *isola*, na verdade, duas "viradas" para um mesmo período: a revisão da concepção do aparelho psíquico, levando à "segunda tópica", e onde o autor não pretende ver senão um coroamento ou um aperfeiçoamento feliz da obra, e a introdução da pulsão de morte, em descontinuidade com toda elaboração anterior, onde a irrupção de uma atitude emocional muito tempo recalcada teria somente um valor de sintoma. Finalmente, um certo espírito racionalista, talvez analítico, mas profundamente antidialético, só consegue isolar e fragmentar: separar, pronto a apoiá-las em seguida uma na outra, a crítica de fundo e a interpretação psicológica; dividir a teoria em boas e más inovações, sem imaginar que possa existir entre elas um vínculo estrutural; enfim, deixar de remeter a compulsão da pulsão de morte a tudo que a prefigura ou a prepara noutras configurações da obra.

Se nosso projeto é interpretar, no nível da obra, o *Zwang*, exigência que leva a essa virada paradoxal, ser-nos-á impossível sustentar essa interpretação seguindo o texto em detalhe, sobretudo *Além do princípio de prazer*. Seremos, pois, obrigados a apresentar, com um mínimo de justificações os elementos que reaparecem aqui, e cuja energia contribui para fortalecer o conceito de pulsão de morte. São, em nossa opinião, em número de três.

O primeiro elemento é o que chamamos de prioridade do tempo "auto-" ou *"selbst"*: o tempo reflexivo. Esse primado, no campo psicanalítico, traduz-se tanto

1. Freud, S., 1913, *Das Interesse an der Psychoanalyse* (O interesse da psicanálise), G.W., VIII, p. 407.
2. Jones, E. — *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud* (Vida e obra de S. Freud), Tomo III, ed. fr., Paris, P.U.F., 1969, p. 319.

na teoria do auto-erotismo quanto no pressuposto do narcisismo primário, concebido como este estado totalmente fechado sobre si mesmo, cujo absurdo desafia tanto a reflexão teórica quanto os dados mais elementares da observação. (1) A esse respeito acrescentemos, simplesmente que, em *Além do princípio de prazer*, a pulsão de vida ou Eros, força que mantém a unidade e a unicidade narcisista, não pode ser compreendida como *retorno a um estado anterior*, senão como referência ao mito: a fábula do andrógeno, proposta por Aristófanes do *Banquete* de Platão. Assim sucede também com a pulsão de morte: aqui, a prioridade do tempo reflexivo, até então solidamente afirmada no que concerne ao *masoquismo no sentido sexual*, vai se reduplicando ou se multiplicando do lado das origens: no nível da autoconservação do ser vivo, a agressão já estava lá, fixada, estagnada no *interior*, e é lá, nesse mesmo lugar, que ela vai aparecer "ligada libidinalmente à co-excitação sexual" (2) sob a forma de masoquismo primário.



O segundo elemento da exigência da pulsão de morte, é a *prioridade do zero sobre a constância*. Sabe-se que os enunciados freudianos do princípio de prazer reconduzem-no, como a seu fundamento objetivo ou mesmo matemático, ao "princípio de constância". Mas a *dualidade do prazer*, que faz com que ele se divida em prazer de função e prazer de órgão, em satisfação apaziguante e em gozo, encontra-se no nível econômico. As formulações do princípio de constância dão a impressão de recobrir, por sua vez, a mesma duplicidade. Nesse sentido, citemos duas definições desse princípio econômico em *Além do princípio de prazer:*

— A tendência "à redução, à constância, à supressão da excitação interna..."

— A tendência do aparelho psíquico "... a manter o mais baixo possível a quantidade de excitação presente nele, ou pelo menos em mantê-la constante".

Assim, os termos "zero" e "constância", que justamente pretendemos distinguir, são freqüentemente apresentados por Freud como situados num "continuum", seja estabelecendo entre eles uma vaga sinonímia, pronto a remeter à "psicofisiolo-

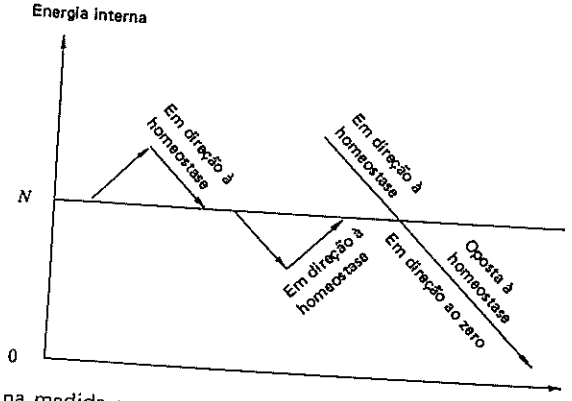
1. A esse respeito tivemos oportunidade de remeter-nos a Melanie Klein, mas pode-se também invocar Balint ou Bowlby, num artigo muito importante, desde que seja ele também reinterpretado: *Nature du lien de l'enfant avec sa mère* (Natureza do vínculo da criança com a mãe), in I.J.P., vol. XXXIX, parte V, 1958.
2. Freud, S., *Le problème économique du masochisme*, G.W., XIII, p. 376. Trad. fr., in R.F.P., 1928, 2, nº 2, p. 216.

gia" o cuidado de distingui-los mais nitidamente, seja apresentando a tendência à constância como um *dos males menores* em relação à redução absoluta das tensões.

Entretanto, nesse nível quantitativo, no qual Freud não hesita em introduzir uma terminologia de cunho matemático, uma discussão *a priori* das diferentes relações possíveis entre nossos dois termos se justifica:

a) *O zero pode ser assimilado à constância?* Imaginemos um sistema homeostático simples, no qual um dispositivo auto-regulador visa a manter constante um certo nível energético N. Num tal sistema, segundo ele se afaste do nível N por excesso ou por falta, é uma descarga *ou* uma carga de energia que será necessária para estabelecer a homeostase. Por outro lado, uma redução energética tendendo a levar o sistema ao nível zero poderá, numa parte de seu percurso, aparecer como favorável ao restabelecimento da constância, mas levada até o máximo, ela contradiz gravemente o princípio de constância.

Se remetemos isto ao nível da homeostase de um *organismo*, encontramos esta evidência experimental: um ser vivo não busca unicamente, como queria Freud, descarregar as excitações que lhe seriam continuamente trazidas sob a forma de cargas contingentes vindas do exterior: esse organismo, de acordo com as circunstâncias e com seu nível energético interno, pode tanto buscar a "excitação", quanto evitá-la ou evacuá-la.

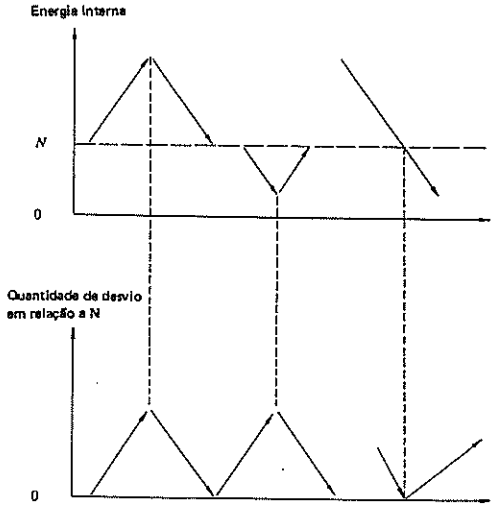


Assim, na medida em que eles pertencem a um mesmo sistema, à mesma espécie de energia quantificável, um princípio do zero e um princípio da constância são irredutíveis um ao outro.

b) *Um princípio do zero pode ser considerado como segundo em relação a um princípio de constância?*

Consideremos sempre o mesmo sistema homeostático, mas introduzindo nele uma segunda variável: ao lado da energia interna, o *desvio energético* em relação ao nível N de referência, quer esse desnível se produza pela diminuição da taxa absoluta de energia, quer pelo seu aumento. Em conseqüência, uma mesma troca energética entre o sistema e seu meio se traduz diferentemente, conforme focalizemos uma ou outra das duas variáveis: a lei de constância, tomada enquanto governando as variações no tempo das *quantidades absolutas* de energia interna, traduz-se numa lei

do zero quando é a *quantidade de variação ou de desvio* em relação à norma que é tomada ela própria como variável (Ver esquema abaixo)



Tais considerações nos levariam diretamente ao pensamento de Fechner, cujas três teses devem ser consideradas como referências de base para discutir considerações freudianas sobre a economia do prazer: o *enunciado do princípio de prazer* (1) — o *enunciado do princípio de estabilidade*, considerado por Freud como equivalente de seu princípio de constância (2) — finalmente a "*lei psicofísica*" fundamental que quantifica a "sensação" como "logaritmo da excitação" estabelecendo desse modo uma relação precisa entre a quantidade de variação subjetivamente perceptível (quantidade definida pela soma de desvios sucessivos) e a quantidade do afluxo objetivo de energia. Ora, a posição de Freud em relação a essas três contribuições de Fechner é extraordinária:

1. Um grande número de características do princípio de prazer freudiano já estão presentes no texto de Fechner, publicado em 1848: "Über das Lustprinzip des Handelns" (in *Zeitschrift für Philosophie und Philosophische Kritik*, Halle, 1848).
Mesmo em Fechner, não se trata de maneira alguma de um hedonismo no sentido tradicional: a representação do prazer ou do desprazer *futuro* não serve para nada. O princípio de prazer é um princípio regulador exigindo uma sensação *atual* para fazer funcionar o mecanismo; atual no nível do prazer-desprazer, ligado às próprias representações, e não no nível do representado, do visado, do projetado. Como o movimento é sempre do desprazer para o prazer, compreende-se que, neste par, o termo atual, motivante, seja o desprazer: sabe-se que Freud começou por falar de um "princípio de desprazer", depois de um princípio de desprazer — prazer"; fala várias vezes de uma *regulação automática* do curso dos processos psíquicos por esses princípios; enfim, situa o princípio como que regulando o "curso das representações". A respeito de tudo isso, ele retoma as teses fechnerianas.
2. Freud, S., *Au-delà du principe de plaisir*, G.W., XIII, pp. 4-5-6, Trad. fr. in Essais de psychanalyse (Ensaios de Psicanálise), Paris, Payot, 1951.

— Não diz uma palavra sequer acerca do enunciado de Fechner sobre um "princípio de prazer da ação" em termos muito próximos de suas próprias concepções.

— Considera o "princípio de estabilidade" como o enunciado mais geral ao qual "... a tendência que atribuímos ao aparelho psíquico se subordina como um caso particular..." (1)

— Declara que "G. Th. Fechner apresentou uma concepção do prazer e do desprazer que coincide no essencial com aquilo que o trabalho psicanalítico nos impõe", e cita uma passagem muito explícita em que Fechner aplica às sensações de prazer-desprazer a "relação psicofísica" fundamental (2); ... E entretanto, ele se recusa, a partir daí, a seguir o caminho que permitira relacionar, numa função precisa, a tendência ao zero à tendência à constância, o zero do desvio percebido pela constância do nível energético interno.

Para esclarecer, caminhando em direção ao sentido de Fechner, suas próprias definições do princípio de constância, seria necessário que Freud distinguisse dois tipos inteiramente heterogêneos de *quanta:* o *quantum* de desvio em relação à estabilidade (que Fechner chama de sensação) e o *quantum* de energia (que Fechner chama de excitação). De início, desde os primeiros enunciados "econômicos", a teoria freudiana refere-se apenas a *uma única espécie de "quantidade":* no *Projeto para uma psicologia científica,* as quantidades internas (Qn) são da mesma natureza das quantidades externas (Q) e não se diferenciam delas senão por uma diminuição que nelas ocorre devido a um sistema de filtros; noutros lugares, e constantemente, temos como "*quantum* de afeto", "acúmulo de excitação", "estimulação externa", "estimulação interna", etc. são dados pura e simplesmente como homogêneos.

c) Freud recusa assim a solução fechneriana: ele tem necessidade de um *quantum* de energia psíquica *materialmente* destacável, susceptível de circular, e não desta *função matemática* que é a "sensação" fechneriana, inseparável da "excitação"

1. Freud, S., ibid. G.W., XIII, p. 5.

2. Vale a pena transcrever aqui a passagem de Fechner, citada por Freud em *Além do princípio de prazer:*

"Considerando que os estímulos conscientes estão sempre em relação com o prazer ou o desprazer, pode-se também considerar o prazer e o desprazer como mantendo uma relação psicofísica com condições de estabilidade e de instabilidade. Isso permite fundamentar a hipótese seguinte que me proponho desenvolver em outra ocasião: todo movimento psicofísico que atravessa o limiar da consciência é tanto mais afetado de prazer, quanto mais se aproxima da estabilidade completa, para além de determinado limite; e afetado de desprazer, quanto mais se afasta para além de um determinado limite; entre esses dois limites, que se podem caracterizar como limiares qualitativos do prazer e do desprazer, subsiste uma certa zona de indiferença estética (...)" (Fechner: "Quelques ideés sur l'histoire de la création et du dévelopement des organismes." (Algumas idéias sobre a história da criação e do desenvolvimento dos organismos). *Einige Ideen zur Schöpfungs und Entwicklungsgeschichte der Organismen,* 1873, Sessão VI, apêndice, p. 94).

Freud não pode ter ignorado o tipo rigoroso de solução dada por Fechner ao problema do zero e da constância. Ora, duas linhas depois dessa citação, ele utiliza novamente uma dessas fórmulas voluntariamente vagas em que a manutenção da constância aparece apenas como uma aproximação imperfeita da tendência ao nível mais baixo.

atual da qual ela é o logaritmo; mas, sobretudo, ele tem necessidade de afirmar, apesar das verossimilhanças biológicas ou mesmo psicofísicas, o *primado do zero sobre a constância.*

Desde o *Projeto para uma psicologia científica* encontra-se nitidamente colocada a distinção dos dois princípios que serão retomados mais tarde sob a forma de princípio de Nirvana e princípio de constância: o primeiro deles já o encontramos sob a denominação de "princípio de inércia neurônica": "Os neurônios visam a se liberar da quantidade". Ele é também explicitamente enunciado como tendência ao zero de excitação: "... tendência originária do sistema neurônico à inércia, isto é, ao nível = 0."

Esse *princípio do zero* está sempre identificado às noções seguintes:

— energia livre, tendendo pelas vias mais curtas à descarga;

— processo primário;

— princípio de prazer (ou de desprazer): "Como temos certeza de uma tendência da vida psíquica a evitar o desprazer, somos tentados a identificá-la com a tendência primária à inércia. O desprazer coincidiria então com o aumento quantitativo da pressão... o prazer seria a sensação da descarga..." (1)

Vemos que nessa definição do prazer-desprazer, *no aparelho psíquico, não se fala de constância.* Não que um princípio de constância esteja ausente da primeira elaboração freudiana, mas ocupa uma outra posição, na qual se *opõe* ao processo primário. A noção de constância é introduzida secundariamente, como uma adaptação, em razão da "necessidade da vida", do princípio de inércia:

"O sistema neurônico é forçado a abandonar a tendência originária à inércia, isto é, ao nível = 0. Tem de resolver-se a ter uma provisão de quantidade, para satisfazer as exigências da ação específica. Na forma pela qual o faz, demonstra-se, todavia, a continuação da mesma tendência, modificada em esforço para manter pelo menos tão baixa quanto possível a quantidade e para se defender contra os aumentos, isto é, para a manter constante."

Assim, a *lei de constância,* mesmo não sendo explicitamente enunciada como princípio, corresponde exatamente à energia ligada e ao processo secundário. Reconhecemo-la, precedentemente, como ligada ao aparecimento da *instância do ego,* forma investida num nível constante, destinada a reter, moderar, regular a circulação livre do desejo inconsciente, inibindo o reinvestimento alucinatório das representações ligadas às primeiras "experiências de satisfação"...

É bem verdade que em *Além do princípio de prazer,* é a mesma prioridade do zero que, sob a forma de Nirvana, é reafirmada. O deslocamento do termo "princípio de prazer" não nos deve perturbar: o princípio de prazer, pelo fato de ser enunciado, ao longo de todo esse texto, juntamente com "sua modificação" em princípio de realidade, situa-se, a partir de então, do lado da constância. "Sua forma mais radical" ou seu "outro lado" é que, como princípio de Nirvana, reafirma a prioridade da tendência ao zero absoluto, ou "pulsão de morte".

1. Freud, S., 1895 — *Projet de psychologie scientifique,* ed. al., p. 397. Trad. fr., Paris, P.U.F., 1956, p. 331.

Mas a tese freudiana seria aí uma simples repetição se ela não testemunhasse a ressurgência de um outro aspecto do *Zwang: a necessidade de remeter as duas prioridades precedentes (prioridade do tempo auto-, prioridade do zero) ao domínio do vital.* A partir de *Além do princípio de prazer* é o conjunto do domínio biológico, sua história, como suas manifestações atuais, que se encontra afetado pela imanência de uma tendência a zero, agindo obscuramente, mas inelutavelmente "no interior".

Tema romântico ou rilkiano, testemunho de uma familiaridade permanente de Freud com sua própria morte? Talvez. Mas a introdução do zero na vida, a tentativa de *deduzir* o vivo a partir dele não são manifestações sem antecedente na própria obra teórica.

Na medida em que o *Projeto para uma psicologia científica* se apresenta, na mais absoluta ambigüidade metafórica, como sendo *também* uma teoria do organismo vivo, é particularmente esclarecedor comparar essa teoria com o *pensamento de Breuer*, tal como é enunciado, no mesmo momento, no capítulo das "Considerações teóricas", redigido para os *Estudos sobre a histeria.* Pois seria preciso adotar-se uma atitude impensada ou preguiçosa demais diante de suas formulações, para considerar, sem discussão, o que aí expõe Breuer (1), como a etapa inicial do pensamento de Freud.

É que, se a experiência clínica é aparentemente a mesma — a "retenção" do afeto nos fenômenos histéricos e seu contrário, a "ab-reação" —, se a "regra de constância das somas de excitação" é apresentada como a primeira das "teorias comuns" aos dois autores, a tal ponto que um homenageia o outro, a divergência é, em realidade, profunda entre a fisiologia breueriana das "Considerações teóricas" e a que resulta do *Projeto de psicologia científica* (2).

1. No entanto, é o que faz Bernfeld, S., num artigo, cujo único mérito é o de ter sido um dos primeiros a voltar sua atenção para o pensamento de Breuer: *Freud's earliest theories and the school of Helmholtz.* In: The Psychoanalytic quarterly, XIII, 1944, nº 3.

2. Encontram-se marcas dessa divergência até nas vicissitudes por que passa o enunciado do princípio de constância nas diferentes etapas de redução do único capítulo "Studien" assinado pelos dois co-autores: a *Comunicação preliminar,* de 1893.
Em carta a Josef Breuer, de 29.6.1892 (G.W., XVII, p. 5) Freud refere-se primeiro, como sendo uma teoria comum, ao "teorema da constância da soma de excitação" sem, entretanto, tornar preciso seu conteúdo. Num manuscrito preparatório, redigido em comum, o princípio é enunciado como princípio de *constância,* a descarga não sendo senão o *meio* de restabelecer esta "condição da saúde". (G.W., XVIII, pp. 12-13). No texto publicado pelos dois autores e inserido depois nos *Estudos sobre a histeria,* a "Comunicação Preliminar" de 1893, *qualquer enunciado do princípio desaparece.* Ora, ao mesmo tempo em que a "Comunicação" é publicada, Freud pronuncia uma conferência sobre o mesmo assunto no "Clube de medicina vienense", exposição cujo relato também publicado, "apresenta todas as marcas de ser obra apenas de Freud" (Prefácio de J. Strachey, in S.E., III, p. 26). O princípio reaparece aí numa forma que não faz mais alusão à constância, mas unicamente à *descarga* necessária.
"Se uma pessoa recebe uma impressão psíquica, alguma coisa, que chamaremos por enquanto de soma de excitação, cresce no seu sistema nervoso. Pois bem, existe em cada indivíduo uma tendência a diminuir novamente essa soma de excitação, a fim de preservar sua saúde." (Conferência sobre "o mecanismo psíquico de fenômenos histéricos", S.E., III, p. 36).
Assim, parece que depois da redação conjunta de uma formulação caminhando no sentido de um *princípio de constância,* divergências, explícitas ou não, levaram a excluir esse ponto da publicação; logo Freud retoma sua liberdade enunciando, em termos mais clínicos, um princípio de descarga que se aproxima do *princípio de inércia* ou princípio do zero.

Breuer, não nos esqueçamos, colaborou nos trabalhos de Hering sobre uma das auto-regulações maiores do organismo: a da respiração. A constância de que ele fala é do mesmo tipo: é uma *homeostase.* Claro que não uma homeostase do organismo no seu conjunto (como o são precisamente as que regulam as grandes constantes vitais), mas a homeostase de um sistema mais especial, mais especializado, a do sistema nervoso central.

É nesse quadro que deve ser compreendida sua distinção entre uma energia "quiescente" ou "excitação tônica intracerebral" e uma energia cinética, circulando através do sistema. O princípio de constância regula, em Breuer, o *nível de base* da energia tônica e não, como fará o princípio de prazer em Freud, o *escoamento* da energia circulante.

Por conseguinte, ele se anuncia assim: "Existe no organismo uma tendência a manter constante a excitação tônica intracerebral" (1).

Um tal nível de base é concebido como um *optimum.* Como tal, pode ser ameaçado por diversas mudanças de nível, umas operando uma perturbação generalizada, outras uma alteração mais localizada; como tal, pode ser restabelecido pela descarga (ab-reação), *mas também por uma recarga.* Trata-se, diríamos, da manutenção de uma verdadeira *Gestalt* energética.

Esse "optimum" tem, enfim, uma finalidade: a boa e livre circulação da energia cinética, isto é, um funcionamento livre do pensamento, a existência de associações não entravadas:

"Falamos de uma tendência do organismo em manter constante a excitação cerebral tônica, mas uma tal tendência só é compreensível se pudermos perceber a qual necessidade ela responde. Compreendemos a tendência em manter constante a temperatura do organismo com sangue quente, porque sabemos pela experiência que essa temperatura é um *optimum* para o funcionamento dos órgãos... Creio que podemos também admitir que a intensidade da excitação tônica intracerebral tem um *optimum.* Neste nível de excitação tônica, o cérebro é acessível a todas as excitações externas, os reflexos são liberados, mas unicamente nos limites de uma atividade reflexa normal, o fundo das representações é capaz de ser despertado e associado, segundo a proporção relativa recíproca entre cada uma das representações que corresponde a uma reflexão clara" (2).

Inversamente, no sonho, as associações seriam defeituosas e entravadas. *Tese diametralmente oposta à de Freud,* o sonho, para Breuer, é testemunho de um estado no qual a energia psíquica não é nada menos que "livre" e isto em razão de uma "queda" do potencial tônico de base que é "a própria condição do poder de transmissão". (3)

O modelo utilizado aqui é o de uma rede na qual a modulação só é possível a partir de um certo nível elétrico de base que deve ser mantido a qualquer preço: a

1. Freud, S. et Breuer, J., 1895, *Etudes sur l'hystérie,* ed. al. original, p. 172. Trad. fr., Paris, P.U.F., 1956, p. 157.
2. Ibid., ed. al., p. 172. Trad. fr., p. 157.
3. Ibid., ed. al., p. 168. Trad. fr., p. 153.

energia tônica tem uma prioridade absoluta sobre qualquer circulação possível de energia cinética.

Esse rápido resumo do pensamento de Breuer deveria bastar para pôr em evidência o interesse de uma abordagem neurofisiológica que, partindo das noções ditas fisicalistas da escola de Helmholtz, permaneceu muito flexível, muito próxima da experiência fisiológica. Tal abordagem pode ser considerada como não sendo rigorosamente contraditória com as descobertas posteriores da neurofisiologia (manutenção de um nível de base pelo sistema reticulado ativado, por exemplo...), como uma hipótese cientificamente aceitável e aberta.

Ora, Freud, desde seus primeiros trabalhos e ao longo de sua obra, utiliza como referência conceitual fundamental a oposição entre dois tipos de energia: a energia livre e a energia ligada. Ele atribui a introdução dessa distinção em psicologia a Breuer e assimila explicitamente sua energia livre à energia cinética de Breuer, sua energia ligada à energia quiescente:

"Podemos aproximar essa maneira de se representar as coisas pela diferença estabelecida por Breuer entre a energia quiescente (ligada) e a energia de investimento livremente móvel nos elementos dos sistemas psíquicos" (1).

Uma referência às origens comuns das teorias de Breuer e Freud no *pensamento de Helmholtz* deveria, em princípio, nos permitir melhor compreender uma tal assimilação. E, com efeito, encontramos nitidamente colocada, em Helmholtz, a distinção entre uma *energia livre* e uma *energia ligada*. Esses termos são introduzidos por ele na linha de uma reflexão sobre o princípio de Carnot-Clausius e sobre a degradação da energia. Sabe-se que o princípio de Carnot resulta na idéia de que, apesar da definição inicial da energia como "capacidade de produzir um trabalho" e apesar do princípio de conservação de energia, o que se conserva num determinado sistema — sua energia interna total — nem por isso é suscetível de ser indefinidamente convertido em trabalho. Donde a distinção de dois tipos de energia cuja soma constitui a energia interna: uma energia convertível em trabalho, "utilizável" (Maxwell) e uma energia não convertível, "degradada" sob forma de calor. É para designar esses dois tipos de energia que Helmholtz propõe os termos de *energia livre* e *energia ligada:*

"Parece-me certo que é necessário distinguir igualmente nos processos químicos, entre a parte das forças de afinidades que é capaz de se transformar livremente em outros tipos de trabalho, e a que não pode se manifestar senão sob a forma de calor. Para resumir, chamaria essas duas partes da energia: energia livre e energia ligada". (2) O que se traduz, para um sistema dado, pela equação:

Energia interna — Energia livre — Energia ligada

$$U = F(\text{reie}) \searrow + G(\text{ebundene}) \nearrow = C^{te}$$

1. Freud, S., *Au delà du principe de plaisir*, G.W., XIII, p. 26.
2. Helmholtz, H., 1882, "Über die thermodynamik chemischer Vorgänge", in: *Abhandlunge zur Thermodynamik chemischer Vorgänge*, Leipzig, Engelman, 1902, p. 18.

Equação na qual a energia livre (energia livremente utilizável) tende constantemente a diminuir enquanto aumenta a energia ligada (não reconvertível).

Ora, existe uma analogia entre essa lei e a que rege, num sistema mecânico, as quantidades relativas da energia tônica ou potencial e da energia cinética: como a energia tônica, a energia livre de Helmholtz supõe um alto nível de potencial e a capacidade de se transformar numa outra forma; como ela, tende a decrescer no curso das diferentes conversões para atingir um nível mínimo, enquanto que, por sua vez, a energia cinética não é nunca completamente convertível em energia tônica (1). Apesar de algumas nuanças que não cabem aqui, podemos propor uma outra equação, a nível das leis mecânicas regendo os estados de equilíbrio:

Energia total — Energia tônica — Energia cinética

$$E = T \searrow + C \nearrow = C^{te}$$

Logo, se no campo da ciência física, uma aproximação devesse ser feita, seria entre energia livre e energia tônica, energia ligada e energia cinética, aproximação que é *exatamente* o inverso do que faz Freud, assimilando seus próprios termos, energia livre e energia ligada, à distinção breueriana da energia cinética e da energia quiescente (2).

Passo em falso? duplo jogo de cruzamentos? Freud retoma termos carregados por Helmholtz do sentido da 2ª lei da Termodinâmica; ele inverte, aproximadamente, sua significação, interpretando a qualificação de livre no sentido de "livremente móvel", e não de "livremente utilizável"; enfim, ele aplica essa oposição às distinções introduzidas por Breuer... Se, na *Interpretação de sonho*, o absurdo manifesto corresponde a uma crítica irônica a ser procurada no conteúdo latente, acreditamo-nos autorizados a ver nesse tratamento formalmente respeitoso da teoria breueriana, a marca de uma irreverência exasperada.

Que diferença, com efeito, entre as hipóteses *sensatas* de Breuer e a fuzilaria pesada do *Projeto para uma psicologia científica*! No ponto exato em que estamos, essa diferença se detecta no próprio plano do organismo: o primeiro lança as bases de um organismo viável, cujas relações com o exterior são reguladas por homeostases, e onde o funcionamento livre, a boa circulação é secundária em relação à manutenção da boa forma; o outro, ao contrário, pretende deduzir, no seio do organismo, a "função secundária", partindo de uma tendência primária à evacuação da energia. Basta seguir cuidadosamente as primeiras linhas do *Projeto*, dedicadas ao "ponto de vista quantitativo" para percebermos toda a sua estranheza:

O princípio de inércia neurônica, princípio de evacuação absoluta de energia, é de imediato ilustrado por aquilo que designamos geralmente como *modelo do ar-*

1. "Um sistema de corpos se acha em estado de equilíbrio estável quando sua energia potencial possui um de seus valores mínimos possíveis." Chwolson, D.O., *Traité de Physique* (tratado de Física). Trad. fr., Paris, hermann, 1906, p. 117.
2. Esse jogo de cruzamentos já foi observado por Penrose, L.B., "Freud's theory of instinct". International Journal of Psychoanalysis, XII, p. 92: "Convém notar, de passagem, que, ao longo de suas análises, Freud parece utilizar uma terminologia oposta a que é geralmente utilizada e que denomina a energia potencial *energia livre* e a energia cinética, que chamamos de energia livre, *energia ligada.*"

co reflexo (1): evacuação, na extremidade motora, da excitação recebida na extremidade receptora, tendo, como postulado essencial, que é a mesma quantidade, da mesma energia, que é trazida a uma das extremidades para ser restituída, sob a forma de movimento, à outra extremidade. Modelo ingênuo de uma condução, pelo sistema nervoso, da energia mecânica recebida, como se se tratasse de um sistema hidráulico de drenagem; modelo incompatível com os conhecimentos fisiológicos já estabelecidos no fim do século XIX; modelo ao qual o próprio Freud faz correções, mostrando que o que se passa na extremidade motora não é simples transmissão de energia, mas desencadeamento de uma liberação de energia interna ao nível dos "neurônios motores" (2); modelo que, entretanto, no seu pesado simplismo mecanicista estará presente no fundamento da evolução da "vesícula viva", até em *Além do princípio de prazer*.

Ora, é a partir desse funcionamento a-biológico, mortífero, no próprio sentido da pulsão de morte, que Freud pretende introduzir, por uma espécie de dedução, a constituição de uma "reserva de energia". O mediador, para essa dedução, é o que Freud chama de "urgência da vida"... compreendendo aí a pressão exercida sobre o organismo por um afluxo de excitação de origem interna, a insuficiência das reações orgânicas anárquicas para evacuar de maneira durável essa sobrecarga, e a necessidade de desencadear ações apropriadas "específicas", as únicas suscetíveis de abrir as válvulas da descarga:

"O sistema neurônico é forçado a ter uma provisão de quantidade, para satisfazer as exigências da ação específica. Na forma pela qual o faz, demonstra-se, entretanto, a persistência da mesma tendência (ao nível = 0), modificada em tendência a manter a quantidade tão baixa quanto possível e a defender-se contra o aumento, isto é, a mantê-la constante. Todas as ações do sistema nervoso devem ser consideradas, seja do ponto de vista da função primária, seja da função secundária que é imposta pela urgência da vida" (3).

Assim, na passagem de um mecanismo regido somente pela pulsão de morte a uma organização submetida ao princípio de constância, é a própria *idéia* de *vida* que serviria de mediador ou de catalisador. E cada vez que, no *Projeto para uma psicologia científica*, Freud introduz a referência ao "ponto de vista biológico" é com o fim de estabelecer uma ponte destinada a transpor uma descontinuidade no raciocínio "mecanicista".

Que a *idéia* de organismo — tomando-se esse termo com todas as suas conotações, tanto as de representação quanto as de *eidos:* forma — seja o fator que "precipita" a ligação e provoca a passagem do funcionamento *psíquico* primário ao funcionamento secundário, trata-se de uma concepção que nos parece coerente com a "introdução do ego", ao longo de todo o pensamento psicanalítico. Mas a aporia surge quando, no nível "anterior" — dedução do vivo e dedução mesmo da "vida"

1. Freud, S., 1895, *"Projet de psychologie scientifique"*, in *Naissance de la Psychanalyse*, ed. al. pp. 380-381. Trad. fr., Paris, 1956, pp. 316-317.
2. Ibidem, ed. alemã, p. 405. Trad. fr., p. 339.
3. Ibid., ed. al., p. 381. Trad. fr., p. 317.

— é ainda a mesma "urgência da vida" que é invocada, como causa final, para justificar a constituição de um organismo e a manutenção de uma provisão que seja "ligada" pelo próprio limite da "vesícula": acha-se assim remetida à ordem vital a prioridade ou primazia conjunta do tempo reflexivo e da tendência ao zero que não encontra, contudo, sua justificação senão no campo psicanalítico.

Restaria interpretar o triplo *Zwang* que se afirma na pulsão de morte, entrever a racionalidade originária que se esconde sob o ilogismo chocante de certas teses: uma interpretação que, em cada um desses três momentos, deve tentar alcançar um *chamado à ordem emitida pelo próprio inconsciente.*

A prioridade do tempo auto-? Cremos haver demonstrado que, seja a propósito do auto-erotismo, da fantasia ou do masoquismo, não há aí outra coisa senão a posição do caráter originário do momento reflexivo para a constituição da sexualidade humana.

É ainda a invocação à autonomia do campo sexual humano como campo da psicanálise, a regra segundo a qual não há nada a procurar "para além" na escuta e interpretação analítica, pois qualquer referência não mediatizada pela vida, pela conservação de si ou pela realidade está fora de nosso alcance.

É ainda a afirmação da fantasia como nosso elemento primário, interiorização originária do "conflito" e do inconciliável. Nesse sentido, a pulsão de morte, conceito que parece bem pouco dialético, apresenta-se, nas últimas formulações de Freud, não como um elemento de conflito, mas como *o conflito* substancializado, princípio interno de discórdia e de desunião (1).

Prioridade do zero sobre a constância? Vemos aí a afirmação reiterada das leis do processo inconsciente, na sua heterogeneidade em relação a tudo o que depende da intervenção da realidade ou do ego. A circulação livre do afeto, tal como a observamos na fantasia ou nas leis do sonho, é aqui reafirmada; na *Interpretação dos sonhos*, é num "aparelho reflexo", constituído de sistemas mnésicos ou representativos, que o modelo do arco reflexo encontra seu sentido originário. O princípio de prazer, radicalizado em princípio de Nirvana, não foi descoberto e não é válido senão no nível das representações, e não poderia ser calcado tal e qual em princípios aparentemente similares observados na "ordem vital", sem que uma grande confusão não se suscitasse na psicanálise.

Entretanto, é precisamente com os *princípios da ordem vital* que Freud, desde o início, tenta estabelecer uma espécie de continuidade. É a esses princípios que, em *Além do princípio de prazer*, ele remete, como tendência à morte, uma compulsão de repetição cuja maior prova é, entretanto, extraída do fenômeno psicanalítico por excelência: a transferência. Na verdade, trata-se de levantar um dos problemas mais difíceis o fato de interrogar-nos sobre uma exigência interna que leva a atribuir ao nível biológico duas teses que não se justificam senão em relação à descoberta psicanalítica.

1. Freud. S., 1937, *Analyse finie et analyse infinie*, G.W., XVI, p. 90.

Certamente, a necessidade de *afirmar o originário*, tanto sob a forma do "mito individual" (1), quanto no mito histórico ou pré-histórico, constata-se com facilidade como uma das direções fundamentais fundadoras do pensamento freudiano. E definir o mito biológico do surgimento da forma viva a partir do caos energético, é, sem dúvida, projetar na mesma dimensão, aquém de nosso alcance, o acontecimento individual que faz com que, no centro daquilo que não sem esforço imaginamos como processo primário, se coagule o primeiro núcleo de um ego.

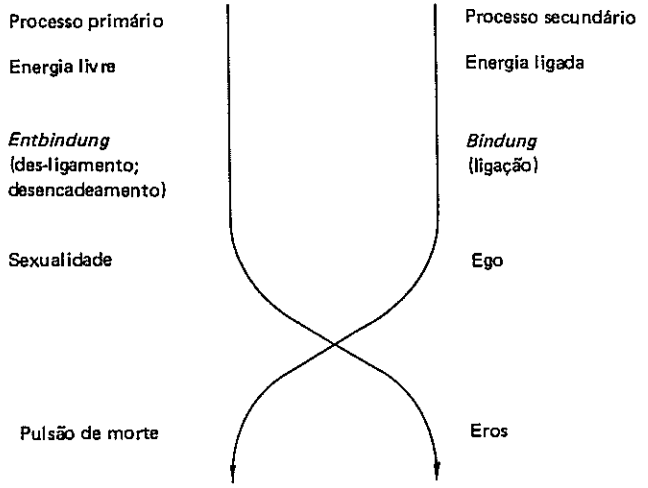
Se considerarmos, contudo, que essa transposição do presente no passado, da ontogênese na filogênese, é também, no presente caso, transposição da morte na vida, não poderemos evitar uma interpretação mais específica desse movimento em direção ao originário. Como se houvesse, em Freud, a percepção mais ou menos obscura da necessidade de refutar toda interpretação vitalista, de abalar em seus fundamentos a vida com sua consistência, sua adaptação e, finalmente, sua instintividade — que já vimos quão problemática no ser humano. Em virtude disso — aí está, certamente, o paradoxo — situar a morte, no próprio nível da biologia, como um *instinto*. Não é sem razão que os comentadores notaram, mais de uma vez, que no nível do último "dualismo" freudiano, não se tratasse talvez mais de pulsões no sentido "freudiano" do termo, mas de instintos, numa espécie de superação hiperbólica da significação banal adquirida por esse termo nas ciências da vida. Para melhor compreender como essa compulsão a demolir a vida aparece nesse exato momento de 1919, com o predomínio da pulsão de morte, seriam indispensáveis considerações suplementares sobre a evolução e a estrutura da teoria freudiana.

1914: *Sobre o narcisismo: uma introdução*, 1923: *O Ego e o id*. É o momento em que, com o desenvolvimento da teoria do ego e de seu investimento libidinal narcísico, a "vida" se faz mais imperativa e mais invasora. Eis que o ego se outorga todos os poderes e todas as delegações, delegações de autoconservação, mas também delegações da sexualidade até no amor e na escolha de objeto, poderes sempre marcados, como já observamos, do estigma narcisista. Aparece então, simultaneamente, Eros, força divina que não pudemos examinar mais demoradamente, senão para sublinhar o quanto ela difere da sexualidade, primeira descoberta da psicanálise. Eros é aquilo que procura manter, preservar e mesmo aumentar a coesão e a tendência sintética tanto do ser vivo, quanto da vida psíquica. Enquanto que, desde as origens da psicanálise, a sexualidade era, em sua essência, hostil à ligação, princípio de "desligamento" ou de desencadeamento (*Entbindung*) que só podia se ligar pela intervenção do ego, o que surge com Eros é a *forma ligada e ligadora* da sexualidade, posta em evidência pela descoberta do narcisismo. É essa sexualidade investida no seu objeto, presa a uma forma, que sustém doravante o ego e a própria vida, assim como este ou aquele modo de sublimação.

Face a esse triunfo do vital e do homeostático, tratava-se, para Freud, e dentro da necessidade estrutural de sua descoberta, de reafirmar, não somente em psicanálise, mas mesmo em biologia, mediante uma superação categórica dos cortes epistemológicos, uma espécie de antivida como sexualidade, gozo, negativo, compulsão de repetição. Estrategicamente, a transposição dos princípios do campo psicanalítico para a ordem vital apresenta-se como um contra-ataque, uma maneira de abrir fogo contra as próprias bases por onde corre-se o risco de ser invadido. Estratégia subjetiva? Estratégia da doutrina? Mas também estratégia da própria coisa, se for verdade que essa transposição da guerra humana para a vida já estava implícita na subversão generalizada introduzida pela sexualidade.

1. Cf. Lacan, J. *Le mythe individuel du névrosé ou "poésie et vérité" dans la névrose.* (O mito individual do neurótico ou "poesia e verdade" na neurose). Conferência no Colégio filosófico. Freud, em sentido análogo, já falava de "*romance familiar do neurótico*" Freud, S., 1909, G.W., VII, pp. 227-234.

Sabemos que a energia da pulsão sexual foi denominada "libido". Nascido de uma preocupação formalista de simetria, o termo "destrudo", proposto, no passado, para designar a energia da pulsão de morte, não durou mais de um dia. É que a pulsão de morte não tem energia própria. Sua energia é a libido. Ou melhor, a pulsão de morte é o princípio constitutivo, a própria alma da circulação libidinal.



A genealogia do último dualismo pulsional? Se colocamos face a face os termos que constituem os pares de oposição constantes no pensamento psicanalítico... essa genealogia esboça um estranho quiasma, cujo enigma, nós, sucessores de Freud, começamos a decifrar.

Conclusão

Balizas de uma reflexão relativa à problemática e à história da psicanálise, os resultados apresentados aqui têm antes de tudo a intenção de melhor esclarecer a especificidade do campo analítico em sua relação com a ordem vital. Ora, essa especificidade não pode ser definida apenas pela delimitação de uma fronteira epistemológica. Ela só tem sentido se conseguirmos distinguir os tipos de relações existentes entre estas duas ordens: circulação "genética", que deve permitir-nos situar os tempos lógico-cronológicos de uma emergência e os modos de transposição de uma esfera para outra.

Na sexualidade humana, o instinto, força vital, se desqualifica e se perde na pulsão, seu produto ou "derivado" (1) metafórico-metonímico. Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade,* no seu próprio plano, já exprimiam essa perda radical do biológico, na medida em que apresentavam, no terceiro capítulo ("As transformações da puberdade"), o esquema da descoberta de uma outra estrutura: a que resulta das formas inter-humanas da troca, lógica generalizada da qual o complexo de Édipo é a representação historicamente prevalente.

No ego, não é mais a tensão da vida, mas a forma estável do ser vivo que se transpõe, impondo-se em virtude da debilidade fisiológica primitiva que Freud já considerava como ponto crucial do desenvolvimento propriamente humano. Foi antes de tudo para denunciá-la que Jacques Lacan acentuou a significação "ortopédica" de tal forma. Mas inscrever Freud na linha de um La Rochefoucauld e de um Hegel, analisar o que a função de realidade supõe de desconhecimento e de álibi defensivo ou "ideológico", o ideal da adaptação, não seria de maneira alguma suficiente para anunciar a boa nova da "morte do ego", seja ela no analista. Tudo isso não só pelo fato de que, apesar de tudo, "tem-se que viver" e que o ser humano não pode suprir um amor da vida, às vezes débil, senão por um amor do ego ou amor das instâncias ideais que, por sua vez, derivam dele — mas também se a essência da função egóica é de *ligação,* antes mesmo de ser de adaptação, porque um mínimo de intervenção dessa função é indispensável para que, mesmo uma fantasia inconsciente possa *tomar corpo.* Tanto para a fantasia quanto para o mito, o estruturalismo permitiu determinar uma combinatória e mostrar, posteriormente ao Freud de *A Interpretação de Sonhos,* que a estrutura simbólica não devia ser confundida com os poderes pretensamente infinitos do imaginário. Entretanto, mesmo uma fantasia inconsciente, sustentada na articulação de seus termos e na permuta de seus diferentes avatares por uma "gramática" fundamental, não pode de maneira alguma existir sem a presença de um mínimo de inércia imaginária que permite, ao longo de sua cadeia, a precipitação dessas concreções semelhantes a objetos ("object-like", como se diria em inglês), porque, como eles, também elas podem ser delimitadas e investidas: as "representações".

Para melhor expressar em que consiste essa intervenção energética do ego na seqüência da fantasia, lembremo-nos, por exemplo, de como Freud, ao longo de seus textos metapsicológicos e desde 1895, descreve a passagem para o nível pré-consciente-consciente de uma representação inconsciente: na representação inconsciente, há superposição de representações verbais mediante uma espécie de adição. Não se trata aí, na verdade, de uma frase consciente, que duplicaria, como numa tradução, uma seqüência inconsciente, mas de representações isoladas, investidas num certo ponto, induzindo localizadamente, em torno de cada uma delas, um campo energético que explica o fenômeno da "atenção". Assim, nessa espécie de máquina eletrônica, de início, sem fronteiras e sem energia *própria* que é o sistema neurônico do *Entwurf,* é o ego derivado da forma energética vital que introduz a pontuação de elementos perceptivos reconhecíveis e *reproduzíveis.* Pontuação necessária, talvez, para a fixação de qualquer cadeia discursiva, mesmo a do inconsciente, e, no outro extremo, a da ciência mais formal.

Diante do ego, forma vital ligante, a *pulsão de morte* é o último avatar teórico a designar um logos que seria necessariamente mudo, se se reduzisse a seu estado-limite, ao puro movimento predicativo, fazendo passar, mediante a cópula, toda a substância de um termo para um termo vizinho. Isso significa que o conflito do ego e da pulsão, da defesa e da "fantasia de desejo" não é nem a única, nem a última forma da oposição entre *ligação* e *desligamento.* No nível inconsciente, na fantasia — se pelo menos quisermos representá-lo de outra maneira que não "pura" energia livre —, é necessário naturalmente que exista uma outra polaridade mais fundamental: pulsão de vida e pulsão de morte, interdito e desejo... (1)

1. *"Derivativo"* ("dérivative"): é assim que os Anglo-Saxões traduzem o "rejeton" (produto, resultado) freudiano.

1. Cf. Laplanche, J., *"La Défense et l'interdit dans la cure et la conception psychanalytique de l'homme"* (a proibição e o interdito na cura e a concepção psicanalítica do homem), in *La Nef,* nº 31, julho-outubro, 1967, pp. 43-55.

Ausente em todo inconsciente, como em todo perfume a rosa, a morte aí aparece talvez como sua lógica mais radical, mas também a mais estéril. Mas é a vida que cristaliza os primeiros objetos em que o desejo se apega, antes mesmo que o pensamento neles se fixe.

ANEXO
Derivação das entidades psicanalíticas

O termo *derivação* é uma das balizas propostas por Michel Foucault na sua reflexão sobre a teoria da linguagem na época clássica. Ele alude a um problema levantado no século XVIII, tanto por um gramático como Du Marsais, quanto pelos filósofos "Iluministas"; problema relativo às "origens" da linguagem ou, mais exatamente, seus primeiros passos a partir de alguma coisa que seria como que o embrião, algumas palavras primitivas que um animal humano, próximo das "origens", teria possuído. Lembremos que essa problemática coincide com uma hipótese de Freud, a existência de uma língua "originária" fundamental cujo simbolismo, tal como o encontramos tanto nos sonhos como nos mitos, seria apenas vestígio. A partir desses primeiros vocábulos rudimentares, o filósofo do século XVIII se pergunta como o homem pode chegar a toda essa riqueza de nossas línguas, tal como as falamos, as línguas ditas naturais. Supõe-se que essas palavras, essas raízes primitivas sejam designações ainda ligadas à coisa, e o problema é saber como essas designações puderam desligar-se dela. Em outras palavras, como apareceu o conceito em sua universalidade. Foucault assim resume o essencial desta "derivação":

"Na origem, tudo tinha um nome — nome próprio ou singular. Em seguida, o nome ligou-se a um só elemento dessa coisa, e aplicou-se a todos os outros indivíduos que também o continham: o termo árvore, designando um carvalho, passou a designar tudo o que continha pelo menos tronco e galhos. O nome ligou-se também a uma circunstância marcante: a noite designou não o fim deste dia, mas o período de obscuridade que separa todos os crepúsculos de todas as auroras. Enfim, o nome ligou-se a analogias: chamou-se de folha tudo o que era delgado e liso como uma folha de árvore" (1).

1. Foucault, M. — *Les mots et les choses* (As palavras e as coisas) Paris, Gallimard, 1966, p. 129.

Propomos rapidamente três observações a respeito dessa teoria e da citação que resume o essencial dela. A primeira é o fato de termos hesitado em definir se a questão se referia verdadeiramente às origens da linguagem, ou então a seus primeiros passos. Trata-se, com efeito, dos primeiros passos, se se considera que designações estreitamente ligadas à coisa, simples "sinais", já constituem uma primeira forma de "linguagem"; mas, por outro lado, trata-se de uma origem, se é verdade que a separação entre o sinal e a coisa, sua possibilidade de circular independentemente, de ser intercambiável, faz surgir a linguagem no seu verdadeiro sentido.

Em segundo lugar, não deixaremos a outros o cuidado de constatar que nós retomamos aqui, sob nossa responsabilidade, um desses problemas para os quais nosso século demonstra geralmente apenas desprezo: um problema das "origens". Desprezo pela dedução "à la Robinson", desprezo por qualquer tentativa de inscrever numa gênese histórica empírica o que, sendo do domínio da estrutura, constituiria o *a priori* transcendental, impossível de ser deduzido, de toda gênese e de toda história. Isolado em sua época, no entanto, Freud muito descontraidamente, parece continuar, a dois séculos de distância, a responder, nos termos propostos pela Academia para seus "Concursos", e teses do tipo: *Ensaio sobre a origem da culpabilidade entre os homens... A civilização contribuiu para enriquecer ou empobrecer a satisfação de nossos instintos?* e é sem nenhuma segunda intenção que ele aceita a problemática das origens da linguagem tal como ela é exposta, "ingenuamente", no artigo de um Sperber: "Da influência dos fatores sexuais no aparecimento e no desenvolvimento da linguagem" (1). Desse artigo, guardaremos apenas o fato de que ele coloca, exatamente como faziam alguns filósofos do século XVIII, a existência de raízes verbais primitivas, raízes que — aí está a novidade — não seriam outra coisa senão os primeiros gritos ligados à excitação sexual. Muito rapidamente, desde as origens, a ligação estabelecer-se-ia entre essas primeiras raízes e as primeiras verbalizações referentes ao trabalho. Trata-se, pois, segundo Foucault, de um primeiro tipo de derivação, inteiramente primitiva, que introduz, aliás, toda uma série de outras. Na verdade, é preciso conceber essas primeiras raízes como uma espécie de nebulosa, centrada sobretudo na ação — logo, no verbo, — a partir da qual, por uma série de transferências de significação, vão delimitar-se e estabilizar-se o substantivo, o adjetivo, o advérbio, etc. Há aí um *"deslocamento"* de designação — do ato a quem o executa, do ato à maneira de executá-lo, etc. —, que Sperber tenta reconstituir em detalhes, a partir de alguns exemplos.

É justamente a processos da mesma natureza que se refere, por sua vez, Ernest Jones em seu trabalho sobre "o simbolismo", procurando estabelecer um único ponto de origem, ao mesmo tempo para a evolução do pensamento mítico, inconsciente, aquele que reconhecemos em ação no simbolismo psicanalítico, e, por outro lado, para o pensamento exato, por mais depurados que esse conceitos, finalmente, possam nos parecer. (2)

1. Sperber, H. — "Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache", Imago, 1912, I, 5, pp. 405-453.
2. Jones, E. — "The theory of Symbolism", in *Papers on Psychoanalysis*, Baillière, Londres, 5ª ed., 1948.

Enfim, essa será nossa última observação preliminar, para essa reconstrução totalmente hipotética das "origens", só se pode dispor daquilo que é observável no presente. O constituinte é reconstruído a partir do constituído, ou, pelo menos, a partir de um processo constituinte, que não é originário, mas derivado, e aí está naturalmente a aporia definitiva de toda pesquisa das origens. Assim, no que se refere ao "aparecimento e desenvolvimento" de uma primeira linguagem, o deslizamento das designações só é inferido a partir da retórica e, mais precisamente, da parte dela que se ocupa dos "tropos", ou seja, segundo Quintiliano, das "felizes transformações de significação de uma palavra ou de uma locução". É exatamente o caminho dos tropos, mesmo se ele não os designa pelo seu nome técnico, que Sperber segue no desenvolvimento de seu estudo que se apóia em derivações atuais, históricas (por exemplo, as que ele encontra na etimologia de certas palavras de patoá alemão, derivadas do alto-alemão), para traçar toda uma série de árvores genealógicas dos termos em questão e, a partir daí, inferir por analogia, as modalidades da derivação pré- ou proto-histórica que ele pretende descrever.

Uma pesquisa crítica sobre um determinado conjunto terminológico, o de um certo setor de conhecimento, não pode deixar, à medida que ela se aprofunda, de colocar problemas relativos à gênese. É o caso do trabalho que realizamos com J. B. Pontalis sobre o *Vocabulário da Psicanálise* (1). Na realidade, paradoxalmente, a terminologia psicanalítica caracteriza-se ao mesmo tempo por sua especificidade e por seu caráter "derivado", constituído de empréstimos. Todos os termos da psicanálise têm uma acepção original, ligada de maneira precisa ao corpo da doutrina. Mas, ao mesmo tempo, ainda que alguns deles pareçam neologismos, determina-se facilmente sua origem, a partir de domínios mais ou menos conexos, entre os quais a psicologia está longe de constituir a fonte privilegiada: ciências da natureza, biologia, economia, medicina... (2).

Tomemos como exemplo um termo do domínio da medicina, ou mais exatamente, da Cirurgia: o "traumatismo", que encontramos nas origens da psicanálise, sobretudo nas noções inaugurais de *traumatismo psíquico* e de *histeria traumática.* Com efeito, o traumatismo é um conceito muito antigo, presente desde as origens do pensamento médico-cirúrgico. O trauma, de início, é a ferida, concebida como "perfuração" da superfície do corpo. As teorias modernas do traumatismo físico vieram completar essa primeira aproximação que identifica trauma e ferida, destacando três dimensões fundamentais: a de um choque violento, a de uma efração do organismo, comportando ruptura de um envelope protetor, enfim, a idéia de um reflexo no conjunto do organismo, implicando da parte deste uma reação global, mais ou menos inadaptada, desproporcional, catastrófica. Ora, não é tão simples estabelecer a filiação, a "transposição" dessa noção em psicologia e em psiquiatria. Percebe-

1. Laplanche, J. et Pontalis, J.B. — *Vocabulaire de la Psychanalyse* (Vocabulário da Psicanálise), Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
2. Cf. a esse respeito Anzieu, D. — "Réflexions sur le Vocabulaire de la Psychanalyse" (Reflexões sobre o Vocabulário da Psicanálise), in *Bulletin de Psychologie*, X, 1967, pp. 126-132.

se sobretudo que a noção de um choque com efração física e a de um perigo vital levando a uma reação geral foram durante muito tempo conservadas, no próprio quadro de uma síndrome pretensamente psíquica. Durante tanto tempo que, nos tratados de cirurgia recentes, descreve-se ainda alguma coisa que poderia parecer a neurose traumática como "síndrome subjetiva dos traumatizados do crânio" e isso no interior de uma classificação na categoria dos "traumatismos crânio-cerebrais." A essa classificação liga-se uma teoria do traumatismo psíquico que está longe de ser abandonada. Existiria uma série de gradações ligando os maiores dilaceramentos dos tecidos a danos cada vez menos perceptíveis, e, no entanto, da mesma natureza, danos histológicos e até danos intracelulares. Assim, o traumatismo iria, como que se atenuando, mas sem perder sua natureza, até ultrapassar determinado limite, sendo esse limite precisamente o que denominamos de "traumatismo psíquico".

É um caminho totalmente diverso que seguem, primeiramente Charcot, depois Freud. Foi Charcot quem descobriu e definiu a *histeria traumática,* como um caso particular da histeria, interessante do ponto de vista da *patogênese.* Conforme demonstra, as paralisias da conversão histérica podem aparecer igualmente como conseqüência de um choque físico violento pondo a vida em perigo. Mas, depois desse traumatismo, se procuramos colocar em evidência danos neurológicos ou simplesmente correlações com a anatomofisiologia do sistema nervoso, é claro que não encontramos: é o que Freud, num artigo dessa época, com base diretamente nos ensinamentos de Charcot, formula com uma clareza exemplar. Por outro lado, existe, depois do traumatismo físico, na medida em que o choque põe a vida em risco, um período de latência, de "incubação" (Charcot), ou de "elaboração" (Freud), que leva a pensar em outra coisa que não uma seqüência casual puramente fisiológica. Um outro elemento, enfim, da descoberta de Charcot é a possibilidade de reprodução experimental de determinados fenômenos histéricos sob hipnose, onde se percebe que um traumatismo mínimo, mesmo puramente simbólico, logo puramente "psíquico", vem causar, pelo menos momentaneamente, uma paralisia do mesmo tipo. Daí a noção à qual Charcot já tinha chegado, por sinal com alguns outros, e que Freud apenas elabora melhor com Breuer: a idéia de uma "paralisia por representação" destacando-se sobre o fundo de um estado psíquico particular, estado anterior ou, pelo contrário, provocado pelo próprio traumatismo: uma liquidação das defesas psíquicas chamada "estado hipnóide".

Elabora-se, assim, num outro domínio, a partir de um deslocamento dos diferentes elementos do traumatismo físico, a noção de traumatismo psíquico. Esta conserva a noção de choque como afluxo brutal de excitação, e a noção de efração, como incursão no psiquismo de um grupo de representações que aí permanecerá, "grupo psíquico separado" ou "corpo estranho interno". Enfim, existe realmente uma reação catastrófica: eliminação das defesas normais e desencadeamento de um modo de reação verdadeiramente atópico da parte do ego já que este se põe a funcionar, segundo o princípio desse "processo primário" que "normalmente" rege os fenômenos de desejo e não os de defesa. Não insistiremos, no presente contexto, sobre a originalidade desta teoria do traumatismo em Freud que, ligada à noção de *sedução,* consegue ultrapassar radicalmente as velhas oposições entre o endógeno e

o exógeno, o hereditário e o adquirido, etc. É numa perspectiva aparentemente mais formal, menos ligada ao "conteúdo" do conceito que gostaríamos, no momento, de nos situar, a fim de observar a diferença entre duas teorias, correspondendo a dois modos de derivações: a que situa o traumatismo psíquico no prolongamento, na continuidade da teoria médico-cirúrgica do trauma físico, e a que transpõe, mais ou menos analogicamente, os elementos deste para outra esfera. Certamente há aqui uma oposição entre duas concepções, das quais, uma melhor que a outra, parece respeitar e mesmo fundar a especificidade de um certo campo de conhecimento, não pedindo de empréstimo ao campo conexo, o do saber médico, senão "simples maneiras de falar"... Não desqualifiquemos, entretanto, o caminho da continuidade entre dois domínios contíguos: uma separação tão nítida do que é puramente somático e do que é puramente psíquico no traumatismo nunca foi defendida em nossa tradição freudiana. Lembrar-se-á também todo o interesse suscitado mais tarde, em Freud, e entre os psicanalistas, por uma noção como a do "traumatismo do nascimento", de Rank. Quem poderá dizer se, nessa etapa do nascimento, a distinção entre traumatismo físico e traumatismo psíquico é ainda válida? Quem poderá dizer se não é nas origens que se situa o ponto de continuidade real, o lugar de uma espécie de comunicação interna entre o que vai tornar-se, respectivamente, traumatismo físico e traumatismo psíquico?

Parece que um conceito pode ser "derivado" de duas vias: a da extensão por continuidade, passagem insensível para um campo conexo; e a transposição por similitude para um campo diverso, mas estruturado como análogo. Tudo isso é muito simples, se se pensa que continuidade e semelhança são os dois tipos fundamentais de associação em toda teoria do associacionismo desde a época clássica. Continuidade e similitude são também, em retórica, o fundamento dos dois tropos principais, se se quiser simplificar a diversidade enganosa e quase macarrônica das diferentes figuras multiplicadas com prazer pelos retóricos. É sobretudo a Roman Jakobson que devemos essa reunificação sob as duas denominações de *metáfora* e *metonímia* (1). Segundo ele, nos dois casos, há passagem de um sentido primário, central, próprio, independente do contexto, para o sentido secundário, marginal, figurado, emprestado e ligado ao contexto. Mas o que distingue a metáfora da metonímia é o modo de associação entre o significado primário e o significado secundário: "A metáfora (ou a metonímia) é a transposição de um significante a um significado secundário, associado por semelhança (ou por contigüidade) ao significado primário" (2). Assim, a metonímia é o tropo da contigüidade, englobando como um de seus gêneros o tropo vizinho que a retórica clássica distinguia: a sinédoque. Para o outro tropo, a metáfora é a semelhança que constitui o elo fundamental. Esta segunda figura nos é apresentada por Perelman, em seu *Traité de l'Argumentation,* (3) como uma

1. Jakobson, R. — *Fundamentals of Language* (com M. Halle), La Harpe, 1956.
2. Jakobson, R. — "À la recherche de l'essence du langage" (À procura da essência da linguagem), in *Problèmes du langage* (Problemas da linguagem), col. Diogène, Paris, Gallimard, 1966, p. 34.
3. Perelman, Ch., *Traité de l'argumentation* (Tratado da Argumentação), Paris. P.U.F., 1958, t. II, pp. 534-542.

similitude de estrutura ou uma semelhança de relações, estabelecendo uma espécie de equação: a/b = c/d. Assim, na metáfora bastante banal na qual o mercado de Halles é "o estômago de Paris" ter-se-ia a equação Halles/Paris = estômago/indivíduo, e a metáfora seria uma "analogia condensada resultando da fusão de um elemento do "fora" (ou seja a relação *c/d* dos termos que servem de apoio ao raciocínio) com um elemento do tema (que é a relação dos termos *a/b* nos quais se fundamenta a conclusão)". Seria a idéia subjacente "Paris é um indivíduo" que enseja a possibilidade da figura metafórica.

Sem querer discutir longamente esse exemplo, não podemos deixar de notar que a interpretação do mecanismo que ele implica está longe de ser unívoca; seria muito arbitrário e pouco verossímil supor-se que a assimilação de Paris a um indivíduo constitua a condição que se deva pressupor *realmente* ou *psicologicamente*, para que a metáfora possa funcionar. Pode-se dizer com igual verossimilhança que é a própria metáfora que fundamenta a assimilação analógica da cidade com um organismo. De fato, estão levantadas aqui duas teses, tanto uma quanto outra difíceis de ser defendidas: ou levar o processo metafórico como percepção de analogias reais, existindo, por assim dizer, no "significado", ou, então, considerar que é unicamente do jogo dos "significantes", de sua álgebra puramente formal, que nascem "efeitos de significado", que nós interpretamos *a posteriori* como analogia. Esta segunda interpretação implica que não se definam metáfora e metonímia por nada que seja da ordem do real e da percepção, mas unicamente em relação a um *universo do discurso*. Trata-se, então, de duas dimensões da linguagem, "perpendiculares", uma em relação a outra, se é verdade que a metonímia joga com deslocamentos ao longo do eixo dos enunciados, enquanto que a metáfora comporta uma substituição de um termo dentre os numerosos "paradigmas" suscetíveis de preencher uma função análoga. Devemos insistir que da parte de Jakobson, se ele considera, explicitamente, metáfora e metonímia nas dimensões paradigmática e sintagmática do discurso, no entanto, nunca chega a abolir a referência explícita a uma semelhança ou a uma contigüidade de antemão já instituídas no universo de nossos significados.

Sabe-se que Jacques Lacan introduziu de maneira extensiva a distinção metáfora-metonímia a fim de, a partir dela, poder ordenar os fenômenos descobertos pela psicanálise. A originalidade de sua posição consiste, por um lado, no valor fundador, ontologicamente falando, que ele confere a esses dois tropos; por outro lado, no fato de atribuir a ação desses tropos *unicamente* ao processo "significante". Assim, na metonímia, não é a contigüidade real (a causa e o efeito, o continente e o conteúdo, a parte e o todo, etc.) que constitui o fio ao longo do qual se opera o deslizamento, mas unicamente a continuidade do enunciado que os liga: se a vela pode ser utilizada como metonímia do barco, isso ocorre unicamente em função da *expressão:* "barco a vela". O mesmo acontece com a metáfora, cuja produção não leva

em conta nenhuma semelhança nem mesmo homologia estrutural entre os termos substituídos. (1) (2)

Nossa intenção imediata não é discutir, em toda sua generalidade, a questão do fundamento e da função ontológica da metáfora e da metonímia (3). Se levantamos aqui esses problemas, isso se deve a uma reflexão sobre derivações fáceis de serem notadas no campo particular, mesmo exemplar, constituído pela psicanálise como um certo domínio discursivo. A fim de pô-las à prova com exemplos precisos, apresentamos um certo número de problemas fundamentais:

1º Têm os processos em questão um impacto ou uma ressonância no real ou seria preciso reduzi-los, como queria o século XVIII, a um simples nominalismo, à evolução do léxico? A derivação de que falamos seria, em outros termos, uma gênese simplesmente nominal? Seria, num grau a mais, uma gênese do modelo? ou, então, finalmente, a possível gênese de certos seres, "entidades" ou "instâncias"? Mesmo se nos situamos um instante na posição média, a da gênese de um modelo — pensemos, por exemplo, no modelo biológico utilizado tão freqüentemente por Freud — apesar disso, a questão se coloca de novo: que valor atribuir ao modelo no

1. Lacan, J. — "L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud" (A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud — trad. port. in Estruturalismo — Livr. Martins Fontes — Lisboa). in *La Psychanalyse,* III, P.U.F., 1957, pp. 47-81.

2. Tal posição não deixa de produzir incerteza quanto à distinção entre metonímia e metáfora. Na verdade, uma vez recusada qualquer referência ao significado, o tipo do tropo define-se unicamente pela relação que liga *no interior da estrutura da linguagem* os significantes destinados a relacionar-se um com o outro. Mas, quer essa relação seja a da continuidade na cadeia do discurso, quer ela se refira a "substitutos verticais" de um significante, nos dois casos, ambas pertencem a um conjunto dado, ou seja, mantêm uma relação de *contigüidade.* Assim, se se fizer abstração do significado, os exemplos dados por Lacan nem sempre permitem determinar se se trata de metáforas ou de metonímias. Se a metáfora é definida unicamente pela fórmula "uma palavra pela outra", ou seja, simplesmente pela substituição, "a vela pelo navio" deveria responder ao mesmo mecanismo. E se a metonímia só se apóia na "palavra por palavra" da conexão produzida pelo discurso, não se poderia perguntar se a base, pelo menos virtual, de toda metáfora não seria uma proposição ligando esses termos?
De fato, para Lacan, parece que existe um primado implícito da metonímia, mais depurada de qualquer elemento empírico, e que a metáfora, apesar de todos os seus esforços, é marcada por esta percepção das sementes, onde Lacan descobre a marca do "imaginário". Apesar das intenções afirmadas por Lacan, ele não consegue, às vezes, deixar de desvalorizar a metáfora, mantendo-a como que à distância do ser: "Se o sintoma é uma metáfora o fato de dizê-lo não é uma metáfora, como não o é tampouco o fato de dizer que o desejo do homem é uma metonímia. Pois o sintoma *é* uma metáfora, quer o admitamos ou não, como o desejo *é* uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso" (cf. *L'instance de la lettre,* pp. 80-81). Aqui, a metáfora, a *simples* metáfora está em oposição (enquanto verbal?, enquanto puramente subjetiva?), pelo menos no segundo nível da elaboração científica, a uma predicação que supostamente enuncia o verdadeiro para além das figuras da linguagem.

3. Devemos esclarecer apenas que recusamos a idéia de um primado absoluto do "significante". A metonímia e a metáfora só podem ser concebidas como movimentos dialéticos, dinamizados no jogo significante, mas apoiando-se sempre em contigüidades ou semelhanças pré- ou paralingüísticas para finalmente chegar a um remanejamento e a uma ampliação do universo do "significado". Metáfora e metonímia são, em última análise, marcadas por contigüidades e semelhanças dessa ordem vital na qual elas se articulam.

pensamento freudiano? No que se refere à física, já se disse que "os cientistas que, pela primeira vez, descreveram a eletricidade como uma corrente, deram nesse domínio, para sempre, uma forma à ciência". (1). Ainda que se admita que, para as ciências da natureza, essa aceitação do modelo constitua uma etapa ainda marcada pelo imaginário e de cuja formalização deve conseguir libertar-se, a pergunta é inteiramente válida para as ciências do homem onde se pode perguntar se o próprio modelo não teria uma função estruturante intransponível. Lembremo-nos, na obra de Freud, de toda a importância dada, exatamente, à noção de *Vorbild*, traduzida em francês, conforme o caso, por modelo ou protótipo, ambigüidade de tradução que reflete bem o fato de que o "modelo" teórico é ao mesmo tempo o primeiro exemplar numa série de fenômenos reais. Assim, quando admitimos que o sono é o *Vorbild* dos estados narcísicos ou o luto o *Vorbild* da melancolia, trata-se provavelmente de outra coisa que não uma simples comparação justificada por arranjos similares.

2º Podemos também nos perguntar qual é a situação recíproca das derivações que denominamos, por um lado, metafórica e por outro, metonímica. Estão elas em oposição? deve-se escolher entre uma e outra? O exemplo do *traumatismo* parecia, à primeira vista, obrigar-nos a optar entre essas duas concepções: um traumatismo psíquico, concebido como o modo mais requintado de efração física e um traumatismo psíquico análogo — como que transportado para uma outra esfera — do traumatismo físico. Porém a análise de outros exemplos, tirados da psicanálise obrigar-nos-á, talvez, a reconsiderar essa oposição por demais absoluta, assim como uma análise estilística nem sempre permite decidir, em termos de exclusão, entre a utilização de um ou outro dos dois tropos.

3º Enfim, na medida em que admitimos que não se trata de simples figuras de retórica, mas também de modos de derivação, que têm talvez um valor a nível do *ser psíquico*, poder-se-ia dizer que um desses dois modos de derivações confere à *entidade* derivada um peso maior que o outro? A metáfora é muitas vezes desvalorizada, na medida em que se vê nela um modo de pensamento marcado pelo "como se" correspondendo a uma atitude filosófica pragmática. "Isso não passa de uma metáfora" é uma observação que deprecia a realidade da expressão que empregamos. Ao contrário, a continuidade metonímica, tal como a consideramos a respeito do traumatismo, não visaria, para esses médicos que continuavam a falar de traumatismo psíquico nos mesmos termos que o da efração somática, a salvaguardar, numa perspectiva monista, a homogeneidade e o peso igual de realidade contidos nos diferentes avatares do conceito? Não é em nome de um monismo materialista que o médico obstinar-se-á a considerar microscópica a realidade de um traumatismo que está fora de seu alcance?

Um outro exemplo capital para o assunto nos é fornecido pela *noção freudiana do ego*. Sabemos que se quis opor duas acepções desse termo (*Ich*) em Freud: uma acepção dita "não técnica" que designaria como "eu" o indivíduo, a pessoa no seu todo, e uma acepção propriamente técnica e psicanalítica: o ego como "instância", tal como é definido a partir da "segunda tópica", ao lado do Id e do superego. Não entraremos no detalhe do problema da história do pensamento freudiano colocado dessa maneira. Mas o problema para nós, hoje, é de saber qual a relação entre essas acepções, pretensamente heterogêneas, de um mesmo termo; qual a "derivação" operada por Freud fazendo originar uma da outra? Um estudo mais profundo mostra que se encontram continuamente presentes, tanto em Freud, quanto em seus sucessores, as duas linhas genealógicas que designamos como metafórica e metonímica.

Linha metonímica: o ego é apresentado como órgão diferenciado, agente de execução da totalidade da qual ele deriva e encarregado de fazer prevalecer os direitos dessa totalidade face às exigências contraditórias e fragmentadoras das pulsões, do superego, da realidade exterior. Conhece-se a maneira pela qual é descrita essa gênese: seu ponto de partida (o "sistema percepção-consciência"), sua estratificação, seu espessamento ao contacto da realidade. Existiria uma diferenciação do psiquismo, a partir de sua superfície, formação de uma camada protetora que, continuamente reforçada, exerceria um poder cada vez mais extensivo sobre as camadas mais profundas. Finalmente, nessa perspectiva, o ego é um órgão adaptado a tarefas precisas, mas que se mantém em *continuidade* com o organismo do qual ele é o apêndice especializado.

Linha metafórica: esta metáfora é *real:* é a identificação. Não se pode esquecer que o ego é instância *na* personalidade e não apenas órgão *desta*. Certamente, essa instância é constituída em tempos sucessivos representando igual quantidade de depósitos, de "sedimentações", mas correspondendo todos a marcas, a introjeções de imagens exteriores. Imagens das quais a primeira, a mais fundamental, também a mais pobre, não é a de *determinada pessoa*, mas a de um outro na sua abstração, ou seja, de um outro *corpo* apreendido como totalidade, um corpo que se define apenas pela existência de um invólucro, separando um "dentro" de um "fora". Essa sucessão de identificações, marca primitiva e em seguida introjeções, não corresponderia ao próprio modelo da transposição para um outro lugar, ou seja, à essência da metáfora?

Talvez nenhuma passagem de Freud seja mais surpreendente do que aquela onde ele faz coexistir, sem preocupação da contradição, essas duas gêneses e essas duas essências do ego: "O ego não é somente uma superfície mas também a projeção de uma superfície" (1). Frase aparentemente enigmática, comentada numa nota da *Standard Edition* que foi submetida à aprovação de Freud: "Isso se deve ao fato de que o ego não é somente a superfície diferenciada do aparelho psíquico [reconhecemos aqui o que chamamos de metonímia], mas que o ego é igualmente a projeção mental da superfície do corpo [logo, sua metáfora psíquica]". (2) Encontra-se essa ambigüidade entre metáfora e metonímia, no decorrer de todo um texto como *Além do princípio de prazer* onde o modelo utilizado, o famoso modelo da vesícula viva protoplásmica, passa continuamente de um registro a outro. Nunca se sa-

1. Harding, Swann. *Philosophy at the Tower of Babel*, citado por Perelman, Ch. — *Traité de l'Argumentation*, p. 517.

1. Freud, S. — *Le Moi et le ça*. G.W., XIII, p. 253.
2. Freud, S. — S.E., XIX, p. 26. Entre colchetes, observação de J.L.

be se se deve situar-se no registro propriamente biológico, isto é, face à imagem de um ser vivo no seu conjunto, ou, então, se se trata do psiquismo ("o aparelho psíquico") ou ainda se se trata do "ego". Nem tampouco se pode decidir se cada um desses registros é considerado simplesmente como a imagem do outro, numa série de encaixes sucessivos, ou então, se existe entre essas imagens uma continuidade, continuidade interna que seria ao mesmo tempo temporal, genética e espacial.

Obrigá-lo a escolher entre essas duas "concepções" do ego, seria, a meu ver, mutilar o pensamento psicanalítico. Reduzir o ego a uma simples função, função de realidade ou de adaptação, por exemplo, é permanecer muito aquém das descobertas propriamente psicanalíticas, para se voltar àquilo que é apenas o último avatar de uma psicologia acadêmica das faculdades. Mas fazer do ego uma "simples" metáfora, isto é, uma imagem que representaria no aparelho psíquico apenas um papel de "logro" (Lacan), é subestimar a eficácia, o peso de realidade que essa imagem adquiriu. Nesse caso, tanto a metáfora quanto a metonímia, sem o auxílio uma da outra, nos conduzem a um pensamento que negligencia uma das principais descobertas da psicanálise: *a constituição no sujeito de verdadeiros objetos internos,* ou até, indo mais longe, *a constituição do sujeito a partir do modelo desses objetos.* Criticou-se o "antropomorfismo" freudiano que teria, às vezes, resultado em formulações um tanto ridículas, de um realismo "pré-científico". Na realidade, esse antropomorfismo ou esse realismo psíquico deve ser tomado ao pé da letra, como verdadeiramente constitutivo do psiquismo humano. Se se pode dizer que o ego é uma metáfora realizada da totalidade, tal como esta é apreendida através dos objetos encontrados nos primeiros anos de existência, é preciso imaginar que essa metáfora é realmente impossível de ser ultrapassada, e que não existe nenhuma linguagem mais "científica" que exprima isso melhor. Quanto ao termo "realizada", ele nos indica que não estamos mais no domínio do "verbal" nem do "como se", mas no da própria constituição do ser psicológico. A nosso ver, a conjunção do processo de derivação por contigüidade e do processo identificatório é exatamente o que assegura este "compromisso" da metáfora com a realidade (1).

Numerosos exemplos, tirados dos mais diversos aspectos da conceituação psicanalítica poderiam ser desenvolvidos, mas aqui serão apenas evocados; eles mostram, por um lado, que a derivação em questão vai mais longe do que uma simples derivação nocional e que ela atinge o estatuto científico das realidades visadas e, por outro lado, que metáfora e metonímia, em proporções variáveis, estão sempre presentes e entrecruzadas em algum grau.

— É assim no que se refere ao *inconsciente e ao id,* noções gêmeas. O inconsciente foi primeiramente descrito (na primeira tópica) em estreita ligação com o recalque: é o lugar onde são relegadas as recordações das representações expulsas do consciente. É, segundo expressão bem conhecida, uma "*outra* cena". Foi exatamente essa descoberta fundamental, a qual não se deve retomar, que nos permitiu tentar descrever o processo do recalque segundo o modelo de uma metáfora (1). Mas, ao mesmo tempo, e isso desde o início da reflexão freudiana, está presente uma concepção bem diferente do inconsciente, na qual este estaria como que em *continuidade* com o nível biológico, o das "necessidades". Nessa perspectiva invertida, a própria consciência não seria senão o *prolongamento,* possível mas não necessário, do inconsciente: "tudo o que é consciente foi primeiramente inconsciente". Tudo o que a concepção do *id* faz, finalmente, é dar um nome a esse segundo ponto de vista, mas é no decorrer de todo o pensamento freudiano que coexistem duas concepções de seu objeto principal: objeto separado, cortado, *transportado* para uma outra cena, ou, ao contrário, domínio do ser em continuidade com os domínios vizinhos. O esquema espacial que Freud apresenta do aparelho psíquico em *o Ego e o id* traduz a necessidade de manter lado a lado esses dois aspectos: por um lado, o id está em continuidade com o ego, e, no seu outro extremo, aberto para o corpo, e, por outro lado, num lado do esquema, ele está separado radicalmente do ego pela barreira do recalque, e é constituído de "representantes-representação" da pulsão. Por sua vez, a noção de "representante" da pulsão no interior do psiquismo está marcada pela dupla significação, metafórica e metonímica, implicada em toda delegação.

— A *sexualidade,* no sentido novo que lhe é atribuído pela descoberta psicanalítica, poderia ser considerada como tendo ainda algo de comum com as concepções pré-psicanalíticas ou de tendência biológica da relação sexual? Entretanto, diante das objeções que têm talvez a favor delas a aparência da lógica, Freud mantém firmemente seu direito de chamar de sexuais as atividades, como o prazer, orais ou anais. Seus argumentos lançam mão de todos os recursos, tanto o da metáfora (lembre-se da comparação entre a criança saciada, depois da satisfação de sua necessidade de alimentar e o ser humano, depois do orgasmo), quanto o da metonímia (continuidade das atividades e dos sintomas, atuem esses na esfera propriamente genital ou na sexualidade, em seu sentido lato).

Essa relação metafórico-metonímica, que liga a sexualidade — no sentido psicanalítico — e a sexualidade no sentido vulgar daquilo que é genital, não é, entretanto, o essencial. Uma outra derivação, uma outra gênese surge diante de nós, no decorrer da qual a sexualidade infantil se desprende de toda uma série de atividades não sexuais, emergindo, por assim dizer, do "apoio" ("étayage") que a faz primeiramente apoiar-se nas funções de autoconservação. Nos diferentes momentos do apoio (*Anlehnung*), encontram-se constantemente os fios condutores da contigüidade e da semelhança que fazem surgir a pulsão da função instintiva. Os dois tempos essenciais são, nesse caso, a *metaforização do alvo* que, da ingestão alimentar, no nível do instinto de autoconservação, nos faz passar para a incorporação fantasmática e para a introjeção como processos psíquicos reais — dessa vez no nível da pulsão — e, por outro lado, o que podemos chamar, depois de Lacan, de *metonimização do ob-*

1. O ego é um objeto, uma realidade interna, metáfora do indivíduo. Como objeto, ele é investido pelas pulsões, reservatório ou acumulador da "libido sublimada". É esse estatuto econômico que permite ao ego ser um centro de ação, retomando sobre si responsabilidade e animando funções que, biologicamente falando, não são *do* ego, mas anteriores a ele e em continuidade com o indivíduo biológico: motilidade, percepção e, de uma maneira geral, a esfera da "autoconservação".

1. Laplanche, J. e Leclaire, S. — "L'inconscient, une étude psychanalytique" (O inconsciente, um estudo psicanalítico), in *Temps Modernes,* nº 183, julho 1961, pp. 81-129.

jeto, que, substituindo ao leite o que está em contigüidade direta com ele, o seio, introduz essa defasagem que permite dizer, sem contradição, que "encontrar o objeto é reencontrá-lo", já que, na realidade, o objeto reencontrado não é o objeto perdido, mas sua metonímia.

— Mencionaremos apenas de passagem o caso do *simbolismo,* onde as análises de Jones, depois das de Freud, permitem seguir, num símbolo preciso (o do polichinelo, por exemplo), o entrecruzamento das derivações por semelhança e por contigüidade, elas próprias operando, tanto ao longo de cadeias associativas reais, perceptivas, quanto ao longo de cadeias da linguagem. É somente esse entrecruzamento, essa sobredeterminação de metáforas e de metonímias, que dá sua consistência e eficácia psíquica ao símbolo.

É pela *transferência* que terminaremos essa pesquisa. Transferência, metáfora, são a mesma palavra, e significam originalmente transporte. Assim, quando a "metáfora" veio a designar um tropo, já era..., por metáfora. Acontece o mesmo quanto ao uso psicanalítico do termo *Übertragung,* e aqui, mais que em qualquer outro lugar, o conteúdo do conceito e a gênese da designação são paralelos. Isso significa que é antes de tudo na dimensão *metafórica,* a do *como se,* a do engano, a do erro quanto ao destinatário, que a transferência foi primeiramente compreendida e assim interpretada.

Reflitamos, entretanto: deixar se criar uma ilusão para dissipá-la, é a isso que reduzimos a função da cura? É concebível que sua eficácia se reduza a tão pouco? Ainda mais em nossos dias, quando aquele que procura o analista sabe bem que, como se diz, vai "fazer uma transferência". Se a transferência alcança uma dimensão de acontecimento suscetível de mudar alguma coisa em alguém, é porque, por uma de suas dimensões, ela ultrapassa a fantasmagoria à qual se quer às vezes reduzi-la. Isso significaria que é em outra dimensão que convém procurar essa eficácia, não mais no transporte (de experiências passadas) para um outro lugar, mas na *continuidade* de seu ritmo *com um discurso mais vasto,* aquele que não paramos de fazer para nós mesmos e que é feito para nós?

Essa última observação abriria para nossa reflexão uma outra perspectiva: as relações privilegiadas que existem, de um lado, entre a metáfora e o espaço, e, de outro, entre a metonímia e o tempo. Essa aproximação já está implícita no uso que Jakobson fez desses dois tropos, já que a metonímia corresponde para ele à dimensão (temporal) da cadeia do discurso, ao passo que a metáfora consiste numa substituição de termos situados no mesmo nível no espaço do código (eixos sintagmático e paradigmático de Saussure).

Nosso título visava sugerir a idéia do que os fenômenos ditos de derivação, descritos sob as denominações de metáfora e metonímia, podiam ser bem mais que puras figuras de estilo. Independentemente das derivações lexicais, independentemente mesmo de uma derivação de conceitos novos, é a derivação de certos "seres" psíquicos, a formação das "entidades" psíquicas, das quais nos ocupamos na nossa experiência psicanalítica, que poderia ser melhor compreendida, tomando como referência esses dois eixos fundamentais.

No entanto, seria limitar indevidamente nossas conclusões o fato de reduzi-las à fórmula: os fenômenos da linguagem estruturam de um extremo a outro o ser humano. Não seria esquecer, por exemplo, que, no próprio nível da biologia, um fenômeno como o da geração poderia, com razão, ter como referência esses dois eixos: continuidade com o organismo genitor, semelhança com este? O momento da separação, do nascimento, não é ele que introduz o corte que faz de um simples apêndice da mãe um ser à sua semelhança?

E ainda, numa dimensão menor, no próprio nível da vida celular ou cromossômica, nossa orientação não é a de compreensão de processos suscetíveis de recriar o "mesmo", a partir daquilo que está primeiramente em continuidade, de passar da unidade, no interior de uma única estrutura molecular, à criação, fora dessa estrutura, e, por um obscuro fenômeno de indução, de uma segunda estrutura idêntica à primeira? A reprodução, a multiplicação do "pattern" de uma molécula de "vírus", tal como os biólogos estão descobrindo, devem incitar-nos a ampliar até à biologia elementar o campo da derivação metafórico-metonímica?

Quanto a nós, evitemos, entretanto, de nos deixar seduzir também excessivamente pela metáfora — ou até fantasia — biológica, ainda que ilustres precursores, como Freud ou Ferenczi, nos tenham apontado o caminho.